

PELA JANELA DO TEMPO

FERNANDO ANTÔNIO DIAS
DOS REIS JÚNIOR

Pela Janela do Tempo II

Sumário

Prefácio.....	5
Apresentação.....	6
PARTE 1	9
Um compêndio de nossa história.....	9
Nosso Brasão.....	10
Algumas datas importantes de São Joaquim	11
Composição atual da Câmara Municipal.....	15
Nossas ruas.....	18
DÉCADA DE 1960	20
Uma Era de Progresso e Transformação.....	20
O homem da bicicleta	30
1969 – Venturoso Valentini e Cia Ltda., 55 anos transformando a vida do campo.....	37
1969 - Cidade contra cidade	40
DÉCADA DE 1970	42
Lair Louveran Deienno	44
1971 - A siderúrgica São Joaquim (São Joaquim Laminação)	46
Grupo Vittia / antiga Bio Soja.....	46
E nosso museu foi desaparecendo... ..	47
1972 – Nossos conjuntos habitacionais.....	51
Roberto Rezende Junqueira, um iminente político. (1973-1976).....	55
1978 – Cinquentenário da Comarca.....	57
DÉCADA DE 1980	61
1984 Metalúrgica Tuzzi	64
As pensões alegres, da rota do pecado.....	65
1988 - Avenida Orestes Quércia.....	71
José Luiz Proença (1989-1992).....	75
DÉCADA DE 1990	77
José Ivo Vannuchi (1993-1996)	77
1996 – Academia de Letras de Artes Joaquinense – ALAJ	78
Jorge Antônio Barbosa Sandrin, o último prefeito do século XX.....	83
1998 - Centenário de São Joaquim da Barra.....	85
UM NOVO MILÊNIO – ANOS 2000	90

Maria Helena Borges Vannuchi.....	90
Dr. Marcelo de Paula Mian.....	93
Wagner José Schmidt.....	98
PARTE 2	104
PARTE 2 – NOSSAS ESCOLAS	105
Um giz na mão, e o desejo de mudar o mundo.....	105
A história de nossas escolas e seus patronos.....	105
Adolfo Alfeu Ferrero	113
Anglo Colégio São Joaquim	117
Antonietta Rezende Cerqueira César	117
Anglo	118
Antônio Martorano	119
APAE	120
Arthur Parada	120
Casa do Menor Santa Lúcia	121
Creso Antônio Filetti.....	122
Chrysógono Paulo de Castro.....	124
Elza Miguel Francisco	125
Edda Cardoso de Souza Marcussi.....	128
Escola Iang-Tao - Sistema Objetivo de Ensino.....	129
Escola Técnica Fabiano Lozano	130
FACESB - Faculdade de Saúde, Ciências e Tecnologia	130
FAJOB – Faculdade de São Joaquim	132
Fernando César Fonseca	132
Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta	134
Graziela Malheiros Fortes	137
Jayr de Andrade	138
Joaquim Pontes Marques	140
José Flora	141
José do Pinho	142
Liceu Paulo Freire.....	142
Manoel Gouveia De Lima.....	143
Mariana Rosa Ferreira.....	144
Margarida Beziack Zelesnikar.....	146

Mater Salvatoris	147
Pedro Badran.....	151
Pedro Amauri Silva.....	153
Pingo de Gente	153
Ruth Benini Reis	153
Sylvio Torquato Junqueira	154
Wânia Maria Andriani Fernandes.....	157
CEPIM, 60 anos de uma história de vida, de fé, coragem e muita dedicação.	160
2023 – 40 Anos da Usina Alta Mogiana.....	170
Lúcio de Oliveira Falleiros, uma vida dedicada ao Saber e à Amizade.....	179
Lira União e Trabalho, 100 anos alegrando as noites joaquinese.....	195
Casa Esperança, um século de história	201
Efemérides joaquenses	204
No futebol, um nome de peso: Walter Diab Júnior	204
Piu, Alison Santos.....	206
Ana Maria Braga.....	208
Aqui fala o seu repórter Esso, testemunha ocular da história	214
Dr. Álvaro Avezum Junior.....	216
Ah, o Hotel Machado	217
O primo lobisomem.....	222
Agradecimentos	225
Referências Bibliográficas	227

Prefácio

Era fevereiro de 1997 e um menino franzino, tímido, estudioso e muito comportado se tornou aluno da então Escola Estadual de 1ºGrau “Professora Elza Miguel Francisco”. Como na sala já havia um outro aluno de mesmo nome ele passou a ser conhecido como Fernandinho e daí teve início o nosso convívio praticamente diário por 4 anos e amizade que se prolonga até os dias atuais.

No ano de 1999 propus, como professora de História, uma pesquisa referente à imigração italiana em nossa região no âmbito da produção de café no estado de São Paulo com ênfase na história familiar dos alunos. Evidenciou-se, nesse momento, a vontade de Fernandinho em desvendar o passado devido à ascendência italiana de sua família. Ele se esmerou para conseguir informações que tornavam a sua história pessoal inserida na história que estava sendo estudada em sala de aula e sua satisfação era evidente.

A internet era, nessa época, incipiente o que fez com que sua pesquisa ultrapassasse os limites de nossa cidade ao se deslocar até a capital de nosso estado para encontrar respostas às suas indagações que não podia conseguir através do acervo digital amplamente divulgado atualmente. Conseguiu informações acerca dos imigrantes italianos de sua família no Memorial do Imigrante no Museu da Imigração do Estado de São Paulo e, com todo orgulho, apresentou os resultados de seu trabalho.

Não sabíamos nessa época, mas uma sementinha nasceu dessa pesquisa e foi regada com intensidade, pois já adulto, o autor Fernando escreveu livros sobre o passado de nossa cidade como: *Contos e encantos de minha Lapa* (2010), *Primeiro Centenário da Paróquia de São Joaquim* (2011), *Pela Janela do Tempo (Volume I, 2023)*, *História de uma vida – José Olyntho Fortes Junqueira* (2024) e esse último, que tenho a honra de prefaciá-lo, *Pela janela do tempo (Volume II, 2024)*.

Nesse último livro, o autor nos remete ao passado de nossa cidade nas décadas de 1960 e posteriores apontando peculiaridades e sintetizando a história de administrações do Executivo Municipal, além de patronos de escolas de nossa cidade com inclusão de pessoas que se destacaram e/ou se destacam aqui ou além das fronteiras do município joaquinese. O livro reaviva as memórias de pessoas da minha geração trazendo nostalgia e abre as portas para que as novas gerações joaquenses, ou não, possam conhecer detalhes de nossa cidade e, quem sabe, alguém se tornar um novo Fernandinho.

Dulce Helena Moreira Teixeira

Apresentação

Pela da Janela do Tempo, volume I, lançado em julho do ano passado, resultou em uma colheita de material tão abundante que demandou, com justiça, a antecipação do lançamento do Volume II, a fim de concluirmos as últimas décadas vividas em nossa cidade. Me aventurei na busca de nossas memórias; encontrei histórias que se entrelaçaram de maneira significativa durante a pesquisa do Volume I, e que ganhou corpo e vida para o segundo volume. Contos, lendas e relatos surgiam em profusão, clamando por serem registrados nas próximas páginas.

Como sempre digo, enquanto andamos por algumas ruas de nossa cidade, além das vozes reais, temos também antigos prédios que saltam aos nossos olhos, loucos para contarem suas histórias. Pena que, nossos “vovozinhos” de tijolos de barro, com suas rachaduras, indicando as cicatrizes do tempo, estão aos poucos sendo silenciados, e suas memórias se tornando entulhos dentro de uma caçamba qualquer; preço da modernidade atingindo os ares provincianos de nossa cidade.

Hoje, pouquíssimos prédios com seus alpendres, muretas baixas e grades de ferro forjado quase não existem, algumas outras ainda preservam suas fachadas, com caquinhos de cerâmicas vermelha preta e amarela, muito comuns nas décadas de 1950/60. Algumas outras eram ornadas com charmosos lambrequins, fachadas completamente trabalhadas (Não existia massas para texturizar muito menos formas, ou acabamentos de EPS), as famílias mais abastadas contratavam profissionais especializados em fachadas), dando uma singularidade especial para cada lar. As menos abastadas, decoravam a parede frontal, com coração, estrelas, triângulos ou com a data da construção. E isso, está se perdendo com o tempo.

Ao apresentar esta obra e recapitular os anos desde 1960 até os dias atuais de forma mais condensada, meu objetivo primordial é torná-la irresistivelmente atrativa, proporcionando uma imersão cativante que nos permita revisitar momentos históricos, saudosistas e nos reconectar com esta linha temporal tão próxima de nossos dias atuais.

Por aqui, enquanto escrevo vou alinhavando as histórias, ouvindo as canções de Cascatinha e Inhana, me transporto para um canto qualquer, de um tempo qualquer, buscando as vozes necessárias e a entonação merecida para bem realizá-lo. Com isso, revisei minha infância, percorri as ruas de paralelepípedo da cidade, (essas mesmas ruas que testemunhou minha mãe em dores de parto, montada na garupa da bicicleta de meu pai, rumo ao hospital; eu

estava prestes a nascer em 1986). Essas ruas foram recapeadas com asfalto, quase 10 anos depois. Reencontrei rostos que hoje estão vivos apenas em minha memória, muitos deles, sem nenhum retrato para poder compartilhar com vocês.

Relembrei os desfiles cívicos, meticulosamente organizados pelas escolas; crianças alinhadas, meninas com laços de fita, vestidos de festa e balão na mão, meninos, com roupa social, gravata borboleta azul marinho e um gigante pirulito na mão. Relembro, porque são detalhes que as próximas gerações verão apenas por fotos de seus pais; as últimas décadas as fotos deixaram de ser impressas e como dificultou recontar os últimos vinte anos. Só nessa apresentação, daria para realizarmos um terceiro volume.

Com o apoio da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto e patrocínio da Usina Alta Mogiana, mais uma vez abro a Janela do Tempo, agora em seu segundo volume. Se você se identificar ou se deparar em alguma página qualquer e o peito encher de saudade, me sinto com o dever cumprido. Convido você, a debruçar com carinho nesta leitura, que dividi em quatro partes para uma melhor compreensão.

Na primeira parte, faço um resumo das últimas décadas, condensando os eventos mais significativos para oferecer um panorama histórico. Revisito as administrações passadas e o legado deixado por cada uma, destacando suas contribuições para a evolução de nossa "Joia da Alta Mogiana"

Na segunda parte, presto uma justa homenagem às instituições escolares de São Joaquim, dedicando espaço para biografias de seus patronos, reconhecendo assim a importância da educação em nossa comunidade.

Por fim, a terceira parte, tempo de celebrar, apresento as efemeridades de nossa cidade, destacando eventos que fazem parte da nossa história. De fato, o ano de 2024 marca para nós datas importantes a serem lembradas, todas elas completando um século; o nascimento do professor Lúcio de Oliveira Falleiros, a Banda Lira União e Trabalho e o bebedouro, doado pelo sr. Manoel Damásio Ribeiro e em 2025 os 100 anos da Casa Esperança

Para nós, a história segue seu curso constante, como uma orquestra da vida, ainda sendo regida. E na batucada de nossa curta existência, alguém, depois de nós, precisará continuar a narrar a saga deste povo joaquinense.

Fátima, 19 de fevereiro de 2024.

O autor





PARTE 1

Um compêndio de nossa história

*Foto: Bebedouro doado pelo Sr. Manoel Damásio Ribeiro, em 1924,
instalado perto da antiga estação para os animais das carroças iam
beber água*

Nosso Brasão



Figura 1 – Brasão Municipal Idealizado pela professora Marisa Junqueira Enout, instituído em 1956.

As pessoas recebem um nome e um registro de nascimento para serem identificadas. Mais tarde, passaram a ter documentos para identificá-las. Com os países, os estados e os municípios acontecem a mesma coisa. Essa identificação é feita através dos símbolos (hino, brasão, selo, bandeira), que servem para distinguir o país, o estado ou o município. No caso dos municípios, seus brasões que ostentam as bandeiras geralmente representam sua riqueza econômica, suas reservas naturais ou ainda alguma coisa que represente de forma clara sua identificação.

Em São Joaquim da Barra, o Brasão de Armas oficial foi criado doze anos após o decreto de lei estadual nº 14334, de 30 de novembro de 1945, que entrou



Figura 2 – Professora Marisa Junqueira Enout, idealizadora do brasão Municipal

em vigor, denominando oficialmente a cidade como São Joaquim da Barra. Pela Lei Municipal 265, de 12 de dezembro de 1956, foi instituído o Brasão de Armas do município de São Joaquim da Barra, idealizado pela professora Marisa Junqueira Enout, filha do Dr. Carlos Rezende Enout. O trabalho de heráldica foi realizado retratando motivos significativos da história do município.

Em sua parte superior, como escudo francês, está a torre, significando sua emancipação; na parte relativa ao escudo propriamente dito, remeto ao campo fundo prateado, cortado com uma faixa vermelha na transversal, dividindo esse campo em duas partes.

A parte superior é centralizada por uma cruz de Cristo, que demonstra a fidelidade cristã de sua origem, sendo seu santo padroeiro São Joaquim, avô de Jesus. A parte inferior é centralizada pelo contorno do mapa do município na cor verde. Lateralmente circundam o brasão, do lado direito um feixe de milho e do lado esquerdo um ramo de café, produtos cultivados em larga quantidade na época. Na base do brasão, a flâmula, com as datas correspondentes à fundação do povoado (1898) e à independência do município (1917).

[Algumas datas importantes de São Joaquim](#)

Para darmos continuidade à narrativa da nossa história, precisamos lembrar de algumas datas importantes que moldaram nossa identidade coletiva e delinearam os rumos de nosso desenvolvimento cultural, social e econômico de São Joaquim da Barra.

8 de setembro de 1812

Por tradição familiar dos Junqueira, o tenente Francisco Antônio Junqueira, seu irmão mais velho, capitão João Francisco Junqueira, e seu cunhado, o alferes João José de Carvalho, chegaram ao local da futura fazenda Invernada, na margem

esquerda do ribeirão do Rosário, no dia 8 de setembro de 1812. Segundo a mesma tradição, estacionaram naquele local, forçados pelas chuvas que anteciparam a época das águas, a fim de invernar, passar a estação das águas e, dentro do velho costume bandeirante, plantar roça para o suprimento da futura jornada. Derivou deste imprevisto o nome da fazenda Invernada.¹

20 de setembro de 1820

Nessa data, José Garcia Leal vendeu a Joaquim Ferreira dos Santos terras na fazenda São Joaquim. A Carta de Venda, então redigida, é o seu primeiro documento de origem, e o seu primeiro dono foi Garcia Leal. Ela foi vendida por 600\$000.²

1º de julho de 1878 a 7 de julho de 1891

O período citado acima foi o tempo gasto para que os trabalhos de divisão e avaliação dos 5.711ha da fazenda São Joaquim fossem concluídos. Foram 13 anos longos anos de espera. Pois foi preciso analisar 102 documentos referentes à Carta de Venda, alegações de herança e de posses, dando origem a 17 lotes, com identificação dos 51 sócios da fazenda. O preço da fazenda foi avaliado em 21.615\$000. Dentre esses sócios aparecem os nomes de muitas famílias que hoje têm descendentes em nossa cidade: os Luís da Silva, Cândido José Carlos, Francisco Antônio Gouveia, João Baptista da Silveira, Manoel Francisco de Lima, entre outros.³

1892

Em 1892, o engenheiro Dr. Francisco de Almeida Prado, vindo da cidade de Itu, comprou terras da fazenda Santo Antônio, formando a fazenda Santa Izabel.

21 de janeiro de 1895

José Esteves de Lima, de comum acordo com os seus parentes mineiros, sitiantes da fazenda São Joaquim que fora dividida, e outros sitiantes do arredor, participaram de uma lista por eles organizada, com o objetivo de obter subsídios para adquirir uma gleba de terra na região. Gleba esta que iria constituir o

¹ História de uma vida – José Olyntho Fortes Junqueira, 2024 – Fernando Antônio Dias dos Reis Jr.

² MSJ V 1 - LOF

³ Id 2

Patrimônio de São Joaquim. José Esteves de Lima procedeu a 21 de janeiro de 1895 à arrematação dessa sonhada gleba de terra.

Julho de 1896

Manoel Damásio Ribeiro, possuidor de um espírito ávido de aventuras, sabendo do traçado por onde passaria a Estrada de Ferro, construiu uma casa de morada e venda anexa, a 250 metros do local onde seria erguida a Estação da Mogiana, beirando a estrada de rodagem que ligava Nuporanga a Santana dos Olhos D'água (Ipuã). Primeira casa de tijolos construída nas terras do Patrimônio de São Joaquim.⁴

30 de maio de 1898

No dia 30 de maio de 1898, no cartório de Nuporanga, foi lavrada a escritura de doação de uma gleba de terra, parte da grande fazenda São Joaquim, para a formação do patrimônio e Capela de São Joaquim, foram doadores, o Sr. José Esteves de Lima e sua esposa Maria Theodora da Conceição. A partir do ano de 1975, a data do nascimento da cidade, que era comemorada no dia em que a vila fora elevada a município, em 6 de dezembro de 1902, passou a ser comemorada em 30 de maio, em virtude do decreto lei aprovado pela Câmara Municipal, no governo do prefeito Roberto Rezende Junqueira, no ano de 1975.

26 de janeiro de 1901

No dia 26 de janeiro de 1901, uma comissão foi formada e iniciou uma subscrição pública para arrecadar fundos visando à construção de uma capela em São Joaquim. Os membros da comissão redigiram um documento convocando os habitantes a contribuírem para essa causa. A iniciativa recebeu o apoio de diversos membros da comunidade, incluindo Caetano Gramani, Manoel Damásio Ribeiro, João Baptista da Silveira, Antônio Pedro Fernandes, José Marcelino da Silva, Berto Cernack (Mestre de Obra) e Eduardo Azambuja (secretário).

20 de março de 1902

Dia 20 de março de 1902 aconteceu o grande acontecimento, a inauguração da Estação da Mogiana.

⁴ Pela Janela do tempo 1 – Fernando Antônio Dias dos Reis Jr. 2023

15 de fevereiro de 1914

O pai da imprensa joaquinense foi, inegavelmente, o senhor Deodoro de Sá Macedo (Doca), que em 15 de fevereiro de 1914, fez circular o primeiro número do primeiro jornal em São Joaquim. Deodoro de Sá Macedo era proprietário da Tipografia Vitória, na praça 7 de setembro, em frente à Matriz.

10 de abril de 1918

O povoado de São Joaquim, que havia sido elevado a distrito em 6 de dezembro de 1902, passaria a município em 26 de dezembro de 1917. A instalação do mesmo aconteceu em 10 de abril de 1918, ocasião em que tomaram posse os seguintes vereadores eleitos há quase um mês. Foram eles: o médico Dr. Olympio Macedo, o fazendeiro José Olyntho Fortes Junqueira, o farmacêutico Júlio César Reis Medeiros, que seria escolhido como Prefeito, o fazendeiro José Octávio de Almeida Prado, capitão Artur Gonçalves Bastos e o fazendeiro Antônio Finóccchio.

31 de dezembro de 1927

A criação da comarca pela Lei nº 2256 de 31 de dezembro de 1927. Sua instalação ocorreu em 25 de maio de 1928, com uma cerimônia festiva que incluiu fogos de artifício, enfeites nas ruas, recepção às autoridades, missa de ação de graças, banquete e discursos.

30 de novembro de 1944

Em 1944, devido à Lei Estadual nº 14374, que proibia a existência de localidades com o mesmo nome, o município teve seu nome alterado para São Joaquim “da Barra”. Esse, originou-se de um dos córregos mais importantes do município, o córrego da Barra, que é um afluente do Rio Sapucaí. Lei entrou em vigor a partir de 1945.

1952 – Cinquentenário

As festividades do cinquentenário da cidade que aconteceu em 6 de dezembro de 1952, comemorando a criação do distrito de paz de São Joaquim da Barra, na comarca de Nuporanga.

1998 – Centenário

O centenário da cidade de São Joaquim foi celebrado em uma empolgante comemoração, realizada em 30 de maio de 1998, ao som dos fogos de artifício, em uma emocionante Passeata Cívica que percorreu a Avenida Orestes Quércia, partindo da antiga estação da Mogiana.

Composição atual da Câmara Municipal

A nossa primeira Câmara de vereadores instalou-se em nossa cidade no dia 10 de abril de 1918, ao meio-dia, e instalada no edifício nº 11, na rua Minas Gerais, em frente à Praça da Matriz, provisoriamente destinado ao Paço Municipal. Nessas eleições, foram eleitos:

- Dr. Olympio de Macedo; médico
- José Olyntho Fortes Junqueira; fazendeiro e bancário
- Júlio Cesar dos Reis de Medeiros; farmacêutico
- José Otávio de Almeida Prado; fazendeiro
- Antônio Finóccchio (fazendeiro)
- Capitão Arthur Gonçalves (capitalista).

A partir de 1904, ao mudar para nossa cidade, o Major José Cardoso, que em Nuporanga era vereador, passou a defender os interesses de São Joaquim. Até 1909, São Joaquim era distrito de Nuporanga, e depois, continuou na Câmara de Orlândia a defender nossos interesses. Nesse período de 1909 até 1917, o Sr. Alfredo José Nogueira era vice-prefeito em São Joaquim e como tal participava dos nossos destinos políticos.

Muitos nomes desde então constituíram a Câmara Municipal e contribuíram para o progresso de nossa cidade, trazendo inovações que foram fundamentais para o desenvolvimento social e econômico da cidade.

Em 29 de janeiro de 1980, a Câmara Municipal mudou-se para o nome prédio, durante a administração do prefeito José Abdalla Jabur, a praça dos três poderes entre as ruas Pará, Rio de Janeiro, Voluntário e Belo Horizonte ocupa um quarteirão e passou-se a denominar Praça Prof. Ivo Vannuchi.

Passados 102 anos, nas eleições de 15 de novembro de 2020, para a administração 2021-2024, a Câmara Municipal de São Joaquim da Barra ficou estabelecida:

- Prefeito: O prefeito Wagner José Schmidt (MDB) - 9.789 votos - 38,98%
- Tieta Melo (MDB) - 1.945 votos - 7,88%

- Ricardo Schmidt (MDB) - 982 votos - 3,98%
- Dona Neusa, do Canil (MDB) - 639 votos - 2,59%
- Walter Martins Junior (DEM) - 577 votos - 2,34%
- Matheus Magalhaes (PSDB) - 575 votos - 2,33%
- Vera Flores (PT) - 455 votos - 1,84%
- Bruno Galdino Honorato (MDB) - 430 votos - 1,74%
- Reginaldo Zé Escada (Cidadania) - 429 votos - 1,74%
- Roger Santos (PSD) - 357 votos - 1,45%
- Professor Hilário Rocha (Cidadania) - 348 votos - 1,41%
- Pé Sujo (DEM) - 336 votos - 1,36%

Fonte: TSE

Abaixo a relação de todos os prefeitos de São Joaquim da Barra

- Júlio Cezar dos Reis Medeiros (abr. de 1918 – ago. 1921)
- Arthur Gonçalves Bastos (set. 1921 a dez. 1921)
- Carlos Rezende Enout (jan. 1922 a abr. 1923)
- Alfredo José Nogueira (out. 1924 a ago. 1926)
- José Stupello (set. 1926 a jun. 1929)
- André Cardoso (jun. 1929 a mar. 1930)
- Mário Diniz Junqueira (abr. 1930 a out. 1930)
- Ernesto Barbanti (out. 1930 a dez. 1930)
- Antônio Fernandes Vidal (jan. 1931 a out. 1932)
- Durval Barbosa (nov. 1932 a fev. 1933)
- Pílade Alberto Palagi (mar. 1933 a ago. 1933)
- Antônio Fernandes Vidal (set. 1933 a ago. 1934)
- Manoel Azevedo Coutinho (set. 1934 a jun. 1938)
- Roberto Rezende Junqueira (jun. 1938 a fev. 1945)
- Antônio Tobias (mar. 1945 a jul. 1945)
- Antônio Stupello (jul. 1945 a out. 1945)
- Antônio Tobias (nov. 1945 a set. 1946)
- Júlio Machado (out. 1946 a mar. 1947)
- Alcino Junqueira Meirelles (abr. 1947 a dez. 1947)

Os prefeitos por voto direto

- Adolfo Alfeu Ferrero (jan. 1948 a dez. 1951)
- Roberto Rezende Junqueira (jan. 1952 a Dez 1955 / jan. 1973 a dez. 1976)
- José Ribeiro Fortes (jan. 1956 a dez. 1959)

- João Mattaraia (jan. 1960 a dez. 1963)
- José Abdalla Jabur (jan. 1964 a dez. 1968 / jan. 1977 a jan. 1983)
- Lair Louveran Deienno (jan. 1969 a dez. 1972)
- Wagner José Schmidt (fev. 1983 a Jan 1989 / jan. 2001 a dez. 2004 / jan. 2021 até a data presente, mandato até 2024).
- José Luiz Proença (fev. 1989 a dez. 1992)
- José Ivo Vannuchi (jan. 1993 a dez. 1996)
- Jorge Antônio Barbosa Sandrin (jan. 1997 a dez. 2000)
- Maria Helena Borges Vannuchi (jan. 2005 a dez. 2012)
- Marcelo de Paula Mian (jan. 2013 a dez. 2020)

Veja no quadro abaixo a evolução da população joaquinese nas últimas 7 décadas.

EVOLUÇÃO POPULACIONAL JOAQUINENSE ⁵

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL
1961	13.853	6.336	20.189
1968			22.811
1972			24.395
1977			26.780
1984	26.273	3.016	29.289
1986			32.299
1992			35.932
1995			37.763
1999	41.490	708	42.198
2010			46.152
2022			48.558

Em dezembro de 2022, o IBGE estimava que São Joaquim tivesse aproximadamente 52.737 habitantes, o que diverge do último sendo 22/23, ficando bem abaixo. Além do atraso, que deveria ter sido feito em 2020, a última contagem foi realizada em 2010. Deveria ter sido feita uma nova contagem em 2015, mas não foi feita, pois o governo não disponibilizou recursos para a contagem. A conclusão é que o censo de 2022 está bem desatualizado, conforme disse o presidente substituto Cimar Azeredo, em entrevista publicada em 30 de junho de 2023, para a Agência Brasil de Notícias.⁶

⁵ Fonte: [IBGE | Biblioteca | Detalhes | São Joaquim da Barra](#), acessado em 7 de abril de 2024

⁶ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-06/atraso-causou-diferenca-entre-previsao-e-resultado-final-do-censo>, acessado em 7 de abril de 2024.

Nossas ruas

A antiga estrada que ligava, no início do século XIX, a cidade de Nuporanga a Santana dos Olhos D'Água (Ipuã), a certa altura ao penetrar em nosso município, vindo de Nuporanga, depois de atravessar o córrego Olaria, afluente do córrego São Joaquim, passaria a constituir a primeira rua do nosso povoado. Nessa época, a rua XV de novembro era conhecida como a rua do Comércio.

Após a Revolução de 1930, que marcou uma mudança significativa na história política do Brasil, passou a ser denominada rua João Pessoa, em homenagem ao político paraibano cuja morte desencadeou os eventos dessa revolução. Teve seu nome alterado para Rua XV de novembro durante a gestão do prefeito Roberto Rezende Junqueira, nome que perdura até os dias atuais.

Outra rua importante na história de São Joaquim é a que inicialmente foi chamada de Rua da Estação, por estar próxima à Estação da Estrada de Ferro da Mogiana, inaugurada em março de 1902. Após a Revolução de 1930, seu nome foi alterado para 24 de outubro, data que marcou o término desse conflito. Atualmente, essa rua é conhecida como Rua Marechal Deodoro.

A terceira rua, perpendicular às duas anteriores e parte da mesma estrada de rodagem, era chamada de Rua da cascata, devido à sua direção em direção a uma pequena cascata, rumo à "Baixada", nas proximidades da atual Rua Antônio Alves da Silva Pinhal. Em 1914, seu nome foi alterado para Rua Acre. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, em homenagem ao jovem revolucionário joaquinoense Geraldo da Silva, que perdeu a vida nesse conflito, o nome foi mudado para Rua Voluntário Geraldo, denominação que se mantém até hoje.

Em 1914, as ruas de São Joaquim receberam nomes de Estados do Brasil, com exceção da Rua do Comércio e da Rua da Estação, que mantiveram seus nomes originais. No mesmo ano, a Praça da Capelinha foi renomeada como Praça 7 de Setembro. A antiga capela na Praça Sete foi demolida em 1914 para dar lugar à construção de uma nova igreja, marcando mais um capítulo na história da cidade.

Mais de um século desde sua fundação, São Joaquim da Barra hoje ostenta um rico patrimônio urbano, contando atualmente com 101 bairros divididos entre loteamentos, residenciais e condomínios fechados, 8 grandes praças adornando seus espaços públicos, intercaladas ao longo da cidade, além de 24 avenidas de acesso rápido e uma extensa malha viária composta por

aproximadamente 640 ruas, estradas e alamedas, estas últimas inclusive incluindo as vias dentro dos condomínios residenciais.⁷

Muitas destas vias são batizadas em homenagem aos ilustres joaquinenses que deixaram sua marca na história e contribuíram para o desenvolvimento de nossa comunidade.

⁷ Fonte: Prefeitura Municipal de São Joaquim da Barra. (Relação de Bairros e Logradouros – acesso em 18 de março de 2024).

DÉCADA DE 1960

Uma Era de Progresso e Transformação

A década de sessenta marcou um período de significativas transformações em São Joaquim da Barra/SP, no Brasil e no mundo. O mundo testemunhou no início de 1961, um dos eventos mais marcantes da história: a inauguração da era espacial com o voo que levou o homem à lua, em julho de 1969. A chegada do homem à lua representou um marco na exploração espacial e na conquista do desconhecido.

Para nós, enquanto despontávamos no seu estrelado do estado de São Paulo, como a joia brilhante da Alta Mogiana, esse decênio, para nosso povo, ficou marcado como a era dos jardins, das praças e do início do nosso parque industrial, eventos históricos que moldaram a sociedade da época sob a liderança de figuras proeminentes como João Mattaraia, prefeito de **janeiro de 1960 até dezembro de 1963**, José Abdalla Jabur, de **janeiro de 1964 a dezembro de 1968** e Lair Louveran Deienno: **janeiro de 1969 a dezembro de 1972**.

Vejamos nas próximas linhas alguns fatos importantes ocorridos em nossa cidade:

No dia 24 de julho de 1960, numa manhã de domingo, deu-se o lançamento da pedra fundamental da Casa de Saúde Santa Lúcia, sob a bênção do padre doutrinário Atílio Garrone. Falaram no ato o Sr. Pedro Chediack, Dr. Ribamar, Adolfo Alfeu Ferrero, Dr. José Ribeiro Fortes, Virgulino Nascimento (Vice-Prefeito), Valdomiro de Carvalho, João Leny Reis Alves e o Dr. Naufal D. Ousam. A cobertura completa do evento foi feita pela ZYKY, tendo como locutor o Sr. Claudinet Gregoruti. Hoje, tal prédio construído em frente ao Grupo Escolar Pedro Amaury Silva, pertence à loja maçônica e nele funciona uma creche, "A Casa do Menor Santa Lúcia".

Durante o mandato de João Mattaraia, destacou-se a inauguração da Biblioteca Municipal Dr. Carlos Rezende Enout em 1961, atendendo a um antigo desejo da comunidade joaquinese.

"Conforme noticiamos em nossa última edição, realizou-se domingo passado, dia 24, às 10:30h, a inauguração da Biblioteca local, localizada à rua Minas Gerais, no prédio onde funcionava antigamente o Legislativo Municipal. Coube ao Sr. João Mattaraia o rompimento da fita simbólica, perante grande número de assistentes. Após esse ato constituiu-se a mesa composta pelos membros: senhores João Mattaraia, Dr. Carlos de Rezende Enout, prof. José Ivo Vannuchi, senhorita Zélia Marisa Ferrero, Dr. José Ribeiro Fortes, prof. Guerino Benedeti, Aylton Nunes Carvalho, prof. Lúcio de Oliveira Falleiros e Reverendo padre Mário Lano. Usou a

palavra o Sr. Prefeito Municipal, que fez ligeira referência sobre o ato, falando a seguir o Dr. Carlos de Rezende Enout e o prof. Ivo Vannuchi."⁸



Figura 3 – Dr. Carlos Rezende Enout, patrono da Biblioteca Municipal

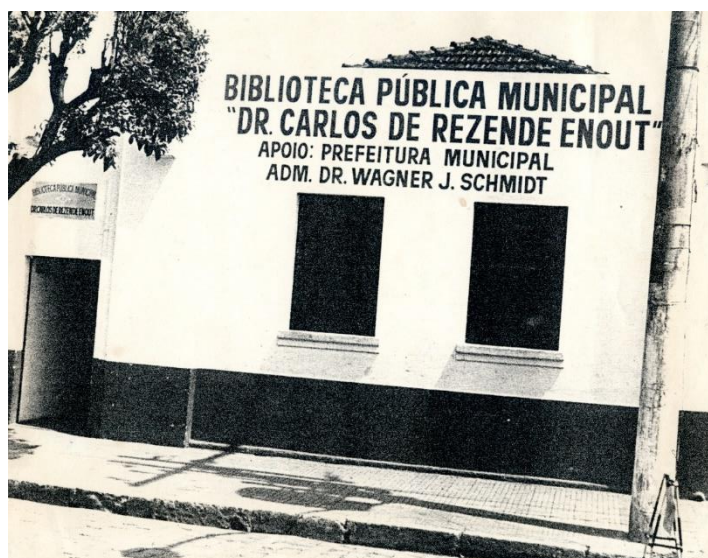


Figura 4 – A biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout, foi inaugurada em setembro de 1961. Ficava na rua Minas Gerais, em frente ao fotógrafo José Henrique Maríncolo



Figura 5 – A mesa para a inauguração da Biblioteca foi composta: Orador: Prof. Ivo Vannuchi, com o microfone nas mãos, atrás dele, Dona Zélia Marisa Ferrero, Dr. Carlos Rezende Enout, João Mattaraia e Bilo Carrara.

⁸ Folha Joaquinense, 24 de setembro de 1961 – recorte, acervo pessoal

O ano de 1961, terminou de forma trágica, devido a um grave acidente ocorrido, no dia 16 de novembro, no trevo rodoviário entre Ribeirão Preto e Jardinópolis. Uma perua DKW, procedente de São Joaquim da Barra, entrou na contramão, chocou-se violentamente contra um carro dirigido pelo guarda civil Almir Regula. No acidente, faleceu o ex-prefeito de São Joaquim da Barra, Sr. Adolfo Alfeu Ferrero (1907-1961). Ficaram feridos ainda o guarda civil Alcino Ferraz, comissário de menores de Ribeirão Preto, e o Sr. Clayton Zanini, locutor da rádio de São Joaquim. A comoção foi imensa, em toda a cidade de São Joaquim, e os presentes para o aniversariante foram substituídos por abraços pesados e inúmeras coroas de flores. Adolfo faleceu às vésperas do seu aniversário, e às vésperas da comemoração da primeira década da novena de Nossa Senhora das Graças, idealizada pela sua esposa, dona Rosa Consoni Ferrero (1912-2008).⁹

Em 1962, a tradicional casa bancária J.C da Silva Leça começou a funcionar em suas novas instalações na rua São Paulo, anexa à Casa Damásio e em seguida foi transformada em Banco J. C. da Silva Leça (Banleça).

Foi nesse mesmo ano também que em março de 62, foi “apanhada” pela primeira vez em nossa cidade, a imagem de televisão, pelo canal 2, direto de São Paulo, para a residência do Dr. José Fortes Junqueira. A irradiação do canal se estenderia por toda a cidade.

Ainda no início dos anos 60, foi iniciado na Câmara Municipal a discussão sobre o telefone automático, pois o contrato com a concessionária vigente iria vencer em 1962. Todos reclamavam do péssimo desempenho desta concessionária com os aparelhos e as instalações ineficientes e obsoletas, com seus trabalhos que iam apenas até as 22 horas. No final da gestão do Sr. Mattaraia foi aberta uma concorrência pública para a instalação do Serviço telefônico automático ou semiautomático de São Joaquim da Barra em 31/10/63¹⁰

Na esfera cultural e recreativa, os clubes da cidade tiveram um desenvolvimento extraordinário. O Espigão, o Tênis Clube e a Baixada, vivenciaram um notável desenvolvimento durante essa década. Sob a presidência do Dr. Carlos Alberto de Lima; o Espigão lançou títulos patrimoniais para obras na Vila Deienno, enquanto a Baixada deu início à construção de sua nova sede social.¹¹

"Com muita alegria anunciamos o início das obras de edificação da nova e moderníssima sede social da A. A. Joaquinense. A futura obra será levantada onde se localiza sua antiga sede social, portanto numa parte

⁹ Pela Janela do Tempo, Vol. I. Fernando Antônio Dias dos Reis Junior, 2023, pag. 264-265

¹⁰ Memórias de São Joaquim III, Lucio de Oliveira Falleiros, pag. 207

¹¹ (Folha Joaquinense, novembro de 1963).

bem central da cidade. A construção será bastante arrojada, uma vez concluída dará um aspecto muito belo àquele trecho da Rua Minas Gerais, a menos de 100 metros da principal praça da "Joca". Quando dizemos que será monumental é porque ela contará com 2 andares e de linhas modernas como já tivemos oportunidade de ver as plantas e algumas amostras do material a ser empregado. Também ouvimos as explicações e explanações do próprio presidente do clube, senhor Walter Diab. De uma hora para outra, a cidade viu-se invadida pela água, pois em 1961, os três clubes joaquinhenses tinham inaugurado suas piscinas.¹²

Na área da educação, questões sobre o acesso à educação e a reformulação dos sistemas educacionais estiveram em pauta tanto no Brasil quanto no mundo durante a década de 60¹³.

Durante esse período, houve notáveis investimentos em infraestrutura urbana e construção civil. O ritmo das obras para a edificação da Casa da Criança e do Asilo São Vicente, que o Dr. Fortes há tanto tempo procurava ampliar e termina, acelerou-se, visando suprir as demandas em ascensão. Paralelamente, a modernização dos clubes, materializada pela inauguração de piscinas, e o lançamento de empreendimentos emblemáticos, como o Edifício São Joaquim, refletiram o espírito progressista que caracterizou os anos sessenta.

Ainda na gestão do Sr. Mattaraia alguns prédios importantes seriam iniciados:

- A construção da nossa atual igreja Matriz (1963) e inaugurada em 31 de janeiro de 1969;
- Prédio do Banespa;
- O prédio do Grande Hotel São Jorge;
- Começou também o trabalho para o surgimento do Edifício São Joaquim, o primeiro arranha céus de muitos andares da cidade, prédio de 12 andares que surgiu graças ao esforço dos senhores Ênio Batistussi, Geraldo Toloti e Waldir Ferreira Lopes.

¹² Id 3.

¹³ Saviani, D. (2007). Educação: do senso comum à consciência filosófica. Editora Autores Associados.

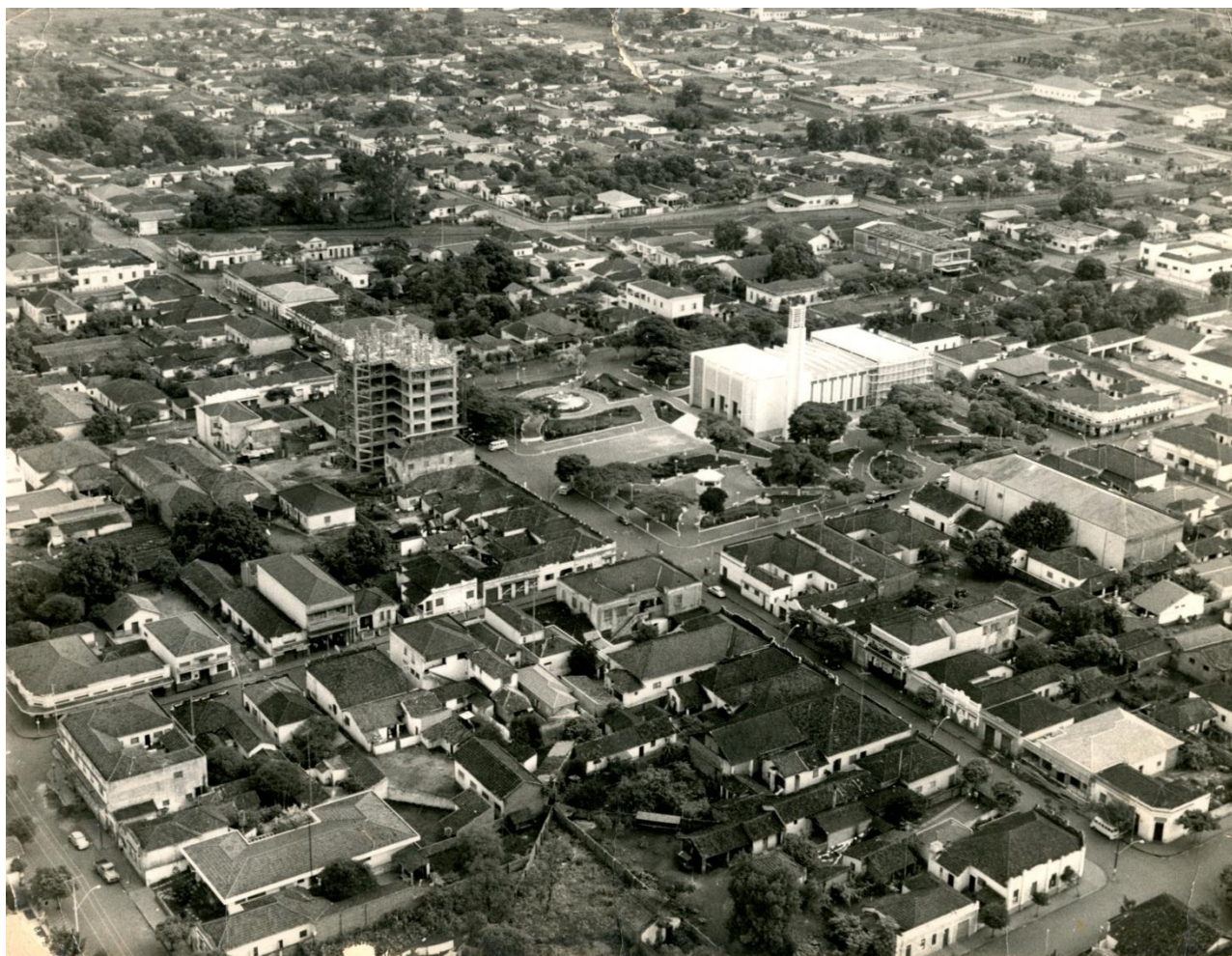


Figura 6 – Foto aérea de 1966, do centro da cidade, o Edifício São Joaquim, o primeiro arranha céu da cidade estava em construção, seria finalmente inaugurado em 1974, nota-se também a Igreja Matriz inacabada, seria inaugurada oficialmente em 31 de janeiro e 1969.

Nesse período, o Hospital Santa Isabel (Santa Casa de São Joaquim da Barra) atendia a população local e cidades circunvizinhas com eficiência com seus 78 leitos, um berçário, clínicos infantis, confortáveis apartamentos, aparelho de raio X, moderna maternidade servida pelas irmãs salvatorianas que tanta tranquilidade, sossego e eficiência dão a todos seus clientes. Com a transição para a gestão de José Abdalla Jabur em 1964, São Joaquim da Barra se preparava para uma nova fase de desenvolvimento e crescimento, marcada por desafios e oportunidades.

Concretizou ela o serviço de telefone automático através da C.T.B.C, com mais de 400 aparelhos instalados, cujo serviço eficiente foi inaugurado a 16 de dezembro de 1964. Com tal evento a cidade passou a ter muito maior facilidade de comunicação com qualquer parte do Brasil, principalmente com aqueles que estavam na área de serviço da operadora.

Em 1966 entraria em funcionamento a algodoaria Deienno, constituindo um marco importante no início de nosso parque industrial. Na época só existia na marginal as instalações de SANBRA.

O prédio dos Correios e Telégrafos estava quase concluído. Em lugar do antigo sobrado onde estava instalado o PAMS local, seria erguido o majestoso e novo prédio do Banco do Estado de São Paulo, S.A.

O prédio dos Armazéns Gerais estava praticamente concluído e a construção da Casa da Lavoura teria início brevemente.



Figura 7 – Armazéns Gerais CEAGESP em construção, década de 60. Nesse ponto terminava a cidade, não havia nos bairros adjacentes, Jardim Paulista, Vila JAP, e nem se falava ainda dos conjuntos habitacionais da década de 1980.

O asfalto tomou conta de quase todas as ruas que apresentavam condições de recebê-lo. A luz elétrica penetrou nos bairros periféricos. A rede de esgoto ampliou-se indo despejar nas águas do rio Sapucaí seus detritos e a rede de água e calçamento das ruas se estendiam por todos os cantos e da cidade. Com a população aumentada mais do dobro, aproximando-se do apoio recebido do atual Governo Estadual que merece e faz jus, a cidade crescia e progredia, por si, por seus habitantes.

Enquanto São Joaquim da Barra prosperava sob a liderança, do homem que ganhou as eleições fazendo sua política em cima de sua bicicleta, (José Abdala Jabur), o Brasil passava por um momento de intensa agitação política. Em março de 1964, ocorreu o Golpe Militar, que resultou na deposição do presidente João Goulart e no início de um regime militar que duraria décadas¹⁴. Essa mudança política teve impactos diretos na gestão municipal e nas decisões tomadas em São Joaquim da Barra.



Figura 8 – Década de 1960 - Praça Magino Diniz Junqueira, vê se o monumento erguido pelo prefeito José Abdala Jabur e a antiga estação rodoviária

A gestão do prefeito Jabur ficou marcada pela inauguração de diversas praças e jardins. Em 9 de julho de 1964, foi erguida a Praça 9 de Julho em frente ao Colégio Estadual da cidade, (atualmente escola Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta), uma obra orçada em apenas Cr\$ 40.000,00, cercada por um belo jardim. O mesmo ocorreu na Praça Magino Diniz Junqueira, na praça da antiga rodoviária e do

antigo Fórum, que hoje abriga a Secretaria da educação de São Joaquim, todas elas ajardinadas, servindo como belo cartão de visita.

¹⁴ Skidmore, T. E. (1988). Brasil: de Getúlio a Castelo. Paz e Terra.



Figura 9 – A fonte luminosa “Dr. Mário Rossi” foi inaugurada durante o primeiro mandato do prefeito Jabur. Projeto realizado pelo mesmo arquiteto da igreja Matriz Ayron Jabutti. As águas dos esguichos da fonte “bailavam” conforme o ritmo da música que era reproduzida por discos de músicas clássicas ou orquestradas. Ainda hoje é possível contemplar sua beleza durante a noite de domingo; crianças andando em círculo ao redor da fonte, muitas dando seus primeiros passos, outras maiores, mas os mesmos olhos curiosos. Foi reinaugurada em 30 de maio de 1994, na administração do prefeito José Ivo Vannuchi. De lá para cá, ainda passou por algumas intervenções, mantendo as mesmas características

A principal praça da cidade também passou por uma remodelação, apresentando uma estrutura moderna que embelezou ainda mais a majestosa Igreja Matriz, recém-construída. Uma belíssima fonte sonora de alta fidelidade e iluminação, idêntica à de Campos do Jordão, foi erguida em um dos quadrantes da praça. Além disso, uma praça foi construída em frente ao Cemitério, e o interior do hospital foi totalmente asfaltado, proporcionando um aspecto de asseio e urbanismo. A rua Paraná que liga o centro da cidade ao cemitério também foi completamente asfaltada.

Em 14 de fevereiro de 1966, ocorreu a inauguração do Seminário "Noviciado Regina Apostolorum" – Rainha do Apóstolos; um estabelecimento de ensino religioso dirigido pelos padres doutrinários, que permaneceram em São Joaquim de 1947 até 1992. O seminário, erguido por iniciativa popular joaquinese, ocupava um confortável prédio de dois pavimentos, e atendia 16 jovens, sob a orientação de um padre diretor. Situava-se a cerca de dois quilômetros da praça central da cidade, nas terras da Fazenda Tamboril, doada pela família do Sr. Luiz Consoni.

No dia 14 de fevereiro de 1966, teve início uma jornada significativa com a inauguração do Seminário Rainha dos Apóstolos "Regina Apostolorum". Este estabelecimento de ensino religioso, sob a direção dos padres doutrinários, não teria se tornado realidade sem a dedicação incansável de indivíduos notáveis.

Os esforços para concretizar esse empreendimento foram liderados por figuras exemplares como Rosa Consoni, Adolfo Ferrero e dona Thereza Vidal Consoni, juntamente com seu esposo Luís Consoni. O notável gesto de doação de 4 alqueires de terras, parte da Fazenda Tamboril, para a construção do seminário demonstrou o comprometimento inabalável dessas almas generosas.

É importante destacar que, naquela época, houve discussões sobre o local ideal para a construção do Seminário. Embora tenha havido propostas para que fosse erigido em Ipuã, o esforço conjunto da nossa comunidade prevaleceu, e o seminário encontrou seu lar aqui. O argumento sólido era de que o convento das Irmãs Salvatorianas já estava em fase de conclusão, com a intenção de abrigar as jovens, enquanto o Seminário atenderia aos jovens estudantes.

No entanto, em 1992, com a partida dos padres doutrinários, a Paróquia de São Joaquim enfrentou um período de incerteza, e o Seminário ficou vago. Durante esse período, algumas entidades assistenciais alugaram o espaço por curtos períodos, mas, na maior parte do tempo, o edifício permaneceu em silêncio e solidão. Finalmente, em 2021, uma nova etapa se iniciou, quando o Seminário encontrou um novo propósito. Foi vendido e hoje abriga o espaço Tay Eventos, propriedade do Dr. Lucas Vicentini e sua esposa.

A inauguração aconteceu junho de 2023, marcando o início de um novo capítulo na história deste local icônico, que continuará a desempenhar um papel significativo na vida da comunidade. A jornada do Seminário Rainha dos Apóstolos é um testemunho de comprometimento, generosidade e resiliência, e sua transformação refletindo a capacidade da comunidade de se adaptar e evoluir ao longo do tempo.

Em maio de 1967, São Joaquim viveu dias vibrantes com a realização da sua Primeira Festa da Soja, nas dependências do Espigão; uma festa instituída

pelo projeto de lei nº 57/16, de autoria do vereador Luiz Olinto Tortorello. Esse ano a festa chega em sua 57ª. edição.



Figura 10 – Flâmula comercial da primeira Festa da soja realizada de 14 a 21 de maio de 1967



Figura 11 – Elisabete Thomazini eleita no concurso como a Rainha da Soja.

Durante essa década, a cidade foi embelezada pelas construções do engenheiro de Ribeirão Preto, Dr. Hélio Foz Jordão, (engenheiro responsável pela construção da Igreja Matriz), além do Edifício São Joaquim, contribuiu muito para o desenvolvimento urbano de nossa cidade. Foi responsável pela construção de belas casas como: do Sr. Aiçar Badran e Lair Deienno na rua Marechal, do Faez Badran e Sr. Luiz Octavio Junqueira na rua Voluntário, do Sr. Manoelito na rua XV, Isalto Teixeira na rua Paraná, do Sr. Sostena na rua Bahia; e de Lúcio Falleiros na rua Goiás.

Após a década "Hélio Foz Jordão", que terminou lá pelos idos de 1968, surgiu uma avalanche de construções suntuosas e modernas tendo como limites a rua Goiás e Voluntário Geraldo, rumo ao Espigão, e outras lá pelo lado de Baixada.

Apesar das perdas de importantes políticos da cidade durante a década de sessenta, como Adolpho Alfeu Ferrero (16 de novembro de 1961), Dr. José Ribeiro Fortes (10 de dezembro de 1969) e Dr. Alcino Junqueira Meirelles (21 de outubro de 1970), São Joaquim da Barra cercou-se de realizações importantes, mantendo sua hegemonia na região.

No final da década, no cenário internacional, um dos eventos mais marcantes da história ocorreu em julho de 1969, com a chegada do homem à lua, inaugurando a era espacial. Iniciando, a próxima década, Lair Louveran Deienno como prefeito, iniciou-se o nascimento do parque industrial da cidade, que hoje se estende ao longo da Via Anhanguera. Nas próximas páginas ainda mergulharemos nesse período, adentrando em outros fatos de nossa cidade.

O homem da bicicleta

José Abdalla Jabur Janeiro de 1964 a dezembro de 1968,
Janeiro de 1977 a janeiro de 1983.

Quando buscamos descrever indivíduos dotados de características marcantes, é inevitável destacar aqueles que se destacam pela sua singularidade e carisma. Independentemente do contexto social, sempre emerge alguém com essas qualidades distintivas, capturando a atenção e o interesse ao seu redor.

Mas quando falamos em homem diferenciado na cidade de São Joaquim da Barra, um nome não podemos deixar de mencionar: José Abdala Jabur, conhecido por todos como Jabur. Jabur era ele... aquele que tinha seu jeito de ser, talvez carismático, talvez um líder, talvez um político? Não podemos negar que ele tinha todos esses predicados; era o Jabur.

A história de Jabur, é marcada por uma trajetória notável que começou nas ruas de São Joaquim da Barra e culminou em uma liderança admirável na política local. De origem humilde, o filho de dona Victória Salamene Jabur e Abdalla José Jabur, nasceu em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, em 5 de maio de 1930. Durante a infância, ajudou o pai na venda de frutas na gare da Estação da Mogiana, foi criado em São Joaquim da Barra, fez seus estudos primários na cidade de Miguelópolis e completou o ensino secundário no Colégio Comercial São José. Formado contador, exerceu com eficiência esse cargo, foi ele que instalou e dirigiu o Escritório de Contabilidade "Paulista", nesta cidade.

Em 8 de dezembro de 1950, casou-se com dona Sebastiana Figueiredo Jabur, e juntos tiveram quatro filhos: Maria da Graça, Rita de Cássia, Vitória Marcela e José Abdala Jabur Júnior. Como chefe de família dedicado, Jabur proporcionou aos seus filhos uma educação cristã e saudável, deixando-lhes um legado de integridade e valores.

Em 1955, iniciou sua carreira política como vereador, destacando-se como um dos mais combativos, e foi reeleito para duas legislaturas consecutivas.



Figura 12 – Joé Abdalla Jabur

Em outubro de 1963, para surpresa de muitos, Jabur, "O homem da bicicleta", que de 1943 a 1948 vendia frutas e sanduíches na plataforma da Companhia Mogiana, e como vendedor ambulante oferecia a toda população frutas e sanduíches, via-se aproximar um futuro na política, pois era eleito Prefeito Municipal de São Joaquim da Barra, pelo ex-partido trabalhista Nacional, não tinha candidato a vice-prefeito a acompanhá-lo e nem mesmo conseguiu formar uma chapa de vereadores. Sua campanha, conduzida com apenas sua bicicleta, sua palavra ardente e sua fé em Deus, demonstrou sua determinação e capacidade de liderança.¹⁵

Ao assumir a prefeitura em 1964, Jabur encontrou uma situação calamitosa, com uma dívida estimada

em 200 milhões de cruzeiros, veículos quebrados e funcionários com três meses de salários atrasados.

Com calma, determinação e espiritualidade, ele reorganizou a administração municipal e começou a implementar mudanças.

Durante sua gestão, enfrentou desafios como a grande estiagem que assolou a região, resultando em quase mil famílias atendidas pela



Figura 13 – O homem da bicicleta entre os eleitores

¹⁵ Jornal Jumbindo 12 de maio, 2001.



Figura 14 – Dona Sebastiana, primeira-dama

prefeitura, e uma greve dos funcionários municipais devido a salários atrasados. Com diplomacia e serenidade, Jabur resolveu essas crises e colocou em dia os pagamentos atrasados.

Foi em abril deste mesmo ano que enfrentou a crise de gêneros alimentícios de primeira necessidade, como a falta de açúcar e farinha de trigo, resolvendo o problema através da compra e venda direta à população.

Jabur também se destacou por ser uma das poucas prefeituras a pagar décimo terceiro salário e férias aos seus funcionários, antes mesmo de se tornar obrigatório por lei. Tinha várias virtudes, dentre elas a maior era ser um bom político, mas de

sua forma. Nunca se apartou do meio em que viveu sabia atender do rico ao pobre, mas para com este último tinha atenção maior. Era querido pela pobreza, quando toda a região passava por forte crise financeira, trouxe para dentro



Figura 15 – Registro da Formatura no Colégio São José.

da prefeitura grande número de desempregados, e em forma de mutirão dava serviço a todos.

Jabur foi o primeiro prefeito da história joaquinense a ser recebido pelo então presidente da república Emílio Garrastazu Médici, acompanhado pelo deputado Sergio Cardoso de Almeida e pelo José Luiz Proença, que trabalhava na câmara municipal de São Joaquim

Saíram de São Joaquim rumo a Brasília em uma caminhonete Willys (que era um dos melhores automóveis disponibilizados pela prefeitura. Para evitar que a caminhonete trepidasse durante a viagem colocaram dois sacos de areia na carroceria, que ela pula menos, e foram para a audiência. Chegaram até a nova

capital da Brasil ao anoitecer, o encontro seria na manhã do dia seguinte. No dia da audiência, Jabur todo empolgado, foi até a rodoviária contratar um fotógrafo para registrar o evento. Ao chegarem no planalto, o fotógrafo foi impedido de entrar, pois seu nome não constava na lista. Inconformado, Jabur, ainda insistiu e pediu que o fotógrafo ficasse à sua espera.

Terminada a audiência, Jabur diz ao presidente:

- Olha, Sr. Presidente, eu estou com um fotógrafo lá embaixo e eu gostaria de pedir para o senhor deixá-lo subir para registrar nosso encontro.

O presidente muito sério, general, disse que eles tinham o fotógrafo oficial, e que após o registro ele enviaria a fotografia para a cidade de São Joaquim.

- Olha, eu sou prefeito de uma cidade pequena e nós estamos aqui pela primeira vez na história, se essa foto que vai bater aqui, queimar, nunca mais eles vão acreditar que eu estive falando com o presidente. Por favor, deixa o fotógrafo subir.

Rindo da situação, o então presidente autorizou a entrada do fotógrafo, e a foto está guardada com muito carinho. "São histórias que nos orgulham muito" relata seu filho Jaburzinho.

De suas passagens marcantes, ficou na história quando ele foi até um varredor de rua e pediu a vassoura que iria ensiná-lo como varrer. Não tinha o cargo de prefeito como forma de sentir-se envaidecido ou superior a quem quer que seja. Gostava da ordem, tinha apreço pela limpeza, nas suas administrações a cidade era limpa.

Antes das 08h da manhã ele visitava todas as obras da prefeitura e passava principalmente no Almoxarifado municipal para verificar se todos os funcionários chegassem no horário certo. Ao chegar no gabinete, fazia suas orações e em seguida tomava sem café. Na sala de reunião, havia uma mesa bem grande e nela havia pastas, colocadas em frente a cada cadeira; e tinha um motivo específico;

"Cada monte de papel se trata de um assunto, então o coloco de frente à cada cadeira, com isto examino todos mudando-me de assento".¹⁶

¹⁶ Id

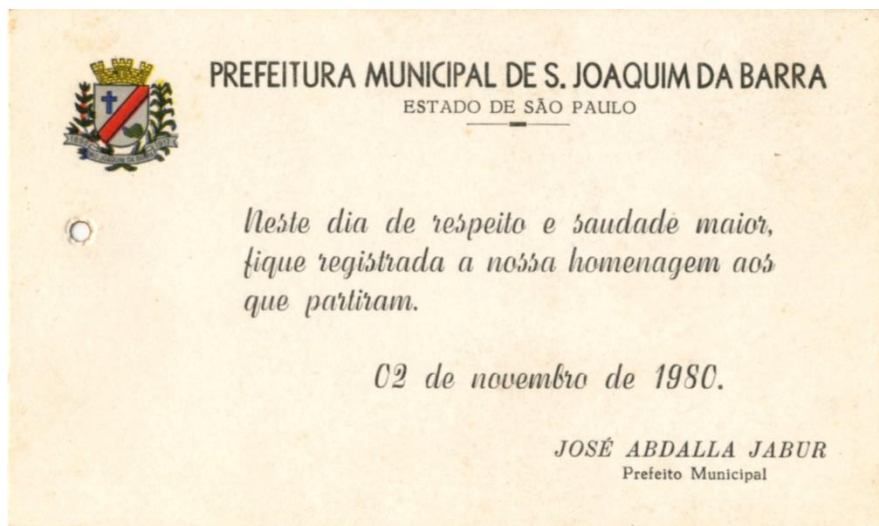


Figura 16 – Cada Dia de Finados era um momento profundamente significativo para o prefeito Jabur. Com o apoio de seus familiares e colaboradores da prefeitura, ele dedicava-se a colocar uma flor acompanhada do cartão acima em cada túmulo, honrando assim a memória dos entes queridos.

Tinha suas predileções à Praça 7 de Setembro e ao Cemitério. Uma de suas obras, foi a ampliação do terreno sagrado. No Dia de Finados estava ele lá na porta do cemitério cuidando pessoalmente do movimento, depositava em cada túmulo uma flor. Ele dizia que se via obrigado a manter o cemitério limpo porque ali estavam as pessoas que lutaram pela criação daqueles que ficaram pelo progresso da região.¹⁷

A ala pobre da cidade tinha por ele verdadeira apreço o que o tornava imbatível quando participava das eleições. Não fez do poder público meio de se enriquecer, tanto e que ao sair da Prefeitura, por duas vezes teve que enfrentar o trabalho para sustentar sua família. Também Jabur tinha seu ponto de equilíbrio, sua esposa Dona "Taninha", foi muito importante na sua vida, a retaguarda que poucas pessoas têm a felicidade de ter.

Foi na sua administração que foi inaugurada a escola Graziela Malheiros Fortes.

Inaugurou a Pedro Amauri Silva, a Creche Mariana Rosa Ferreira, a Pracinha da Lapa, na entrada da cidade; foi em sua administração que a Festa da Soja foi realizada na entrada da cidade, antes da ida oficial para o Parque Permanente; construiu a escola Margarida Beziack Zelesnikar, construiu o Plimec, hoje o Ceicam no Jardim Paulista, apoiou a creche a Santa Lúcia, quando era o hospital do Dr. Ribamar.

Pronto Socorro Municipal;

¹⁷ Jumbinho 12 de maio de 2001



Figura 17 – Paço Municipal foi inaugurada em 29 de janeiro de 1980, e a praça dos dois poderes em 6 de dezembro de 1982. O lançamento da pedra fundamental aconteceu na administração do prefeito Roberto Rezende Junqueira logo depois do desfile do 78º aniversário da cidade, em 30 de maio. Parece que aqui, a prefeitura encontrou sua morada definitiva, já que sempre ocupava prédios adaptados. Em seu primeiro ano, estava localizada em frente à Praça 7 de Setembro, onde morou o Sr. Mário Olyntho Fortes Junqueira, ali ficou até ser transferido para o prédio do Grupo Escolar (no cruzamento da rua Minas Gerais com a Marechal Deodoro), De 1947 até 1952, a prefeitura mudou-se para perto da esquina da Praça 7, em frente à relojoaria Zelesnikar e Bar Tupi. Passados esses anos, voltaria para o lugar de onde saíra, em frente ao Banco Banespa (no cruzamento da rua Minas com a Marechal).

Pegou no alicerce, durante a administração do prefeito Roberto Rezende Junqueira e inaugurou o novo paço Municipal, construído por funcionários da prefeitura.

Praça do Cemitério e ampliação do local;

Instalou a escola Pedro Badran; construiu a ala do curso técnico;

Em suas duas administrações, na pasta de moradia, somam 1.600 casas construídas

João Paulo II 980 casas; Nosso Teto 180, Pedro Chediack 440 casas.

Comprou o leito da FEPASA que possibilitou a construção da Avenida Orestes Quércia;

Revolucionou o transporte de alunos da área rural, adquirindo 18 kombis, 0KM.

Renovou toda a frota do município;

Instalado o DDD e a vinda da CTBC, com 400 primeiras linhas; ele mesmo saiu vendendo as linhas na cidade para que pudesse trazer esse benefício à cidade;

Trocou a iluminação da cidade;

Priorizou o trabalho social (bolsas de estudo para FEAM COC)

Apoio para instalação da Usina Alta Mogiana;

Agência do INSS; anteriormente tinha que viajar até Ituverava;

Agência do Banco do Brasil, inaugurada em 23 de março de 1977;

Torre de Retransmissão de TV; trazendo para a população os canais abertos da época, na sua inauguração, esteve presente o ministro das telecomunicações Euclides Quandt de Oliveira.

Foi na sua administração que nasceu o bairro Jardim Paulista;

A nova rodoviária, teve início na sua administração e inaugurada pela prefeita Maria Helena em 2012.

Calçamento da Lapa;

Asfalto da Vila Deienno;

Festa da soja foi realizada em seu primeiro mandato, em 1964;

E jamais se esqueceu de cuidar com carinho de toda a área social da cidade.

Uma lembrança que ficou marcada também entre os antigos funcionários, era o churrasco anual para todos os familiares, realizado no almoxarifado municipal, Jabur fazia uma grande festa, pois dizia que os funcionários o ajudavam a administrar a cidade, seu agradecimento era tamanho e ele questão de servir as mesas uma a uma.

A história de Jabur é um testemunho de sua dedicação ao serviço público e ao bem-estar de sua comunidade. Sua vida e realizações deixaram uma marca indelével na história de São Joaquim da Barra e na memória daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo e trabalhar ao seu lado. Entre suas várias virtudes, a maior era ser um bom político, mas de sua maneira peculiar. Jabur nunca se afastou do meio em que viveu e soube atender tanto os ricos quanto os pobres, dando maior atenção a estes últimos. Era querido pela classe menos favorecida. Quando toda a região enfrentava uma forte crise financeira, ele trouxe um grande número de desempregados para dentro da prefeitura e, através de mutirões, ofereceu trabalho para todos. Faleceu em 6 de maio de 1988 e deixou para sempre seu nome gravado com tinta permanente na história de São Joaquim.

1969 – Venturoso Valentini e Cia Ltda., 55 anos transformando a vida do campo

Golpes militares, perseguições políticas e autoritarismo marcaram a história do país na década de 1960. No entanto, aqueles anos se caracterizaram como um período fértil para o crescimento do país, com taxas de inflação relativamente baixas favorecendo a abertura de campos como da indústria de equipamentos. Nesse cenário nasceu a Venturoso & Valentini, uma das mais tradicionais e sólidas indústrias de São Joaquim da Barra, que este ano celebra 55 anos de atividade em nossa cidade.

O lema da Venturoso Valentini & Cia. Ltda. são mais do que palavras: é a essência que a tornou referência em peças e tecnologia para o setor agrícola nacional e mundial. Com o duplo V, simbolizando tradição, a empresa transforma a maneira como as empresas se relacionam com o campo, oferecendo soluções inovadoras para aumentar a produtividade e a qualidade da produção.

Sua história se inicia no ano de 1963, quando o Sr. Ézio Venturoso tinha uma firma denominada Dido Mecânica Agrícola e uma ideia fixa: montar uma indústria. As oportunidades eram proeminentes e viu seus planos se concretizarem com a associação ao amigo Ronaldo Valentini. Ézio entrou com as máquinas e Ronaldo com o serviço, e juntos idealizaram o que hoje é uma grande realidade. Iniciaram primeira na rua São Paulo esquina com a Espírito Santo (onde funcionou o SERV GELO), com seis funcionários reformando e consertando tratores, plantadeiras e colhedadeiras de agricultores da região, a Venturoso & Valentini.

Paralelamente, os dois sócios criaram, com Pedro de Jesus Nardelli, a empresa de fundição FUNGERAL. Logo, as dificuldades, comuns em todo início, foram sendo superadas e a pequena empresa passou a atender um mercado pouco explorado na época, fabricando peças para colhedadeiras e tratores.

O ano era 1969 e a iniciativa se fez necessária pela falta de peças de reposição que havia então.

Com isso, nascia a Venturoso, Valentini & Cia Ltda, um dos nomes que se tornariam referencial para São Joaquim. Hoje, ela se destaca na fabricação de peças para colheitadeiras e tratores das principais marcas e companhias mundiais. Sua sede está localizada em São Joaquim da Barra, estado de São Paulo, e suas instalações abrangem uma área total de 23.250 m². A empresa é conhecida por sua tecnologia inovadora e é uma das mais representativas no setor agrícola. Em 1975, inaugurou a unidade industrial que contribuiu significativamente para o crescimento econômico de São Joaquim da Barra. Em 1979, a firma ganhou mais um sócio, Rafael Luís Maretto Venturoso, expandindo ainda mais suas operações.

Em 1995, a Venturoso Valentini & Cia. Ltda. obteve a certificação ISO 9002, um marco significativo em sua trajetória. A empresa sempre primou com a qualidade em todas as suas operações. Para Rafael, sócio conselheiro, os objetivos foram consistentemente alcançados, com um foco contínuo na excelência.



Figura 18 – Foto de 1985, Instalações da Venturoso Valentini e CIA Ltda., importante capítulo no nosso parque industrial

Em 1997, a segunda geração ingressou Carlos Eduardo Valentini, Elaine Regina Valentini e Luís Fernando Venturoso.

Após um longo processo de amadurecimento, aprendizagem e investimentos em seus processos, a Venturoso Valentini & Cia. Ltda. tem o que há de melhor na produção de ferros fundidos cinzento, nodular e branco, para atender às solicitações mecânicas de suas peças.

O conhecimento especializado adquirido pelos colaboradores da empresa permite uma produção ágil de peças fundidas de alta complexidade, impulsionada por uma capacidade técnica excepcional e pela aplicação de tecnologias avançadas em sua modelagem, resultando na criação de produtos fundidos inovadores.

A utilização de linhas de moldagem automáticas em areia verde garante não apenas uma maior qualidade dimensional das peças produzidas, mas também uma alta capacidade produtiva, alinhada com as demandas do mercado.

A constante evolução tecnológica da fábrica assegura a qualidade geométrica e a excelência das peças fabricadas.

No processo de fusão, os fornos elétricos de indução possibilitam correções precisas na carga metálica, com monitoramento laboratorial via espectrometria em várias etapas do vazamento, assegurando a composição química ideal das peças e a alta qualidade dos produtos fundidos VV, seja em ferro fundido cinzento, nodular ou branco. Isso tudo é realizado com uma capacidade de produção versátil e confiável. A empresa mantém um compromisso contínuo com a pesquisa e o aprimoramento, investindo na capacitação de seus profissionais, na melhoria dos processos, na logística eficiente e na estratégia de mercado, o que a tornou uma parceira confiável das maiores montadoras de veículos e máquinas agrícolas em todo o mundo.

Com mais de cinco décadas de história, a expansão da Venturoso Valentini & Cia. Ltda. é evidente não apenas pelo número significativo de funcionários, atualmente 760, mas também pela abrangência de seus negócios. Atualmente, a empresa fornece peças para todos os estados brasileiros e exporta para os países do Mercosul. A direção atual, que inclui os fundadores no conselho consultivo, juntamente com membros da segunda e terceira geração, continua a conduzir a empresa, mantendo vivo o legado iniciado há mais de meio século.



Figura 19 – Vista aérea atual da Venturoso Valentini e Cia Ltda.

1969 - Cidade contra cidade

Inicialmente, o programa Cidade contra cidade, foi transmitido pela Tupi, posteriormente pela Record e finalmente pelo SBT. De caráter dominical apresentado inicialmente por Silvio Santos e posteriormente por Gugu Liberato, tinha como proposta uma competição entre moradores de duas cidades, geralmente de porte pequeno, que participavam de várias gincanas valendo pontos. Esses desafios podiam abranger desde conhecimentos gerais até talentos locais, concursos de beleza, participação de crianças e figuras curiosas dos municípios. A cidade que acumulasse mais pontos ao final do programa era declarada vencedora e recebia como prêmio uma ambulância.

Baseado no programa "Mineiros Frente a Frente" da TV Itacolomy, o "Cidade Contra Cidade" era parte das atrações do Programa Silvio Santos. Apresentado inicialmente por Silvio Santos na Tupi entre 1968 e 1971, e depois entre 1977 e 1980, na mesma emissora. Com o encerramento das atividades da Tupi, o programa foi transmitido pela Record em 1980 até sua interrupção no mesmo ano.

O programa retornou em abril de 1988 e permaneceu no ar até agosto de 1989, integrando novamente o Programa Silvio Santos, desta vez no SBT e com apresentação de Gugu Liberato.

Nos anos 2000, a Band exibiu um game show de formato semelhante chamado "Cidade Nota 10", apresentado por Otávio Mesquita.



Figura 20 – O cantor joaquinese Jean Carlo, marcou pontos na apoteótica vitória de São Joaquim no Programa Cidade X Cidade.

No dia 4 de julho de 1969, toda a cidade de São Joaquim da Barra estava com os olhos grudados na TV, naquele grandioso dia para a nossa pacata cidade. Os que não possuíam TV atravessaram a rua, a cerca, para se aglomerarem nas casas dos vizinhos que tinham o televisor em preto e branco. A caravana partiu rumo a São Paulo. Joaquinenses foram representar nossa cidade

contra a cidade de Alfenas/MG. Muita gente talentosa brilhou naquela gravação inesquecível. Os competidores apresentaram dança folclórica, "marcação de pênaltis", música, conhecimentos gerais. Dentre a caravana, estavam José Adolfo Ferrero, que era o provedor da Santa Casa e Sônia Leça Teixeira Ferrero

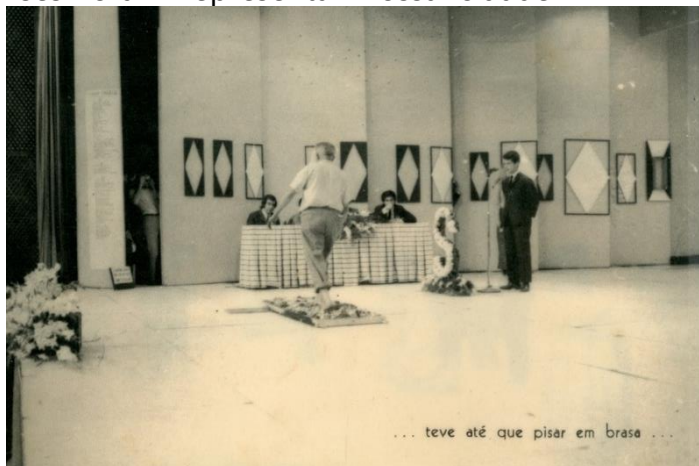


Figura 21 – Valdovino Quirino de Carvalho, andando sobre as brasas

(sua esposa), também estiveram presentes: Dr. José Ribamar Pires Ferreira, o joaquinense "Tonelada", e, um homem de muita fé e coragem se destacou entre os participantes; se propôs a contribuir com a gincana, e andou sobre as brasas. Isso mesmo, o homem andou. Já tinha andado? Não sei, Era habilidade ou dom? Era o senhor Valdovino Quirino de Carvalho, angariando suspiros da plateia e mais um ponto na disputa. São Joaquim da Barra saiu vitoriosa sobre Alfenas, trazendo arrecadação recorde para a Santa Casa; NCr\$ 87.300,00; a caravana voltou feliz para sua terra e deixou o povo joaquinense realizado demais. Foi um dia especial para a história do povo, numa época em que eram raras as televisões nos lares, e que entrou para a história de São Joaquim.



Figuras 21 e 22 – No final, São Joaquim da Barra venceu Alfenas e festejou com alegria sua espetacular vitória

DÉCADA DE 1970

A década de 1960 e 1970, ficou conhecida pela grande produção de calçados o movimento era intenso nas ruas e agências bancárias, a cidade respirava sapatos. No decênio de 1960, a prefeitura municipal havia realizado um censo, onde registrou de 26 fábricas de calçados, mas a produção não se restringia aí, pois nos fundos de quintais das residências abrigavam as chamadas bancas ou fabriquetas. Em 1967, a cidade já contava com 69 indústrias e 716 operários.

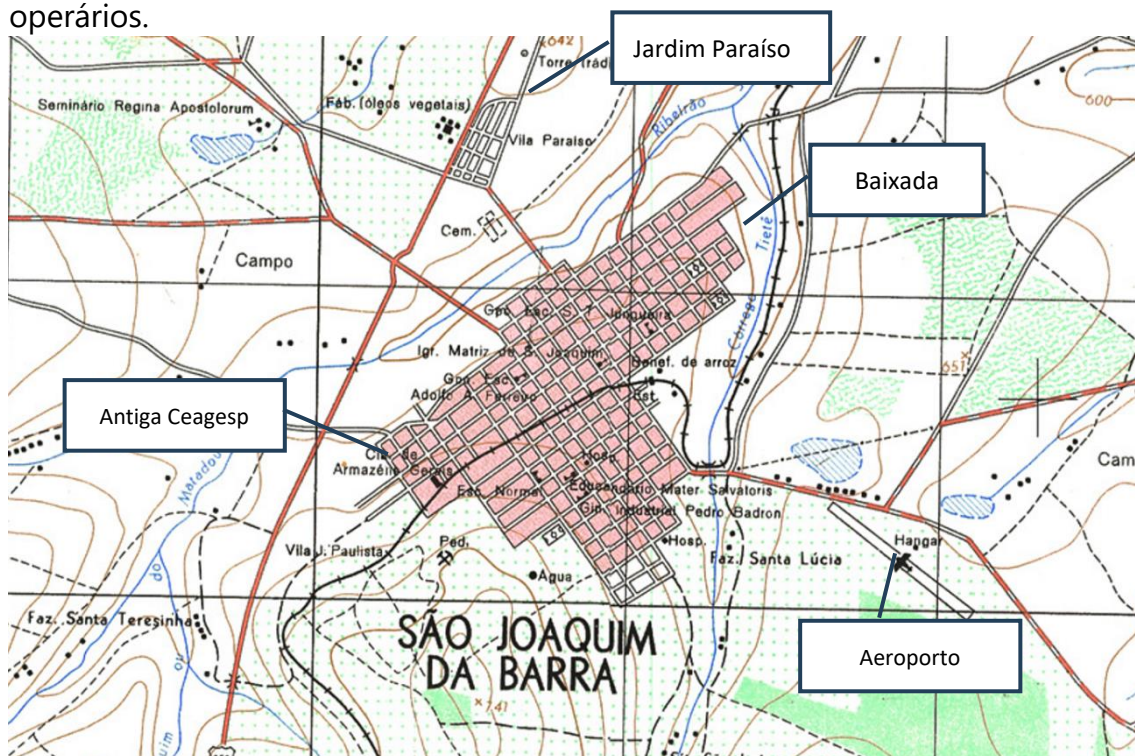


Figura 23 – Mapa de São Joaquim da Barra em 1972, as extremidades da cidade se limitavam nas mediações da antiga CEAGESP (o bairro Jardim Paulista, já era apontado no mapa), até dois quarteirões abaixo da escola Manoel Gouveia de Lima, que na época era o Estádio Ferracioli. O tracejado escuro no meio do mapa da cidade era a antigo leito da Mogiana.

Em 1976, quando completou seu 78º. aniversário, de fundação, o seu crescimento foi reconhecido em quase todos os setores. Vejamos o desenvolvimento do nosso parque industrial, que até poucos anos antes nada existia. As industriais começaram a se alinhar a partir do KM 382 da Rodovia Anhanguera, onde está a Venturoso Valentim e CIA Ltda., que em 2024, comemora 55 anos de história.

Nesse mesmo período tínhamos a Indústria Brasileira de Laminados a (BRASLAM), continuando pela Anhanguera rumo à Guará, tínhamos a Benzenex, depois a *Macc Fadder* – Beneficiamento, compra e venda de algodão (antiga Algodoeira Deienno), a SANBRA, com sua algodoeira, a COPAS que fornecia fertilizantes, na mesma direção a SOJA S/A, que se tornou em 1975 a CAROL – Cooperativa dos Agricultores de Orlândia, atualmente a Sodrugestivo; mais

alguns metros a Siderúrgica São Joaquim, seguindo encontramos o frigorífico e abate de aves Vitória (AVISA), dos Irmãos Guaitolli. Completando o complexo industrial desse período, ao fundo, próxima a estação da FEPASA¹⁸ que estava em construção, a CEAGESP já estava com suas obras bem adiantadas do silo e que transformou São Joaquim num centro corredor de exportação. Dessas empresas, apenas a Venturoso, e outras continuam em atividade, outras com o passar do tempo foram aparecendo. Fora do parque industrial, na rua Maranhão, em 21 de setembro de 1978, foi inaugurada a Distribuidora de bebidas SEPOL.



Figura 24 – Foto de 1972, mostrando o início do nosso conglomerado industrial, com as instalações da Siderúrgica e da Soja S.A.



Figura 25 – Vista aérea do Silo Graneleiro, localizado próximo à antiga estação da Fepasa.

¹⁸ A variante Entroncamento-Amoroso Costa foi construída e aberta pela Fepasa em 6 de fevereiro de 1979, para cargas, e em 10 de maio de 1979, para substituir o antigo ramal de Igarapava, passando a oeste da linha velha e com novas estações. A variante, unida ao tronco retificado da antiga Mogiana, passaram a constituir uma linha única entre Boa Vista, em Campinas, e Araguari, em Minas Gerais. O tráfego de passageiros da linha cessou em setembro de 1997. Atualmente o prédio está abandonado e completamente depredado.

Lair Louveran Deienno

A Década de 1970 foi muito rica em realizações progressistas lideradas pelo prefeito Lair Louveran Deienno¹⁹; joaquinense, nasceu em 11 de setembro de 1930, filho de Conceição Barbosa Deienno e Antônio Deienno. Podemos dizer, sem dúvida nenhuma que Lair foi a mola propulsora do nosso parque industrial, que começou a se desenhar em setembro de 1958, a SANBRA, instalou sua máquina de beneficiamento e seu escritório às margens da Via Anhanguera.

Em 1964, ao lado, surgiu a "Algodoeira Deienno", empreendimento dos irmãos Laércio e Lair Deienno. Lair, posteriormente, já como prefeito, em 17 de julho de 1971, incentivou a criação da Siderúrgica São Joaquim S.A., juntamente com Laércio Deienno, Orlando Olivato, Edivaldo Leonelo e Nilo Tuzzi.



Figura 26 – Padre Mário Lano, abençoando as instalações da Algodoeira Deienno, em 31 de abril de 1966, que com a SANBRA no alto da cidade constituíram um marco importante no começo do Parque industrial. Na foto aparecem: Da esquerda para a direita: Lair Louveran Deienno e suas filhas Mara e Maria Cristina Nicolau. Atrás do padre Mário, Alcino Bonfim e Joaquim Reis e Irmã Angélica; bem à direita de óculos, Wilson Marcelino, gerente do Banespa.

¹⁹ Lair Louveran Deienno, começou a trabalhar aos 14 anos como office boy do Cartório de 1º ofício; dos 15 aos 18 foi para Ribeirão Preto vender publicidade para o serviço de Alto falante do extinto Cone Santa Cecília. Aos 18, tornou-se bancário e começou a trabalhar no Banco do Comércio e Indústria de Ribeirão Preto, a noite frequentava o curso de Farmácia e biologia. Em 1952, se instalou em São Joaquim, com o laboratório de Análises Clínicas Deienno. Casou-se com Therezinha Lopes Puga no dia 6 de dezembro de 1953, com quem teve seis filhos: Mara, Ivan, Lair, Luiz Carlos, Luciano e Fernando. Foi professor de história natural no antigo CENE, durante 6 anos e também o primeiro analista de água da prefeitura Municipal.

Na mesma época, foi implantada a Fábrica de Óleo de Soja S.A., que posteriormente se tornou uma unidade da Carol. Este empreendimento teve a liderança de Roberto Rezende Junqueira, Lair Loveran Deienno e contou com o trabalho de Nellysebastian Rodrigues.



Figura 27 – Lair Louveran Deienno, Nellysebastian Rodrigues, Dr. Roberto Rezende Junqueira e o construtor celestino, no início da instalação da indústria da SOJA S.A.

A cidade e o parque industrial da cidade continuaram a crescer, o surgimento de outras empresas como CORFAL, Sadia, Metusa – atualmente TUZZI, BEMA em 1997, entre outras. Em sua gestão no 21 de janeiro de 1970, foi criado o Museu Histórico Pedagógico "Barão de Pinto Lima".

Várias conquistas marcaram o desenvolvimento da cidade. Destaque para a vitória no programa "Cidade contra Cidade", apresentado por Silvio Santos. Além disso, foram construídas as primeiras 44 casas da COHAB na Vila Martus, e a Escola de Comércio tornou-se a Fundação Educacional da Alta Mogiana (FEAM). Lair também contribuiu para o surgimento das construções de casas pelo sistema



Figura 28 – Foto de 1972. Primeiro conjunto das casas da COHAB de São Joaquim. Em 180 dias, foram construídas 44 casas na Vila Martus, nas imediações do Cemitério durante a administração do prefeito Lair Louveran Deienno. A empresa construtora foi a CORMAF, da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo. As casas custaram entre Cr\$ 9.917, 070, com dois quartos e Cr\$ 11.350,470, com três quartos. Ambas com copa, cozinha, alpendre e instalações sanitárias. Ao fundo, no alto da colina, o Cemitério Municipal.

de MUTIRÃO na Vila JAP (José Alves Pereira) e as casas do Padre Mário Lano, no Jardim Paulista, em um esforço conjunto que contou com a colaboração de Celso Colicchio e José Alves Pereira.

1971 - A siderúrgica São Joaquim (São Joaquim Laminação)

Liderada pelo Sr. Lair Louveran Deienno, foi fundada em São Joaquim da Barra/SP, a Siderúrgica São Joaquim, que iniciou a sua história em 1971, quando alguns empresários locais se uniram com objetivo de construir uma laminação semi-integrada, que atendesse a demandas específicas da indústria do aço. Conhecida pela versatilidade de seus produtos e por sua flexibilidade na produção de barras e perfis não convencionais. Desde o início, a empresa vende e presta serviços de laminação. Com atuação em muitos segmentos, a empresa tem participação efetiva no desenvolvimento e crescimento de diversos setores do País e o compromisso de oferecer soluções que atendam às necessidades específicas da indústria.

Grupo Vittia / antiga Bio Soja

A Vittia tem suas raízes na Biosoja, uma empresa estabelecida em 1971 em São Joaquim da Barra. Desde o início, a empresa se destacou pelo compromisso em integrar pesquisa e desenvolvimento, métodos e práticas, tecnologia e natureza na criação de novas tecnologias em nutrição de plantas para o mercado agrícola brasileiro.

Em 1998, buscando diversificar seu portfólio, a empresa fundou a Biosoja Fertilizantes e lançou sua primeira linha de produtos de fertilizantes especiais, inicialmente conhecidos como fertilizantes foliares. Esse passo permitiu a entrada em outras culturas agrícolas, antes limitadas aos inoculantes vendidos apenas para a cultura da soja

Em 2001, a empresa expandiu seu portfólio ao adquirir a ML Indústrias Químicas, incorporando linhas de adjuvantes e fertilizantes organominerais. Em 2004, entrou no mercado de micro granulados de soja de forma sustentável, com a inauguração da Granorte, que aproveitava resíduos industriais para produzir alguns fertilizantes.

Para reforçar sua posição em um mercado em crescimento, em 2014, a empresa recebeu um investimento minoritário do Brasil Sustentabilidade FIP, gerido pela

BRZ Investimentos. Em 2016, para refletir sua expansão e evitar conflitos de marca, o antigo Grupo Biosoja foi renomeado Grupo Vittia

Em 2020, seguindo sua estratégia de crescimento orgânico, a Vittia inaugurou uma nova unidade industrial de produtos biológicos em São Joaquim da Barra, na antiga área da Nova Aliança. Com capacidade instalada de 5,0 milhões de kg/ano e um centro de P&D de mais de 1.300m², essa iniciativa representou o investimento mais significativo da história da empresa. A família Romanini continua liderando o negócio, dando continuidade ao plano de expansão e consolidação.²⁰

E nosso museu foi desaparecendo...

Pelo decreto de 21 de janeiro de 1970, foi criado, na gestão do prefeito Lair Louveran Deienno, o Museu histórico e pedagógico de usos e costumes Barão de Pinto Lima, sua fundadora foi dona Armanda Martins de Queiroz Silva

Na ocasião, para patronar o museu, visto que Barão de Pinto Lima não tinha ligada direta com São Joaquim da Barra, foi assim justificado no Diário Oficial:



Figura 29 – Este sobrado tendo à sua frente essa bela sibipiruna, foi construído na década de 1960, por Eduardo Joung, (Tedi), genro do dentista José Ignácio Nogueira. Atualmente abriga um consultório odontológico; sua cor mudou, a sibipiruna e as grades não mais existem.

“Considerando que tanto contribuiu para o desenvolvimento da imigração nos primórdios da substituição do braço escravo pelo braço livre e tanto se interessou pelo desenvolvimento da agricultura paulista, o ilustre 39º presidente da

²⁰ Baseado no histórico da empresa Vittia – [Histórico - Vittia RI](#), acessado em: 7 de abril de 2024

província, Francisco Xavier de Pinto Lima,²¹ Barão de Pinto Lima, o que se justifica lhe prestar uma distinta homenagem dando-se o nome a esta casa da cultura”

Após ter sido oficialmente criado ele foi instalado na rua Minas Gerais nº 1237, num belíssimo sobrado estilo chalé, com toda sua fachada revestida de pedra portuguesa. No local era possível fazer uma verdadeira exploração ao passado, onde estavam expostas as relíquias de nossa cidade, acrescidos de instrumentos primitivos que contavam a história da agricultura. De fato, tornava-se muito importante a visita ao museu, onde se conhecia os empreendimentos dos valorosos homens e mulheres que não mediram sacrifícios para formarem nosso povoado, que resultou nessa cidade que sempre caminhou para o progresso.

Já na primeira década de funcionamento, o museu vivia seu maior temo: o descaso das autoridades competentes; naquele local estava o compêndio físico de nossa memória, todas as peças por menor que fossem, era importante fragmento da história. Além do material do museu, já não havia lugar para expor as peças e grande parte já ficava amontoada. Os objetos menores ou mais sensíveis não estavam em vitrines, ficando expostos ao tempo e se deteriorando.

Doze anos após a inauguração, já havia desinteresse das autoridades e o museu já estava em péssimo estado, faltava espaço e móveis.

O Jornal Folha de São Joaquim, de 22 de setembro de 1984, já denunciava tamanho descaso:

E o nosso museu? Vai de mal a pior.

É lamentável, triste, deprimente; em coisa nossa, sem valor nossa terra. Sem valor para alguns, mas de grande valor para muitos; nosso museu, de algum tempo para cá, tem passado por um grande revés. Tive a oportunidade de acompanhar as peregrinações sofridas por nosso museu, e para contar, nada tenho de agradável. O que vi não passou de degenerações, a começar do prédio que ocupa, que é muito inferior ao último. Pude observar claramente cupins passeando pelo chão em pleno dia; de dentro da sala do fundador, pode-se observar o céu: não pensem que é uma sala especial de observatório, pois na verdade trata-

²¹ Francisco Xavier Pinto de Lima, o barão de Pinto Lima (Bahia, 20 de fevereiro de 1832 — Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1901). Filho de Francisco de Pinto Lima e de Inácia Maria de Carvalho Lima, era bacharel em Direito e foi magistrado. Foi deputado geral pela Bahia em várias legislações e ministro da Marinha do Brasil, nomeado por carta imperial de 31 de agosto de 1864, de 31 de agosto de 1864 a 12 de maio de 1865. Foi presidente da província de São Paulo, de 19 de junho a 21 de dezembro de 1872, e da província do Rio de Janeiro, de 26 de novembro de 1874 a 18 de janeiro de 1878. Foi também presidente da província do Rio Grande do Sul, de 4 de novembro de 1870 a 24 de maio de 1871, e agraciado comendador da Imperial Ordem da Rosa e da Real Ordem de Vila Viçosa de Portugal. (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: O Instituto. 1948. p. 207)

se de uma sala com o forro podre e telhas quebradas, de onde se vê o firmamento. Janelas? — Não se pode dar este nome àquilo — vi janelas sem trincos, portas sem fechaduras, pias sem água, salas sem ventilação.

Deixando o prédio de lado, passemos à observação das peças. Lamentável, vi peças que intactas no antigo Museu quebradas por um transporte descuidado. Não sabem que é um patrimônio público, um legado de nossos antepassados? O primeiro carrinho de sorvetes no quintal exposto ao tempo, ao léu, também antiquíssimos carroções. Tudo prestes a desaparecer, móveis antigos sujeitos ao reino dos cupins.

A atual sede do museu foi sede da APAE. Mudaram de lá, por quê? Ora, quando chove, a permanência no prédio é risco de vida. Sabemos que o Museu tem uma responsável, ela está cuidando do seu serviço? Ou será o Prefeito? O diretor de Museus do Estado? O Secretário da Cultura? Urge que rápidas providências sejam tomadas. A quem apelar?

Não podemos deixar que este acervo seja destruído por negligência. Clamamos por urgência; este museu já foi alvo de nossa Reportagem, contudo, ao invés de melhorar, piorou. Como? A Secretaria de Estado da Cultura não vê isto, não está a par do que acontece no interior do Estado? Torna-se premente a atenção a estas linhas: O passado não volta, o tempo não tem retorno.

Temos em arquivo fotos que provam tudo que falamos; queremos a preservação da nossa memória com objetos palpáveis e críveis, e que não seja apenas testemunho da nossa história, o tempo, efêmero e passageiro. Uma coisa é ouvir falar, outra é ver; crer ou não crer. Visitem, venham para que possam crer, e juntem-se a nós neste brado por algo que não pode gritar quando está sendo destruído. Você pode ser um dos últimos a ver nosso Museu, graças ao descaso recebido.



Figura 30 – Setembro de 1991, nosso antigo museu estava instalado nesse prédio azul e branco, de 1906, que no início do século XX funcionava a Casa Tira Teima de Antônio Gomes, poucos anos, depois foi desativado.

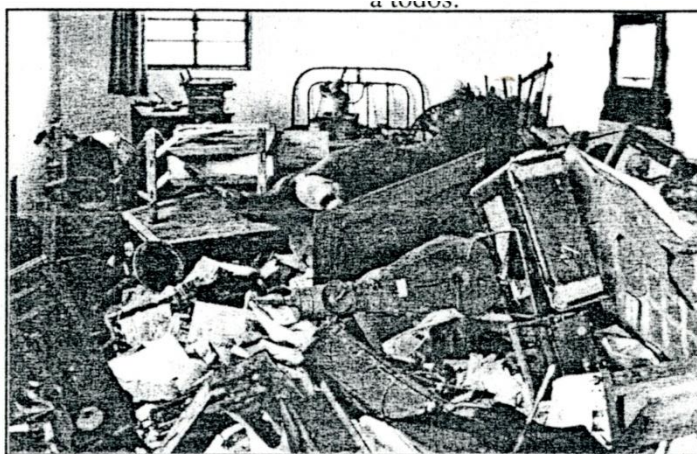
Nosso querido museu viveu seus últimos dias num emblemático prédio azul e branco, erguido em 1906, outrora o lar da Casa Tira Teima, situada na rua XV de novembro, quase na esquina com a avenida Orestes Quércia. Com o virar da década de 1990, testemunhamos aos poucos o desvanecimento de nossa história. Com seu encerramento, o museu foi alvo de saques, e preciosidades históricas foram roubadas, arrancadas para sempre de nossa memória coletiva. Foram pouco mais de 20 anos resistindo à ação do tempo e à falta de interesse público.

Museu Municipal

Sem dúvida uma das coisas mais deprimentes foi a foto mostrando o que um dia foi o nosso Museu Municipal.

É impressionante como algo tão importante tenha sido jogado em lugar qualquer sem a menor intenção de preservação.

O Museu merece a atenção da administração Schmidt.



Estes escombros escondidos em um cômodo atrás da caixa d'água, é o que sobrou do nosso Museu

Figura 31 – Recorte do ano 2001, onde mostra os escombros da história joaquinese.

Alguns parentes, descendentes dos fundadores da cidade, cientes da tragédia iminente, resgataram alguns artefatos para o seio familiar, com a nobre missão de preservar a herança de seus antecessores. Do que restou de nossa rica história, apenas uma escassa coleção de artefatos encontra-se abrigada no gabinete da prefeitura, enquanto os demais itens foram cruelmente deslocados.

Primeiro, amontoados em um depósito do Almoxarifado municipal, e, posteriormente, abandonados nos escombros da antiga CEAGESP.

Em 2013, durante os preparativos para uma exposição na semana da cultura, ao investigar os vestígios do que ainda subsistia, deparei-me com um triste amontoado de destroços: pedaços de madeira, móveis desgastados e alguns objetos esquecidos como um entulho qualquer. Ali, diante do desleixo flagrante, testemunhamos o menosprezo pela história de nossa comunidade, abandonada e submersa sob um monte de pneus. Anos mais tarde, o local foi consumido pelo fogo, comprometendo irremediavelmente sua estrutura prédio e apagando de uma vez por todas, deixando ao abismo do esquecimento.

1972 – Nossos conjuntos habitacionais

As nossas primeiras casas de COHAB surgiram no ano de 1972, com 44 casas erguidas na rua Goiás, lá pelo lado do cemitério. Na gestão do prefeito Lair Louveran Deienno, após a aquisição pela prefeitura de quase 11.000 metros quadrados que foram doados à COHAB para construir as 44 casas populares que em 1972 já estavam em conclusão. Naquela época, a cidade estava enfrentando uma crescente demanda por habitação devido ao aumento da população e à falta de moradias.

O jornal "Cidade de São Joaquim da Barra", de 26 de março de 1978, já mencionava sobre quase 500 casas populares que seriam construídas no bairro do Aeroporto. O Sr. Pedro Chediack passou escritura da doação do terreno onde serão construídas as quase 500 casas para nossos trabalhadores. Toda a documentação será enviada ao BNH e depois de aprovada será dado início à construção do grupo de casas populares de São Joaquim da Barra, no bairro do Aeroporto. Será construído um reservatório de água com capacidade para um milhão de litros e o bairro será servido por todos os melhoramentos públicos, inclusive a pavimentação asfáltica. Em meados de 1980 a COHAB Pedro Chediack começaria a receber luz, esgotos sanitários, pavimentação e iluminação a vapor de mercúrio.



Figuras 32 e 33 – Fotos da década de 1970, do bairro ainda em construção Pedro Chediack



No mesmo jornal que deu a notícia acima, menciona o prefeito José Abdala Jabur dizendo que iria construir um núcleo residencial de 200 casas pelo programa Nosso Teto a serem construídas com a ajuda de um terreno doado pela prefeitura, bem como a infraestrutura, barateando o custo da obra e beneficiando os trabalhadores que ganham até um salário-mínimo, e tendo ainda a ajuda da Caixa Econômica Estadual de São Paulo.

Acrescentou que seriam construídas 1.080 outras casas pela COHAB de Ribeirão Preto. O serviço seria repartido em duas etapas, 540 casas até 1980 e as restantes seriam para 1981. Para a construção de tais casas foram adquiridos 21 alqueires no Jardim Paulista. Tal COHAB receberia o nome de Conjunto Habitacional Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo. Nome que não vingou, pois, a COHAB é conhecida pelo nome de COHAB João Paulo II. Toda a infraestrutura do bairro do Conjunto Habitacional João Paulo II e do Nosso Teto foi realizada na administração de Wagner Schmidt.

Após a colocação dos hidrômetros, rede de água e reservatório com 1.000.000 litros, pintura e pequenos detalhes, o conjunto foi entregue em 1983, no mês de novembro, faltando muito pouca coisa para ser habitável. Depois vieram a Escola Creso Antônio Filetti, o posto de atendimento social, a pré-escola (Jair de Andrade), a fixação da ambulância, o campo de futebol e finalmente a implantação de guias e sarjetas, as galerias fluviais e o asfalto. A COHAB João Paulo II e Nosso Teto compreendem 1139 casas.

No início o que se via era muito pó na seca e barro nas águas. Foram construídos mais de 20.000 metros lineares de guias e sarjetas e 65000 metros quadrados de asfalto. Tudo sem cobrar um tostão. No mandato do prefeito Dr. José Ivo Vannuchi, de 1993 a 1996, em convênio com o CDHU (Companhia de

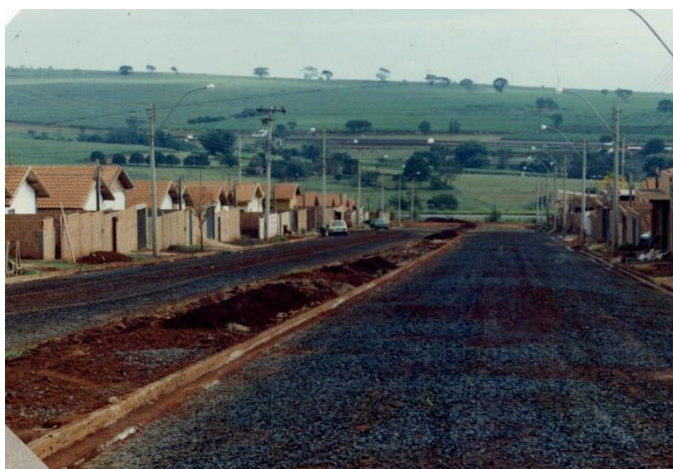


Figura 34 – Conjunto habitacional Paulo Leonelo, olhando pela Avenida Orlando Olivatto

Desenvolvimento Habitacional e Urbanização), foi construída a COHAB Júlio de Lollo, com 426 casas populares, aquém da João Paulo II. Pouco tempo depois, foram construídas as obras da COHAB "Paulo Leonelo" com 200 casas.

Mais tarde, foi entregue o Conjunto João Mattaraia com 688 casas. Os três conjuntos circundando o João Paulo II. No

ano 2000, a cidade de São Joaquim da Barra possuía em torno de três mil e

quinhentas casas de COHAB. No final do ano de dois mil, término da gestão do prefeito Dr. Jorge Sandrin, mesmo com grandes dificuldades financeiras enfrentadas pela administração, foi a solução para o grave problema da favela da rua Pauliceia, perto da COHAB Paulo Leonelo. Respeitando os direitos de cidadania dos favelados, ao contrário do despejo puro e simples, foram alojados em casas populares construídas pela CDHU.

Ocuparam algumas das 96 casas construídas. No bairro João Paulo II, foi construído neste mês um ano que iria valorizar o bairro citado bem como os bairros vizinhos: Mattaraia, Nosso Teto, Júlio de Dolo e Tancredão. Onde antes havia somente destruição e abandono, surge uma obra maravilhosa, o Centro de Educação Infantil Dr. Antônio Martorano, obra maravilhosa para o orgulho de nossa cidade. No mesmo bairro, o prefeito construiu uma unidade básica de saúde que recebeu o nome da Irmã Terezinha Gema Dalmolin.

Quase no mesmo local, encontrou a solução para o tormento da falta d'água que há tantos anos incomodava os moradores de nossa cidade. Com um investimento de um milhão de reais nesta obra prioritária, mostrou que administrar não é desperdiçar dinheiro em obras que não trazem benefício direto ao povo. São mais de duzentos mil litros por hora de água para resolver o problema da escassez.

Ainda no ano 2000, uma construtora particular, "Construtora Pagano", lá pelo lado da SANBRA, lançou um projeto de construir 500 casas populares, anunciando um local para morar-se bem, num lindo bairro começando a nascer. Os terrenos sendo vendidos a R\$ 60.000,00 mil reais. Até o final do ano 2000, seriam entregues 120 casas e, em seguida, seriam entregues 20 casas por mês até atingir 548 casas. Os moradores desse conjunto de casas que recebeu o nome de Jardim Canadá e a abertura de pontes ligando o bairro à cidade pelas ruas Amazonas e Pernambuco.



Figura 35 – Vista aérea da cidade em 1997, mostrando a área da antiga pedreira da família Mattaraia, cercada por todos os lados por casas populares dos conjuntos habitacionais. Paulo Leonelo, João Paulo II, Nosso Teto, Júlio de Lollo e Mattaraia

Roberto Rezende Junqueira, um iminente político. (1973-1976)

Na gestão do prefeito Roberto Rezende Junqueira, filho de Magino Diniz Junqueira, portanto neto do Capitão Chico, da Fazenda Invernada, administrou a cidade em dois momentos de 1952 a 1955 e depois entre 1973 a 1976. Nesse capítulo vamos focar mais na sua última administração, voltada para as décadas do volume II, do Pela janela do Tempo.

Podemos elencar aqui, que, um dos eventos marcantes de sua administração foi o lançamento da pedra fundamental na Praça dos Dois Poderes, após o desfile de 30 de maio de 1976, em celebração ao 78º aniversário da cidade. Autoridades e cidadãos reuniram-se no local onde estava sendo construído o Paço Municipal para participar da solenidade. Dentre as autoridades presentes estavam o Prof. Lázaro de Oliveira, presidente do Rotary Clube; Tonico Dalpino, vice-prefeito; Prof. Octávio Bolognesi, vereador; Dr. Sérgio Cardoso de Almeida, deputado federal; Dr. Walter Esbrógeo, juiz de direito; Dr. Sebastião de Freitas,

delegado de polícia; Altamiro Nicolau, presidente da Câmara Municipal, e o próprio prefeito Roberto R. Junqueira. O paço municipal é projeto é do arquiteto Dr. Bernardo Blanco.



Figura 36 – Dr. Roberto Rezende Junqueira, durante o lançamento da pedra fundamental do Paço Municipal – que seria finalizado durante a administração do prefeito José Abdalla Jabur. Fez uso da palavra o Deputado Sérgio Cardoso, Walder Esbrógeo (D.D Juiz de Direito) e o Cel. Ilques Barbosa da CEFACOR. Em seguida, foi lida a Ata que foi encerrada na pedra fundamental, juntamente com outros objetos, que marcaram a passagem dessa data importante para a vida de São Joaquim da Barra.

No mesmo ano, as obras do Paço Municipal estavam avançadas, e outro marco importante foi a construção do majestoso edifício do Banco do Brasil S/A, uma antiga aspiração da comunidade. Sua inauguração, em 23 de março de 1977, já na administração do prefeito José Abdalla Jabur; trazendo um embelezamento à esquina no cruzamento das ruas São Paulo e Bahia, com Geraldo Rodrigues Teixeira, agricultor e ex-banqueiro, tendo a honra de descerrar a fita simbólica para a inauguração.

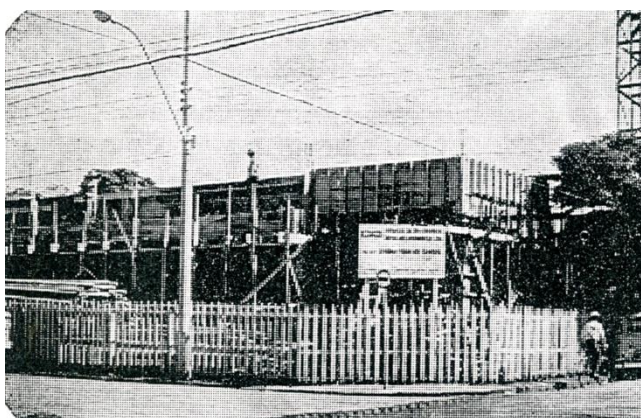


Figura 37 – Construção do Banco do Brasil, inaugurado em 23 de março de 1977

Outro acontecimento significativo foi a conquista da construção do silo e graneleiro da CEAGESP, próximo ao local onde seria erguida a futura Estação da

Fepasa. (Levando a linha de trem para fora dos limites urbanos). Essa estrutura tornou-se um dos maiores do interior do Estado na época.

Durante sua gestão, também foram observados avanços em outras áreas, como as construções das novas instalações da Cia Paulista de Fertilizantes - COPAS, na Via Anhanguera km 382, e a conclusão do Edifício São Joaquim, o primeiro arranha-céu da cidade. Além disso, estavam em andamento as obras para o funcionamento do Centro Comunitário, no futuro Jardim Paulista, demonstrando o compromisso da administração com o desenvolvimento e o progresso de São Joaquim da Barra. Depois de sua passagem, voltou para um segundo mandato o prefeito José Abdalla Jabur, que ficou na administração até 1983.

1978 – Cinquentenário da Comarca

No ano de 1978, precisamente em maio, as ruas de São Joaquim da Barra estavam agitadas como nunca antes. Bandeiras tremulavam ao vento e o ar estava impregnado com o aroma da nostalgia e do orgulho. A comarca completava cinquenta anos desde sua instalação, e a cidade inteira se preparava para celebrar essa data tão significativa. Foi um momento de reflexão sobre as lutas e conquistas que moldaram o destino de nossa comunidade.

O evento foi marcado por emoção e reconhecimento, especialmente nas palavras do Desembargador Humberto de Andrade Junqueira. Ele não só expressou gratidão aos amigos e familiares presentes, mas também prestou uma



Figura 38 – Fachada do Antigo Fórum de São Joaquim da Barra, na rua São Paulo, esquina com a Pernambuco, hoje abriga a Secretaria da Educação Reginaldo Sartorato.

homenagem emocionada a seu pai, José Olyntho Fortes Junqueira, cujo trabalho incansável foi fundamental para a criação da comarca.

A comemoração do cinquentenário da comarca de São Joaquim da Barra, instalada em 1928, traz à minha lembrança recordações das mais significativas da minha vida. Normalmente, a data da instalação da comarca teria passado despercebida para mim, não fosse o gesto, altamente político e didático, do meu saudoso pai, incumbindo o nosso sempre lembrado Humberto Monassi, de subir até Franca para buscar meus irmãos, José Olyntho, Arnaldo e eu, que lá estudávamos; e foi assim que a alegria pela saída inesperada do colégio Champagnat e a festa do dia seguinte em nossa terra natal, gravaram para sempre em nossa memória o auspicioso acontecimento de 25 de maio de 1928. Mas, como já observou a grande poetisa chilena Gabriela Mistral, por maior e mais bela que tenha sido a paisagem conhecida, quando queremos revê-la, quando aí queremos voltar, falta sempre, sempre, alguém ou alguma coisa.

E, na verdade, falta exatamente quem, por um ato de justiça, eu trocaria o meu retrato pelo dele nesta sala, pois foi quem mais trabalhou em prol da criação do município e, ao depois, da comarca de São Joaquim da Barra: refiro-me ao meu saudoso pai José Olyntho Fortes Junqueira.

Quando São Joaquim criou condições para ser elevado à situação de município, os seus moradores cuidavam para tomar as providências para ver concretizada essa aspiração. Só que a história por trás da fundação da comarca remonta a tempos de lutas políticas e desafios. José Olyntho, foi um homem visionário e determinado, enfrentou resistência, até mesmo de membros de sua própria família, principalmente por parte do grande chefe político de Orlândia o cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira, seu tio, irmão de sua mãe), na busca pela independência judiciária de São Joaquim. As relações fraternais ficaram estremecidas, mas seu compromisso comum pelo desenvolvimento da região acabou por prevalecer. Abordo esse assunto sobre a instalação da comarca no livro *Pela Janela do Tempo*, volume I, e *História de uma vida*, a biografia de José Olyntho Fortes Junqueira.

Foi uma jornada árdua, marcada por batalhas políticas e esforços incansáveis. A luta surgiu o efeito desejado, e o estremecimento da amizade entre o coronel Chico Orlando e os parentes que residiam em São Joaquim acabou por desaparecer, pois todos desejavam o bem comum, isto é, o desenvolvimento harmônico desta rica região do Estado de São Paulo, conforme relato o Humberto em seu discurso na comemoração do cinquentenário da comarca.

José Olyntho, com o apoio da comunidade local e o reconhecimento das autoridades estaduais, lutou incansavelmente pela criação da comarca. Sua

persistência foi recompensada com a promulgação da Lei nº 2.256 em 31 de dezembro de 1927, oficializando a Comarca de São Joaquim da Barra. Sua instalação ocorreu em 25 de maio de 1928, com uma cerimônia festiva que incluiu fogos de artifício, enfeites nas ruas, recepção às autoridades, missa de ação de graças, banquete e discursos.

A pedra fundamental do palácio da justiça foi lançada em 6 de dezembro de 1952, durante as festividades do cinquentenário de São Joaquim, quando o aniversário da cidade era comemorado em dezembro. Era o governador Lucas Nogueira Garcez e o prefeito Roberto Rezende Junqueira. Em novembro de 1959, foi inaugurado o nosso fórum na Praça Magino Diniz Junqueira.²², ao lado da antiga rodoviária. O jardim foi inaugurado em 1964, na administração do prefeito José Abdalla Jabur.

O fórum permaneceu nas mesmas instalações durante 58 anos e no dia 27 de setembro de 2017, foi inaugurado o novo Fórum da comarca de São Joaquim da Barra. O governador Geraldo Alckimin liderou a cerimônia, que contou com a presença de diversas autoridades, incluindo o secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania, Márcio Fernando Elias Rosa, e o desembargador Álvaro Augusto dos Passos, representando o presidente do Tribunal de Justiça, Paulo Dimas de Bellis Mascaretti, além do prefeito do município, Marcelo de Paula Mian.

A construção do novo Fórum, iniciada em agosto de 2014, foi um investimento significativo do Governo do Estado, totalizando R\$ 9,8 milhões. O imponente prédio está localizado na rua Vera Lúcia Flora, no Jardim Canadá, ocupando um terreno doado pela Prefeitura, com mais de 10.740 m². Com três pavimentos, o edifício abrigará até três Varas, além do Juizado Especial.

Com uma área construída de 3.385,95 m², a maior parte dedicada ao Tribunal de Justiça, o novo fórum também disponibiliza espaços para órgãos como o Ministério Público, Defensoria Pública e Ordem dos Advogados do Brasil.

O antigo fórum hoje abriga a secretaria da Educação de São Joaquim da Barra.

²² Em junho de 1960, por decreto de Lei Municipal, foi promulgada a denominação Praça Magino Diniz Junqueira à Praça da Bandeira. A origem do terreno onde se encontra o antigo fórum foi doada por um homem simples que aqui residiu, o Sr. Júlio Lino, que possuía uma barbearia na rua Acre, atualmente rua Voluntário Geraldo. Sem herdeiros, ele decidiu legar ao povo joaquinense aquilo que o seu trabalho em nossa terra havia lhe proporcionado.

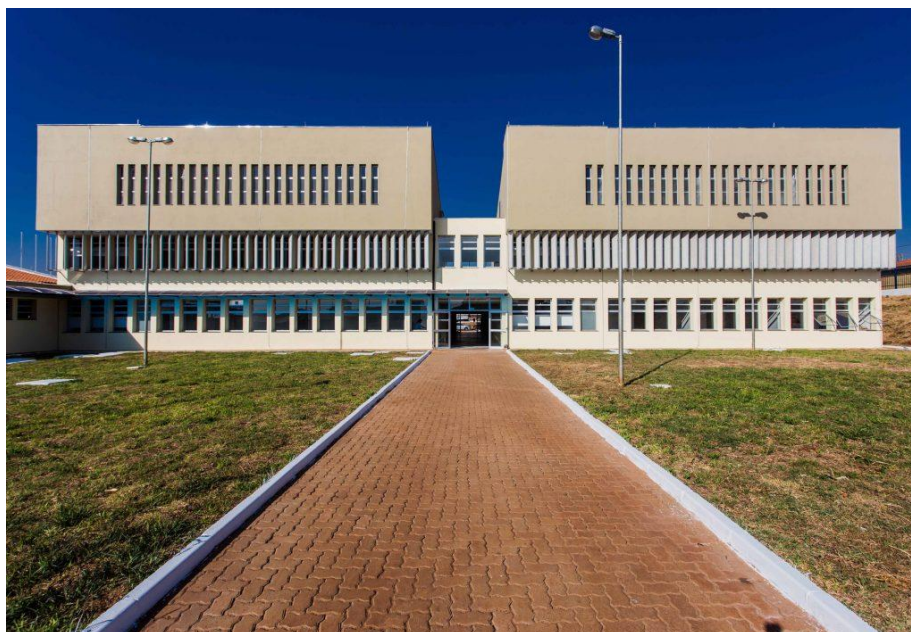


Figura 39 – Novo prédio do Fórum de São Joaquim da Barra, construído no Jardim Canadá, inaugurado dia 27 de setembro de 2017.

Ainda na década de 1970, foi inaugurado o Pronto Socorro Moisés Dip, em 30 de maio de 1979.



Figura 40 – Inauguração do Pronto Socorro em 30 de maio de 1979, na foto aparecem da esquerda para direita: José Abdala Jabur, dona Linda Dip (esposa do patrono, Moisés Dip) e Dr. Paulo de Almeida Machado, ex-ministro de Estado, da área da saúde.

DÉCADA DE 1980

Chegamos na década de 1980, com o prefeito José Abdalla Jabur, em seu último mandato que permaneceu até 1983, e depois com Wagner José Schmidt até janeiro de 1989. Como vamos mencionar alguns fatos relevantes no capítulo destinado aos prefeitos municipais, nas linhas abaixo faremos apenas um compêndio do que se passava em São Joaquim e no Brasil durante esse período.



Figura 41 – Obelisco inaugurado em maio de 1982, destruído por vândalos, em seu lugar foi erguido o atual, projeto idealizado pelo arquiteto Antônio dos Reis Delmônaco

Em 8 de maio de 1982, foi inaugurado o obelisco com o nome dos nossos heroicos pracinhas, combatentes da segunda guerra mundial; infelizmente destruído por vândalos. Em seu lugar, foi erguido um outro marco, projeto realizado pelo arquiteto Antônio dos Reis Delmônaco, durante a administração do prefeito José Luiz Proença.

Em 27 de novembro de 1982, foi inaugurado o Centro Comunitário da Irmandade de São Benedito, sendo a imagem deste santo e de Nossa Senhora das Graças levadas da Matriz até a Praça Brasil. A Missa foi realizada pelo bispo Dom Diógenes Silva Mathes e concelebrada pelos padres José Seminati e Lino Zagarela.

Padre Francisco Sabatini, que tanto trabalhou para ver o centro comunitário pronto, estava ausente. Em 1988, a praça foi ajardinada, preparando-se para mudar de nome; em 25 de maio do mesmo ano, passou a chamar-se Praça Mario Lano, que havia falecido em 1985.

Até 1983, a população joaquinense recebia sinal para transmissão de apenas duas emissoras de TV a Globo e a TV Cultura. Foi inaugurada a nova torre de retransmissão pelo sistema UHF e disponibilizado mais 4 canais, permitindo assistir TV Manchete, Bandeirantes, Globo, Record, Cultura e SBT, com essa inauguração, beneficiou a zona rural, Pioneiros e Guará. Sua comunicação era realizada pela companhia telefônica CTBC, correspondências pela Empresa de Correios e Telégrafos, a Rádio São Joaquim era a única na cidade.

Nas residências, circulava os jornais A cidade de São Joaquim e Folha de São Joaquim.

O comércio era bem variado para a época, concentrava maior parte dos estabelecimentos varejistas e atacadistas. Não obstante, os principais se fixaram

no centro da cidade e a descentralização, foi uma das características do comércio joaquinese, pois emergiam novos bairros nas extremidades da cidade, conforme veremos no mapa abaixo:

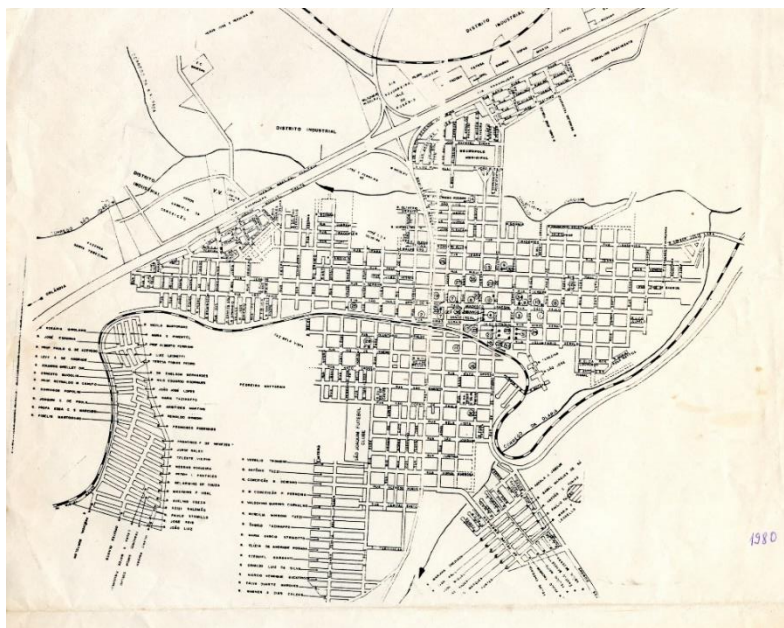


Figura 42 – Mapa de São Joaquim da Barra, da década de 1980. Se compararmos com o mapa da década de 70, veremos a evolução do Parque Industrial e dos bairros que foram crescendo nos limites urbanos.

No ensino, na cidade já contava com 21 estabelecimentos, sendo: 1 biblioteca que na ocasião havia mais de 20 mil exemplares, 1 museu, 2 cinemas, 2 grupos teatrais e a Banda Lyra União e Trabalho.

Nesse período, já somavam mais de 1.339 estabelecimentos, de todos os gêneros, empregando quase 10 mil trabalhadores, entre os quais: 54 eram estabelecimentos industriais, 372 comerciais, 905 eram prestadores de serviços e havia 8 estabelecimentos bancários.

Havia 240 propriedades agropecuárias compunha o quadro regional, não caracterizadas por latifúndio, eram responsáveis apenas pelo perfil da sustentação econômica do município e região que estava solidamente ligado à terra e à sua produção. As pastagens, a cana, o milho e principalmente a soja não cediam espaço à terra ociosa, produziam energia e alimento.

E a grande projeção para da cidade, foi três anos antes, em 1983, com a implantação da Destilaria Alta Mogiana.

Durante essa década, o Brasil passava por um processo gradual de abertura política, que culminou na redemocratização do país. Isso incluiu o fim do regime militar em 1985 e a promulgação da Constituição Federal em 1988, que estabeleceu as bases para um sistema democrático.

Em síntese, no ano de 1986, São Joaquim da Barra, possuía uma Vara Cível e respectivos cartórios, contava com aproximadamente 32.99 habitantes, sendo 17.972 eleitores.

Nesse decênio, tivemos a ascensão da tecnologia; muitos testemunharam o surgimento dos computadores pessoais e a revolução digital estava em pleno andamento. E não poderia faltar as danceterias, que era a coqueluche do momento.

A década de 1980 também foi um período de efervescência cultural no Brasil, caracterizado por uma mistura vibrante de influências e movimentos artísticos.

Na música, os anos 80 foram marcados pelo surgimento e consolidação de diversos gêneros e artistas que se tornaram ícones da música brasileira e internacional. Os bailes famosos dos anos dourados, foram substituídos, o rock nacional ganhava destaque com bandas como Legião Urbana, Titãs, Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho, que deram voz a uma geração em busca de expressão e identidade.



Figuras 43 e 44 – Com o aparecimento das TVs e das vídeo-locadoras, os dois cinemas de São Joaquim fecharam as portas. O Cine Mongol foi transformado em boate, a Windows que aparece na primeira foto. Suas atividades iniciadas no final da década de 1980 durou menos de 10 anos. Após o fechamento, o prédio foi preparado para ser uma casa de eventos e recebeu o nome de Millenium, inaugurado no ano 2000, como aparece na segunda foto. Em dezembro desse mesmo ano, funcionaria o Barra Bingo que também teve vida curta. Atualmente o prédio abriga a Igreja Universal do Reino de Deus.

As boates, Opus (onde fica a Aquacenter) e Windows, ambas na rua São Paulo tinham uma atmosfera vibrante e colorida, com luzes estroboscópicas, pistas de dança iluminadas e DJs tocando os sucessos mais recentes da música pop, brasileira ou estrangeira; foram se tornando locais populares para as pessoas dançarem e se divertirem ao som desses artistas, alegrando a noite dos jovens joaquinenes. Havia também as matinês dominicais, em uma época não muito distante, elas se tornavam símbolos cultura, influenciando estilos de dança, moda e até mesmo comportamento social.

A década colorida, dos cabelos cheios de permanentes, óculos extravagantes e biquíni asa deltas, também foi marcada por mudanças sociais significativas, incluindo o movimento pelos direitos das mulheres, a luta contra o racismo e a ascensão do movimento LGBTQ+.

Os anos de 1980, de fato, foi uma época de grandes acontecimentos marcantes em várias áreas de nossa cidade. O parque industrial continuava evoluindo juntamente com a cidade, a CORFAL que foi criada em 1976 pelo sr. Vilber José Corradini, atual até meados da década 1980, na fabricação de blocos de cimento e venda de materiais de construção. Com o passar do tempo, foi adquirindo sócios e ao mesmo tempo ampliando e modernizando, passando a atuar no campo da fundição e usinagem. Desse período ainda aparecem a Agrocosta, Casa da Lavoura, Metalúrgica Russan e Limonta. Nesse período, destaca uma outra grande história, que veremos na sequência.

1984 Metalúrgica Tuzzi

Em 1984, um ano antes das eleições diretas para a presidência da república, Orestes e Nillo Tuzzi adquiriram a Mofatto, uma das principais fornecedoras de molas para o mercado nacional, que era situada em Limeira. Após alguns meses, a empresa se transferiu para São Joaquim, passando a denominar-se Metalúrgica Tuzzi Ltda. – Metusa. Na realidade sua história se inicia com a construção da Siderúrgica São Joaquim no ano de 1971.

Um ano após a aquisição da empresa, o país vivenciou um momento histórico com a primeira eleição direta, que resultou na escolha de Tancredo Neves para presidente. Nesse período, a Metusa já havia estabelecido instalações com capacidade para produzir 150 toneladas por mês, sendo fornecida pela Siderúrgica de São Joaquim.

No ano seguinte, a parte industrial passou por sua primeira ampliação, elevando a produção para 250 toneladas por mês. Em 1990, iniciou a construção de uma unidade de laminação de aço a quente, iniciando assim a produção de parte de sua própria matéria-prima, o que permitiu um controle de qualidade mais rigoroso e aprimorado.

Em 1992, deu-se início ao processo de informatização, incorporando os mais recentes avanços tecnológicos para um controle de qualidade mais eficiente. Foi criado o setor de Recursos Humanos e implementado um programa de ciclos de qualidade.

Ainda em 1994, a empresa deu início à construção dos novos fornos de tratamento térmico de última geração, controlados por sistemas informatizados, aumentando sua produção para mil toneladas por mês de molas. Nesse mesmo período, foi implantado um laboratório químico e metalográfico equipado com os mais avançados equipamentos disponíveis no mercado internacional. Atualmente, a empresa atende o mercado de suspensões de veículos leves, médios e pesados com sua completa linha de feixes de molas e lâminas avulsas.

Em sua ampla área industrial, há espaço dedicado à pesquisa, desenvolvimento e fabricação de aço para diversos produtos.

Em 2000 teve a abertura da unidade de TAS (Sistemas de Acoplamento de Tratores) e implementação do software ERP-SAP.

2006: Inauguração da Forjaria Tuzzi.

2014: Inauguração do Centro Tecnológico Tuzzi.

Ao longo de sua história, a Tuzzi se estabeleceu como uma empresa líder em seu setor, mantendo um compromisso contínuo com a inovação e a qualidade em seus produtos e serviços. A Tuzzi também participa de feiras e eventos, como a EIMA, e apresenta soluções inovadoras, como o sistema de acoplamento para transbordo canavieiro. Seu compromisso com o desenvolvimento global de soluções para diferentes mercados, especialmente o agrícola.²³

Contudo, São Joaquim, também propunha ao joaquinense, não só trabalho, fosse ao contrterrâneo, ao transeunte de qualquer lugar e estirpe, momentos para diversão bem peculiares como, como as casas alegres, que animavam as noites da cidade...

As pensões alegres, da rota do pecado

Se o maxixe, "O Corta-jaca", de Chiquinha Gonzaga tocado pela primeira-dama da república Dona Nair de Teffé no final de 1914, no jantar de despedida do presidente Hermes da Fonseca, se tornou um escândalo, no imagine o panegirico que se tornava nas cidades interioranas, em formação, com as suas características provincianas, a grande concentração de meretrícios bem próximos ao centro da cidade, nessa ocasião o Maxixe ou qualquer outra música era o menor dos problemas.

Nessa época, em seus primeiros anos de vila, São Joaquim tinha fama de desordeira, terra de ninguém; não havia calçamento, muito menos ruas iluminadas, porém sua fama corria distâncias, era voz geral ser a nossa cidade a mais "quente" da região, e não é de temperatura que estamos falando não. Isto porque, nas ruas Paraná e Bahia, cruzando com a Rio de Janeiro e Mato Grosso, concentrava-se a zona de meretrício, as "horizontais", "mulheres de vida fácil", que ali proliferavam suas "pensões alegres". Em alguns casebres, muitos deles verdadeiras pocilgas, locais insalubres, alguns com portas e janelas caindo aos pedaços, outras eram casas geminadas, com pequeno alpendre, ou janela para

²³ Baseado no texto, Revista dia a dia, edição nº 20, de 2000.

rua, usada como "vitrine", ali se via mulheres vestidas de forma indecorosa para a época, debruçadas nas janelas, esboçando acenos e gestos lascivos aos passantes. A zona do meretrício funcionou a poucas quadras da Igreja Matriz, e já no início da década de 1920, já se contavam mais de 400 prostitutas, a maioria delas era de mulheres empobrecidas e imigrantes e migrantes brasileiras.

Os seus estranhos movimentos, a alguns faziam rir e a outros davam nos nervos. Nas imediações das casas alegres, ficavam os famosos bares restaurantes do Picolo e do Domingo Russo alimentando e embriagando a boemia.

De vez em quando deixavam entrever um pedaço do colo mais despido que o comum, ajeitava-o de forma sensual e completamente despudorada: 'Vem cá, benzinho, vem cá!'. Ao entardecer, no entanto, as mulheres iam se postando junto às portas e janelas como em mostruários, à espera do desfile de homens que aumentava com a chegada da noite.

Dos muitos clientes, estudantes, homens de todas as classes e credos, desocupados, bandidos e muitos ébrios" buscavam prazer e diversão nas pensões alegres de São Joaquim. Os homens e os rapazes da redondeza enchiam as noites joaquineses, movimentando os bares da cidade até a madrugada, na espera ou nos intervalos de uma noite de amor.

Há uma crônica no jornal "A Tribuna" de novembro de 1918, na época em que era delegado o Dr. Sebastião Lage, dizendo sobre a presença inconveniente dessas mulheres frequentando a chegada e partida do trem passageiro, na Estação Mogiana.

"Esta importante empresa rodoviária, atendendo à solicitação do Sr. Delegado de Polícia do novo município está tomando medidas no sentido de impedir a frequência de certas pessoas à estação nas horas de passagens dos trens.

A nossa autoridade policial, logo ao tomar posse do seu cargo, que, a contento geral e com muito critério, vem exercendo há quase um ano, tomou enérgicas medidas no sentido de evitar que a gare da Mogiana fosse frequentada, como vem sendo, de uma forma indecorosa, pelas "horizontais" que aqui residem ou estão veraneando nesta cidade. Para isso chamou as proprietárias das "Pensões Alegres" à polícia, determinando que não mais consentissem que suas "pensionistas" fossem, a título de passeio, à estação nas horas dos trens, consentindo apenas quando tivessem de embarcar ou esperar alguém. Está acertada proibição feita com o pessoal superior da Mogiana, vem acabar com as cenas degradantes, constantemente repetidas na estação e livrar que o nome de nossa sociedade perdesse no conceito perante as pessoas que por aqui transitassem..."

No ano seguinte, o mesmo jornal escreveria, em 6 de novembro de 1919:

"De uns tempos a esta parte, a nossa população honesta e ordeira tem presenciado com desgosto que a nossa cidade está sendo invadida por uma horda de pessoas sem compostura moral, que, durante as noites de sábado e domingo até a madrugada, principalmente, no ponto que as ruas Paraná e Rio de Janeiro fazem esquina, lesam sem pudor o nosso nome de povo civilizado e educado."

No final da década de 1930 já não existia o bar restaurante do Domingo Russo. Ele passou a pertencer ao Sr. Lauro Arantes e ao Armando Medeiros, o motorista do Sr. Adolfo Alfeu Ferrero, que se associaram. Construíram nos fundos um salão que se tornou famoso pelos bailes que nele aconteciam, nos sábados. Batizaram-no com o nome de "Quebra Copo", nele reunia a fina flor das "horizontais" de São Joaquim e região. Os bailes eram animados pelo baterista João Felipe, pelo trombonista Carlito Martini, e o movimento era intenso. O novo bar restaurante consumia todo o peixe fígado pelo velho Barqueti. Perto, o Lulu padeiro deliciava todos com seus pães quentinhos prontos para se transformarem no procurado "molhado", o prato da casa.²⁴

Até a década de 40, as horizontais estavam bem próximas do centro da cidade, a cem metros da Praça 7, logo ao atravessar os trilhos da Mogiana. Mais tarde foram para a Vila Delmiro e Bela Vista. Quando lá estavam concentradas, desciam até a cidade de charrete e, às vezes, de automóvel, para fazer suas compras e suas andanças, tudo dentro de um certo decoro. Durante várias décadas, São Joaquim foi uma festa para os jovens e os boêmios da região, com suas pensões alegres e suas inúmeras "horizontais".

Na década de sessenta, o centro da cidade era frequentado pela elite joaquinese e que não queria conviver com esses 'tipos perigosos' o jornal Folha Joaquinese, de 21 de janeiro de 1962, relata que ainda eram grandes as reclamações contra as "horizontais",

O Meretrício - O mulherio vai descendo

Residentes das ruas Bahia, Goiás e Mato Grosso, acabam de dirigir um abaixo-assinado ao doutor Delegado de Polícia, pedindo providências no sentido que sejam coibidos os abusos de algumas mulheres da vida em seus conventilhos, que prejudicam a tranquilidade e o decoro de famílias moradoras naqueles trechos. Todos nós sabemos que o problema do meretrício, aqui ou em qualquer outra parte, é quase

²⁴ Memórias de São Joaquim II, pag. 212

insolúvel, ainda mais numa cidade pequena como é a nossa, onde o número de habitações ainda não comporta o enorme crescimento da população. A verdade, porém, é que "quengas" que antes residiam nos altos da Bela Vista, ou bem distante das interseções das ruas acima citadas, onde Podiam fazer a bagunça que quisessem, agora iniciaram uma descida mais a o centro, mais para o "miolo", procurando de preferência, alojamento adjacente às suas fontes de trabalho, perto de crianças e estudantes que circulam em direção às suas escolas. Há muitas mulheres que respeitam e reconhecem a sua condição delimitada, mas a maioria procura, propositadamente, provocar escândalos no "faturamento de seus homens" e, como tal, incorrem na infração do desrespeito à dignidade dos transeuntes. Impunha-se, pois, uma reclamação à autoridade competente e esta foi feita. Resta que o recato e o respeito às famílias sejam observados. Nada mais se poderá exigir, porque afinal as meretrizes também têm direito à vida".

As reclamações foram se intensificando tanto que, quase no final da década de 60, por ordem do promotor Dr. Luís Alberto de Moraes, elas foram afastadas para fora do perímetro urbano da cidade, lá pelos lados do campo da aviação, dobrando à esquerda na "curva torta". Ali ficaram pouco tempo, logo voltariam a residir no interior do perímetro urbano. Só que agora, as pensões alegres não mais se concentrariam numa só região. Diluíram-se no mundo joaquinese.

Em 1994, quando São Joaquim comemorava seu 96º aniversário, houve a gincana "Caça ao tesouro" realizada pela prefeitura municipal que assim divulgou:

Caça ao Tesouro

Ache o tesouro e ganhe 300 mil cruzeiros reais (aproximadamente 800 dólares). A Caça ao Tesouro é uma realização da Comissão Municipal, que vai pagar 300 mil cruzeiros reais a quem encontrar o bauzinho da Foto, até às 22 horas do dia trinta de maio de 1994. Ele é pequeno e cabe na palma da mão, e está escondido em algum ponto do perímetro urbano de São Joaquim da Barra. Depois de achá-lo, leve-o à Prefeitura Municipal, para receber o prêmio.

Mapa do Tesouro

Vejo duas retas paralelas de caminhos antigos. Se uma delas não fora truncada, ambas interceptariam outras duas retas, também paralelas, bem mais extensas. Estas não seriam menos históricas que aquelas. As primeiras ficaram fincadas na tradição. As outras se foram, engolidas

pelo progresso, mais um crime do que se chama civilização. No ponto ideal, a mecânica se dava outrora, assim como hoje. Coloque-se aí e descubra caminhos modernos, que vão e voltam, compridos, espichados, feito sonho de cidade grande. Prosseguir é preciso! Para onde, eis o dilema. Pense no amor e escolha sua trilha. Cauteloso, ultrapassará casario moderno e comboio de pedras. Na encruzilhada, não vacile, não tome a rota do pecado. Vá em direção oposta, com menos idílio e mais segurança. A Sombra do áureo guardião, encontrarás, tal qual Cristo em santo Sepulcro, jazendo à sua espera um belo tesouro. Dorme entre vários tons, onde prevalece a esperança. Ao encontrá-lo, mantenha em seu coração a chama desta esperança.

Muitos joaquinenses complicaram-se na rota do pecado que aparece no Mapa do Tesouro. Se muitos dos jovens de hoje procurassem seus pais e avós, eles lhes contariam que a rota do pecado do passado, a curva torta para o caminho da perdição, ia além dos trilhos da Mogiana (atual Avenida Orestes Quércia), nas imediações do Edifício Ângelo Scarelli, rumo ao antigo supermercado Cecílio (entre as ruas Bahia e Rio de Janeiro). Por ali viviam as "horizontais", as "mulheres de vida fácil", ali proliferou as casas de diversões noturnas.

Não se sabe ao certo quando acabaram de fato as pensões alegres, talvez no do final da década de noventa, ou ainda, exista hoje de forma quase imperceptível.

Por causa da "curva torta", os caçadores do tesouro foram para o lado do campo da aviação. Outros, mais jovens, pensaram que a rota do pecado seria o rumo que leva aos três motéis da Via Anhanguera, que foram crescendo aos montes na década de 1980.²⁵ Como mudam as coisas com o decorrer dos tempos!

Um fato interessante e polêmico aconteceu em dezembro de 1980; pichações por todos os lados chamavam São Joaquim da Barra de a Nova Sucupira, (Novela de 1973 Baseada na obra de Dias Gomes, 'O Bem-Amado' é uma sátira política que gira em torno de Odorico Paraguaçu, o oportunista prefeito da cidade de Sucupira). Nesse período, beijar em público era crime; "não se podia pegar na mão, ou até mesmo um beijinho apaixonado em público.

Qualquer infração, era apreendido e pagava-se uma multa de 8 mil cruzeiros.

Na época, o jornalista Heraldo Pereira, da TV Globo, era repórter da EPTV e acompanhou o caso do juiz Nilton Messias que mandou prender mais de 20 casais que estavam namorando na praça, colocando os homens numa cela e as mulheres em outra, durante a noite toda, que ao recordarem do fato, lembram

²⁵ MSJM II 220;

de forma engraçada a situação, dizendo que ficaram acordados à noite toda, contado piada.

De acordo com o juiz, todos os casais de namorados deveriam saber como se comportar em público; e não foram só os jovens que se revoltaram.

27 anos depois, a EPTV, procurou o ex-juiz, então advogado em Ribeirão Preto, que explicou ter sido mal interpretado.

" O delegado da época, era muito moralista, extremamente correto, com ofício na mão, ele saiu a rua e acabou prendendo vários casais a noite. Muitos dos casais presos, acabaram se casando, como os comerciantes Ivone e José Antônio (Xulipa).

A cidade cresceu e a preocupação da polícia mudou muito.

A mesma cidade que um dia foi proibido beijar, registrou 16 anos depois o primeiro casamento homoafetivo, se unindo em cerimônia particular.

A década de 80, de fato deve suas peculiaridades.

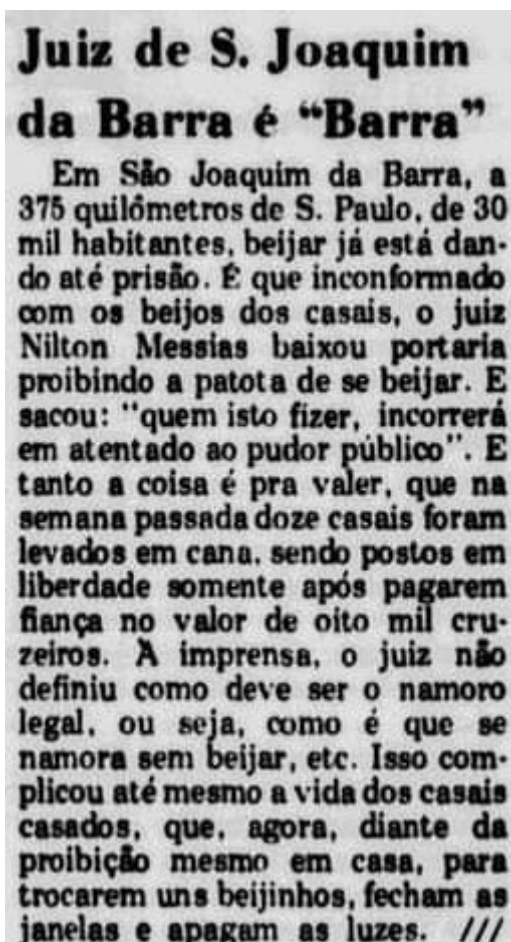


Figura 44.1 – Recorte da década de 1980, registrando o fato, Juiz de São Joaquim da Barra, é "Barra"

1988 - Avenida Orestes Quércia



Figura 45 – Em largo plano vemos a Avenida Orestes Quércia, inaugurada em outubro de 1988, durante a administração do Wagner José Schmidt. A fotografia é de 1992, vemos os quatro primeiros arranha céus da cidade, o mais antigo deles o Edifício São Joaquim, em frente à Igreja Matriz. Em meados de 1980, surgiram o Ângelo Scarelli e José Degiovani. O Lançamento do segundo aconteceu no São Joaquim Tênis Clube em 13 de novembro de 1986, e entregue em 1991, o terceiro, José Degiovani iniciou em novembro de 1986 com inauguração dez anos depois. Ainda vemos mais abaixo o quarto edifício, Primavera na época em construção.

E o sonho de uma grande avenida se tornou realidade. Na década de 1980, quando a FEPASA, antiga Mogiana, foi desativada, retirando seus trilhos que separava a cidade ao meio, deixando um espaço vazio, ocioso e cheio de entulhos, reacendeu no coração do povo joaquinese, um antigo sonho que galgavam desde 1951, quando o prefeito Adolfo Alfeu Ferrero alargou algumas ruas da cidade; a tão esperada Avenida. Todos viam naquele vazio deixado pelos trilhos que trouxe o progresso para a cidade, o lugar ideal para a tão sonhada avenida.

Em 1982, durante a administração do prefeito José Abdalla Jabur, houve uma negociação com a FEPASA, para que a área por ela ocupada, fosse desapropriada. A dívida deveria ser paga em 5 anos.²⁶

Na gestão do prefeito Wagner José Schmidt, que começou em 1983, houve a desistência e novas negociações foram iniciadas. A avenida teria 4.000 metros de extensão, com galerias fluviais necessárias e iluminação paralela nos dois sentidos, com aproximadamente 170 postes, 70.000m² de asfaltamento, e outras benfeitorias.

De fato, a construção foi se tornar prioridade em 1986, quando houve um maior entusiasmo, pois, ela iria diminuir a distância entre os novos bairros periféricos.

Em julho de 1987, as obras foram iniciadas. A inauguração aconteceu em 28 de outubro de 1988, com a presença do governador do Estado Orestes Quércia, Wagner Rossi, secretário de esportes do Estado, deputados Valdemar Chubassi, Ailton Sandoval e Nefi Tales. O governador, além de inaugurar a avenida que leva o seu nome, inaugurou também o laboratório Municipal de Análises Clínicas.

A avenida foi surgindo acanhada, confrontando na sua extensão com os muros de fundo de quintais das casas das ruas Minas Gerais e Voluntário Geraldo.

Em 30 de maio de 1994, por ocasião do aniversário da cidade, o prefeito José Ivo Vannuchi inaugurou a continuação da avenida, que recebeu o nome de Avenida Mogiana, prolongando-a até o aeroporto. A avenida que deveria se chamar Avenida Brasil, ou Avenida São Joaquim, hoje tem dois nomes. No final de 2010, houve uma discussão sobre o nome da Avenida, pois Orestes Quércia estava vivo, e, de acordo com as leis, qualquer bem público não poderia receber nome de patronos vivos. No final da história, Orestes Quércia faleceu em 2010 e o assunto foi encerrado. Mais adiante, seria acrescentado uma terceira parte e mais um nome à avenida...

E de fato, a Avenida mudou a face da nossa cidade. Além de torná-la mais bela, trouxe para São Joaquim outras vantagens preciosas. Desafogou o trânsito, permitindo uma ligação direta com as Cohabs Nosso Teto, João Paulo II, Júlio de Lollo até a Pedro Chediack.



Figura 46 – Foto de 1997, aspectos da vida noturna na Avenida Orestes Quércia no final da década de 1990, havia uma gama de choperias e pizzerias para a população, em primeiro plano, à direita, o calçadão da juventude Luiz Antônio Franco Borini,

²⁶ MSJM – II, pag. 22

Tornou as noites de São Joaquim mais alegres, permitindo que a mocidade joaquinese e da região se esbalde nos seus bares e na bela boate Pantheon e algumas choperias e bares: Pezão, Chopizza, Chopão, Trovos e a Kaballah sorveteria. Aos sábados e domingos, um formigueiro de adolescentes perambulava pela avenida, indo desde a Estação do Chopp, a boate Pantheon, até a Água Doce Cachaçaria (ambos já não existem). Essa região e adjacências ficavam coalhadas de carros, principalmente no calçadão do Tênis Clube.

O bar precursor na predileção dos jovens pela avenida foi o Bar Chopp e Cia, conhecido como Bar da Bia, lá pelos idos de 1987, um ano antes de ser inaugurada a avenida, no cruzamento da Avenida coma rua Paraná, foi descoberto pela moçada e começou um grande êxodo da Praça Sete de Setembro para a Avenida. As senhoras Marli e Luciana de Carvalho remodelaram e inovaram a Chopp e Cia, pelos idos de 1999. Foi demolido e construído o prédio da lanchonete *Subway*.



Figura 47 – Foto de 1997, no final do século XX, a boate Pantheon se tornou a coqueluche do momento, atraindo jovens de toda a cidade e região

Vagarosamente, foram surgindo em frente ao arranha-céu Scarelli (1991) lotes que foram construídos aproveitando os terrenos de fundo da antiga fábrica do sr. José Mauad.

Em 1991, foi inaugurado o calçadão da juventude denominado Luiz Antônio Franco Borini, bem na divisa da avenida entre as ruas Bahia e Paraná.

Em pouco tempo, a Av. Orestes Quércia estaria repleta de casas construídas em terrenos de fundo das casas cujas frentes eram voltadas para a Rua Minas Gerais. O Dr. José Miguel construiu, na esquina em que a Rua Voluntário Geraldo cruza com a Av. Orestes Quércia, um belo complexo de consultórios médicos. O complexo foi construído após a demolição da velha casa do sr. Lino Carteiro.

Professor Lúcio, relembra no seu livro: Conto, canto e encanto com minha história, lançado em 2007 que, na passagem para o terceiro milênio, o prefeito Sandrin construiu as novas instalações do Pronto Socorro Moyses Dip, em 31 de dezembro de 2000.

Logo depois, na gestão do prefeito que o sucedeu, foi construída a Clínica Odontológica Municipal. Poucos sabem que esta avenida tem três nomes: Av.



Figura 48 – Antigo Curral da Pedreira Mattaraia, atualmente foi aberto o loteamento Parque da Barra, rumo ao conjunto habitacional João Paulo II.

Mogiana até a Rua Mato Grosso; Orestes Quércia, até a Av. Orlando Olivato, que cruza a Cohab Paulo Leonelo, daí a diante passa a receber o nome de Av. Miguel Mauad, que leva aos novos bairros Santa Teresinha e adjacentes. De 2000 a 2014, no antigo prédio dos Irmãos Badran, funcionou o Colégio São Joaquim Anglo, que foi demolido e em 2022 e construído a Rede Tonin superatacado, inaugurado em 8 de dezembro de 2022, investindo R\$ 20 milhões na nova unidade.

José Luiz Proença (1989-1992)

José Luiz Proença, nasceu em Ribeirão Preto, no dia 19 de julho de 1943, filho de Álvaro Proença e Olívia dos Santos Proença; era advogado e escritor e foi uma figura multifacetada em nossa comunidade joaquinense. Casou-se com Marlisa de Jesus Bueno, em São Joaquim da Barra e tiveram 6 filhos: Luís Evandro, Marisol, Gisela, Luís Gustavo, Luís Fernando e Daniela. Quando assumiu a prefeitura municipal, o país havia acabado de passar pela constituinte de 1988, que redemocratizou o Brasil. Com sua eloquência e conhecimento profundo da oratória, conquistou reconhecimento como locutor de rádio por muitos anos e tornou-se um renomado instrutor em cursos de expressão verbal em várias cidades.

Em 1972, Proença foi eleito vereador com uma impressionante marca de 1666 votos, estabelecendo um recorde que perdurou até o ano 2000. Sua passagem pela câmara municipal demonstrou seu compromisso com a comunidade desde então.

Como prefeito, de 1989 até 1992, sua gestão foi marcada pelo comprometimento com a área social. Ele fundou o SEMAI - Serviço Municipal de Assistência ao Idoso, cuja sede teve início na Rua Minas Gerais, atualmente local da unidade educacional do ANGLO. Proença desempenhou um papel crucial na construção da Praça Nossa Senhora Aparecida (no Bairro João Paulo II) e na criação e instalação da Delegacia Seccional de Polícia.



Figura 49 – Foto de 12 de outubro de 1991, da inauguração da Praça Nossa Senhora Aparecida, no conjunto habitacional João Paulo II. Da esquerda para a direita: o vereador Abner Parada e dona Marliza Proença, à esquerda José Luiz Proença.



Figura 50 – Foto de 1991, ano da inauguração da Praça Nossa Senhora Aparecida, realizada em 12 de outubro, em comemoração à padroeira da Igreja do bairro.

de 1990, foi inaugurada a ampla e moderna sede da CPFL, nas proximidades do



Figura 51 – Foto de 24 de março de 1990, quando foi inaugurada a ampla e moderna sede da CPFL, nas proximidades do cemitério. Entre as autoridades, Prefeito José Luiz Proença está o Professor Lúcio de Oliveira Falleiros, recebendo as homenagens prestadas ao seu tio Assuero Cardoso, que deu o seu nome às novas instalações. Ao lado do professor Lúcio sua esposa Izaura, o padre Gustavo e Orlando Carlucci

Outro destaque de sua gestão foi a colaboração na implementação dos Conjuntos Habitacionais Paulo Leonelo e João Mattaraia, em parceria com o governo federal e o apoio de seu amigo Itamar Franco. Em 24 de março de 1990, foi inaugurada a ampla e moderna sede da CPFL, nas proximidades do cemitério, em uma homenagem especial denominada Assuero Cardoso. Hoje, esse prédio abriga a garagem da Usina Alta Mogiana e o Departamento de Gestão e Benefícios.

Além disso, em 30 de maio de 1990, na Praça Sete de Setembro, foi erguido um monumento em honra aos bravos pracinhas da Segunda Guerra Mundial, fruto de um projeto concebido pelo arquiteto Prof. Antônio dos Reis Delmônaco. A administração de Proença foi marcada por um profundo compromisso com o bem-estar e o progresso de sua comunidade, deixando um legado duradouro em sua cidade natal.

Faleceu aos 74 anos, em Ribeirão Preto, no dia 2 de fevereiro de 2017

DÉCADA DE 1990

A década de 1990, São Joaquim da Barra, se preparava para celebrar o seu primeiro centenário testemunhou avanços significativos no campo da tecnologia e da comunicação, com a popularização das locadoras de vídeo, a internet, celulares, TV à cabo e o crescimento da indústria de tecnologia da informação. Foi nessa década que as *"lan houses"* se espalharam, pela cidade, locais que as pessoas podiam alugar tempo de uso de computadores para jogar videogames ou para utilizar a internet, que ainda estava começando a se popularizar naquela época.

Nessa mesma década, o Brasil conquistava a Copa do Mundo de Futebol em 1994. A seleção brasileira venceu o torneio realizado nos Estados Unidos, conquistando o tetracampeonato mundial. A vitória foi especialmente significativa porque quebrou um longo período de jejum de títulos para o Brasil, que não vencia a Copa do Mundo desde 1970. O time brasileiro, liderado por jogadores como Romário, Bebeto, Dunga e Taffarel, encantou o mundo com seu estilo de jogo habilidoso e ofensivo, conquistando não apenas o título, mas também o coração dos fãs de futebol em todo o país. Nesse mesmo ano, era implantado o Plano Real, que trouxe estabilidade à moeda brasileira, combatendo a hiperinflação e introduzindo o Real como nova moeda nacional.

Em São Joaquim, as transformações aconteceriam somente na metade da década. Proença terminaria seu mandato em 1992, e em 1993, assumiria a prefeitura municipal José Ivo Vannuchi.

José Ivo Vannuchi (1993-1996)

José Ivo Vannuchi, nasceu na cidade de Sorocaba/SP, no dia 15 de dezembro de 1948, funcionário público, contabilista, professor e, posteriormente, advogado filho do saudoso professor Ivo Vannuchi e de dona Maria da Penha Vannuchi.

Em 1964, ano marcado pelo medo e pela luta contra a repressão", (implantação da Ditadura militar no país), era estudante e funcionário da prefeitura. Zé Ivo, participava ativamente do movimento estudantil, foi preso político por mais de dois anos durante o Regime Militar. Quando ganhou a liberdade, em 1971, começaram uma nova fase no relacionamento e se casaram no dia 22 de abril de 1973, da relação, nasceram dois filhos.

Além de prefeito em São Joaquim da Barra entre os anos 1993-1996, trabalhou como assessor da prefeitura de Ribeirão Preto e em Brasília ocupou o cargo de assessor para assuntos parlamentares dentro do Ministério da Fazenda.

Em 1995, na revista comemorativa dos 97 anos de São Joaquim da Barra destacou os pontos positivos de sua administração:

- Sanou as finanças administrativas municipais;

- Reequipou diversos setores, como as máquinas e os veículos, melhorando substancialmente a limpeza pública e o saneamento básico;
- Iluminou oito bairros inteiros, além de pontos escuros da cidade;
- Ampliação da infraestrutura, com galeria, rede de água, esgoto, asfalto, guias e sarjetas em diversos bairros, que tinham problemas seríssimos, envolvendo até questões judiciais;
- Foram concluídas os três conjuntos habitacionais, Paulo Leonelo, com 200 casas, João Mattaraia com 688 e o Júlio de Lollo, com 426 casas, que significaram de uma vez só mais 1300 casas para a população de baixa renda;
- No final do seu governo, ampliou a Avenida Orestes Quércia para o lado do córrego Olaria, até o início da Avenida Santos Dumont, (estendida rumo ao Aeroporto), esse trecho da Avenida que passou a ter o nome de Avenida Mogiana.
- Carnabarra na Avenida Orestes Quércia;
- Desfile Cívico com a esquadilha da fumaça;
- Deu início à construção do Parque dos Lagos “Antônio Scarpelini”, na entrada da cidade;
- Trocou os paralelepípedos da cidade por asfalto.
- Construiu quadras poliesportivas nas escolas Adolfo Alfeu Ferrero, na escola Edda Cardoso de Souza Marcussi.
- Reformou e ampliou a escola Pedro Amauri Silva;
- Executou a praça Virgolino Nascimento.

Outros fatos importantes marcaram a cidade, como a Academia de letras e Artes Joaquinense, que veremos a seguir.

1996 – Academia de Letras de Artes Joaquinense – ALAJ

A história cultural de São Joaquim da Barra, sempre foi marcada por iniciativas isoladas que nascem, florescem, frutificam e logo em seguida desaparece. Infelizmente foi o que aconteceu com a Academia de Letras e Artes Joaquinense, a ALAJ. A Academia de Letras e Artes Joaquinense, nasceu oficialmente no dia 3 de agosto de 1996, em sessão solene realizada nos salões do São Joaquim Tênis Clube, sob o patrocínio da FEAM-COC e da Prefeitura Municipal de São Joaquim da Barra.

O público, bem como as autoridades municipais constituídas, compareceu em peso, abrilhantando o evento e dando-lhe legitimidade. Entre os convidados, os acadêmicos de Ribeirão Preto pertencentes às duas entidades do município: ARP (Academia Ribeirão-pretana de Letras) e ALARP (Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto).

Nossa ALAJ nasceu, pois, sob o patrocínio e a influência das duas academias vizinhas, como a Academia Brasileira de Letras (cujo primeiro centenário foi comemorado em 1997), nasceu sob o influxo da Academia Francesa.

A ALAJ, em processo de registro em cartório como entidade civil de utilidade pública, era regida por estatutos sociais e contava com 40 (quarenta) cadeiras, as quais seriam paulatinamente ocupadas por pessoas de notório compromisso com a literatura, as artes plásticas, a música, a escultura, o teatro e outras atividades intelectuais e artísticas, de preferência vinculadas com a realidade joaquinese.



Figura 52 – Sentados os empossados: Antônio Donizeti Pires, Maria Lúcia Cardoso Santos, Lúcio de Oliveira Falleiros, Antônio Bonutti, Antônio Reis Delmônaco, e padre Lino Zagarella.



Figura 53 – O acadêmico Lúcio de Oliveira Falleiros, recebendo o diploma das mãos do prefeito José Ivo Vannuchi.

Cada cadeira era regida por um patrono, os quais, necessariamente já falecidos, eram escolhidos entre os filhos ilustres de São Joaquim da Barra ou entre figuras proeminentes das artes. Em outras palavras: para se ser um acadêmico da ALAJ era preciso estar bem vivo e produzindo arte ou influenciando positivamente na cultura de nossa cidade; para ser patrono de uma das várias cadeiras disponíveis e tornar-se imortal, era preciso que o indicado já tivesse falecido.

A composição da ALAJ, após a última reunião realizada em 31 de agosto de 1996, quando foram empossados dois novos acadêmicos, foi a seguinte:

- **Cadeira nº 1** – Patrono: Dr. Alcino Junqueira Meirelles, foi ocupada pelo saudoso Professor Lúcio de Oliveira Falleiros, professor e memorialista;
- **Cadeira nº 2** – Patrono: Manoel Damásio Ribeiro, foi ocupada pela Prof.^a Maria Lúcia Cardoso dos Santos;
- **Cadeira nº 3** – Patrono: Prof. Ivo Vannuchi, ocupada pelo escritor Antônio Donizetti Pires;
- **Cadeira nº 4** – Patrono: Manoel Gouveia de Lima, ocupada pelo arquiteto e artista plástico, Antônio Dos Reis Delmônaco;
- **Cadeira nº 5** – Patrono: Pe. Mário Lano, ocupada pelo amigo sacerdote Pe. Lino Cerenzia Zagarella;
- **Cadeira nº 6** – Patrono: Sérgio Leça Teixeira, ocupada pelo maestro Antônio Bonutti

Posteriormente foram empossados:

- **Cadeira nº 7** – Patrono: Dr. Carlos Rezende Enout, ocupada pelo meu primo Geraldo Manjelo Lara Dias, arquiteto e artista plástico;
- **Cadeira nº 8** – Patrono: Assuero Cardoso, ocupada pela professora e artista plásticas Débora David.
- **Cadeira nº 9** - Patrono: Francisco Marcolino Diniz Junqueira, empossada pelo Eduardo Diniz Junqueira
- **Cadeira nº 10** – Patrono Dr. José Ribeiro Fortes, empossada pelo professor Eduardo Aparecido Ambrozeto;

A diretoria da ALAJ, foi empossada no dia 3 de agosto de 1996:

- Presidente: Maria Lúcia Cardoso dos Santos
- Vice-presidente: Lúcio de Oliveira Falleiros
- Secretário: Donizethi Pires
- Tesoureiro: Antônio dos Reis Delmônaco

Os membros fundadores da Academia, que trabalharam incansavelmente para que a instituição se tornasse realidade, foram empossados em 31 de agosto, em cerimônia na FEAM-COC. São eles:

- Sr. Dr. José Ivo Vannuchi, prefeito municipal, e sra. Maria Helena Borges Vannuchi
- Sr. Dr. Júlio César dos Santos, juiz de direito da comarca
- Sr. José Antônio de Oliveira Neto, diretor-executivo da FEAM-COC
- Sra. Neusa Ramalho dos Santos Vilani, diretora pedagógica da FEAM-COC
- Sr. Pedro Renato Barbosa e Sra. Maria Fátima Villa Barbosa, diretores assistentes da FEAM-COC
- Sra. Maria Conceição Alves Ferreira de Paula, delegada de ensino
- Sra. Maria Lúcia Cardoso dos Santos, acadêmica
- Sr. Lúcio de Oliveira Falleiros, acadêmico

Colaboraram também as professoras: sras. Lidiane Marchetto, Maria Amália Aleixo Sandrin, Marília Malheiro e Sônia Leça Teixeira Ferrero. Os acadêmicos da ARL (Academia Ribeirão-pretana de Letras): srs. Antônio Carlos Tórtoro (presidente da ARL), Ely Lanes, Nilva Mariane e Rosa Maria Concenzo.

Os acadêmicos da ALARP (Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto): srs. Oscar Luís de Moura Lacerda (presidente da ALARP), Alcides Antioro dos Santos, Augusto Martinez Perez, Cleo Reis, Fernanda Moço Ripomonti, Jair Yanni de Paula, José Veloni, Julieta Taranto, Miguel, Angelo Barbosa e Willie Alves Bueno.

A sede social da ALAJ não existia de fato, mas a FEAM-COC tinha colocado à disposição dos acadêmicos uma sala para suas reuniões. Toda a infraestrutura da escola, bem como seu pessoal, tinha sido de grande valia para a concretização desse sonho compartilhado por mais de um joaquinese, de fazer de nossa cidade um polo de produção e difusão cultural. A academia não chegou a ver os primeiros dias do novo milênio...

Ainda na década de 1990, em 29 de abril de 1997, A Quebec empreendimentos imobiliários e construções Ltda., entregou o edifício Salermo do Residencial 'Village de Itália', conforme compromisso assumido por seus diretores. Os edifícios que na inauguração ficaram conhecidos como (os predinhos coloridos da rua Amapá), foram erguidos nas terras do antigo sítio Graminha, que perfazia um total de 12 alqueires. Com a construção da Via Anhanguera, o sítio foi dividido em duas partes; o Sr João de Freitas adquiriu juntamente com o sr. Geraldo Teixeira a parte urbana, que depous ficou com a parte onde hoje se localizam a Vila Sônia I e II, e o sr João, com a parte que foi vendida em 1997 para a firma CEM Empreendimentos Imobiliários, que transformou esta área em residencial Bairro João de Freitas.

A outra parte situada à direita da Anhanuera, aproximadamente o KM382, foram construídas a Venturoso Valentin e Cia Ltda.



Figura 54 – Os famosos predinhos coloridos da rua Amapá, construídos em 1997, no antigo sítio Graminha

Caminhávamos para o segundo milênio cheio de sonhos...

Jorge Antônio Barbosa Sandrin, o último prefeito do século XX

“Mesmo diante das grandes dificuldades financeiras enfrentadas pela administração, foram realizados importantes obras para o município, as quais melhoraram significativamente a qualidade de vida da população joaquinese”

Jorge Sandrin, Prefeito Municipal de 1997 a 2000.

De fato, não faltou trabalho na gestão do Dr. Jorge Sandrin²⁷. Desde o primeiro dia de seu mandato, em 1º de janeiro de 1997, empenhou-se e conseguiu equilibrar as contas públicas. Entre as diversas obras realizadas, destacam-se:

- O asfaltamento vicinal da estrada que liga São Joaquim da Barra a Nuporanga;
- A solução para o problema da favela na rua Paulicéia, que foi demolida e realocada para as 18 casas construídas na COHAB;
- A urbanização e o saneamento do Córrego Olaria, que incluiu a inauguração da rua Dona Odete Dip Badran, totalmente asfaltada, proporcionando uma conexão com as casas da COHAB Pedro Chediack;
- A reforma da Praça 7 de Setembro, transformando-a em um verdadeiro encanto de arte e bom gosto;
- O prolongamento da rua Pernambuco até alcançar a Avenida Orestes Quércia;
- Construção do Centro de Educação Infantil Dr. Antônio Martorano, o maior e mais moderno da cidade;
- Construção da Unidade Básica Irmã Terezinha Gema Dalmolin²⁸;
- Instalação do Posto Artesiano Profundo no bairro Júlio de Lollo;

²⁷ Jorge Sandrin, nasceu em Monte Azul Paulista em 3 de março de 1956.

²⁸ Durante seus 65 anos de Vida Consagrada a Jesus Salvador, Irmã Therezinha doou sua vida por uma causa nobre, aos doentes. Trabalhou em alguns no estado de São Paulo, porém a maior parte de sua vida, em São Joaquim da Barra/SP. Ela chegou à cidade São Joaquim da Barra, no ano de 1956.

Exerceu na Santa Casa a profissão de enfermeira, como responsável pela pediatria. As crianças foram para ela a imagem viva de Jesus Cristo, pois necessitavam de carinho e cuidados especiais. Além dos cuidados físicos, Irmã Therezinha exercia também a Missão de Mãe Espiritual desses pequeninos, pois os levava diariamente para a oração comunitária. Falava com ternura e amor das crianças, especialmente daquelas que se encontrava em situação grave, acompanhando-as o tempo todo com suas orações e cuidados. Ficava feliz ao ver as crianças reagindo bem ao tratamento recebido e ficava triste, mas, confiante em Deus com as crianças sofredoras quando não conseguia entender o que se passava com elas. Também, na sua bondade e amor, Irmã Therezinha deu uma grande ajuda às Irmãs idosas de sua Comunidade Mater Salvatoris. Apreciou muito o cuidado com a Vida, Testemunhou o amor e o carinho que Deus tem para com os pequeninos. Ela foi uma expressão da bondade de Deus para o povo joaquinese e para suas Irmãs de Congregação.

- Implantação do trabalho social realizado pelo Projeto Girassol, no antigo aeroporto de São Joaquim.

Além disso, inauguração das novas instalações do Pronto Socorro Moysés Dip, na avenida Orestes Quércia.



Figura 55 – Ano de 2000, inauguração da Unidade Básica de Saúde, Irmã Terezinha Gema Dalmolin, no bairro Júlio de Lollo. Na foto aparecem: Eder Tavares (de camisa branca), Irmã Terezinha, e o prefeito Jorge Sandrin. Irmã Terezinha, faleceu em 9 de março de 2015, vítima de leucemia e está sepultada em São Joaquim da Barra.

Eu acompanhei os últimos dias de vida da Irmã Terezinha, já debilitada, não demonstrava em nenhum momento vencida pela doença, sempre serena, numa paz inquietante, passou seus últimos dias rezando e fazendo tricô para familiares e amigos.

1998 - Centenário de São Joaquim da Barra

O centenário da cidade de São Joaquim foi celebrado durante a gestão do prefeito Jorge Sandrin, em uma empolgante comemoração, realizada em 30 de maio de 1998. Destacando-se entre as instituições escolares envolvidas, a FEAM – COC demonstrou uma notável dedicação para tornar o evento especial. A escola, reunindo professores, alunos e pais, deu início à celebração à zero hora do dia 30, ao som dos fogos de artifício, em uma emocionante Passeata Cívica que percorreu a Avenida Orestes Quércia, partindo da antiga estação da Mogiana.

A fanfarra à frente abrilhantava o desfile, enquanto os sinos da igreja ecoavam festivamente, reconhecendo o marco na história centenária da cidade.

Desde maio de 1997, o hall do banco Banespa servia como palco para uma exposição de fotografias que narravam a trajetória do município, um projeto conduzido por José Henrique Maríncolo, a professora Aparecida Pericim e o professor Lúcio de Oliveira Falleiros, com o apoio do Banespa, da FEAM COC e da ALAJ (Academia de Letras e Arte Joaquinense).



Figura 56 – Fidelis Rossini, na época gerente do Banespa, ao lado do painel exposto no Hall do banco, durante as 52 semanas que antecederam o centenário de São Joaquim

Foram 52 semanas, antes da data do centenário. Cada semana a exposição, fazia a renovação de 4 fotografias sobre o passado de nossa gente, junto com a Frase: "São Joaquim da Barra a 30 semanas de seu centenário. No total, 208 fotos foram expostas, proporcionando aos visitantes uma viagem cativante pelo passado da região. Além disso, a direção pedagógica e os alunos da FEAM contribuíram para a conservação da história, encadernando 20 coleções de jornais de 1918 a 1935, que existiam em nossa biblioteca municipal. Uma realização com o objetivo de preservar esse acervo histórico importante que relata muito da vida de nosso município, facilitando assim o acesso a esse valioso acervo.

Como parte das festividades, a Prefeitura e a escola uniram esforços para promover o Baile do Centenário, uma noite marcada por alegria e nostalgia, onde reencontros e memórias se entrelaçaram. Durante o evento, com o apoio do Jornal A Voz, foi distribuído gratuitamente o terceiro livro do professor Lúcio, contendo crônicas e fotos da cidade, enriquecendo ainda mais o registro histórico do centenário. As celebrações culminaram com um vibrante desfile pelas ruas de São Joaquim, encerrando de forma grandiosa os festejos em honra aos 100 anos da cidade.



Figura 57 – Prefeito Jorge Sandrin, a primeira-dama Luciana, Ana Maria Braga e sua amiga de infância Regina Maura

A querida apresentadora Ana Maria Braga, orgulhosa de suas raízes joaquineses, recebeu com toda a elegância e alegria sua amiga de infância, Regina Maura, no seu programa especial "Note e Anote", transmitido pela TV Record, às vésperas do aniversário da cidade. Regina estava acompanhada de sua filha Silvana, do prefeito Jorge Sandrin e da primeira-dama Luciana Pimenta Sandrin.



Figura 58 – Baile do Centenário, promovido pelas escolas FEAM COC, Pingo de Gente e Prefeitura Municipal, com grande parte da sociedade joaquinese, muitos convidados descendentes dos primeiros moradores do povoado.



Figura 59 – O antigo piso da praça foi removido para dar lugar aos novos ladrilhos, realçando a beleza da área de passeio na Praça Principal.

Já no ano de 2000, um dos grandes feitos da administração foi a reforma de nossa praça 7 de Setembro se tornando um verdadeiro cartão de visita para o transeunte. Dr. Jorge, modificou-a, usando muito bom gosto e muita arte, preparando-a com espera para a chegada do novo milênio.

A praça ficou tão bela e aconchegante, que trouxe as noites de sábado e domingo o mesmo fascínio que era exercido na mocidade, no início de sua existência. Foram substituídos todo o calçamento por ladrilhos hidráulicos de cor cinza e amarelo, formando um lindo mosaico quadriculado, foram refeitos todo o ajardinamento e iluminação, deixando praça mais iluminada e aconchegante. No largo da matriz, vendedores ambulantes vendendo guloseimas, com bancos, pula-pula para a criançada e mesinhas para os fregueses. Em volta da fonte, crianças andando ao redor com seus pais e irmãos, outras, sentadas admirando a beleza da sua atividade, com músicas nostálgicas; mas a magia, do domingo, fica com a Banda Lira União e

Trabalho, tocando músicas variadas, animando a noite dominical, isso ajuda a criar essa atmosfera provinciana, proporcionando momentos de encantamento.



Figuras 60 e 61 – A Praça 7 de Setembro em 2000, exibindo sua cabine telefônica. Na era dos telefones públicos de cartão com crédito, que substituíram as antigas fichas telefônicas, surgiram curiosidades interessantes. Na época, colecionadores buscavam cartões telefônicos estampados com imagens de cidades, costumes, animais e países.



Figura 62 – Assentamento do novo piso hidráulico na praça Sete de Setembro, ao fundo a fonte Sonora Dr. Mário Rossi, inaugurada em 1966.



Figura 63 – Ano de 2000, No começou a ser erguido um novo loteamento pelos lados da SANBRA – Jardim Canadá

UM NOVO MILÊNIO – ANOS 2000

Maria Helena Borges Vannuchi

Maria Helena Borges nasceu às 20h15min do dia 8 de agosto de 1946 na rua Regente Feijó, cidade de Ipuã/SP. Filha de Francisco Silveira Borges, lavrador, e dona Joana Zanatto Borges. Maria Helena é neta, pelo lado paterno, de Virgínio Garcia Borges e Helena da Silveira, e bisneta de Francisco Garcia Borges, conhecido por Chico Lucas, da fazenda Santo Antônio, um dos primeiros fazendeiros desta região. Pelo lado materno é neta de Antônio Zanatto e Antonieta Zanatto. Desde muito cedo trabalhou em fábrica de calçado e nas máquinas de beneficiar café da família Ferrero, como “catadeira”, na separação dos grãos. Formou-se em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio “São José”, e tornou-se professora pela Escola Estadual “Profa. Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta”. Como funcionária pública trabalhou 22 anos na Contadoria da Prefeitura Municipal, tendo ingressado em 1965, na primeira administração do prefeito José Abdalla Jabur, continuando seu mister também com os prefeitos Lair Loveran Deienno, Roberto Rezende Junqueira, de novo com o prefeito Jabur e Wagner José Schmidt. Formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Moura Lacerda”, tendo lecionado por mais de 25 anos, encerrando sua carreira do magistério na Escola Estadual “Manuel Gouveia de Lima”, onde também foi Diretora.



Figura 64 – Maria Helena Borges Vannuchi, administrou São Joaquim da Barra por dois mandatos consecutivos.

Os cargos públicos eletivos nunca foram colocados como objetivo em sua vida. Eles aconteceram de forma natural. O sonho por um país mais justo começou a se formar em sua mente dentro de casa, ainda na infância, ouvindo as conversas que seu pai, simpatizante das teses socialistas, mantinha em reuniões com amigos e companheiros que comungavam as mesmas ideias.

“Aquela época foi marcada pelo medo e pela luta contra a repressão”, diz Maria Helena quando relembra os tempos vividos no pós 1964, ano em que foi implantada a ditadura militar. Foi nesse período que conheceu o grande amor de sua vida, José Ivo, que na época era estudante e também funcionário da

Prefeitura. Zé Ivo, que participava do movimento estudantil, foi preso político por mais de dois anos durante o Regime Militar. Quando ganhou a liberdade, em 1971, começaram uma nova relação - de simples amizade para namoro.

Casou-se aos 27 anos com José Ivo Vannuchi, num domingo de Páscoa, no dia 22 de abril de 1973 (um dia chuvoso, desses típicos de abril), ele também funcionário público, contabilista e professor e, posteriormente, advogado. Filho de dona Maria da Penha Vannuchi e do saudoso professor Ivo Vannuchi. Seguindo os passos do marido Zé Ivo, que foi vereador (1983/1988) e prefeito (1993/1996), Maria Helena, na condição de primeira-dama, foi-se tornando muito conhecida, respeitada e querida pela forma com que conduziu a área de Assistência Social do município. Depois, em 2001, como candidata pela primeira vez, foi eleita vereadora - a mais votada da história política do município, até então. Em 2004, Maria Helena, eleita pelo Partido dos Trabalhadores - PT, tornou-se a primeira mulher a reger o município.

Quatro anos mais tarde, em 2008, se reelegeu prefeita e, em 2012, se despediu da prefeitura, carregando a sensação de dever cumprido.

Marcando ainda o empoderamento feminino na administração pública, Maria Helena também foi a primeira mulher diretora do Tiro de Guerra de São Joaquim da Barra.

Do seu legado administrativo ficou marcada na memória da população a entrega, em 2012, do novo Terminal Rodoviário Urbano, antigo sonho dos joiaquenses, obra iniciada décadas antes e interrompida diversas vezes, seja por questões burocráticas, seja por incúria e/ou inidoneidade de empresas construtoras - como mencionamos no livro "Pela Janela do Tempo", Volume I. Outras obras, como a entrega do Auditório Arthur Parada e do Parque dos Lagos na entrada principal da cidade, serão sempre lembradas. Mais ainda o trabalho que desenvolveu na Educação Municipal, no Esporte e da Saúde.

Conheci dona Maria Helena através de uma amiga em comum, Ana Maria Gouveia Straiotto. Não me lembro a ocasião, mas foi numa visita, dentro da casa da prefeita. Esbocei não mais que duas ou três palavras, tamanha a minha timidez. De lá para cá, porém, fomos nutrindo aos poucos uma amizade que perdura até os dias de hoje. E, de fato, analisando toda a sua trajetória pessoal, profissional e política, seja qual for sua posição político-partidária, é difícil alguém na cidade não reconhecer seus méritos como prefeita e como figura humana.

Para Maria Helena, os avanços na área da Educação foram sua maior conquista "fazer a diferença na vida dessas crianças que estudam em São Joaquim da Barra ". Transformou todas as escolas municipais em escolas modelos, adequadas para o século XXI, com lousas e carteiras digitais, salas climatizadas, informática, brinquedoteca, sala de balé, judô e parquinhos de diversão para as crianças. Detalhes que fizeram a diferença e que foram elogiados pelo Ministro Alexandre Padilha, durante o programa Roda Viva da TV Cultura, em 29 de abril de 2014.

Outro grande legado de sua gestão foi a Feira do Livro, disseminando cultura entre a população joaquinese, desde sua primeira edição em 2007.

Maria Helena se considera uma mulher feliz, privilegiada por tudo que conseguiu em sua vida pessoal, profissional e pública.

Seu incansável trabalho na promoção da educação, cultura e assistência social elevou nossa cidade a novos patamares de excelência. Maria Helena não apenas fez história, mas deixou um exemplo inspirador de serviço público e amor à comunidade.



Figura 65 – Parque dos Lagos “Antônio Scarpellini”, na entrada da cidade abrange os dois lados da via de acesso da entrada principal da cidade numa área de 54 mil metros quadrados. Foi inaugurado em 30/12/2012. Estavam presentes as homenagens além da esposa Dona Jerônima, os filhos Benedito e Donizete, as noras Sirlei e Patrícia e as netas Maíra e Anita, além de amigos, autoridades e moradores do bairro que já frequentavam o local antes da inauguração oficial.

Nasceu em São Joaquim da Barra/SP, no dia 14 de maio de 1962, filho de Alcênio José Mian, comerciante; e dona Maria Wilma de Paula Mian, professora, sua irmã; Flavia Maria de Paula Mian.

Em 1986, formou-se em medicina pela Faculdade de Catanduva/SP (FAMECA), especializando em obstetrícia e ginecologia. Como médico, realizou mais de 8.500 partos, em pouco mais de 30 anos de profissão, foi também Diretor regional de Saúde (DRS8 - Franca).

Em 28 de julho de 1989, casou-se com Dulcineia Lopes Mian, e tiveram dois filhos: Marcela Lopes de Paula Mian, Mateus Lopes Mian.

Há mais de vinte anos na vida política, Dr. Marcelo se elegeu vereador durante as eleições de 2001 a 2004. De 2005 a 2012, foi eleito como vice-prefeito da candidata Maria Helena Borges Vannuchi. De 2013 a 2020, foi eleito e reeleito prefeito de São Joaquim da Barra; disputando 5 candidaturas, todas elas vencidas durante os 20 anos de vida pública e política. Dentro de sua administração podemos elencar alguns grandes feitos:

Em 2015 foi inaugurada Escola infantil em Joaquim Pontes;

Em 21 de novembro de 2015, foi inaugurado o serviço de coleta seletiva, com intuito de diminuir a poluição e se tornando uma fonte de renda para os agentes recicladores;

Em 2016, foi inaugurado o Serviço de hemodiálise em São Joaquim da Barra; o município vem investiu recursos próprios para a manutenção do serviço, e, garantindo o atendimento dos pacientes de São Joaquim da Barra, que deixaram de viajar e passaram a se tratar na cidade. Após a inauguração, iniciou a batalha para habilitar o serviço de hemodiálise junto ao Ministério da Saúde, para assim receber recursos para custear a unidade. Em julho de 2017, o Ministério da Saúde baixou a portaria, nº 1.270 SAS/MS, com isso, cerca de 170 mil reais mensais serão repassados para o serviço.

Em 28 de junho de 2016, foi inaugurado solenemente a Unidade Básica de Saúde (UBS) do Jardim Guarujá/Lapa para atender os pacientes dessa região, que antes não dispunham de uma unidade de saúde local. A UBS Dr. Amélio Joaquim de Oliveira²⁹ foi financiada com um investimento de 408 mil reais provenientes

²⁹ ²⁹ Amélio Joaquim de Oliveira nasceu no dia 17 de agosto de 1933 em Miguelópolis, onde passou a infância em uma fazenda. Ele estudou na cidade até o ginásio. Aos 15 anos de idade veio para São Joaquim da Barra, onde cursou o científico na Escola Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta. Amélio foi para Ribeirão em 1956 e lá cursou faculdade de odontologia na USP. Já formado, ele voltou para São Joaquim da Barra em 1.960 e abriu o primeiro consultório na Rua Ceará, onde ficou por cinco anos. Depois se mudou para a Rua Amazonas onde atendeu como dentista por mais 22 anos. Amélio prestou a sua contribuição na política, já que foi vereador por 12 anos.

Nessa área contribuiu muito no turismo, já que foi membro da comissão organizadora da Festa da Soja. Como vereador, ele participou da implantação do Pronto Socorro que na época era na Rua Marechal esquina com a Rua Minas Gerais. Como dentista atendeu por 27 anos em São Joaquim da Barra e sempre teve uma preocupação com os mais carentes e os necessitados.

do Fundo Nacional de Saúde, destinado pelo governo federal. Localizada no cruzamento das ruas Antônio Stupello e Tiradentes, a unidade está estrategicamente posicionada para servir aos bairros Lapa Nova, Lapa Velha, Jardim Marivan e Jardim Guarujá. A UBS também irá abrigar a Estratégia de Saúde da Família (ESF), oferecendo um suporte abrangente aos residentes locais.

Em junho de 2016, foi inaugurada a Unidade de Pronto Atendimento Dr. Dante Chavaglia (UPA), fruto de um investimento conjunto dos governos municipal e federal, totalizando R\$ 3 milhões. Segundo o prefeito Marcelo Mian, "a União



Figura 66 – Unidade de Pronto Atendimento – UPA, Dr. Dante Chavaglia, inaugurada em junho de 2016

contribuiu com um milhão e quatrocentos mil reais, enquanto a prefeitura aportou cerca de um milhão de reais de recursos próprios. Além disso, a unidade foi equipada com uma verba de 600 mil reais do Ministério da Saúde, conquistada pelo prefeito;

No dia 1º de julho de 2016, o Centro de Convivência do Idoso Alcênio José Mian foi oficialmente inaugurado, entre os cruzamentos das ruas Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. É uma sede própria projetada para oferecer serviços destinado especificamente para a comunidade idosa, que tanto contribuiu para o desenvolvimento de nossa cidade. O espaço inclui um salão de baile com



Figura 67 – Inauguração da Escola José Flora em maio de 2019, discursando Deputado José Engler.

capacidade para 150 pessoas, refeitório com sala de jogos, piscina aquecida com vestiários, quadra esportiva, sala de alfabetização, sala de bordados e uma sala de apoio para atendimento médico. Em 31 de maio de 2019, inauguração da Escola Infantil José Flora;

Em 03 de outubro de 2020, foi inaugurada a Estação de tratamento de esgoto. Com a inauguração da ETE,

Ele sempre prezou pela qualidade no atendimento voltado para a saúde bucal. Sr. Amélio contribuiu muito para a profissão. Dr. Amélio se casou com Zélia Pereira dos Santos, com quem viveu por 21 anos, e teve três filhos e 4 netos. Conhecido como Amélio dentista, ele deixou a sua marca na profissão e contribuiu muito com a cidade. E hoje, em justa homenagem patrona a UBS da Lapa/ Jardim Guarujá.

o projeto do Novo Distrito Industrial de São Joaquim da Barra ampliou a infraestrutura para receber novas empresas e, conseqüentemente, alavancar a geração de empregos para a população.

Em 06 de janeiro de 2020, foi realizada a cerimônia de inauguração do SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de São Joaquim da Barra. O evento foi realizado no próprio espaço, ao lado da UPA – Unidade de Pronto Atendimento.

A Casa de apoio de São Joaquim em Barretos foi inaugurada no dia 4 de junho de 2014. A prefeitura da cidade alugou o espaço para servir de apoio aos pacientes e acompanhantes que tratam no Hospital de Câncer de Barretos. O local oferece todo o conforto necessário, com quartos para descanso com TVs. A Casa fornece aos pacientes e acompanhantes toda alimentação necessária, como café da manhã, almoço e lanche da tarde. Antes, eles não tinham um local para aguardar o atendimento. Com a criação da Casa de Apoio, passaram a ter um espaço confortável para esperar pela consulta e outros procedimentos. O atendimento oferecido a esses pacientes é totalmente humanizado. Diariamente, diversas pessoas são atendidas. Lembrando que todo custo de manutenção da Casa de Apoio é por conta da prefeitura de São Joaquim da Barra.





Figura 68 – Fotografia aérea noturna, em primeiro plano a Praça 7 de Setembro, toda iluminada e ao fundo parte dos bairros de São Joaquim da Barra

Wagner José Schmidt

Nasceu na cidade de Franca, no dia 9 de fevereiro de 1952, filho do professor Nelson Schmidt e dona Erotildes Ávila Schmidt (casados em 18 de junho 1942). São seus avós paternos: João Conrado Schmidt e Rita Hebling (de origem alemã) e maternos: Antônio Francisco D'Ávila e Benedita Atanes, são suas irmãs: Ely Therezinha Schmidt Lima, nascida 1943 e Wilma Aparecida Schmidt Bacchin, de 1947. Casado com dona Marilda Dias de Azevedo, tiveram dois filhos: Ricardo e Gabriela e os netos: Gustavo, Maria Eduarda, Luiz Felipe e Maria Fernanda.

Schmidt, estudou no Grupo Escolar Presidente de Moraes, em Franca entre 1959 a 1962; de 1963-1968, na escola Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta; e, 1969, na escola Otoniel Motta em Ribeirão Preto.

Na década de 1970, preparando para o curso superior, fez o Curso Preparatório Luiz de Queiroz (CLQ); em 1971-1974 – formou-se em agronomia pela ESALQ em Piracicaba/SP; nesse período, no ano de 1973, fez especialização na Europa por dois meses;

Em 1975, passou a integrar a Associação de Crédito e Assistência Rural de Mato Grosso (ACARMAT); nesse mesmo ano assumiu o escritório de assistência agrônômica da mesma instituição, em Campo Grande/MT;

1976 – Em concurso prestado, assumiu a casa da agricultura de São José da Bela Vista/SP;

Em 1979, transferiu-se para a casa da agricultura de São Joaquim da Barra;

2008 – Secretaria da Agricultura de SP;

Em sua vida política:

1983 – 1988, foi eleito para seu primeiro mandato como prefeito de São Joaquim da Barra;

1989 – Foi nomeado pelo governo do estado de São Paulo, diretor do Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), na secretaria da habitação;

1990 – Nomeado diretor do Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (DAESP), secretaria dos transportes;

Em 1991, passou a integrar a Assessoria do deputado Michel Temer (Presidente da Câmara dos deputados);

1994 – Reassumiu o cargo de assistente agropecuário da CATI em São Joaquim Da Barra-SP;

2001 – 2004 – eleito para prefeito, segundo mandato;

2005 - Reassume o cargo na CATI e se aposenta em 2008;

2020 – Eleito prefeito, assume a Prefeitura de São Joaquim da Barra, até 2024.

Da sua trajetória como administrador municipal, podemos elencar algumas, não todas, das realizações do prefeito Wagner; transformou o antigo leito da estrada de Ferro da Mogiana, que se tornara um depósito de lixo e entulhos, em uma avenida que mudou completamente o aspecto da cidade,

dando vida nova ao espaço e permitindo novos horizontes de desenvolvimento. Em homenagem ao governador do Estado de São Paulo, da época, com aval da Câmara de Vereadores, foi denominado o nome de Avenida Orestes Quércia.

Com a inauguração da avenida, diminuiu a distância entre os bairros periféricos e o centro, ligando também o conjunto habitacional João Paulo II, Nosso Teto, e Jardim Paulista, melhorando consideravelmente o fluxo viário dentro da cidade. A inauguração aconteceu no dia 28 de outubro de 1988, com a presença do governador Orestes Quércia.

Outra realização importante em sua gestão foi a construção do Velório Municipal, inaugurado no dia 23 de maio de 1988 e remodelado e aumentado mais tarde na segunda gestão (2002-2004).

Em 1983, construiu o reservatório d'água para o conjunto habitacional João Paulo II e Nosso Teto, em 1985, construiu reservatório de 1 milhão de litros próximo à pedreira Mattaraia, nesses mesmos bairros foi o responsável por toda a infraestrutura, hidrômetros, rede de água, guias, asfalto, totalizando 65 mil metros quadrados.



Figura 69 – Panificadora Municipal e Usina de leite de soja, atualmente desativadas

Construiu a Usina de leite de soja e a panificadora municipal; Em 1986, a estrada que liga São Joaquim a Morro Agudo foi asfaltada;

Usina de asfalto;

Construiu próximo ao cemitério o Velório Municipal, em 1988

Construiu o centro comunitário no bairro Pedro Chediack;

Construção do campo

de Futebol na SANBRA;

Construiu a creche Fernando Cezar Fonseca;

A escola Crespo Antônio Filetti, foi construída em tempo recorde, 70 dias.



Figura 70 – Vista aérea do Parque Permanente de Exposições Tancredo Neves

Construiu o Parque Permanente de Exposição "Tancredo Neves", o "Tancredão", com aproximadamente 40.000m², e ao seu lado, em 1988, com recursos do município e da secretaria de turismo, o Ginásio de esportes "João

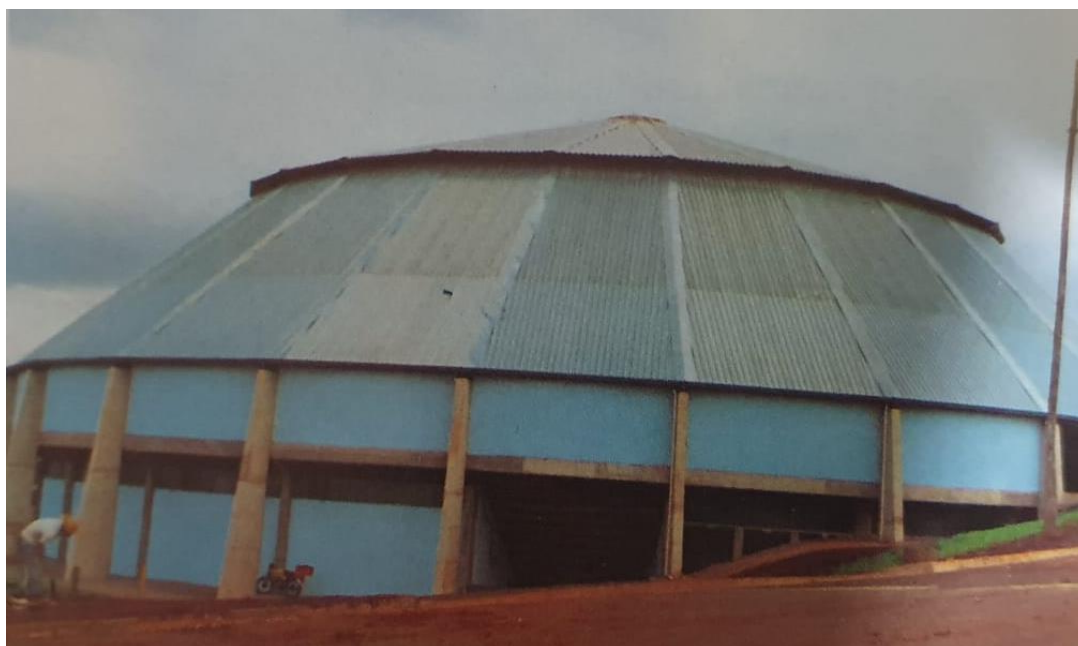


Figura 71 – Foto de 1992 - Ginásio de Esportes João Batista de Freitas Malheiro, inaugurado em 1988.

Batista de Freitas Malheiro", na época o maior da região, com capacidade para abrigar 5 mil pessoas.

Nesse ano, a nossa cidade foi sede dos jogos regionais, com mais de 3.500 atletas.

No mesmo ano, Praça Brasil foi toda ajardinada, preparando-se para mudar de nome. Passou a ser chamada Praça Padre Mário Lano, após sua inauguração em 28 de maio de 1988, véspera do aniversário da cidade.

Criou o Laboratório Regional de análises Clínicas;

Nos tempos hodiernos, trocou as lâmpadas da cidade por a iluminação de LED;

Adquiriu 10 ônibus seminovos para transporte de universitários;

A Prefeitura de São Joaquim da Barra fez parceria com o SENAI para disponibilizar cursos de aprendizagem industrial.

As EMEB Margarida Beziack Zelesnikar e EMEB Jayr de Andrade receberam a construção de quadras cobertas que permitem que as crianças pratiquem esportes e atividades físicas independentemente das condições climáticas;

Festa do Peão 2 edições no último mandato;

Substituição da tubulação antiga de amianto nos bairros Vila Deienno e Baixada;

Está em construção a Farmácia e Almojarifado Municipal, visando facilitar a dispensação de medicação;

Reformou as UBSs do município;

Concluindo ambulatório veterinário municipal;

Manutenção e revitalização do parque ecológico;

Adquiriu 50 novas frotas;

Aquisição do novo distrito industrial, com 43,73 hectares;

Reforma do parque permanente de Exposições;

E do seu legado, um dos mais importantes; o transporte gratuito para os estudantes universitários.

Termina seu mandato de em 2024, construindo duas grandes escolas, uma no bairro Boa Brisa e outra no bairro Morada do Sol

No texto acima, elencamos apenas algumas de suas obras, numa homenagem muito justa para um trabalhador incansável que deixou em São Joaquim muitas obras importantes.

Está em construção a maior escola municipal, no bairro Boa Brisa, que irá beneficiar diversas famílias e melhorar ainda mais a qualidade, denominada Prof. Nelson Schmidt.



Figura 72 – Escola Nelson Schmidt em sua fase final de construção



Figura 73 – Creche Municipal Erotildes Schmidt, em fase de acabamento para ser entregue até julho de 2024.

No Bairro Morada do Sol, está em fase final a construção da creche dona Erotildes Schmidt, esta nova instituição oferecerá uma variedade de benefícios às crianças, incluindo desenvolvimento social e emocional, além de um importante apoio às famílias. Oferecendo um lugar seguro e confiável para deixarem seus filhos enquanto trabalham ou estudam.





PARTE 2

Nossas escolas

Um giz na mão, e o desejo de mudar o
mundo

PARTE 2 – NOSSAS ESCOLAS

Um giz na mão, e o desejo de mudar o mundo

A história de nossas escolas e seus patronos

O início do século XX, o povoado de São Joaquim, onde poucos dominavam a arte de ler e escrever.

Nos seus quatro primeiros anos de vida, três professores leigos se destacaram: Eduardo Azambuja, Manoel Gouveia de Lima e Firmino Nobre, que ao ser nomeado escrivão em 1903, deixou de lecionar.

Para entender a “precariedade” esse início, precisamos compreendermos a evolução do ensino no país. Em 1890 e 1891, com as reformas de Benjamim Constant,³⁰ então Ministro da Instrução, Correios e Telégrafos (órgão precursor do MEC), o Ensino Secundário era visto como meramente preparatório para o Ensino Superior. Em 1901, vieram as reformas de Eptácio Pessoa.³¹

Entre 1911 e 1915 vigorou a “Reforma Rivadávia”,³² de iniciativa do Ministro Rivadávia da Cunha Correia, que afastava da União a responsabilidade pelo Ensino. Nessa época também surgiu o conceito de “Grupo Escolar”, quando as classes deixaram de reunir alunos de várias idades e passaram a distribuí-los em séries (“ensino seriado”). Em 1915, saiu a Reforma Maximiliano³³ e, em 1925, a reforma João Luiz Alves.

É a partir de 1930, início da Era Vargas, que surgem as reformas educacionais mais modernas.

Tanto a constituição de 1934 como o manifesto de 1932, traçaram pela primeira vez as linhas mestras de uma política educacional brasileira. Contudo, a constituição de 1934 durou pouco e foi substituída pela de 1937, imposta por Getúlio Vargas.

Em 1942, o ministro Gustavo Capanema incentivou novas leis de reforma do Ensino, que ficaram conhecidas como “Reforma Capanema”.

³⁰ Decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890. Aprova o Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 1890. [Reforma Benjamim Constant]. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. Rio de Janeiro, 1891

³¹ Decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901. Aprova o Código dos Institutos Officiais de Ensino Superior e Secundário, dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, 1901. Decreto nº 3.914, de 23 de janeiro de 1901. [Reforma Eptácio Pessoa.

³² Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911. Aprova a lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República. Rio de Janeiro, 1911. [Reforma Rivadávia.

³³ Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. Rio de Janeiro, 1915. [Reforma Maximiliano.

Nesse ano, surgiram a Lei Orgânica do Ensino Industrial³⁴ e a Lei Orgânica do Ensino Secundário³⁵, além de ter sido fundado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Em 1943 foi aprovada a Lei Orgânica do Ensino Comercial³⁶. Em 1946, saiu a Lei Orgânica do Ensino Primário³⁷ e do Ensino Normal³⁸, além da Lei Orgânica do Ensino Rural³⁹.

Com as reformas de Capanema, o Ensino Secundário foi dividido em dois ciclos, o ginasial e o segundo ciclo ("colegial"). O segundo ciclo contava com duas modalidades: curso Clássico e Científico.⁴⁰

Nos quatro primeiros anos da vida joaquinese, o ensino ficou entregue a particulares e leigos.

A primeira professora leiga da vila foi Ema Gramani, irmã do farmacêutico Antônio Gramani, que veio Nuporanga para São Joaquim em 1901.

No final de 1900, a Câmara Municipal de Nuporanga, começou a se preocupar com o ensino em seu território. Dentro do que lhe era possível, com seu orçamento, até meados de 1909, quando deixou de ser Sede de comarca, se preocupou em levar ensino gratuito aos seus munícipes.

Em 18 de janeiro de 1902, funcionaria no povoado a primeira escola pública municipal masculina, sob direção do professor Antônio Rodrigues dos Santos. Era no mesmo lugar onde lecionava Manoel Gouveia de Lima, pois esta funcionava à noite e era destinada à educação de adultos. Louvável mencionar aqui a importância do Manoel Gouveia de Lima, quando prestou excelente serviço ao povoado, pois alfabetizou e preparou muitos dos primeiros eleitores do patrimônio que iriam eleger o primeiro juiz de Paz em 1903, na primeira eleição do povoado.

Em fevereiro de 1905, São Joaquim teve a sua primeira escola particular organizada do jovem Júlio Dufrayer de Oliveira, vindo de Batatais.

Somente em 1906 apareceria a primeira escola feminina municipal, a cargo da professora Ruth Guarany de Almeida, que na época dirigia a escola municipal de Santana dos Olhos D'Água (Ipuã), que seria suprimida. As escolas públicas estaduais só surgiriam após 1911, espalhadas pela vila.

³⁴ Decreto-lei n. 4.073/1942. Lei orgânica do ensino industrial. Rio de Janeiro, 1942.

³⁵ Decreto-Lei nº 4.244/1942. Lei orgânica do ensino secundário. Rio de Janeiro, 1942.[Reforma Capanema].

³⁶ Decreto-Lei n. 6.141/1943. Lei Orgânica do Ensino Comercial. Rio de Janeiro, 1943.

³⁷ Decreto-Lei n. 8.529/1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro, 1946.

³⁸ Decreto-Lei n. 8.530/1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. Rio de Janeiro, 1946.

³⁹ Decreto-Lei n. 9.613/1946. Lei Orgânica do Ensino Agrícola. Rio de Janeiro, 1946.

⁴⁰ OTRANTO, C. R.; PAMPLONA, R. M. Educação Profissional do Brasil Império à Reforma Capanema: dicotomia na educação e na sociedade brasileira. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação, 2008

Em 1907 e nos anos seguintes, os moradores de São Joaquim começaram a reivindicar a criação de escolas estaduais e provimento delas. Essas escolas só chegaram em 1911 (feminina) e 1912, (masculina).



Figura 74 – Professora Sylvana Monteiro de Barros, lecionou em São Joaquim da Barra de 1911 e até o ano de seu falecimento em 1919.

Em 1911, chegou em São Joaquim a primeira professora estadual diplomada, Sra. Sylvana Monteiro de Oliveira, para reger a 1ª escola estadual da cidade, onde lecionaria até sua morte em 28 de janeiro de 1919.⁴¹

Ainda em 1912, São Joaquim ganhava sua terceira escola pública, que seria nossa primeira escola estadual masculina, tendo como professor Alcino Soares do Nascimento.

Entre os anos 1912 e 1913, havia, portanto, três escolas:

- Escola Estadual feminina de Silvana Monteiro de Oliveira;
- Escola Estadual masculina de Alcino Soares do Nascimento e
- Escola Municipal masculina de Antônio Teles Nogueira, entre as escolas públicas, nesse período, funcionou a escola particular de Francisco Stupello.

Entre os anos de 1914 e 1915, as escolas públicas sofreriam pela ausência de professores. Com isso, muito anúncio de escolas particulares apareceu no Jornal A Tribuna, para complementar a deficiência do atendimento estadual.

Em 1914, surgiria o Colégio Progresso, de Jácomo Baggio, sob direção do professor Camilo Figueiredo Dias, essa escola funcionaria até 1922.

No mesmo prédio funcionava a escola primária do sexo feminino sob a direção de Dona Carmelinda Sampaio Dias.

⁴¹ Professora Sylvana nasceu em Guaratinguetá, em 5 de novembro de 1881, filha de Luiz Monteiro de Almeida., após sua chegada, casou-se com Sr. Luiz Barbanti.



Figura 75 – Foto de 1914, o professor Francisco Stupello, da escola particular com seus alunos

Somente em 1915 começaria a estabilizar as nomeações de professores para a vila.

Entre 1916 e 1918, foram criadas 4 escolas estaduais

- 1ª Escola Estadual Masculina Pedro Duarte e 2ª Escola Estadual Masculina Dagmar Costa;
- Escola Estadual Feminina Sylvana Monteiro de Oliveira e 2ª Escola Estadual Feminina Maria José Fazzario

Em 1918, surgiria uma nova escola; Instituto Bassé, de José Basso e sob a direção de Antônio de Vicenzi Bassé, na rua Acre nº 3.

Nesse ano, com o término da primeira Grande Guerra Mundial, as escolas estaduais encerraram suas atividades em novembro, como medida preventiva contra a gripe espanhola que grassava nos arredores. Felizmente em São Joaquim ela apareceu de forma benigna.

Em 1919, São Joaquim ainda continuava com suas quatro escolas estaduais e a população começava a lutar para conseguir a criação de novas escolas. No ano seguinte, foram criadas mais duas escolas 3ª escola masculina de Jacintho Morais Narducci, feminina de Maria José Neves, 4ª escola masculina de Ricardo Peixoto e feminina Lídia Tavolaro.

Essas escolas estavam espalhadas por todos os lugares do vilarejo e em



Figura 76 – Alunos do Grupo Escolar, em 1921 com uniformes de escoteiros. Foto tirada na lateral da nossa antiga Igreja Matriz. Acima, bem a direita, o diretor do Grupo Escolar, Frontino Brasil.

1921, seriam reunidas em apenas dois prédios. Mas o sonho do povo joaquinense era a criação de um Grupo Escolar e trabalharam muito para ganhar forças, nesse sentido.

Em 21 de julho de 1921, foi criado o nosso Grupo Escolar, uma conquista importantíssima na área da educação, que seria solidificada em 1936, com a construção do belo prédio do atual Grupo Escolar Sylvio Torquato Junqueira.

Em 1927, foi autorizada a funcionar a escola XX de setembro, que funcionaria no prédio da Sociedade Italiana, abrangendo curso primário, secundário e comercial.

Câmara Municipal reunindo-se extraordinariamente, em agosto daquele ano, pelo projeto de lei nº 22, arrendou por 3 anos do Sr. Antônio Mendes de Oliveira, seu prédio na esquina da rua Rio Grande do Sul com Pernambuco, para instalação do Grupo Escolar. A inauguração aconteceu em 5 de novembro de 1921.

Em 1925, o Grupo Escolar mudaria para a esquina da Rua Minas Gerais com Marechal Deodoro (atualmente Delegacia Seccional).

Em 1924, foi autorizado o prefeito a adquirir ou construir dois prédios para a construção do Grupo Escolar.

De 1925 a 1928, os terceiros e quarto anos eram agrupados entre meninas e meninos separadamente.



Figura 77 – Foto de 1930 – Em 1925, o Grupo Escolar foi instalado na esquina das ruas Minas Gerais com Marechal Deodoro, em frente ao banco Santander. Em 1928, começaria também o ensino rural, nas escolas das fazendas do município.



Figura 78 – Foto de 1929 - Fundos do Grupo Escolar, nota-se ao fundo uma rústica tabela, no centro do pátio, para alunos praticarem bola ao cesto.



Figura 79 – Diplomados de 1928, do Grupo Escolar de São Joaquim. Inspetor, Prof. Oscavo P. e Silva; Alcides Barbosa, Profª Ercília Oliveira e o diretor Prof. Fernando Brasil. Alunos de cima para baixo, da esquerda para a direita: Idaty Ferreira, Irem Martelleto, Nicolina Ricardi, Maria de Lourdes, Nair Figueiredo, Cacilda Costa, Elias Jorge, Maria José Stamillo, Emilia Raggio, Maria Scalamassara, Genoveva Stamillo, Joaquim de Paula, Oswlodo Costa, Jenny Janeiro, Nair Guimarães, Virgínia Lamberti, Gilbertina Vilarinho, Franklin Ferracioli, Armando Reinaldo, Hermínia Araújo, Anésia Rodrigues Netto, Leonor Avezum, Irlandino de Mattos, José Zelesnikar, Urgel Fagunes de Epaminondas Ribeiro.

42

Em 1928, o Governo estadual começou a se interessar de fato pelo ensino da zona rural. Foram criadas as escolas rurais nas fazendas: São Luiz; Santa Ruth; Pontal; Santo Antônio; Aliança; Floresta; Aroeira Bonita e Aparecida.

Em 1931, escola Rui Barbosa, na Rua XV de novembro, atual nº 853, regida pela professora Norah Ribeiro Guimarães, conhecida carinhosamente como dona Lalá. Depois de um tempo, funcionou em uma garagem na rua Paraná, na residência dos pais da professora. Depois de algum tempo, uma nova mudança, aí definitiva, onde hoje está o prédio da FEAM COC, na rua Voluntário Geraldo. Com a partida de dona Lalá para São Paulo, a escola extinguiu-se na década de 1940.

⁴² O professor Fernando Brasil nasceu em 30 de maio de 1896, no município de São Vicente /SP, onde realizou seus primeiros estudos. Formou-se pela Escola Normal Primária “Conselheiro Rodrigues Alves”, na cidade de Guaratinguetá – SP. Casou-se em 1925, com Dona Iracema Nogueira Brasil, na cidade de Itanhaém/SP Exerceu o cargo de diretor do Grupo Escolar nas cidades de Piracicaba, São Joaquim da Barra, Piraju, Borborema e Tabatinga, tendo se aposentado em 1966, com 70 anos de idade e 46 anos de magistério, 34 dos quais no Grupo Escolar “Professor Paulista”, em Tabatinga/SP. Em 1973, aos 77 anos de idade formou-se advogado, pela Faculdade de Direito de São Carlos. Faleceu em Tabatinga, no dia 1º de março de 1977, aos 80 anos.

No primeiro trimestre de 1934, na ocasião o prefeito Manoel Azevedo Coutinho, estava cheio de entusiasmo com os pecistas (assim chamados os adeptos do Partido Constitucionalista), solicitou ao departamento de administração municipal para doar ao Estado para construção do Grupo escolar, no quarteirão 24, com área de 6.307,50m². Em 1935, começaria o trabalho político para a construção, encarregada pela Sociedade Construtora Ltda, de Ernesto Barbanti. Finalmente, começaria a funcionar no segundo semestre de 1936. Em 1945, passou-se a denominar-se Grupo Escolar de São Joaquim da Barra e em 1955, Sylvio Torquato Junqueira, como veremos mais à frente, sobre o patrono.

Somente em 1943, o professor José Alves Ferreira, formado no Liceu de Orlândia, em 1942, pensou numa escola de curso ginásial (5^a a 8^a série). Com o auxílio do Senhor Antônio Alves da Silva Pinhal e com o apoio do Roberto Rezende Junqueira iniciaram o movimento para a criação da Escola de Comércio São José.



Figura 80 – Os primeiros ginásianos da escola São José, em 1944

A fundação aconteceu no dia 10 de maio de 1943.

Em 1947 formou-se a primeira turma de ginásianos, auxiliares de comércio. Com o funcionamento do Ginásio Estadual, a escola começou de fato a sentir-se a presença alegre dos nossos jovens ginásianos, enfeitando a cidade com seus uniformes e suas disputas esportivas. Alguns anos depois, os sócios se reduziram a três ao Guerino, como diretor, Lúcio de Oliveira Falleiros, como vice e Chafi,

secretário. Foram 20 anos de lutas, refletindo bem o trabalho constante desses educadores. Em 1964, as dificuldades agravaram-se e foi criada a Fundação Educacional da Alta Mogiana (FEAM), a participação do prefeito Lair Louveran Deienno, foi decisiva na continuidade da escola. Em 1972, foi lavrada a 1ª ata da fundação.

Em 1985, a FEAM, que só possuía cursos noturnos de contabilidade, trouxe para São Joaquim da Barra, em parceria com o Sistema COC de Ensino, uma classe de cursinho preparatório para vestibulares. Posteriormente, a mesma FEAM abria classes de curso primário, ginásial e colegial, diurnas. O Objetivo, o Anglo e o Liceu Paulo Freire apareceriam logo a seguir.

Em 1959, surgiu a Escola Artesanal, que mais tarde mudaria o nome para Ginásio Industrial e, depois Pedro Badran. Atualmente, o ensino em São Joaquim da Barra possui mais de 30 unidades escolares, distribuídas de forma equitativa pelas áreas municipal, estadual e particular.

Nas próximas páginas vamos narrar de forma resumida a história de nossas escolas estaduais, particulares e municipais, juntamente com a biografia de seus patronos, em ordem alfabética.

Adolfo Alfeu Ferrero

Nasceu na cidade de Ribeirão Preto, no dia 17 de novembro de 1907, onde passou sua infância e juventude. Filho de Paulo João Ferrero e dona Tereza Zanetti Ferrero, casou-se com dona Rosa Consoni Ferrero, no dia 28 de novembro de 1931 na catedral de São Sebastião de Ribeirão Preto. O casal teve três filhos: Zélia Maria Ferrero Moreira, Maria Solange Consoni Ferrero Marteleto e José Adolfo Ferrero.

Prevendo o surto de desenvolvimento econômico dessa região, tendo como centro São Joaquim da Barra, transferiu-se de sua cidade natal para essa cidade. Aqui chegando estabeleceu-se com um escritório de compra e venda de café e posteriormente dedicou-se também à compra de cereais e outros produtos agrícolas. Foi proprietário das fazendas Tamboril, Considero, no município de São Joaquim da Barra e a fazenda Santa Zélia, no município de Ipuã.

Dedicou grande parte de suas atividades no desenvolvimento agropastoril de suas propriedades rurais. Sucedendo na chefia da firma Luiz Consoni & Cia, instalou um modelar estabelecimento industrial, com máquina de beneficiar café, tendo ao lado da mesma uma seção de catação com cinco mesas dotadas de tapetes rolantes, inaugurada em junho de 1942.



Figura 81 – Adolfo Alfeu Ferrero

Foi um eminente político. Militou nas fileiras da União Democrática Nacional (UDN), ocasião em que foi eleito prefeito de São Joaquim da Barra (1948 a 1951), e posteriormente pertenceu ao Partido Social Progressista do Dr. Ademar de Barros (PSP), do qual chegou a ser presidente. Grande amigo dos ex-governadores, dr. Adhemar de Barros e Lucas Nogueira Garcez, todos do antigo PSP. Foi o primeiro prefeito dessa cidade a ser eleito por voto direto. Foi ele que trabalhou junto ao governo do Estado para a construção do prédio onde atualmente funciona a escola Prof.^a Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta.

Adolfo faleceu vítima de um pavoroso acidente, na noite de 16 de novembro de 1961, às vésperas de seu aniversário, próximo à cidade de Ribeirão Preto. Em sua companhia viajavam os srs. Dr. José Roberto Ferreira e Clayton Zanini, que sobreviveram ao acidente.



Figura 82 – Dona Maria Helena Leça Teixeira, com os alunos da Escola Mista do Bairro da Lapa

O



Figura 83, 84 e 85 – Foto da década de 60, quando um vendaval destelhou toda a escola da Lapa

GRUPO DA LAPA, hoje Escola Estadual Adolfo Alfeu Ferrero está instalado entre as ruas Maranhão e Alagoas, bem na entrada principal da cidade de São Joaquim da Barra/SP. O prédio foi construído quando o governador do Estado de São Paulo era o sr. Jânio Quadros. Era uma obra muito simples e mal construída, tanto é verdade que logo após a sua construção, deu em nossa cidade uma chuva de vento e todo o Grupo ficou destelhado.

Em 1964 há um artigo no jornal “A Tribuna” de Ituverava que tece os seguintes comentário sobre ele.

Há em São Joaquim da Barra um edifício, se é que pode ser dado esse nome a uma pocilga, que foi construída e destinada, em tempos idos, ao funcionamento do segundo Grupo Escolar, no bairro da Lapa, e que deveria constituir, para os que nele entram, um cartão de visita da cidade. É um troço comprido, feito composição

rodoviária, fora de esquadro, de aspecto lúgubre, semelhante a fisionomia do seu doador, um ex-governador já esquecido pelos que têm boa memória e cujo nome, por questões de higiene mental, ninguém gosta de pronunciar-lo. Dito prédio representa um acinte à estética urbana, um atentado à dignidade do ensino primário e aos objetivos da saúde pública. Por incrível que parece tal monturo, que se tornou abrigo noturno de residentes pobres e de forasteiros, ainda não foi objeto de uma remodelação completa, total, radical, da qual não se aproveitaria nem ao menos os tijolos. Por lei, tal cortiço recebeu um nome ilustre: ADOLFO ALFEU FERRERO patrono de iniciativas de vulto inteiramente ligadas à história do progresso joaquinese, pelo muito que realizou, política ou socialmente falando. A homenagem, pois, que lhe conferiram não está de acordo com os seus reais méritos. Por que não deram àquele Colégio Estadual e Escola Normal o nome desse cidadão que o criou? Parece que ao lhe ser dado o nome de Adolfo Alfeu Ferrero. O prédio se revestiu da alma e do espírito de seu Patrono, e começou a melhorar não só na parte física, através de adaptações inteligentes, como também na parte pedagógica.

Em 24 de novembro de 1961, através do projeto de Lei nº 1.248, autoria do Sr. José Costa, o Governador do Estado sancionou lei que denomina "Adolfo Alfeu Ferrero" o grupo escolar da Lapa. Prestou assim o governo, justa homenagem ao cidadão prestante que como homem e como prefeito, prestou-lhe tantos e assinalados serviços.



Figura 86 – Foto da década de 1960, a escola Adolfo Alfeu Ferrero com os alunos no parquinho, que funcionou até meados de 2008, dando espaço à ampliação do Auditório e EMEI Arthur Parada

Anglo Colégio São Joaquim

Desde sua fundação em 2000, o Colégio São Joaquim - Anglo, agora sob nova gestão desde 2006, comemora seu 18º aniversário no ano de 2024, sob a liderança das Sras. Eliane Evangelista e Rita Evarini, celebra 24 anos de excelência Educacional

Inicialmente focado em cursinho e terceiro ano, o Colégio São Joaquim - Anglo expandiu suas atividades ao longo dos anos, incorporando o Ensino Médio, Fundamental II e, em 2004, a Educação Infantil (Fundamental I).

Reconhecido pelo uso do renomado Sistema Anglo de Ensino, um dos métodos educacionais particulares mais eficazes no Brasil, a instituição possui um notável histórico de aprovações em universidades e faculdades federais e estaduais.

As diretoras mantenedoras, orgulhosas de sua jornada, ressaltam que o Colégio São Joaquim vai além da simples transmissão de conhecimento acadêmico. Ao oferecer uma extensa grade extracurricular, a escola incentiva os alunos a internalizarem valores essenciais para o desenvolvimento humano, como empatia, gentileza, preservação ambiental, racionalidade e amor.

O lema "Sistema Anglo de Ensino - Aqui se ensina. Aqui se aprende." reflete o compromisso da instituição em fornecer uma educação de qualidade, que transcende os livros didáticos, preparando os alunos para serem cidadãos ativos e responsáveis na construção de uma sociedade melhor. Atualmente está instalado na Rua Minas Gerais, no antigo prédio da Fábrica de Calçados Mauad.

Antonieta Rezende Cerqueira Cézar



Figura 87 – Antonietta Rezende Cerqueira Cézar

Nasceu em Santa Rita do Passa Quatro, em 23 de julho de 1913, filha de Alberto Ferreira de Rezende e Maria Jacinta de Rezende. Foi batizada em 24 de novembro de 1913, sendo seus padrinhos Antônio Martins do Vale e Antonieta de Souza Martins. Recebeu o nome de Antonietta em homenagem a sua madrinha de batismo, D. Antonietta Martins.

Aos 20 anos de idade, foi nomeada para reger a escola mista rural da Fazenda Graciosa, em Descalvado. Em 6 de fevereiro de 1935, foi transferida para a escola mista da Fazenda Itatiaia, em Santa Rita do Passa Quatro. Em 16 de junho de 1936, permutou seu cargo e lecionou na Fazenda Nogueira, no mesmo município.

Casou-se com Emiliano Cerqueira César, na cidade de São Paulo, em 12/01/1937, tendo uma única filha, Marly Rezende Cerqueira César Marteleto, sendo seus únicos netos: Acyr César Marteleto e Fernando César Marteleto.

Em 30 de janeiro de 1940, lecionou no Grupo Escolar de Santo Antônio da Alegria, e em 1º de fevereiro de 1944, por concurso público estadual, foi removida para o Grupo Escolar de São Joaquim da Barra. Em 1957, foi transferida para o Sylvio Torquato Junqueira, onde permaneceu até sua aposentadoria na década de 60, lecionando no primário.

Faleceu em 17 de novembro de 1977 e está sepultada em sua cidade natal, Santa Rita do Passa Quatro.

A escola Antonietta foi fundada na década de 1990 em outro endereço, na rua Paraná, nº 2111, próxima ao cemitério, uma pequena escola com apenas uma sala de aula que tinha aulas no período da manhã e à tarde. Era chamada de "parquinho do centro". Com o tempo, fechou, pois se tornou inviável por ser pequena e com pouco espaço para ampliação. Com o crescimento da cidade e a criação de novos bairros, houve a construção de novas creches e escolas.

Durante o mandato da Prefeita Maria Helena Vannuchi e a construção de uma nova unidade no bairro do João Mattaraia, o nome da escola retornou para esta, homenageando novamente a então falecida professora Antonietta Rezende Cerqueira César.

A escola, chamada de Antonietta Rezende Cerqueira César, foi reinaugurada em 24 de janeiro de 2014 pelo prefeito Marcelo de Paula Mian. O decreto nº 1053/87 de 13/04/1987 denominou Escola Municipal de Educação Infantil (EMEB) Antonietta Rezende Cerqueira César. Com a portaria nº 037/96 de 31 de dezembro de 1996, ficou autorizado o funcionamento da EMEB Antonietta Rezende Cerqueira César, mantida pela prefeitura municipal de São Joaquim da Barra, com curso de Educação Infantil e 1º Ano do Ensino Fundamental, mantendo adequados seu relatório e plano de Educação Infantil e Fundamental.

Anglo

O Colégio São Joaquim - Anglo, estabelecido em 2000, iniciou sua jornada educacional sob nova gestão em 2006. À medida que celebra seu 18º aniversário em 2024, marca um capítulo significativo de sua trajetória de 24 anos, sob a liderança das Sras. Eliane Evangelista e Rita Evarini.

O Colégio São Joaquim - Anglo teve seu início focalizado no cursinho e terceiro ano, mas expandiu-se ao longo dos anos. Incorporando gradualmente o Ensino Médio, Fundamental II e, em 2004, a Educação Infantil (Fundamental I), demonstrou um compromisso constante com a excelência educacional em todas as fases do desenvolvimento escolar.

Um elemento fundamental na trajetória do Colégio é o uso do renomado Sistema Anglo de Ensino. Reconhecido como um dos métodos educacionais particulares mais eficazes do Brasil, o Sistema Anglo tem sido uma ferramenta vital para as notáveis conquistas da instituição, refletidas em um histórico impressionante de aprovações em universidades e faculdades federais e estaduais.

Além da excelência acadêmica, as diretoras mantenedoras, com orgulho, ressaltam o compromisso do Colégio São Joaquim com a formação integral dos alunos. A instituição vai além da transmissão de conhecimento, buscando incutir valores essenciais para o desenvolvimento humano. Por meio de uma ampla grade extracurricular, os alunos são incentivados a cultivar a empatia, a gentileza, a consciência ambiental, a racionalidade e o amor.

O lema do Colégio, "Sistema Anglo de Ensino - Aqui se ensina. Aqui se aprende.", encapsula o compromisso da instituição com uma educação que transcende os limites dos livros didáticos. Busca-se preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e responsáveis na construção de uma sociedade mais justa e colaborativa.

Antônio Martorano

Nasceu em Guará, SP, em 13 de junho de 1923. Fez seus estudos primários em Guará e o curso ginasial e colegial no Colégio Champagnat de Franca, onde se destacou academicamente e nos esportes.

Formou-se em medicina em 1951 pela Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Mudou-se para São Joaquim da Barra em 1952 e, em 1957, tornou-se definitivamente um joaquinese de coração. Casou-se, com dona Maria Magdalena e por muitos anos residiu na rua Paraná, ao lado da casa do Sr. João Mattaraia (às costas da Igreja Matriz). Exerceu medicina na Santa Casa de Misericórdia e foi membro do corpo clínico, além de diretor clínico em algumas ocasiões. Além do trabalho médico, dedicou-se ao esporte, sendo campeão de bocha e membro do conselho diretor do São Joaquim Futebol Clube.

Em 1953, foi nomeado para lecionar Ciências Naturais no Colégio Estadual e Escola Normal de São Joaquim da Barra. Faleceu em 30 de dezembro de 1992.

CEI Dr. Antônio Martorano I: Criado pela Lei nº 006/2000 em 11 de fevereiro de 2000, e inaugurado em 19 de fevereiro, pelo prefeito Dr. Jorge Antônio Barbosa Sandrin. Localizado na Rua Canaã Dip, nº 62, no bairro Júlio de Lollo, em período integral, crianças com idades entre 06 meses e 3 anos e 11 meses, provenientes de diversos bairros.

CEI Dr. Antônio Martorano II:

Está localizado na Rua Canaã Dip, nº 62, no Bairro Júlio de Lollo, foi criado pela Lei Nº138/2013 em 03 de outubro de 2013, para o atendimento de crianças de 4 a 6 anos, ampliando o atendimento da creche original.

APAE

A APAE de São Joaquim da Barra foi instituída no dia 1º de novembro de 1969 na gestão municipal do Sr. Lair Loveran Deienno. A Instituição deu-se após pesquisa realizada na cidade por um grupo de professoras onde constatou-se grande demanda de pessoas necessitadas de atendimento especializado. Até 1991 a APAE teve seu funcionamento em prédios provisórios cedidos por pessoas da sociedade, pela Prefeitura Municipal e sala cedida em Escola Estadual. O primeiro estabelecimento funcionou à rua Goiás, n. 30, mudou-se para rua São Benedito, posteriormente para rua XV de novembro, depois foi instalada na rua Brasília, nº 155, em um prédio provisório cedido pelo Dr. Paulo Cesar Scanavez. No início, a APAE contava somente com o apoio da prefeitura municipal e, aos poucos foi se tornando conhecida. A primeira ajuda de particulares foi através do Interact Clube, na ocasião tendo a jovem Viviane Diab presidente do Interact. Com essa doação, foi realizada a 1ª exposição de trabalhos manuais, nas dependências da Câmara Municipal, naquela época ainda (na rua Minas Gerais), confeccionado pelos alunos da entidade. O primeiro presidente da APAE de São Joaquim foi o sr. Ornísio Honório Ferreira, que muito contribuiu.

Em 1991 foi inaugurado prédio próprio, na rua Pará, nº 110, Vila Deienno. Atualmente presta assistência a 113 crianças com necessidades especiais. Hoje é mantida por verbas estaduais e municipais bem como a doação da população através de diversas campanhas que são realizadas durante o ano, fortalecendo a rede de voluntários parceiros e famílias, influenciando de forma positiva as políticas públicas do município.

Sua missão principal é; promover e articular ações de defesa de direitos e prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio à família, direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.

Arthur Parada

Nasceu aproximadamente em 1871, em Quedro, na Espanha. O filho de Pedro Parada e Rosalina, foi um grande músico e comerciante da cidade, casou-se com Elvira Garcia Gonçalves e aqui na cidade deixou numerosa descendência. O casal foi um dos inúmeros imigrantes europeus que desceram na gare da estação de São Joaquim, no início do século XX, dando início ao povoamento desta cidade. Arthur, era pai do ex-vereador Abner Parada, o qual solicitou o

nome do pai para a escola. Faleceu aos 66 anos de insuficiência renal no dia 23 de outubro de 1937 e está sepultado em São Joaquim da Barra.

A EMEI Arthur Parada é uma instituição municipal e está situada à rua Maranhão, n. 2074, Lapa, bem na entrada principal da cidade.

Em 5 de outubro de 1949, José Eduardo Ferreira Sobrinho, doou um terreno à secretaria da fazenda, destinado com a finalidade de construir o Grupo da Lapa, até então, e depois denominado Adolfo Alfeu Ferrero. Neste terreno, construiu-se o colégio e ainda uma classe de pré-escola, piscina e uma quadra de esportes. Em 13 de junho de 1988, foi criado o antigo Parquinho, para as crianças do bairro. Em datas mais atuais, durante a gestão da prefeita Maria Helena borges Vannuchi, deu-se a reforma e ampliação atual da estrutura em que se encontra a escola, juntamente com um belíssimo anfiteatro.

A inauguração do espaço vem de encontro com a necessidade de sanar a falta de um espaço adequado para a realização de eventos culturais em São Joaquim Barra, realizando assim o sonho de muitos moradores locais que há anos reivindicavam um espaço como este para o município.

Contando com equipamentos de som e iluminação, o Auditório Arthur Parada está localizado ao lado de duas das mais tradicionais escolas do município a EMEI Arthur Parada e da Escola Adolfo Alfeu Ferrero na entrada da cidade.

O auditório foi construído onde antes era o antigo espaço da quadra de esportes da EMEI Arthur Parada que também servia para uso dos alunos do Adolfo Alfeu Ferrero na década de 70 a 90, quando então a EMEI e a própria escola estadual passaram por inúmeras modificações estruturais, foi inaugurado em 5/07/2012.

Casa do Menor Santa Lúcia

No ano de 1953, algumas pessoas de nossa cidade, percebendo a carência de atendimento médico à população, resolveram construir mais um hospital em nossa cidade. Naquele tempo, dona Lúcia Thereza Chediack de Lollo, doou o terreno onde se edificou o prédio da instituição, com cotização de sócios. A ideia, por vários motivos não floresceu. Por algum tempo, o prédio ficou conhecido como o hospital do Dr. Ribamar, mas isso for por muito tempo. O ideal, no entanto, não arrefeceu; surgiu uma nova ideia; a Casa do Menor Santa Lúcia, cuja missão de custodiá-la, gratificante, embora difícil, foi dada a loja Maçônica de nossa cidade, pelos senhores cotistas e por fim, doadores. E a semente caiu em solo fértil. A casa do Menor Santa Lúcia, foi inaugurada às 10h da manhã no 19 de fevereiro de 1978. A professora Lúcia Thereza Chediack de Lollo, foi quem corou a fita simbólica; padre Lino Zagarella procedeu com a bênção. Estavam presentes o Juiz de Direito da Comarca Ciro Antônio F. de Souza, o Delegado de

Polícia Dr. Sebastião; o Sargento da P.M, o Prefeito Municipal, o Presidente da Casa do Menor Sr. Aiçar Badran, Pedro Chediack e componentes da Loja Maçônica de São Joaquim da Barra,

“Se no entardecer da minha vida, se em vida eu for convocado para a ajudar a Casa do Menor Santa Lúcia, estarei presente e com respeito e admiração à Casa do Menor, resta-me com uma prece, pedir a Deus que ampare e cubra de bênçãos a todos os benfeitores”.

Aiçar Badran

Creso Antônio Filetti

Nasceu em Lençóis Paulista no dia 1º de dezembro de 1929. Viveu sua infância e juventude na cidade de Piraju, onde cursou o ensino fundamental, médio e o curso normal. Após concluir o curso normal, começou a substituir professores no Ginásio de Piraju. Encantado com a profissão que iniciara, preparou-se para o concurso público de história geral do Brasil, sendo aprovado em vigésimo sexto lugar. Assumiu o cargo na cidade de Capão Bonito, Estado de São Paulo, mas logo solicitou transferência para São Joaquim da Barra

Amigo de todas as pessoas e de bom coração, era muito querido por seus alunos e colegas, estabelecendo raízes profundas em São Joaquim da Barra. Creso possuía diploma de Técnico em Rádio. Na juventude, consertava os rádios de seus amigos e até montava aparelhos novos. Aprendeu fotografia com um primo, fotógrafo, e montou um laboratório em sua casa, onde revelava e ampliava suas próprias fotos.

Creso ingressou na liga dos radioamadores do Estado de São Paulo e obteve certificado de habilitação radioamador classe A; emitido pelo Departamento Nacional de Telecomunicações. Como radioamador, prestou importantes serviços à comunidade de São Joaquim da Barra, sempre atendendo com prazer e boa vontade às solicitações dos que o procuravam.

Tragicamente, Creso faleceu precocemente aos 38 anos de idade, em 17 de dezembro de 1967, em um acidente de automóvel. Deixou viúva a Senhora Susana Ramos dos Santos Filetti e os seguintes filhos: Mariúcha dos Santos Filetti (Dalpino), Paulo Eduardo Filetti, Roxana Maria Filetti e as gêmeas Simone dos Santos Filetti e Milena dos Santos Filetti.

Esta unidade escolar foi criada através do decreto nº 21992, de 31 de janeiro de 1984, localizada na rua Joaquim Cândido de Paula, 500, no recém-formado Bairro João Paulo II, como o nome de Escola Estadual de 1º grau do Conjunto Habitacional João Paulo II. Teve seu nome alterado em 24 de julho do mesmo ano, passando a denominar-se EEPG professor Creso Antônio Filetti e depois como Escola Estadual Creso Antônio Filetti. Em janeiro de 2000, o endereço da escola foi transferido para a rua Azzizi Salomão, 669, onde

funcionava a escola EE. Profa. Edda Cardoso de Souza Marcussi, e esta, ocupou o endereço anterior da escola Creso. A partir de 19 de março de 2018, através da publicação do decreto 1016/2018, a escola foi municipalizada, passando a se denominar Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Creso Antônio Filetti.



Figura 88 – Professor Creso Antônio Filetti

Chrysógono Paulo de Castro

Conhecido como Professor Paulo, Nasceu em 25 de janeiro de 1925, na cidade de Ituverava. Foi professor de educação física, rotariano e um educador comprometido com a educação integral do aluno.

Dedicado às causas da comunidade e apaixonado por esportes, o Professor Paulo nunca esquecia o lema "Servir antes de pensar em si". Além de ser vereador, ele foi campeão de boxe universitário e atuou na Seleção Paulista de Basquete Ball. Era um grande adepto da ginástica, sendo campeão individual em solo e aparelhos. Também foi precursor da hidroginástica para deficientes físicos em São Joaquim da Barra, participando de muitos torneios e sendo técnico de várias modalidades esportivas.

Ele contribuiu significativamente para a fundação da Festa da Soja e para o desenvolvimento cultural e social de nossa cidade. Sua participação em equipes campeãs conquistava o respeito e elevava a estima de nosso povo, atraindo pessoas de outras localidades para estudar e passear em São Joaquim da Barra. Muitos até se mudaram da zona rural para que seus filhos pudessem estudar nos ginásios da cidade, cuja instalação foi incentivada por pessoas como o Professor Paulo.

Seu exemplo e apoio foram fundamentais para jovens atletas, provenientes de famílias com poucos recursos financeiros, concluírem seus estudos e desenvolverem seu potencial esportivo. Ele acreditava que o ensino deveria ser feito com amor e dedicação, e durante toda sua carreira trabalhou com a juventude, encontrando realização e satisfação nessa missão. Faleceu na Santa Casa de Ituverava em 14 de dezembro de 2006, de falência múltipla de órgãos.

Sobre a instituição escolar: Localizada na Rua Campos Sales nº 83, Jardim Paulista, São Joaquim da Barra, esta unidade teve suas atividades iniciadas como Centro de Promoção Social em 1978, atendendo crianças de 5 a 14 anos. Em 1996, através da Portaria nº. 031/96, foi determinada a sua transformação em Centro Educacional Integrado de Menores e Adolescentes e Mães (CEICAM), como é carinhosamente conhecido até os dias atuais. Em 11 de fevereiro de 2000, pela Lei 006/2000, recebeu a denominação de Centro de Educação Infantil Chrysógono Paulo de Castro.

Elza Miguel Francisco

Nasceu em 20 de agosto de 1933, em Nova Ponte, estado de Minas Gerais. Era filha de Jorge Miguel e Francisca Marques Miguel. Casou-se em São Joaquim da Barra, no dia 3 de julho de 1969, com o Muchir Miguel Francisco, (formado em farmácia), depois lecionou química e física no ensino médio e por fim exerceu a profissão de jornalista, nascido em Ituverava/SP, no dia 9 de novembro de 1917, filho de Miguel José Francisco (comerciante) e de Helena Jacob, de origem síria. Deixou dois filhos: Luiz Miguel Francisco e Renato Miguel Francisco, ambos médicos radiologistas na cidade de Avaré/SP.

São seus irmãos os doutores José, Miguel e Adel. No ano de 1937, a família deixou o Estado de Minas Gerais, vindo radicar-se em nossa cidade. O Patriarca Jorge se dedicou ao comércio e em sua faina constante conseguiu formar todos os filhos. Começando pela Patrona deste estabelecimento de ensino, que se formou no curso Normal.

O irmão mais velho, José Miguel, médico cardiologista. Já o nosso querido Dr. Miguel exerceu brilhantemente a função paralela de professor e também advogado. E, finalmente, o mais jovem membro da família, o Dr. Adel, seguiu de maneira também brilhante as veredas do irmão Dr. José.

Elza ingressou no magistério primário em 1º de agosto de 1959, na Escola Mista da Fazenda Coqueiros, no Município de Guaíra, sendo que através de



Figura 89 – Elza Miguel Francisco

concurso de remoção lecionou na Escola Estadual de 1º Grau "Vereador Alberto Conrado", de Ipuã, transferindo-se posteriormente para a Escola Estadual de 1º Grau "Profa. Genoveva Pinheiro Vieira de Vita", desta cidade. Posteriormente, foi transferida para o Grupo Escola, atual Escola Sylvio Torquato Junqueira, onde seus exemplos de amor ao magistério e caráter íntegro conduziam seus alunos à ordem, ao trabalho, à disciplina, ao amor a Deus, à família, ao respeito às autoridades e ao cumprimento do dever. Sua classe primava pela dedicação, sendo ela a mestra que fez de sua vida um baluarte de amor à educação. No exercício do magistério, Elza sempre se destacou pela sua dedicação, inteligência, zelo e principalmente pelo

carinho para com as crianças. Por toda vida sempre soube fazer amigos e conservá-los.

Elza faleceu aos 42 anos, em 5 de março de 1976, em São Joaquim da Barra/SP, devido a causas neurológicas desconhecidas. Era muito dedicada e considerada por todos, tendo morrido como viveu: amando a Deus, ao próximo, à juventude e dedicando-se firmemente ao seu trabalho, fazendo da sua escola um templo sagrado da educação.

Em 1977, estava sendo erguida uma nova escola estadual na rua São Paulo, na região da Vila JAP (José Alves Pereira), no novo bairro Jardim Paulista. O projeto de lei 381, de 1976, visava denominar a escola Estadual de 1º grau de "Alfeu Gasparini", porém foi vetado totalmente pelo governador do Estado e retornou à Comissão de Educação da Assembleia Legislativa para reexame. Atendendo ao pedido do então prefeito, José Abdalla Jabur, o decreto n. 10925, de 9 de dezembro de 1977, a E.E.P.G. de São Joaquim da Barra passou a denominar-se "Professora Elza Miguel Francisco". O diretor do estabelecimento, Ernesto Terra, professores, escolheram o dia 9 de junho, Dia do Anchieta (por ter sido o 1º Professor no Brasil), para colocação da placa e entronização da foto da professora homenageada. A solenidade foi sequenciada por uma missa, celebrada pelo padre João Terra, da cidade de Campinas, filho do Sr. Adrião Terra e irmão do diretor. O ato religioso teve a cooperação do Padre Lino Zagarella. Depois aconteceu a Inauguração da placa; neste ato, o esposo da homenageada, Muchir Miguel Francisco, que na época era diretor da FOLHA, descerrou a cortina e o Sr. Prefeito Municipal de São Joaquim da Barra, José Abdalla Jabur, proferiu o seguinte discurso:

"Meus Srs., Minhas Sras. A mim me seria muito mais gratificante se não tivesse que pronunciar estas palavras nesta solenidade de homenagem em memória de nossa querida Professora Elza. Melhor seria que ela estivesse presente entre nós. A lembrança de seu nome nos aflora constantemente à saudade com enternecida emoção. Quando é comum endeusar os vivos, nós queremos prestar nossa homenagem àquela que em vida foi um símbolo de retidão, de caráter, de dedicação ao mister que abraçou, dignificando sobremaneira a espécie humana. A morte, esta grande ceifadora, a todos alcança. Inevitavelmente corremos para a morte, assim como os rios correm para o Oceano. Mais cedo ou mais tarde teremos que morrer. Só que ela morreu mais cedo do que tarde. Valho-me do momento para externar os nossos agradecimentos ao casal Sr. Jorge e Dona Francisca, pelo belo exemplo que nos deram, criando e educando sua prole, filhos que tanto engrandecem nossa coletividade. Ao esposo Muchir, o nosso reconhecimento pela profissão difícil que exerce

brilantemente, sempre com amor, divulgando as coisas do nosso interior. Sem sombra de dúvidas, podemos considerá-lo um pioneiro da imprensa do Interior. No infausto dia 5 de março de 1976, para a tristeza de todos, passou para a eternidade, nossa querida Professora ELZA, deixando em todos nós um imenso vazio e grande saudade, e assim, hoje estamos relembrando o seu nome com esta justa homenagem. A todos, o meu muito obrigado.

Em seguida, houve a "Entronização do quadro" e Mariúcha dos Santos Dalpino leu a biografia da homenageada.

A Professora Maria de Lourdes Machado Martins pronunciou o seguinte discurso:

Excelentíssimas autoridades aqui presentes, prezadíssimos familiares da Professora Elza Miguel Francisco, senhoras, senhores e crianças. É indeclinável dever honrar aqueles que, por seus méritos, fazem jus à admiração e à gratidão de seus semelhantes. Ainda mais em se tratando de alguém que muito fez pelo educando. Aqui estamos para prestar a nossa homenagem que, embora não corresponda à magnitude e à grandeza de seus méritos, servirá, todavia, para testemunhar a nossa admiração. As grandes almas e os corações sublimes nasceram para que neles outras almas e outros corações se inspirassem, e nessa inspiração divina, a humanidade cada vez mais atingisse a perfeição. Que esse retrato que hoje entronizamos nesta escola nos faça sempre presente a imagem da PROFESSORA que, com tanta dedicação empenhou seus esforços em prol da infância escolar. Que seu espírito de luta, sua coragem indômita, sirvam de exemplo a nortear os nossos passos no caminho da honra e do dever. Que nesta Escola viva sempre a lembrança da mestra, cuja constante preocupação foi a de ser útil a seus semelhantes, dando de si o melhor para o bem alheio da grande PÁTRIA onde te encontras, voltando o teu olhar compassivo para os professores que te acolhem como PATRONA desta escola, para aqueles que têm a seu encargo a árdua e sublime missão de guiar na vida os pequeninos e formar o coração da mocidade. Ajuda-nos a seguir o teu exemplo significativo de abnegação, amor e desprendimento.

O Diretor Prof. Ernesto Terra passou em seguida a palavra livre. Falaram na oportunidade agradecendo a homenagem: Dr. José Miguel Sobrinho (irmão da homenageada) e Muchir (esposo) e, por último, o Professor Wagner Silveira Cintra. A direção da escola ofereceu aos presentes um lanche, doces finos e um presente aos sobrinhos da homenageada.

Autoridades presentes ao acontecimento: Prefeito Municipal José Abdalla Jabur e sua primeira dama, Padre João Terra, Padre Lino, Dr. Álvaro Couto Rosa e Sra., Dr. Sebastião de Freitas, D.D. Delegado de Polícia, Dr. Dante Chavaglia e Sra., Prof. Wagner Silveira Cintra, Roberto Rezende Junqueira ex-Prefeito Municipal de São Joaquim da Barra, Adrião Terra e Sra., representantes dos vários estabelecimentos de ensino, Prof. Lázaro de Oliveira representando o Delegado de Ensino, Sua Sra. representando o Colégio Industrial, Pedro Badran, as irmãs Laura e Luciana representando o Educandário Mater Salvatoris, Dr. Waldir Colmanetti, diretor e professor do E.E.P.G. Elza Miguel Francisco, alunos e pais de alunos.

Edda Cardoso de Souza Marcussi



Figura 90 – Professora Edda Cardoso de Souza Marcussi

Nascida em Jardinópolis/SP, no dia 6 de fevereiro de 1929, filha de Antônio Garcia de Souza e Alayde Cardoso. Ela tinha três irmãos: Ennio, Cecília, Luiz e Ademar. Em 3 de fevereiro de 1963, casou-se com o Sr. Helço Marcussi, com quem teve um filho, Helço Marcelo Marcussi, nascido em 16 de fevereiro de 1966. Edda era conhecida por sua docilidade e dedicação ao ensino, conquistando o carinho de seus alunos. Lecionou na escola Adolfo Alfeu Ferrero e trabalhou na delegacia de ensino. Faleceu aos 50 anos em 30 de março de 1979, vítima de uma hemorragia cerebral. Sua memória como uma

educadora amada e respeitada permanece viva na lembrança de antigos amigos e alunos. Esta unidade escolar foi criada através do decreto nº 026/1994, de 14 de maio de 1994, localizada a rua Azzizi Salomão, 669 e a escola estadual do conjunto habitacional do "Nosso Teto", passou a denominar-se: Escola Edda Cardoso de Souza Marcussi. Em janeiro de 2000, o endereço da escola foi transferido para onde funcionava Escola Estadual Creso Antônio Filetti, que A

partir de 19 de março de 2018, através da publicação do decreto 1016/2018, a escola foi municipalizada, e esta onde estava instalada a escola Edda.

Escola Iang-Tao - Sistema Objetivo de Ensino

A escola Objetivo, tendo como mantenedor o Sr. Walter Palumbo de São Paulo/SP, iniciou suas atividades em São Joaquim da Barra em 1992, no suntuoso prédio construído pelo Sr. Degiovani em torno de 1960, no endereço da Rua Pernambuco, 441, próximo ao antigo Fórum. Dois anos após o início das atividades curriculares, a escola estabeleceu uma parceria com a Prefeitura Municipal, que cedeu um espaço para a construção de uma nova escola na Rua Rio Grande do Norte (onde atualmente abriga da FAJOB – Faculdade de São Joaquim da Barra), onde permaneceu até 2009. Até o ano de 2003, o coordenador era Marco Aurélio Bulhões (Marcão), de Campinas/SP, e a diretora financeira era Izabel (já falecida), de Indaiatuba/SP.

Com a saída de Marco Aurélio, Sérgio Murilo de Miranda foi convidado para assumir a coordenação da instituição. Ele relembra que na época, residia em Uberlândia/MG e vinha todas as quintas-feiras para São Joaquim da Barra e retornava às sextas, para sua cidade natal. No Objetivo permaneceu até 2005 quando problemas financeiros começaram a surgir, afastando muitos professores na época.

Após se casar em São Paulo, no início dos anos 1960, o professor de matemática Walter Palumbo viu um anúncio em 1963 de uma escola que estava contratando professores para uma instituição em Brasília. Ele, recém-formado, decidiu se inscrever. Foi até Brasília, onde todos os inscritos deveriam realizar uma breve aula sobre o assunto de sua escolha dentro da disciplina de matemática, apresentando-a a todos os presentes em um auditório, na época um palco com um quadro negro. Um pouco antes de sua apresentação, havia um grupo conversando muito durante as aulas dos candidatos. Quando chegou sua vez, Walter subiu ao palco, iniciou a aula e interrompeu sua exposição, chamando a atenção dos presentes que estavam conversando no auditório. Todos ficaram surpresos com sua atitude, e aquele que estava conversando com o propósito de atrapalhar e verificar se alguém tomaria alguma providência era João Carlos Di Genio, o dono do Objetivo. Quando ouviu a reclamação de Walter, Di Genio disse a ele para parar a aula, pois ele já estava contratado, e foi assim que começou a amizade entre eles.

Com o passar dos anos e dedicação ao magistério, Walter Palumbo se tornou sócio e proprietário de três escolas Objetivo com unidades em Indaiatuba, Batatais e São Joaquim da Barra, todas com um grande número de alunos. Em 1998, encerraram a sociedade, ficando Walter com as escolas de Indaiatuba e São

Joaquim da Barra, enquanto o outro sócio ficou com a escola de Batatais. As escolas Objetivo sempre foram referência devido à estrutura, material didático e excelência dos profissionais.

Atualmente denominada como Colégio IANG-TAO, Sistema Objetivo de Ensino, se tornou mantenedor/proprietário o Sr. Waldiney Garcia. O endereço da escola é Avenida Mogiana, 135. A instituição tem Sérgio Murilo de Miranda como diretor da escola, a coordenadora Thainá Diniz Spezzi, e a coordenadora de eventos Ivania Barros. Mantendo o padrão de ensino, a escola continua oferecendo além do Sistema Objetivo, várias atividades extracurriculares, como visitas pedagógicas a vários lugares em São Paulo (Feira de Profissões, MASP, Museus, Parque Anhembi, Ibirapuera, Estação Ciência da USP, Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa e Museu do Futebol no Pacaembu). O Sistema Objetivo também possui a Escola do Mar em Angra dos Reis/RJ.⁴³

Escola Técnica Fabiano Lozano

Foi criada pela portaria CENP n. 185/78, de 17 de agosto de 1978 e tem como mantenedora a Prefeitura Municipal de São Joaquim da Barra. A escola atende aos alunos interessados da cidade e região, pois é uma das poucas escolas municipais de música que oferece curso profissionalizante.

FACESB - Faculdade de Saúde, Ciências e Tecnologia

São Joaquim da Barra acalentava um antigo sonho desde o início da década de 1980; a criação de uma instituição de ensino superior para atender à crescente demanda da comunidade joaquinense, que viajava para Franca, Uberaba e Ribeirão Preto. Esse desejo começou a se concretizar no ano de 2004, quando os visionários mantenedores identificaram na nossa cidade um ambiente propício para a implantação de tal empreendimento educacional. Após quatro anos de incansável trabalho e dedicação, a Faculdade de Ciências Gerenciais finalmente se tornou uma realidade. Foi oficializada pela Portaria MEC nº 1.395, datada de 14 de novembro de 2008, e sua subsequente publicação no Diário Oficial da União em 17 de novembro do mesmo ano. Essa conquista não só legitimou a existência da instituição, mas também conferiu autorização para o oferecer três cursos de graduação essenciais: Administração, Ciências Contábeis e Turismo. Determinada a superar os limites, em 2009, a Faculdade buscou

⁴³ Com base no depoimento do diretor Sergio Murilo de Miranda, que contribuiu na elaboração desse texto.

consolidar-se como uma verdadeira referência na formação do conhecimento humano, almejando novos horizontes e impactando positivamente para atender alunos de São Joaquim da Barra, Ituverava, Ipuã, Guará, Morro Agudo e Orlandia.

Dando continuidade ao seu plano de formação, a mantenedora ingressou junto ao MEC a solicitação de novos cursos, Direito e Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, obtendo suas autorizações.

No início de 2018, sob a gestão da Prof.^a Erica Smargiassi e família, a FACESB – Faculdade de Ciências Empresariais de São Joaquim da Barra, instalada na rua Maria Rosa da Silva, 151, Jardim Paraíso, assumia um importante papel no cenário educacional, principalmente para São Joaquim da Barra e Região.

Em 2017, a instituição teve uma mudança significativa em sua gestão, agora liderada pela Prof.^a Érica Smargiassi, uma mantenedora com mais de 35 anos de experiência no ensino superior. Junto com ela, toda a sua família se envolveu no projeto em prol da comunidade joaquinese. Nesse momento, a instituição passou a se chamar FACESB – Faculdade de Saúde, Ciências e Tecnologia, refletindo uma nova direção e foco. Sob essa nova gestão empreendedora, foi possível lançar o Curso de Direito, que se tornou o destaque da instituição, com três turmas já formadas e outras cinco em andamento. Além disso, os cursos de Administração e Gestão de Recursos Humanos estão em pleno desenvolvimento, enquanto os cursos de Enfermagem e Psicologia estão na lista de espera, aguardando sua implementação. Com aproximadamente 200 alunos em cursos presenciais e parcerias de ensino à distância, espera-se um aumento significativo com a chegada dos novos programas.

Com todo trabalho desenvolvido por essa equipe e corpo docente de Especialistas, Mestres e Doutores altamente qualificados, somado ao seu corpo técnico administrativo, nesse período seu número de alunos dobrou e a FACESB hoje só tem um destino, o crescimento contínuo, com qualidade e eficiência e se tornando cada vez mais, nas palavras da Diretora Érica, “UMA PEQUENA NOTÁVEL”.

Como a primeira e única faculdade em São Joaquim da Barra, a instituição celebrou este ano seus 15 anos de trajetória, marcados por inúmeras conquistas. Durante esse período, mais de 30 turmas foram formadas, contribuindo para o crescimento pessoal e profissional de cada aluno e, consequentemente, para o desenvolvimento da própria cidade e da região. Na direção geral da instituição está a Professora Mestre Rogéria Mascarenhas, com o apoio constante da Presidente da Mantenedora, Professora Erica Smargiassi, e do Vice-Presidente, Antônio Smargiassi Neto. Eles lideram uma equipe de docentes com vasta experiência profissional e acadêmica, além do corpo técnico-administrativo da FACESB.

A meta da instituição é clara: promover a transformação individual e social através da educação. Para isso, valoriza a parceria com o poder público municipal e empresas locais, permitindo a união de esforços para viabilizar o acesso ao ensino superior, capacitando indivíduos para seu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional⁴⁴

FAJOB – Faculdade de São Joaquim

Na noite dia 30 de novembro de 2018, ano em que se comemorou os 120 da cidade de São Joaquim, aconteceu a inauguração da FAJOB - Faculdade de São Joaquim da Barra, a terceira instituição de Ensino Superior da Fundação Educacional de Ituverava. A Fundação Educacional – FE, é mantenedora de outras instituições de ensino em Ituverava, sendo as faculdades FFCL e FAFRAM, além dos colégios COC e Anglo. O evento aconteceu no salão Elmaz Badran, no Jardim Santa Lúcia, reunindo diversas autoridades locais e regionais, entre elas, o presidente e o diretor executivo da FE Pedro César Galassi e Roberto Inácio Barbosa; o diretor da FFCL, Antônio Luís de Oliveira; o prefeito e vice de São Joaquim da Barra, Dr. Marcelo de Paula Mian e Éder Ângelo Tavares; o presidente da Câmara do município, Hilário Rocha de Moraes Júnior; o ex-ministro e deputado federal, Marcos Pereira e o deputado estadual Sebastião Santos, o presidente da OAB Subseção de Ituverava, Alcides Barbosa Garcia.

Também prestigiaram o evento, políticos, empresários, representantes da área de educação e de entidades filantrópicas de São Joaquim da Barra, além de diretores e colaboradores da FE.

O prédio que abriga a FAJOB é o local onde funcionou por muitos anos o Colégio Objetivo, na rua Rio Grande do Norte, 1470. Totalmente reformado, conta com 17 salas de aulas, biblioteca, laboratórios, salas de diretoria, coordenação, reunião, além de uma quadra poliesportiva.

Fernando César Fonseca

Nasceu em São Joaquim da Barra - SP, no dia 5 de abril de 1980; filho de Sergio Fonseca e Maria Aparecida F. Ferreira Fonseca, era uma criança muito querida pela comunidade joaquinense.

Iniciou sua educação nas escolas Municipais Parque Infantil Pedro Amauri Silva e foi aluno da Professora Alice Batista da Silveira Avezum. Após isso, frequentou a Escola Estadual Silvio Torquato Junqueira, sendo aluno da

⁴⁴ Baseado no texto enviado pelo Vice-Presidente da FACESB Antônio Smargiassi Neto.

professora Anita Parada. Caracterizou-se como amigo de todos, dotado de grande simpatia.

Morou ao lado da pracinha do correio e não manifestava qualquer espécie de preconceito, pois brincava com os andarilhos e as crianças de rua que dormiam nos bancos da praça. Era comum, ao acordar à noite e ouvir o choro das crianças desamparadas na praça, sentindo frio e fome, levar sua coberta para aquecê-los e oferecer-lhes comida. Por diversas vezes, pediu à sua mãe para preparar almoço para seus "amiguinhos", surpreendendo-os ao levá-los para casa.

Fernando era uma criança alegre e solidária, apaixonado por andar de bicicleta, conquistando novos amigos por onde passava. Na escola, destacou-se como excelente aluno, sempre auxiliando a professora no carregamento dos materiais até sua casa após a aula.

Faleceu precocemente, aos sete anos e três meses, no dia 3 de julho de 1987, de forma trágica, após ser picado por um escorpião enquanto brincava embaixo de uma mangueira no terreno ao fundo de sua residência, onde construía uma casinha para seu cachorro. Deixou seu irmão mais velho, Sérgio Fonseca Júnior, seus pais e a saudade de muitos amigos, além de seu inegável legado solidário reconhecido pela sociedade de São Joaquim da Barra.

Sobre a escola: Em 1987, o Senhor Prefeito atendeu às reivindicações das mães trabalhadoras, que não tinham onde deixar seus filhos, alugando uma casa e denominando-a como "Creche do Bairro da SANBRA".

Em 16 de novembro de 1990, por meio da Lei nº 072/90, o Prefeito Municipal, Dr. José Luiz Proença, renomeou a creche, anteriormente implantada no bairro Jardim Paraíso, como "Creche Fernando César Fonseca", passando a atender crianças de 4 meses a 6 anos de idade em período integral, oriundas de famílias carentes, oferecendo alimentação, higiene corporal e dentária. Posteriormente, pela Lei nº 62000, ato do então Prefeito Municipal, Dr. Jorge Antônio Barbosa Sandrin, passou a ser denominada "Centro de Educação Infantil Fernando César Fonseca" e, pela Portaria 033/96- 31 de dezembro de 1990, "EMEI Fernando César Fonseca", e, por fim, pelo Prefeito Municipal, Dr. Marcelo de Paula Mian, recebeu a atual denominação de "EMEB Fernando César Fonseca".

Essa instituição atende às necessidades de famílias, cujos responsáveis, principalmente as mães, são trabalhadores rurais, permitindo que deixem seus filhos durante o período de trabalho na lavoura.

No início das atividades, o prédio original oferecia atendimento por meio de uma sala de aula, um berçário, um dormitório, uma sala de coordenação, um amplo refeitório coberto, uma cozinha, uma despensa, instalações sanitárias adequadas, um almoxarifado e uma área externa. Em 2003, foram acrescentadas duas salas de pré-escola juntamente com a creche. Em março de 2012, a escola passou

por uma remodelação e ampliação, recebendo novas salas de aula e ampliando o atendimento para crianças de 4 a 6 anos.

Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta

Nasceu na fazenda Campo Alegre, na cidade de São José do Rio Pardo/SP, em 14 de maio de 1920. Era a quinta filha de Azarias José Vieira e Raquel Pinheiro Vieira, e seus irmãos: Erotides, Maria Aparecida, Benedito José e Adevaldo. Casou-se na sua cidade natal em 28 de dezembro de 1939, com Eugênio de Vitta. Era professora de Artes, muito meiga e muito querida por seus alunos. Lecionava no C.E.N.E, quando faleceu às 22h do dia 9 de setembro de 1965, aos 45 anos, vítima de câncer uterino.

Para falarmos da escola Genoveva, precisamos voltar no ano de 1944, quando, através do senhor Antônio Tobias despertou na comunidade a ideia de conseguir um Ginásio Estadual. Na verdade, era um sonho desde a segunda metade da década de 1920. O Dr. Guilherme Junqueira Meirelles, o promotor público Dr. Francisco Solano Franco e o MM Juiz e Direito Dr. José Carlos Ferreira de Oliveira já haviam conversado com o Dr. Fernando Costa, chefe do governo estadual, sobre a criação do ginásio, obtendo a promessa de concretizá-la.

O secretário da Educação Dr. Sebastião Nogueira de Lima orientou-os como se encaminhar em tão difícil empreendimento.



Figura 91 – Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta

Em 14 de maio de 1944, o então prefeito Roberto Rezende Junqueira, realizou o lançamento da pedra fundamental do calçamento da cidade, juntamente com o Dr. Guilherme; durante o banquete, conseguiu dos 12 prefeitos presentes e mais alguns joaquinenses uma representação ao interventor,

Fernando Costa, pedindo a criação do Ginásio, o trabalho inicial estava feito, mas com o passar do tempo, foi caindo no esquecimento, se perdendo no emaranhado da burocracia.

Somente em 1945, com a subida de Antônio Stupello à prefeitura, juntamente com seu irmão Francisco Stupello, José Eduardo Ferreira Sobrinho, João Mattaraia, Durval Correia Rangel, Abrão Mauad e outros, tomariam um novo impulso para a concretização do Ginásio.



Figura 92 – Lançamento da pedra fundamental do Ginásio Estadual em 5 de maio de 1947.

Após árdua batalha, pelo decreto de lei nº 15070, de 25 de setembro de 1945, foi criado o tão sonhado Ginásio Estadual de São Joaquim da Barra.

Após a criação, a difícil tarefa estava na instalação.

Adolfo Alfeu Ferrero, Dr. João Batista de Freitas Malheiros, José Casemiro da Silva Leça, João Eduardo Ferreira e Antônio Stupello, promoveram uma subscrição para conseguir fundos que permitissem a adaptação do prédio da Prefeitura Municipal a fim de ser ali, instalado o nosso Ginásio⁴⁵. Em 7 de abril de 1947, estaria funcionando a tão esperada escola. Passados três anos, o professor Jayr de Andrade, lembrou-se de criar uma Escola Normal, que foi criada em 4 de janeiro de 1950 e seu funcionamento em março do mesmo ano⁴⁶

⁴⁵ Memórias de São Joaquim I, Lúcio de Oliveira Falleiros

⁴⁶ Manuscritos do Durval Correa Rangel, no cinquentenário de Instalação de São Joaquim (1952), acervo do autor;



Figura 93 – Construção do Ginásio

Liderados por Adolfo Alfeu Ferrero, então já prefeito e com grande prestígio, conseguiram a criação do curso colegial, a partir de março de 1951. E ainda faltava um prédio! Com a mesma determinação, os homens públicos fizeram construir no Alto da Bela Vista o prédio do Colégio Estadual e Escola Normal de São Joaquim da Barra (CENE). Em 1953, o prédio já estava construído.

Em 8 de novembro de 1967, a pedido do então professor Creso Antônio Filetti, ao prefeito José Abdalla Jabur, aprovado em justa memória, e através da lei estadual nº 9.900 estabeleceu que o Colégio e Escola Normal, de São Joaquim da Barra passasse a denominar-se "Prof.^a Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta". A E.E. Professora Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta está estruturada em dois pavimentos, sendo térreo e

1º andar. No pavimento térreo temos estacionamento, salas da secretaria, sala dos professores, sanitários masculinos e femininos para funcionários e alunos, salas de aula, sala de vídeo, salão nobre, laboratório, sala do Acesso, quadras coberta e não-coberta, sala de jogos e ginástica, cozinha, refeitório, cantina, zeladoria. No 1º andar temos salas de aula, sala da coordenação, sala de informática, sanitários masculino e feminino para alunos, almoxarifado, despensa e sala de leitura. Possui grande área verde ao entorno. Também está planejado com acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida, contando com elevador, áreas planas e rampa de acesso.



Figura 94 – Professora Graziela Malheiros Fortes

Nascida em 29 de novembro de 1913, em São João da Boa Vista, teve sua vida dedicada ao enaltecimento da educação paulista, personificada na figura símbolo da mulher, mãe, esposa e mestra de São Joaquim da Barra. A filha do senhor Antônio Jacintho dos Santos Malheiros e de dona Maria José Malheiros, concluiu seus estudos na conceituada Escola Normal "Caetano de Campos" em São Paulo e logo iniciou suas atividades profissionais no campo do magistério, demonstrando sua capacidade como grande educadora, consciente de seus deveres, idealista e entusiasta, conduzindo sabiamente e pacientemente as crianças pelos caminhos do saber.

Logo após seu casamento com o médico José Ribeiro Fortes, a professora Graziela, esposa dedicada, acompanhou-o ao interior do estado, estabelecendo raízes em São Joaquim da Barra e iniciando ali uma vida de trabalho, de luta, de amor e de muito companheirismo. Dedicando-se à nobre tarefa de ensinar, a Professora Graziela iniciou a alfabetização das crianças na Fazenda Riachuelo, em São Joaquim da Barra, e posteriormente foi transferida para um estabelecimento de ensino da cidade, que mais tarde recebeu a denominação de Grupo Escolar Sílvio Torquato Junqueira, hoje considerado o mais antigo da cidade.

Nessa casa de ensino, Graziela permaneceu por trinta anos como professora encarregada da alfabetização dos alunos. Quase mil crianças aprenderam as primeiras letras ali. Assim, semeando o saber em mentes férteis, a professora viu seu esforço como mestra dedicada florescer e frutificar. Em 1969, com o falecimento de seu esposo, Dona Graziela sofreu um duro golpe. Já aposentada do serviço público, esta insigne mestra resistiu à sua imensa dor até 1979, quando, vítima de um câncer de linfoma que a debilitou por dois anos, deixou o convívio de seus parentes e amigos de São Joaquim da Barra.

Pelo projeto de lei, n. 0154 / 1980, de 24 de abril de 1980, durante a administração do prefeito José Abdala Jabur, a escola estadual de São Joaquim da Barra, construída no bairro Jardim Paraíso, foi denominada E.E.P.G Prof.^a Graziela Malheiros Fortes, em justa homenagem à essa grande mestra de nossa

cidade, em 2017, a escola passou a ser de responsabilidade do município e não mais estadual.

Jayr de Andrade



Figura 95 – Professor Jayr de Andrade

A Escola Municipal de Educação Básica Professor Jayr de Andrade, situada na Rua Azizi Salomão, 220, no Bairro João Paulo II, é um espaço dedicado ao ensino infantil e fundamental. Seu surgimento remonta ao dia 31 de dezembro, conforme registrado no Decreto nº 035/96, durante a gestão do prefeito José Ivo Vannuchi. O nome da escola presta homenagem a Jayr de Andrade, filho de Elisa Kerchel de Andrade e Antônio de Andrade. Jayr nasceu em Itapuí, antiga Bica de Pedra/SP, aos 22 de janeiro de 1919. Perdeu o pai aos quatro anos de idade, época em que já residia na cidade de São

Carlos/SP, onde estudou e se criou.

Filho mais novo do casal, tal quais suas irmãs, Lídia Andrade Macedo, Dalida Andrade e Souza e Claricinda Andrade Bierrenbach, seguiu a carreira do magistério. Tinha o sonho de infância cursar medicina, mas frente às dificuldades existentes, optou pela formação de professores, opção da qual nunca se arrependeu e sempre reputou a mais acertada, tal o amor que viria nutrir pela causa do ensino.

Casou-se com Cecília Cotrim Andrade, também professora, que depois se tornou supervisora de ensino, e nos 42 anos de vida em comum, foram exemplos de respeito mútuo, cordialidade, amizade, compreensão, afeto, carinho e muito amor. O casal teve duas filhas: Maria Helena Cotrim Andrade Mora, e Regina Helena Cotrim Andrade Cesar, são seus netos: Jair Francisco Andrade Pinheiro, Larissa Andrade Mora e Priscila Andrade Cesar.

Jayr realizou o curso de formação de professores no Instituto de Educação Álvaro Guião de Carlos e posteriormente bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Vale do Paraíba, em São José dos Campos/SP.

Em 1941, por concurso, ingressou no magistério, na Escola Masculina da Fazenda Santa Iria, em Pompéia/SP. Depois, removeu-se para o Grupo Escolar do Bairro dos Gonzagas em Promissão e, por concurso de títulos e provas foi

nomeado Professor Secundário do Instituto de Educação Torquato Caleiro, Franca/SP. Em 1946 veio para o cargo de Diretor do Ginásio Estadual de São Joaquim da Barra e, posteriormente, foi para São Paulo como Diretor do Instituto de Educação Fernão Dias Paes, cargo no qual se aposentou. Em 1951 foi designado para exercer as funções de Inspeção de Ensino Secundário e Normal na região de Ribeirão Preto.

Em 1955 foi designado em comissão para as funções de chefe do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo. 1959, foi nomeado em comissão para assistente Geral do departamento de Educação; em 1960, Diretor geral do Serviço de Educação de Adultos do Estado, 1963, Diretor da Coordenadoria Nacional de Bolsas de Estudo, do Ministério da Educação e Cultura. Em 1965, nomeado para as funções de assistente Técnico do gabinete do Secretário da Educação do Estado. Em 1966, pela segunda vez, nomeado Diretor Geral do Serviço de Educação de Adultos do Estado. Já em 1969, foi nomeado novamente para o cargo de chefe do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo. Em 1971, nomeado para o cargo de Diretor do Departamento de Ensino Básico e Normal da Secretaria da Educação do Estado. Foi Membro (conselheiro) do Conselho Estadual do Serviço Civil; - Membro da Comissão Permanente de Estado dos casos de Acumulação de Cargos do Estado; - Presidente da Comissão Organizadora do IV Congresso Nacional de Educação; - Representante da Secretaria da Educação do Estado no 10º Congresso Americano de Alfabetização de Adultos; - Membro (conselheiro) do Conselho de Estadual de Educação; - Membro (conselheiro) da Comissão Estadual de Moral e Civismo; - Membro da 1ª comissão Processante Permanente da Secretaria da Educação; - Presidente da Comissão Estadual de Moral e Civismo (1983/1984).

Foi condecorado com: Diploma de Professor Emérito, expedido pela Secretaria da Educação do Estado; Diploma de honra, outorgado pela Congregação do IEE "Fernão Dias Paes"; - Título de Cidadão Honorário Joaquinense, outorgado pela Câmara Municipal de São Joaquim da Barra/SP, Medalha de prata (Honra ao Mérito), outorgada pela União dos Professores Primários do Estado; - Comenda — Medalha "Imperatriz Leopoldina", outorgada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Estado; - Comenda — Medalha "Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães", outorgada pela Sociedade Geográfica Brasileira.

A par do interesse pelas coisas da educação, foi muito entusiasmado por esportes, tendo se sobressaído, na mocidade, em natação, no salto sem vara e no basquete, do qual participou da seleção da cidade de São Carlos. Em um acidente ocorrido em Águas do Rio de Janeiro, luxou o braço direito, e deixou de lado o esporte que tanto amava.

Outro interesse que o acompanhou por toda a vida foi a música. Era apaixonado por todos os ritmos e tipos de canção, particularmente pela música popular brasileira e francesa. Adorava as reuniões em casa, os churrascos (que preparava com esmero e carinho), o bate-papo com amigos e familiares. Gostava de contar casos e, quantos não tinha, para narrar dos seus tempos de Secretaria da Educação.

Gostava do convívio com a natureza e, uma de suas paixões era observar o céu nas noites frias e estreladas, identificando constelações e procurando "objetos" voadores não identificados.

Outra paixão eram as viagens. Gostava de avião, porém era na direção de automóveis que se realizava. Do que conheceu, corria a Europa, em sua totalidade, sendo que Paris e Lisboa estavam guardadas em um canto especial do seu coração. No Brasil, preferia viagens as estações de águas ou as cidades de clima mais frio. Gostava em particular da região de Águas de Lindóia e Serra Negra, onde além dos passeios, dedicava-se a outro de seus passatempos, as compras.

Em 16 de março de 1985, voltando de um desses passeios de que tanto gostava, na estrada que liga São Paulo a Socorro, feliz e alegre pelo aniversário da neta, o carro em que viajava capotou, vitimando-o fatalmente.

Em justa homenagem, duas escolas carregam o seu nome, a primeira de São Joaquim da Barra, inaugurada em 1997 e a segunda em São Paulo, no bairro Joardópolis, inaugurada em 21 de março de 1998.

Joaquim Pontes Marques

Joaquim foi uma criança cujo trágico destino chocou o Brasil. Nasceu em 1º de junho de 2010, filho de Artur Paes Marques e Natalia Ponte, tinha apenas 3 anos, quando sua vida foi interrompida de forma brutal. O crime aconteceu no dia 4 de novembro de 2013, na cidade de Ribeirão Preto/SP. Joaquim foi encontrado morto em um trecho do Rio Pardo, em Barretos (SP), cinco dias após desaparecer da casa onde vivia com a mãe, Natália Mingoni Ponte, e o padrasto, Guilherme Longo.

Longo foi apontado como o responsável pela morte do menino. Para a Polícia Civil, o padrasto matou Joaquim com uma alta dose de insulina - o menino era diabético e fazia tratamento com o uso desse medicamento - e jogou a criança em um córrego próximo à residência. Dez anos após o crime, a Justiça em Ribeirão Preto começou a definir o caso. Natália Ponte e Guilherme Longo foram acusados do assassinato da criança de 3 anos. O julgamento ocorreu em outubro de 2023. Guilherme Longo foi condenado a 40 anos de prisão pelo assassinato

de Joaquim. Esse caso trágico e complexo envolveu investigações detalhadas e um julgamento que durou 12 dias.

A Justiça buscou esclarecer os eventos que levaram à morte prematura de Joaquim, e o resultado final trouxe alguma justiça para essa família dilacerada pela tragédia. Joaquim está sepultado no cemitério municipal de São Joaquim da Barra/SP.

Sobre a escola: O Centro de Educação Infantil Joaquim Ponte Marques está localizado na Rua Joana Deienno Meneghinne, 451, no bairro Boa Brisa, em São Joaquim da Barra - SP. Pertence à rede municipal de ensino, representada pelo Departamento Municipal de Educação, e sua finalidade é oferecer atendimento à Educação Infantil em período integral, das 07h às 16h30. O Centro de Educação Infantil é mantido pela Prefeitura de São Joaquim da Barra.

Foi criado pela LEI N°416/2014, de 27 de novembro de 2014, para atender crianças de 0 a 3 anos e recebeu o nome de uma criança que faleceu precocemente. Inicialmente, a creche começou a atender no ano de 2015 em uma casa alugada, atendendo 85 crianças até que seu prédio próprio ficasse pronto. No dia 21 de setembro de 2016, foi inaugurado o novo prédio da CEI, e no dia 22 de setembro, já se iniciou o atendimento no prédio próprio. No ano de 2017, passaram a atender cerca de 130 crianças.

José Flora

Mais conhecido como professor "Lelé", nasceu em 05 de setembro de 1933 na cidade de São Joaquim da Barra, na rua XV de novembro, nº873, terceiro filho de um casal de imigrantes italianos, Aquilino Raphaelle Flora e Maria Poli Flora. De março de 1954 a fevereiro de 1955, trabalhou como escriturário no Banco Cruzeiro do Sul de São Paulo, na capital do Estado. No final do ano de 1955, concluiu o curso de magistério na Escola Estadual Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta (CENE). Em 1956, iniciou no serviço público no D.E. R desta cidade, como desenhista.

Ainda solteiro, de 04 de abril de 1956 a 11 de março de 1957, lecionou como professor substituto no distrito de Pioneiros, município de Guará. Em 25 de janeiro de 1958, casou-se com a também professora, Júlia Lara Soares, que coincidentemente fora sua colega de classe durante o curso de magistério. Desta união, nasceram cinco filhos: Vera Lúcia, Silvana, José Arnaldo, Ronaldo e Paulo Eduardo, todos casados e residentes neste município. Teve dez netos, não tendo a felicidade de conhecer três dos netos e também a bisneta.

Lecionou na escola municipal da fazenda Santa Inês, neste município. No dia 15 de março de 1960, foi nomeado pela primeira vez para lecionar no grupo escolar do bairro da Lapa, como professor substituto, onde trabalhou até 1964,

quando ingressou como professor efetivo na cidade Duplo Céu, agora concursado pelo Estado. Em seguida, foi transferido para a cidade de Colômbia SP. Em 5 de agosto de 1965, foi removido para seu tão querido grupo escolar da Lapa. Após lecionar por um período, em 15/05/1976, foi nomeado assistente de diretor, cargo que exerceu até sua aposentadoria, na Escola Estadual Adolfo Ferrero. Faleceu em 9 de fevereiro de 1998.

O Centro de Educação Infantil (CEI) Professor José Flora foi inaugurado em 30 de março de 2015, a instituição inaugurada não possuía prédio próprio. Foi alugada uma casa, que foi equipada e adaptada para atender crianças de 0 a 4 anos, situada na Rua Rio de Janeiro, nº580, centro de São Joaquim da Barra SP.

O CEI Professor José Flora foi reinaugurado em prédio próprio em 27 de maio de 2017, situado na Rua Luiz Augusto Alves de Carvalho, nº 1121, bairro Alto da Barra.

José do Pinho

Nasceu em Morro Agudo, em data desconhecida, filho de João Baptista do Pinho de Aurora Rodrigues. A escolha do patrono, foi uma forma de homenagear um dos primeiros moradores do Bairro Jardim Paraíso, conhecido popularmente como SANBRA. Além de morador, o Senhor José do Pinho era proprietário de um comércio no bairro. Como morador e comerciante, ele sempre buscou incentivar o crescimento e a melhoria do bairro, sendo reconhecido pelos demais munícipes da região. Atualmente, os descendentes do Senhor José do Pinho ainda residem no bairro que ele ajudou a construir. Faleceu em 21 de fevereiro de 1995, vítima de infarto fulminante.

A CEI José do Pinho foi criada pela Lei 090/2005, em 14 de dezembro de 2005, para o atendimento de crianças de 0 a 3 anos em período integral. Inicialmente, recebeu a denominação de EMEI José do Pinho. Posteriormente, em 12 de abril de 2012, a Lei 056/2012 alterou a Lei 090/2005, e a unidade passou a ser denominada CEI José do Pinho.

Liceu Paulo Freire

Fundado em 23 de janeiro de 1998, o Colégio Liceu Paulo Freire se destaca pela excelência educacional, inspirado nos princípios do educador Paulo Freire.

Em 2005, foi adquirido pelo Grupo Educacional Neder, fundado em 1962 por Monir Neder. Foi ele o fundador da escola Yara Maria Coimbra, em Ipuã,

depois foi inaugurado em São Joaquim da Barra, encerrando suas atividades em 2015.

Após seu falecimento em 1987, seu filho, Professor Monir Neder Júnior, assumiu o legado, levando o grupo a se tornar uma instituição de ensino exemplar.

Com essa aquisição, o Liceu expandiu-se rapidamente, tornando-se uma das maiores instituições educacionais da região.

Em 2020, iniciou a construção do Novo Prédio do Colégio, investindo mais de 2 milhões de reais para oferecer um ambiente mais seguro e acessível aos alunos. Atualmente, o Liceu Paulo Freire é referência educacional na região, destacando-se por suas altas médias no ENEM e pelas aprovações em universidades renomadas.

Em 2024, alcançou uma média excepcional de 902 pontos em redação no ENEM, junto com os colégios Albert Einstein em Orlândia e Albert Sabin em Ituverava, reafirmando sua posição de excelência educacional. Assim, o Colégio Liceu Paulo Freire continua a transformar vidas e contribuir para um mundo melhor através da educação de qualidade e amorosa.

Manoel Gouveia De Lima

A vida de Manoel Gouveia de Lima tem muito da história de São Joaquim da Barra, por estar ligado diretamente com a família dos primeiros moradores e doadores do patrimônio para formação da vila. Nasceu em 16 de outubro de 1869, no sítio de Água Limpa, de propriedade de seu pai Francisco Antônio Gouveia, sua mãe era dona Maria Cândida de Jesus. Casou-se em Nuporanga/SP, no dia 15 de outubro de 1892 com Mariana Clara do Nascimento Gouveia (falecida em 28 de junho de 1948), filha de Maximiano José da Silveira e Rosalina Maria de Jesus. Da união do casal nasceram sete filhos: Francisco, Alexandre, Joaquim, Rosalina, Maria, Ana e Joaquim. Quando menino trabalhou na lavoura com seu pai, aprendendo em casa a ler e escrever. Quando moço foi amansador e acertador de cavalo. Foi carreiro e com seu de boi transportava sal de Casa Branca para o armazém de João Baptista da Silveira, em torno de 1895, situado perto do cemitério de São Joaquim da Barra/SP.

Posteriormente transportou café beneficiado da fazenda Santa Isabel, do dr. engenheiro Francisco de Almeida Prado, para a estação de Sales Oliveira, para ser embarcado, em 1900, para Santos.

Depois de casado resolveu estudar mais e três vezes por semana ia a cavalo para Nuporanga, estudar com o professor José Joaquim Barbosa, recebendo lições de português. À medida que ia aprendendo, ia transmitindo as

lições para seus alunos. Alfabetizou muitos adultos, preparando-os para serem eleitores e votarem na primeira eleição realizada para a escolha de Juiz de Paz, em 1903. Para tanto, construiu uma casa com uma sala grande, para servir de sala de aula, situada na rua da Estação, hoje rua Marechal Deodoro, em frente as atuais instalações do Mauad Plaza Hotel.

Aconselhado por seus amigos Dr. Francisco de Almeida Prado e Dr. Luiz Marques de Mello, ambos engenheiros, estudou agrimensura sozinho, sem professor. João Mattaraia dizia que o sr. Manoel Gouveia de Lima era de uma inteligência privilegiada.

Em 1894, junto com seus amigos e parentes, reconhecendo que já era hora de fundar uma cidade, encabeçou uma lista, um movimento, para conseguir o numerário necessário, para arrematar uma gleba de terra que servisse como patrimônio da cidade de São Joaquim. Isto aconteceu a 30 de maio de 1898.

Trabalhou na política desde 1902, juntamente com seus muitos parentes que eram sitiantes em glebas de terra pertencentes a Fazenda São Joaquim, foi um dos líderes para que fosse organizada uma lista de subscrição para angariar dinheiro para que fosse comprada uma gleba de terra onde pretendiam edificar uma cidade.

O Grupo Escolar, situado na Baixada, à rua Espírito Santo, construído sobre o antigo Estádio Ferracioli, recebeu com justiça o seu nome, uma homenagem à sua mente privilegiada, um dos nossos primeiros professores leigos e cidadão atuante na política.

Esse estabelecimento de ensino que hoje é denominado E.E.P.G Manoel Gouveia de Lima, foi criado pelo decreto 51.334 de 30 de janeiro de 1969, e instalado em 28 de fevereiro, funcionando inicialmente, até o final de 1973, nas dependências do Sílvio Torquato Junqueira, com o nome de G.E. de São Joaquim da barra. Foi criado na gestão do prefeito municipal Lair Louveran Deienno. Passou a funcionar a partir de 6 de dezembro de 1973 no atual prédio da rua Espírito Santo, 599. Manoel Gouveia de Lima Sempre pertenceu ao P.R.P. Faleceu com 65 anos em 10 de novembro de 1934 e está sepultado em São Joaquim da Barra/SP.

Mariana Rosa Ferreira

Nasceu em 23 de abril de 1881, na Fazenda da Mata, município de Restinga/SP. Era filha de Amélio Couto Rosa e Maria Amélia Couta Rosa. Após se casar com Manuel Eduardo Ferreira, mudaram-se para a Fazenda Jussara, onde tiveram cinco filhos: João Eduardo Ferreira, Otávio Eduardo Ferreira, José Eduardo Ferreira, Mário Eduardo Ferreira e Maria Aparecida Ferreira Azevedo. Dona

Mariana era uma mulher simples, muito retraída; saía de casa somente para ir à igreja Congregação do sagrado Coração de Jesus. Participava religiosamente das missas aos domingos.

A família mudou-se para São Joaquim da Barra em 1930, onde construíram uma casa na Rua Marechal Deodoro, esquina com a Rua Voluntário Geraldo. Era uma casa muito grande e bonita, que infelizmente foi demolida. Dona Mariana era uma mulher de muita fé, caridosa, guerreira, batalhadora e muito generosa. Ajudava muito os mais humildes. Aos sábados de manhã, tinha o costume de deixar na varanda de sua casa arroz, feijão e açúcar, para doar às pessoas necessitadas que pediam ajuda. Para certas pessoas, ela ainda contribuía com algumas moedas que recebia com as suas vendas de ovos e requeijões, que produzia.

Como o filho mais velho, João Eduardo, morava na fazenda e tinha nove filhos, D. Mariana acolhia os netos na sua casa na cidade, durante a semana, quando atingiam a idade escolar. Havia anos em que ficavam de três a quatro netos morando com ela e o Sr. Manoel. Eles iam para casa de seus pais somente nos finais de semana. D. Mariana se preocupava muito com a saúde dos netos; eles lembram dela à beira da cama quando ficavam doentes, fazendo remédios caseiros. Mas logo, ela chamava seu irmão Álvaro do Couto Rosa, que era médico, para consultar seus netos.

Dona Mariana gostava muito de plantas; tinha uma bela horta no quintal e o seu jardim era florido com belas Dálias, de várias cores. Gostava também de cuidar de suas galinhas, além de refinar o açúcar para uso diário e fazer deliciosos doces de frutas cristalizadas. Ela era uma mulher muito enérgica, mas carinhosa; se preocupava com as pessoas humildes e se dava muito bem com os vizinhos e a família. Embora não gostasse muito de passear, recebia bem e com prazer todos que a visitavam.

Ajudava muito nas festas da igreja, com prendas (frangos, perus, leitoas assadas), para o leilão, principalmente nas Festas da Lapa, realizadas naquela época na Praça Padre Eugênio Dias, hoje a praça que fica em frente ao CEI Mariana Rosa Ferreira, nome escolhido em sua homenagem, onde o seu filho José Eduardo Ferreira fez a doação do terreno para a construção de uma creche. Faleceu em 8 de agosto de 1957, e está sepultada em Ribeirão Preto.

A creche "Dona Mariana Rosa Ferreira" foi inaugurada em 30 de maio de 1980, com a doação do terreno pelo cidadão benemérito José Eduardo Ferreira e sua esposa Branca Macário Ferreira, que também doaram móveis e utensílios para esta casa da infância desamparada. A creche foi construída sobre os escombros da antiga Igreja da Lapa, demolida em 1974. Em 11 de fevereiro de 2000, com a Lei Municipal N° 006/2000, a creche passou a denominar-se Centro de Educação Infantil "Mariana Rosa Ferreira", situada à Praça Pe. Eugênio Dias, s/n - bairro Lapa

Velha. Em 23 de Junho de 2009, na CEI Mariana Rosa Ferreira, houve uma reinauguração após vários meses de reformas.

Margarida Beziack Zelesnikar

Esposa de Francisco Zelesnikar, nasceu na Áustria em 12 de julho de 1875. Ela e sua família vieram para o Brasil, escolhendo o interior de São Paulo para morar. Fixou residência em São Joaquim da Barra e, jovem ainda, trouxe consigo um espírito idealista e boa vontade, pois seu lema era vencer!

A cidade era ainda inexpressiva e o comércio pouco desenvolvido quando aqui passou a residir. No entanto, essa mulher dotada de caráter nobre trabalhou para o progresso de São Joaquim da Barra, fundando o primeiro curtume juntamente com seu esposo, Francisco. Com o falecimento dele, dona Margarida continuou sua luta, criando e educando seus nove filhos: Antônia, João, Francisco, Luís, Maria, José, Margarida, Joana e Antônio.

Com o passar do tempo e a ajuda dos filhos, tornou-se uma mulher de destaque no comércio e na sociedade. Era uma das principais clientes da Casa Bancária J. C. Da Silva Leça e depois acionista também. Margarida B. Zelesnikar faleceu em 25 de novembro de 1963, aos 88 anos de idade.

Com a partilha de seus bens, seu filho José Zelesnikar doou o terreno onde hoje está construída a EMEB Margarida Beziack Zelesnikar, em homenagem a esta mulher que foi exemplo de dignidade e perseverança para todos que tiveram o privilégio de conhecê-la.

A escola, inicialmente denominada Parque Infantil Margarida Beziack Zelesnikar, foi inaugurada em 30/05/1982 pelo prefeito José Abdalla Jabur. O decreto nº 1053/87 de 13/04/1987 denominou-a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Parque Margarida Beziack Zelesnikar. Com a portaria nº 037/96 de 31 de dezembro de 1996, foi autorizado o funcionamento da EMEI Margarida Beziack Zelesnikar, mantida pela prefeitura municipal de São Joaquim da Barra, com curso de Educação Infantil, mantendo adequados seu relatório e plano de Educação Infantil.

Em dezembro de 2000, a escola passou por reformas e ampliações e, em outubro de 2009, foi reinaugurada a EMEI Margarida B. Zelesnikar, que, a partir da Lei Municipal 125/11 de 14 de dezembro de 2011, criou-se o regimento: EMEB - escola municipal de educação básica.

Assim, a EMEB Margarida Beziack Zelesnikar há 44 anos serve à população da cidade de São Joaquim da Barra, hoje com aproximadamente 50 mil habitantes. Atende ainda as comunidades rurais de suas imediações. Trabalhamos com alunos de Educação Infantil (crianças de 04 e 05 anos) e alunos

do 1º. Ano do Ensino Fundamental (crianças de 06 anos), no período diurno, e alunos da EJA no período noturno.

Mater Salvatoris

Pe. Francisco da Cruz Jordan fundou a Congregação das Irmãs do Divino Salvador em 1888, como a segunda fundação após estabelecer a Sociedade do Divino Salvador em 1881, em Roma. Ele compartilhou sua visão com Thereza Von Wüllenweber, uma baronesa alemã. Em 1890, Padres e Irmãos foram enviados por Pe. Jordan para o Nordeste da Índia, seguidos pelas Irmãs em 1891. Foi Madre Maria dos Apóstolos, nome adotado por Thereza, quem enviou as Irmãs para essa missão na Índia. Demonstrou grande interesse nas missões estrangeiras. Atualmente, as Irmãs do Divino Salvador estão presentes e atuantes em 30 países ao redor do mundo.

Já nos primeiros anos da presença salvatoriana na região sudeste do Brasil, o primeiro deles veio de São Joaquim da Barra, então Diocese de Ribeirão Preto, em junho de 1951. Dona Rosa Consoni Ferrero, esposa do prefeito da cidade, Sr. Adolfo Alfeu Ferrero. Por intermédio de uma parenta residia em Americana, foi possível estabelecer com maior facilidade contato com as Irmãs, que prontamente se dispuseram a atender esse pedido.

No dia 24 de agosto de 1951, Ir. Gema Santoro (Ir. Laura) e a Superiora Provincial, Madre Ehrenfrieda Holscher, chegaram em São Joaquim para a abertura e início da missão.

Durante as duas primeiras semanas em São Joaquim, Ir. Gema e Madre. Ehrenfrieda ficaram hospedadas na casa de Dona Rosa Ferrero, aguardando a conclusão da reforma da casa destinada à residência das Irmãs, local aonde iriam realmente, dar início ao trabalho. Concluída essa reforma, as Irmãs passaram a morar em sua casa definitiva.

Então, chegou à cidade Ir. Jesuína Lopes (Teodora) para dar início ao funcionamento do Curso Infantil. Ela permaneceria ali, provisoriamente, até que Ir. Isabel Amgarten chegasse para dar continuidade aos trabalhos.

O Prefeito da cidade, Sr. Adolfo Ferrero, providenciou ajuda para que as Irmãs não precisassem pagar aluguel enquanto não estivessem em casa própria. Outro fato que deixou as Irmãs muito gratas ao povo que as esperava foi à possibilidade de encontrar, logo ao chegarem, os móveis mais necessários para o funcionamento do Curso Infantil, pois não levavam nada consigo além das roupas pessoais indispensáveis. No ano seguinte, 1952, com a chegada de outras Irmãs deu-se início a novos cursos: o de Corte e Costura e o de Admissão ao Ginásio.

Para a construção do Educandário Mater Salvatoris, foi doado um terreno graças à boa vontade e compreensão do Dr. José Ribeiro Fortes e do Sr. Roberto Junqueira. Esse terreno, no entender de Madre Ehrenfrieda, era pequeno, tendo em vista a expansão futura dos trabalhos apostólicos das Irmãs. Por isso, o Dr. Fortes, então presidente Conferência Vicentina, não hesitou em doar à Congregação um terreno maior, de propriedade dessa Conferência.

Ir. Gema Santoro com seu dinamismo e persistência conseguiu dar início à construção, formando uma comissão de homens dinâmicos e dispostos a trabalhar, tendo como presidente o Sr. Roberto Junqueira. Tal comissão, porém, veio a se desfazer, e recaiu sobre as Irmãs a responsabilidade da obra em construção.

No dia 07 de outubro de 1956, foi lançada a pedra fundamental da construção com a presença do bispo diocesano de Ribeirão Preto, Dom Luís do Amaral Mousinho. Dom Luís solicitou às Irmãs que incluíssem no projeto da construção um pequeno internato para meninas, uma vez que a região era caracterizada por fazendas.

Em 30 de agosto de 1959, deu-se a inauguração da parte já concluída, correspondente a um terço (1/3) do total desse projeto. Essa casa recebeu o nome de "Educandário Mater Salvatoris", em honra à Mãe do Divino Salvador.

Foi criado o Curso Primário e mantidos os cursos Infantil e Admissão ao Ginásio. Por vários anos, o Educandário Mater Salvatoris funcionou com eficiência, colaborando com as famílias joaquinenses na formação e educação de seus filhos e filhas.⁴⁷

O Educandário sobreviveu, no entanto, as dificuldades decorrentes da crise dos colégios particulares, especialmente no estado de São Paulo. o Mater Salvatoris foi fortemente atingido. Para tentar equilibrar a situação, foi decidido instalar no colégio o "Curso de Alfabetização de Adultos", financiado pela prefeitura municipal.

Organizou-se também uma Assistência Social a crianças pobres e carentes, visando dar-lhes assistência educacional em todos os aspectos, e iniciação profissional. Essa obra foi denominada "Aprendizado Doméstico e Agrícola Mater Salvatoris (ADAMS); funcionava em regime de semi-internato, financiada pelo Serviço de Promoção Social. Anos mais tarde, porém, persistindo as dificuldades, sobretudo as econômicas, por falta de verbas, foram extintas primeiramente o Curso Primário e a Alfabetização e, mais tarde, o ADAMS.

No início de 1973, em vista de algumas dificuldades e para facilitar a frequência dos alunos à escola, o Provincialado decidiu transferir o Curso Infantil para uma casa residencial alugada e adaptada, no centro da cidade, próximo ao local onde as Irmãs tinham começado suas atividades em São Joaquim. Algumas

⁴⁷ Primeiro Centenário da Paróquia São Joaquim, 2011 – Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior

Irmãs professoras tiveram a oportunidade de fazer uma especialização no Método Montessori-Lubienska. As aulas do curso infantil tiveram início dia 1º. Dia de março daquele ano. As Irmãs estavam muito motivadas para introduzirem essa nova metodologia, a qual os pais acolheram com muito interesse

O curso infantil foi batizado de "Mini-Mater". Durante dois anos funcionou o curso infantil com sucesso e crescente número de alunos. Além da irmã Cecília Rodrigues Vianna, que coordenava o trabalho da escola, muitas outras Irmãs também deram a sua colaboração, seja no trabalho direto com as crianças, seja no atendimento aos pais, cuidado da casa e trabalhos pastorais na Paróquia. Passaram por essa comunidade as Irmãs: Sylvia Miranda Duarte, Rosalina Biaggio, Leonilde Machado de Oliveira, Hosana Quintela de Moraes, Aparecida Lopes e Laura Santoro. Algumas Irmãs professoras trabalhavam durante o dia no curso infantil e, à noite, davam aulas no Curso de Alfabetização de Adultos, no Educandário Mater Salvatoris.

Durante o ano de 1974, a Comunidade intensificou a reflexão que já vinha fazendo, juntamente com o Provincialado, sobre os vários motivos que tornavam inviável a permanência do Mini-Mater no centro da cidade. Por outro lado, não podendo mais manter, no Educandário Mater Salvatoris, o trabalho de assistência social, através do ADAMS, a Província resolveu extinguir essa obra, favorecendo assim, o retorno do curso infantil para lá.⁴⁸



Figura 97 – As irmãs com as crianças do Educandário

Essa mudança satisfez aos alunos e a seus pais, que perceberam que o espaço e as melhores condições do ambiente favoreciam a assistência pedagógica às crianças. Sobrevieram outras dificuldades no decorrer do tempo: o número de alunos foi diminuindo e o colégio não conseguiu manter o curso,

obrigando-se a encerrar suas atividades educacionais definitivamente.

⁴⁸ Fonte: Uma trajetória de amor e compromisso – Província São Paulo



Figura 98 – Foto de 1960 – Desfile dos alunos do jardim da infância das Irmãs Salvatorianas. Na primeira fila: Carlos filho do Sr. Wilson Marcelino, Paulo Consoni e Wilson Gomes. Na segunda fila: Sílvio Mauad, Décio Chavalha Falleiros e Carlos Alberto Gomes; na terceira fila em frente à Irmã Bernarda, o menino Alcino Gomes. Com a bandeira Carmem Villela Rosa. No meio da rua, de chapéu, o Sr. Salvador Lúpoli



Figura 99 – Educandário Mater Salvatoris, na rua Maranhão, hoje se tornou casa de acolhimento das Irmãs do Divino Salvador que tanto contribuíram para o desenvolvimento social, educacional e religioso de São Joaquim da Barra.

Pedro Badran

Nascido no Líbano no ano de 1869, aos 15 anos (1897), Pedro veio para o Brasil e residiu na cidade vizinha de Nuporanga/SP, onde iniciou sua vida no comércio ambulante. Em seguida, se estabeleceu montando uma Casa comercial de tecidos e gêneros alimentícios (as famosas casas de Secos e Molhados).

Após um período no Brasil, em 1910 viajou para a Síria e de lá retornou casado com a Dona Angelina Kalil. Desta união nasceram oito filhos, Leonídia, nascida no Líbano; Almázia (dona Elmaz), Aiçar, Faez, Genoveva e Millerand que nasceram na cidade de Nuporanga e Izabel e Adélia nascidas aqui em São Joaquim da Barra.

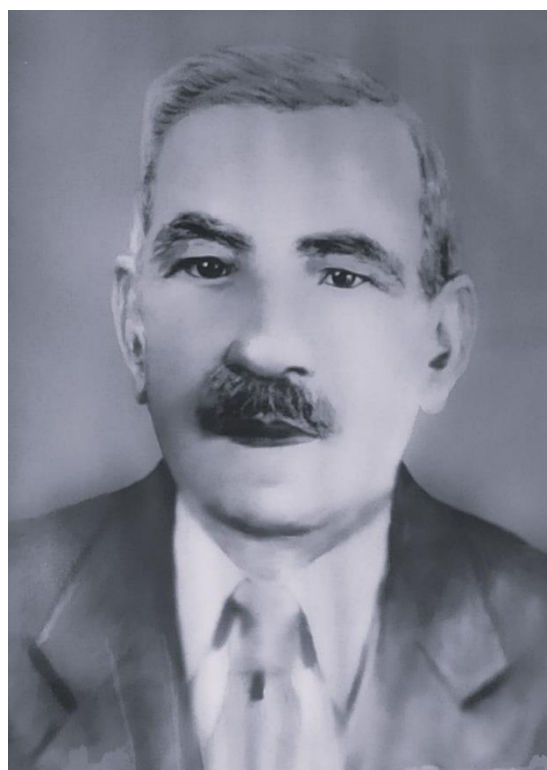


Figura 100 – Pedro Badran

Durante sua permanência em Nuporanga, recebia seus patrícios, imigrantes, hospedando-os e orientando para o labor nessa nossa terra que tinha por sua segunda pátria. Com isso, viu que havia insuficiência em escolas profissionalizantes, tanto no Líbano como no Brasil.

Em 1921, mudou-se para São Joaquim da Barra, à rua XV de novembro, continuando no ramo comercial, construindo máquinas de beneficiar arroz e café, aumentando os seus empreendimentos.

Em 1925, faleceu dona Angelina. Tempos depois, casou-se novamente, já com numerosa família. Deixou a esposa, dona Ceragia Mafud Badran.

Com a idade de 82 anos, 53 dos quais vividos no Brasil, faleceu no dia 23 de janeiro de 1951, em sua residência à rua XV de novembro, nº565, o velho comerciante sírio, que a mais de um ano achava-se enfermo.

A notícia do seu falecimento circulou cedo pela cidade e a sua residência, desde logo ficou lotada de pessoas amigas que ali foram levar a sua palavra de conforto à família, cuja popularidade e estima o fizeram venerados pelos seus patrícios e toda a família joaquinense. O seu sepultamento foi às 17h, tendo enorme acompanhamento, durante o trajeto para o cemitério a Banda Lira União e Trabalho, durante o trajeto para o cemitério, executado a Marcha Fúnebre. Comerciantes patrícios do ilustre morto, em sinal de pesar pelo seu falecimento e em homenagem à família, cerraram as suas portas.

Com efeito, pelo largo tempo que viveu nesta cidade, pela luta que desenvolveu pelo bem-estar de sua família e pelo progresso à terra que o acolhera, e cuja evolução assistiu desde os seus primórdios, contribuindo com a parcela que lhe coube, se fez respeitado e respeitável, granjeando a simpatia de todo o nosso povo.

Estado de São Paulo, através da Lei nº 77 de 23 de fevereiro de 1948, criou as Escolas Artesanais, mas somente no ano de 1958, o então Prefeito Municipal Dr. José Ribeiro Fortes tomou a iniciativa da doação de um terreno da Prefeitura para a construção da mesma. Porém, sem recursos, procurou pelos filhos do Senhor Pedro Badran e solicitou destes, a colaboração, para a construção do prédio onde funcionaria a Escola de Ensino Profissionalizante, já que o pai, sempre acreditou na necessidade de uma escola que ensinasse uma profissão.

Foi prontamente atendido e a construção do prédio teve início com a aprovação da Lei nº. 322 de 13 de março de 1958, pelos Senhores Vereadores, para a instalação da Escola Artesanal, que ministraria o ensino profissional aos jovens joaquineses e da região, sendo que o mesmo somente ficaria pronto em junho de 1959. Em reconhecimento aos serviços prestados à Escola e a Juventude de São Joaquim da Barra e região a Câmara Municipal baixou a Lei nº 325 de 12 de junho de 1958, que foi aprovada por unanimidade, dando à Escola o nome do seu patrono: Pedro Badran, em agradecimento ao ato realizado por seus filhos.

A primeira turma foi composta por 175 alunos, que fizeram seus cursos de junho/1959 a março/1960, sem interrupção para que não perdessem o ano letivo, no prédio da Rua Piauí onde, anteriormente, havia funcionado uma empresa de beneficiamento de arroz, pertencente ao Sr. José Reis. Ali a escola permaneceu funcionando somente por, mais ou menos, 2 meses.

No dia 06 de junho de 1959, os alunos juntamente com os professores e funcionários, todo equipamento e mobiliário recebidos do Governo de Estado foram instalados, e inaugurado solenemente a Escola Artesanal Pedro Badran no prédio recém-construído à Rua Maranhão, 1225, onde permanece em funcionamento até os dias atuais.

Em 1963, transformou-se em Escola Industrial Pedro Badran;

Em 1965, Ginásio Industrial e Estadual Pedro Badran;

Em 1976, Centro Estadual Interescolar Pedro Badran;

Em 1975, Escola Estadual de Segundo Grau Pedro Badran, depois conveniada ao Centro Paula Souza e em 1994, integrada ETEC Pedro Badran.

Pedro Amauri Silva

Nasceu em São Joaquim da Barra/SP, no dia 24 de agosto, de 1947, filho de Manuel Silva Junior e Palmira Perim da Silva. Casou-se em sua cidade natal, no dia 29 de junho de 1974, com a também professora Carmen Consuelo de Freitas, da união tiveram um filho. Pedro Amauri, antes de lecionar trabalhou na companhia Carol, a pedido do sr. Humberto Fernando Dalpino. Faleceu no dia 21 de junho de 1979, vítima de melanoma. Por decreto de lei número 0150 de 25 de abril de 1980, de autoria Marcelino Romano Machado, dá denominação ao grupo Escolar de São Joaquim, de EEPG Pedro Amauri Silva.

Pingo de Gente

A Escola Infantil "Pingo de Gente" teve seu início em 1º de março de 1980, estabelecendo-se inicialmente na Rua São Paulo, na cidade de São Joaquim da Barra. Posteriormente, mudou-se para a Rua Marechal Deodoro e, em seguida, transferiu sua sede para a Rua Piauí, nº 1464, onde permanece até os dias de hoje. Atualmente, a Escola Infantil Pingo de Gente oferece um material didático totalmente alinhado com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), adotando o Polígono do grupo Poliedro Educação. Além disso, é uma instituição bilíngue, com aulas diárias em inglês.

Também proporciona aos alunos aulas extras de Robótica, Música, Ballet, Karatê, Educação Física e Sala Maker. A abordagem pedagógica da escola é moderna e adaptada às experiências e níveis de maturidade dos alunos. A equipe administrativa da instituição: diretora: Leda Maria Gomes Lourenço e Maria Conceição Pereira Olivato, e a coordenação Ivana Maria Lourenço Giroldo, que nos proporcionou gentilmente esse material.

Ruth Benini Reis

Nasceu no dia 8 de junho de 1926 na Fazenda Boa Esperança, no município de Orlândia. Filha de imigrantes italianos, Victorio Benini e Leticia Botezini Benini, que chegaram no início do século, vindos de Verona – Itália. Ruth, a última de oito filhos do casal, foi a única a estudar, enfrentando as dificuldades da época. Coube-lhe transferir-se para o Colégio Santa Úrsula em Ribeirão Preto, onde concluiu o curso normal.

Após residir em Orlândia, retornou à Fazenda Boa Esperança para iniciar sua carreira. Seu casamento com o Sr. João Lopes Reis resultou em sua transferência para o Grupo Silvio Torquato Junqueira, em nossa cidade. Durante 30 anos, Ruth distribuiu sua simpatia e conhecimento aos habitantes de nossa cidade, alfabetizando grande parte de sua população. Sua aposentadoria foi compulsória após 30 anos de serviços prestados à população joaquinense. Seus filhos, netos e bisnetos, sem exceção, permanecem aqui, trabalhando em diversas áreas. Faleceu em 8 de fevereiro de 2000.

A escola EMEB Prof. Ruth Benini Reis foi criada sob a lei nº 067/2002 no dia 25 de outubro de 2002. Esta, por sua vez está instalada na Rua Piratininga n 491. Esse bairro se iniciou por volta da década de 60, com algumas casas. Nessa época, ele não tinha o nome que hoje conhecemos, o chamavam apenas de "vila". Havia um hospital que muitos conheciam por "Hospital do Dr. Ribamar, médico antigo que o dirigia. Em frente esse hospital havia a APAE. Algumas casas pertenciam a famílias e outras funcionavam para "diversão noturna" por meio de algumas mulheres. O hospital, após seu funcionamento, permaneceu fechado por muito tempo. Após alguns anos foi inaugurada no mesmo lugar, a creche Casa do Menor Santa Lúcia, em funcionamento até hoje. Na década de 70, iniciaram as obras da COHAB Pedro Chediack e com o advento de novas moradias por perto o bairro que até então era considerado uma vila afastada e desprezada, começou a se tornar um lugar com vários terrenos à venda sendo construídas várias casas, escolas, bares e outros Comércios. Surge assim, o bairro "Vila Deienno". Recebeu este nome, pois o terreno pertencia à Maria Conceição Deienno, que com o falecimento do seu marido, colocou o terreno à venda, sendo divididos em lotes para que as pessoas comprassem e construíssem suas casas.

Sylvio Torquato Junqueira

Nasceu em 19 de fevereiro de 1900, na cidade de Ipuã. Formado em Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ em Piracicaba/SP. Era filho do Dr. Antônio Torquato Fortes Junqueira e Helena Fausta Diniz Junqueira, filha de Francisco Marcolino Diniz Junqueira, Capitão Chico da Invernada. Sylvio tinha como irmãos Celso, Zenaide, Zilda, Fábio, Irene e Plínio.

Casou-se com 23 anos em 15 de agosto de 1923, com Violeta Castanho de Andrade, nascida em Piracicaba/SP, em 27 de janeiro de 1905, filha de José Miguel de Andrade e Castorina Castanho de Andrade. Com o falecimento do pai, em 1936, herdou a sede da Fazenda da Fazenda Santa Helena, (onde morou toda a sua vida), juntamente com outra chamada fazenda Jardim no município de

Ipuã/SP, tornando-se um dos principais criadores de equinos da raça Mangalarga, linhagem genuinamente desenvolvida pela família Junqueira. Sylvio, faleceu em 31 de janeiro de 1948, vítima de enfarto, está sepultado em São Joaquim da Barra/SP.

O casal não teve descendentes para dar continuidade ao seu legado. No entanto, sua memória e contribuições para a população joaquinese, permanecem vivas através das lembranças daqueles que o conheceram e da homenagem prestada pela Lei 3.229, de 25 de outubro de 1955, Esta lei batizou o 2º grupo escolar da cidade com o nome de Grupo Escolar Sylvio Torquato Junqueira, em reconhecimento ao seu papel crucial na obtenção de apoio do Estado para a construção do grupo escolar.

Sobre a escola: Em 21 de julho de 1921, foi criado o Grupo Escolar de São Joaquim da Barra, inicialmente instalado no prédio da esquina da rua Rio Grande do Sul com a rua Pernambuco, então pertencente ao Senhor Antônio Mendes de Oliveira. Durante pouco mais de 3 anos, o Grupo funcionou neste local.

Em 1925, o Grupo Escolar foi transferido para o prédio localizado na esquina das ruas Minas Gerais com a rua Marechal Deodoro, onde hoje se encontra a Delegacia Seccional e a Delegacia de Defesa da Mulher.

No início de 1934, os adeptos do novo partido P.C. (Partido Constitucionalista) estavam repletos de entusiasmo e esperança com os novos rumos e ideias políticas. Neste contexto, o prefeito de São Joaquim, Senhor Manoel Azeredo Coutinho, viu como ponto de honra atender às reivindicações da sociedade local, particularmente a construção de um novo prédio para o Grupo Escolar, equipado com todas as instalações pedagógicas necessárias.

Em 1935, o prefeito municipal solicitou ao Departamento Municipal a doação de um terreno no quarteirão 24, com área de 6.307,50 m², ao Estado. Em abril do mesmo ano, iniciaram-se os trabalhos políticos para a construção e, em junho, Manoel Damásio, presidente da APM (Associação de Pais e Mestres), passou a gerência da sociedade construtora do Grupo Escolar ao Senhor Ernesto Barbanti.



Figura 101 – Sylvio Torquato Junqueira

Foi então aberto um edital de concorrência pública, no qual foram apresentadas diversas propostas. A proposta vencedora, por unanimidade, foi a dos Senhores Nicolau Terreri & Irmãos, no valor de 132:000\$000, considerada a mais vantajosa. Os sócios Sylvio Torquato Junqueira, Dr. Álvaro Couto Rosa e Gabriel Junqueira Reis comprometeram-se a contribuir com 2:000\$000 a mais cada um, uma vez que as cotas subscritas pelos sócios não alcançavam o montante necessário para a referida proposta.

No segundo semestre de 1936, o Grupo passou a funcionar em um prédio digno de sua nobre função, situado na Praça Magino Diniz Junqueira, nº 295, no Centro da cidade.

Pela Resolução nº 13 de 21, publicada em 22 de janeiro de 1976, o Grupo Escolar Sylvio Torquato Junqueira teve sua denominação alterada para Escola Estadual de Primeiro Grau Sylvio Torquato Junqueira.

Wânia Maria Andriani Fernandes

Nasceu em São Joaquim da Barra, em 21 de fevereiro de 1928, filha de Benjamin Andriani e Benigna Gallego Andriani, sendo seus irmãos: Maria Magdalena, Reinaldo, Neusa Maria, Mário, Cláudio e Vanir. Casou-se com Eduardo Fernandes em 27 de maio de 1951. São seus filhos: José Eduardo Fernandes, Marcos Antônio Fernandes.

Estudou no Ginásio Estadual, Escola Técnica de Comércio São José (Hoje FEAM COC), sendo a primeira da turma a se formar Técnico em contabilidade em 1947 e posteriormente o Curso de Formação de Professor primário em 1955, na Escola Normal e Colégio Estadual de São Joaquim da Barra. Entre os anos de 1956 a 1962, lecionou no grupo escolar Sylvio Torquato Junqueira, de 1963 a 1967, no grupo Escolar Adolfo Alfeu Ferrero e também as escolas rurais: Fazenda São Pedro, Santa Inês, Santa Cecília e Jussara. Em 1967, foi nomeada para o grupo escolar Vila Sinhá, na capital. Em 1969, removida para a escola Alto da Fortaleza em São José da Bela Vista, em 1978 para a EEPG Maciel de Castro Junior, na mesma cidade e em 14 de março de 1980, para a EEPG Manoel Gouveia de Lima, onde se aposentou em 7 de dezembro de 1984. Faleceu em 24 de dezembro de 1998.

A inauguração da unidade escolar EMEI Wânia Maria Andriani Fernandes, situada na rua Sergipe, 3888, no bairro Vila Sônia, aconteceu no dia 30 de maio de 2003, no 105º aniversário de São Joaquim da Barra, durante a administração do prefeito Wagner José Schmidt.

No ano de 2024, de acordo com os dados da Secretaria da Educação, estão matriculados 9.349 alunos entre escolas particulares, estaduais e municipais de São Joaquim da Barra.





PARTE 03

Tempo de celebrar

Foto: Paulo Ferreira

CEPIM, 60 anos de uma história de vida, de fé, coragem e muita dedicação.

"O que sonhei, conquistei com muito trabalho e a graça de Deus. Se pudesse, viveria tudo outra vez"

Faez Badran



Figura 102 – Fachada atual do CEPIM – Odette Dip Badran

Em 16 de novembro de 2024, o CEPIM – Odette Dip Badran, celebrará 60 anos de dedicação à primeira infância da criança joaquinense. Esta jornada de seis décadas é um testemunho do poder da visão de que, quando se pensa algo para o bem comum, somos dotados de infinitas possibilidades. A força, a caridade e a vitalidade são os pilares fundamentais para aqueles que embarcam nessa jornada. Com determinação, fé e o sonho de alcançar os objetivos estabelecidos, cada passo é dado rumo ao avanço e à realização dos ideais.

Para recontarmos a história dessa instituição, que completa seis décadas no município de São Joaquim da Barra, fiz uma visita à instituição, situada na rua Piratininga, nº 1113, ao lado do Asilo São Vicente de Paulo. Assim, em um sábado santo chuvoso, fui recebido pelo atual presidente da instituição Faez Borini Chaul (o sobrinho), e pela Isabel Kristina Roldão Moreti, atual diretora e seu braço direito.

No hall de entrada, fotografias de dona Odette, Faez Badran e Dr. José Ribeiro Fortes, recepciona os visitantes. Um crucifixo e uma imagem de São Luís

Gonzaga, patrono da juventude, ornar e demonstra as virtudes cristãs da entidade, e bem discreta uma placa homenageando com o nome das pessoas que fizeram parte da primeira diretoria.



Figura 103 – Placa fixada no Hall de entrada do CEPIM

Após um bate papo, fizemos um tour pelas dependências, que acaba de ser pintada. No corredor central, duas pinturas históricas que pertenciam à antiga Matriz de São Joaquim da Barra e que foram doadas À creche e hoje ornamentam as extremidades; do lado direito, a Imaculada Conceição, do esquerdo, São Joaquim e Santa Ana, de autoria dos pintores Carlos e Vicente Abriatta.

As demais paredes, muitas delas lúdicas, com motivos infantis, dão um aspecto alegre e acolhedor; todo o prédio muito bem conservado, jardinagem bem cuidada, salas muito organizadas, brinquedoteca, bibliotecas, uma sala dedicada aos

professores e outras para as crianças; só de parques internos são 7, para as atividades dos alunos do CEPIM.

Para Faez Borini Chaul, que representa a terceira geração de sua família a presidir a instituição, é motivo de grande orgulho dar continuidade ao legado deixado por seus tios avôs à comunidade. Para ele, o CEPIM se torna uma extensão de sua própria casa; isso é evidente quando ele compartilha de forma entusiasmada as conquistas da instituição, demonstrando um vínculo emocional."

É tempo de celebrar, e, é essencial resgatar a biografia de duas pessoas fundamentais para sua trajetória. Emergem de forma carinhosa as histórias desses indivíduos, cujo legado foi crucial para os 60 anos de sucesso da instituição; Faez Badran e sua esposa Odette Dip Badran.

Faez, que em árabe significa "vitorioso", era dono de uma bondade infinita. Ao contrário do que a maioria imagina, ele não nasceu no Líbano, mas em Nuporanga/SP, no natal de 1915, quarto filho de uma prole de nove irmãos. Aos quatro anos de idade veio com a família para São Joaquim da Barra e nunca mais partiu. Num tempo de homens rústicos e de difícil acesso aos estudos, então com nove anos de idade, iniciou-se no mercado do trabalho como ajudante do

pai, Pedro Badran, na época, como mascate. Vendia diversos produtos como roupas, calçados, canetas, pentes etc., para sustentar e educar os irmãos; valorizou a vida, a família e a comunidade.

Estudou no antigo primário da escola da fazenda Santa Helena, perto da estação de Guaiuvira, com o professor major Celso Olavo Lopes de Oliveira. Aos treze anos, após a morte do pai, continuou mascateando até os 22 anos de idade, acumulando capital. Foi então que convidou os irmãos Milerand e Aiçar para um negócio novo e lucrativo. Montaram uma máquina de beneficiar arroz, com escritório de compra e venda de cereais, que funcionou por 22 anos. Mais tarde, aprendeu contabilidade com o Sr. Pedro Chediack, que viria a ser seu cunhado. Este homem pequeno no tamanho, mas grande na generosidade, revelava uma personalidade forte, mas com gosto pelas coisas simples da vida; com ele, estava sem em sua companhia de um pedaço de fumo caipira, que ele cheirava o tempo todo em vez de fumar.



Figura 104 – Faez Badran e Dona Odette Dip Badran

Casou-se em 28 de outubro de 1943 com dona Odette Dip, filha de Linda e Moisés Dip. Cientes do grande amor e do propósito de vida, Faez e Odette estenderam seu imenso amor a todos os carentes e desprotegidos.

A quem Deus não deu filhos, deu um enorme coração para acolher os 28 sobrinhos e as entidades assistenciais da cidade. Ente os seus fiéis escudeiros estava o seu sobrinho Barbar Chaul Filho, o Barbinha. Em sua trajetória por São Joaquim da Barra, foi padrinho de incontáveis casamentos e de inúmeros batizados. Qualquer pessoa que nasce traz consigo uma missão de atender alguma necessidade da humanidade, mas junto com ela, vem também a capacidade necessária para cumprir este objetivo. A eles, Deus premiou com bondade, saúde, sabedoria e bons amigos.

Faez Badran, ainda atuou na atividade rural, destacou-se como comerciante de produtos agrícolas e pecuários, com rara sabedoria.

Estabeleceu parceria com Dr. Luiz Octavio Junqueira Figueiredo, para a fundação da Usina Alta Mogiana, em 1983, cedendo parte de sua propriedade (fazenda Cachoeira) para a instalação. Movido pelo interesse em propiciar emprego e renda aos trabalhadores de São Joaquim e região. Ajudou outras instituições, como a Santa Casa, (que lhe homenageou com a Ala Faez Badran, o Asilo São Vicente de Paulo, mas foi especialmente o CEPIM, que preencheu o coração do casal.

Em 1964, o Asilo São Vicente de Paulo, na pessoa do saudoso Dr. José Ribeiro Fortes doou um terreno para que se construísse um prédio para abrigar as crianças necessitadas. Com o auxílio do casal Faez e Odette, foi construído o CEPIM, atendendo cerca de 30 crianças, onde na época. Existia a Casa, muito bem construída, mas faltava gente. Foi quando um grupo de senhoras se uniram e fundaram no dia 16 de novembro o Centro de Proteção à Infância e Maternidade.

Formava a diretoria a seguinte ordem:

Presidente: Sra. Odette Dip Badran;

1º Secretária: Sra. Maria Aparecia Villela Rosa;

2º Secretária: Sra. Neyde Faleiros Ferreira;

1º Tesoureira: Sra. Vera Villela Rosa;

2º Tesoureira: Srta. Lúcia Tereza Chediack.

Conduzida por uma visão comunitária inspiradora, a instituição foi dirigida pelo casal fundador, que vendo a necessidade de uma creche na cidade, para acolher as crianças enquanto seus pais e tutores trabalhavam, decidiram fundar a entidade, sem fins lucrativos e inteiramente gratuita, em período integral, o que se deu continuidade até os dias atuais.

Daquele dia em diante, ele, assumiu praticamente a instituição e a gravou de forma permanente em seu coração. Foi ele o amparo, o socorro em qualquer dificuldade da instituição.

Ainda no ano da fundação, a instituição teve o apoio das Irmãs Salvatorianas, que aceitaram o convite e a obra foi assumida, para a educação e o zelo com as crianças. A comunidade dentro da entidade, foi formada pelas Irmãs Gema Santoro, Jesuína Lopes e Ester Lopes. Elas residiam no próprio CEPIM, fazendo parte, contudo da comunidade do Asilo São Vicente. Após 1972, apenas uma das irmãs continuou atuando juntamente com as “Damas da caridade”, auxiliada por funcionárias leigas.⁴⁹



Figura 105 – Dona Odette Dip Badran

E, no outono da vida, perdeu o grande amor de sua vida, dona Odette faleceu em 3 de janeiro de 1996. Ele relembra com a cabeça inclinada e o olhar distante que a mulher foi o seu mundo. *“ Para mim, ela ainda vive de uma forma sublime”.*

Odette, foi o maior privilégio de sua vida; não foram os bens materiais adquiridos pelo árduo trabalho, mas sim a companheira que compartilhou mais de 53 anos de vida. Mas sua fé e seu amor pelo próximo fizeram continuar sua missão: Trabalhar e ajudar, ajudar e trabalhar.

A instituição tornou-se Utilidade Pública Municipal de acordo com a Lei nº 827 de 6 de setembro de 1967, e, em justa homenagem, no dia 29 de abril de 1996, foi acrescentado seu nome à instituição, passando a se chamar: “CEPIM: Centro de Proteção à Infância e à Maternidade “Odette Dip Badran”, em justa homenagem, pelos valorosos e incansáveis serviços prestados à instituição até seus últimos dias de vida. Em 2024, ganhou o título de honra ao mérito, pelos excelentes serviços prestados para a sociedade joaquinese.

Ao longo dos anos, a instituição passou por mudanças na diretoria, regimento interno e estatuto, para se manter atualizado com a legislação atual, mas sempre manteve seu compromisso com a proteção da infância e da maternidade.

⁴⁹ Província de São Paulo – Uma trajetória de amor e compromisso, pag. 204.

No dia 26 de janeiro do ano de 2000, após Barbar Chaul Filho, seu sobrinho, que há anos já havia assumido a frente do CEPIM sempre com a ajuda de sua esposa Betinha, como voluntários doadores de recursos, fundou a Associação Filantrópica Faez Badran, (A.F.F.B.) filantropia essa, que hoje é a mantenedora do CEPIM, feita para perpetuar o legado do casal Faez e Odette. Em tempos em que os dias parecem ser cada vez mais frenéticos e desafiadores, há um lugar onde os corações se aquecem e os sorrisos florescem: este lugar é o CEPIM.

O CEPIM tem no seu espaço físico: 7 salas de aula e 2 refeitórios climatizados, projetor, lousa digital e TV, lactário, pátio coberto, quadra coberta poliesportiva, 7 parques, sala de aula ao ar livre, uma sala Montessoriana⁵⁰ climatizada, sala sensorial climatizada, banheiros infantis e adultos, sendo 2 para deficientes físicos, secretaria, sala para psicóloga que atende em tempo integral, sendo seu papel fundamental promover o bem-estar emocional, social e cognitivo das crianças, bem como apoiar os pais e funcionários da instituição. Suas tarefas incluem avaliação e intervenção, apoio emocional, orientação aos pais, treinamento e consultoria para funcionários e promoção do desenvolvimento social e emocional das crianças.

Possui ainda, sala para coordenação pedagógica, sala dos professores, recepção, varanda, quarto de descanso para os funcionários, cozinha industrial com câmara fria e um gramado natural para recreação das crianças, com saídas independentes para cada idade, todas informatizadas.

O seu espaço físico, também conta com muros altos cercados com cercas elétricas, concertinas, 82 câmeras de vigilância, alarme e caseiro. Para gerar energia para toda essa infraestrutura, foi montada uma miniusina fotovoltaica, para geração de energia. Mas, não se trata apenas de um espaço físico, é também um santuário de amor e cuidado.

Além dos professores, educadores, cuidadores, coordenadores cozinheiras, limpeza, conta também com uma nutricionista, que elabora e

⁵⁰ SALA MONTESSORIANA para atividades extracurriculares, este método de ensino, é muito mais que uma abordagem educacional, é uma filosofia de vida que busca nutrir o desenvolvimento completo da criança, respeitando sua individualidade e seu ritmo de aprendizagem. Desenvolvido pela médica educadora italiana Maria Montessori no início do século XX, este método revolucionário transformou a maneira como vemos a educação infantil. A sala Montessoriana é cuidadosamente planejada para promover a autonomia e a autoeducação. Materiais educativos sensoriais e manipulativos são dispostos em prateleiras ao alcance das crianças, encorajando a exploração e o aprendizado independente. Cada material é projetado para ser autocorretivo, permitindo que a criança perceba seus próprios erros e aprenda com eles. Em suma, o método Montessori é uma abordagem educacional centrada na criança que valoriza a autonomia, a independência e o amor pelo aprendizado. Ao cultivar o potencial único de cada criança, o método Montessori ajuda a construir um mundo onde as crianças crescem não apenas como estudantes, mas como cidadãos responsáveis e compassivos.

acompanha as 1.280 refeições servidas diariamente, café da manhã, fruta, almoço e lanche da tarde. Ela desempenha funções cruciais relacionadas à alimentação, nutrição e saúde das crianças. Dentre suas principais responsabilidades e contribuições estão: elaboração de cardápios balanceados, promoção de hábitos alimentares saudáveis, avaliação e acompanhamento nutricional, orientação sobre alergias e intolerâncias alimentares e manutenção de padrões de higiene e segurança alimentares. Em resumo, a nutricionista desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e do desenvolvimento infantil dentro da creche, contribuindo para garantir que as crianças recebam uma alimentação adequada, nutritiva e segura durante sua estadia na instituição.

Contam ainda com apoio do departamento jurídico e contábeis com escritórios em São Joaquim da Barra, Ribeirão preto, e Brasília. Todos os profissionais, passam semanalmente por treinamentos e mensalmente por curso de capacitação, para melhor atender as famílias e acolher as crianças.

A instituição tem parceria com o corpo de bombeiros, polícia militar e exército, que fazem visitas semanais para o estreitamento e convívio com as crianças, conta também com a amizade e parceria de longa data com a Usina Alta Mogiana, no apoio da manutenção predial, além de ajudar anualmente com auxílio nas festas para a arrecadação de verbas desde a sua fundação, contemplou a entidade com a Sala de Leitura e Brinquedoteca "Maria Antonieta de Andrade Junqueira"; o Rotary Clube, há mais de 6 anos tem escolhido o CEPIM para projetos como saúde na escola e sala de artes ao ar livre, parcerias com a prefeitura, onde foram cedidas 3 salas de aula no período da manhã e 3 salas de aula no período da tarde atendendo os Pré I e Pré II, pela "EMEI PEDRO BADRAN".

Além disso, também existe a sala das voluntárias, espaço criado como um ateliê, para acolher as senhoras da sociedade joaquinese que se uniram em prol da caridade e em benefício ao CEPIM, elas têm o compromisso do seu tempo e dedicam seus esforços e suas habilidades artísticas como bordadeiras, crocheteiras e costureiras para confeccionar artigos artesanais para nosso reconhecido bazar de trabalhos manuais realizado todo mês de novembro.

Conta ainda com programas: mês colorido, campanha de prevenção nacional de doenças; projeto da fanfarra para as crianças apresentarem junto ao Tiro de Guerra, o hasteamento e arreamento da bandeira nacional, com hino nacional cantado semanalmente; projeto nutricional, onde todas as refeições são balanceadas de acordo com cada aluno; e, cardápio alimentar, para os alunos levarem para casa.

O CEPIM, não só se preocupa com as crianças e seus familiares, mas também com seus funcionários. São 40 funcionários, escolhidos através de

processo seletivo terceirizado, que podem trabalhar em uma empresa que lhes proporciona um ambiente digno de trabalho e carreira, todos tem seguro de vida, plano de saúde da Santa Casa, programa de plano de carreira, tudo isso incentivando a realização de seu trabalho com carinho, criando um ambiente acolhedor onde todos nossos alunos possam se desenvolver nos aspectos emocionais, sociais e cognitivos.

Todas as educadoras são pedagogas desempenhando um papel essencial na educação infantil, pois são profissionais capacitadas a compreender e entender às necessidades específicas das crianças em sua fase inicial de desenvolvimento. Suas contribuições abrangem diversos aspectos, incluindo: planejamento e execução de atividades pedagógicas, observação e avaliação do desenvolvimento infantil, estímulo à autonomia e à independência, promoção do desenvolvimento socioemocional, além de cuidados com a higiene e alimentação das crianças. Estas profissionais desempenham um papel fundamental na educação infantil, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças por meio de práticas pedagógicas sensíveis, inclusivas e centradas nas crianças. Seu trabalho é essencial para criar um ambiente educativo que valorize a individualidade, promova a aprendizagem significativa e estimule o potencial de cada criança.

A coordenadora pedagógica da creche, pós-graduada em neuro-psicopedagogia desempenha um papel importante, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental das crianças, realizando a avaliação e intervenção precoce, desenvolvendo estratégias de ensino, dando apoio à inclusão, orientando pais e familiares, colaborando interdisciplinarmente com todos os profissionais da educação, promovendo o desenvolvimento global dos alunos e direcionando as capacitações com as educadoras.

E por fim, a instituição tem na sua direção uma profissional capacitada e dentre suas formações o Serviço Social, cumprindo a legislação (Lei 13.935/2019) que determina que escolas públicas devem ter psicólogos e assistentes sociais em seus quadros.

A diretora é responsável por fornecer liderança e direção para toda a equipe, incluindo educadoras, professores, assistentes, equipe administrativa, serviços gerais e prestadores de serviços. Isso envolve a definição de metas e objetivos claros, o estabelecimento de políticas e procedimentos, e a garantia de que todas as atividades da creche estejam alinhadas com sua missão e visão, para um funcionamento eficiente e eficaz trazendo qualidade aos serviços oferecidos para a sociedade.

Neste ano de 2024, celebraremos 60 anos de instituição, que é mais do que uma simples marca de tempo, é um testemunho vívido de um compromisso duradouro com o bem-estar e o futuro das crianças joaquinenses. Ao longo das décadas, essa instituição tem sido uma fonte constante de cuidado, apoio e oportunidade para as crianças da comunidade, deixando um impacto significativo em inúmeras vidas.

“O amor e a caridade para esse casal não tinham limites”.



Figura 106 – Atividades com as crianças



Figura 107 – antiga fachada do CEPIM Odette Dip Badran



Foto: Paulo Ferreira

2023 – 40 Anos da Usina Alta Mogiana

O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.

Para recontarmos os 40 anos de história da Usina Alta Mogiana, que aconteceu em outubro de 2023, precisamos voltar há mais de 200 anos de história quando, em 8 de setembro de 1812, chegaram nessas terras os primeiros Junqueira, dando início ao povoamento de um dos clãs ruralistas mais tradicionais do país. Ao perceberem o esgotamento de suas minerações, os habitantes do sul de Minas Gerais, pouco a pouco foram se transformando em agricultores e criadores de gado; saíram então a caminho das terras férteis do nordeste paulista, do famoso sertão do rio Pardo.

Conta a tradição oral, que o tenente Francisco Antônio Junqueira e seu cunhado, João José de Carvalho, os dois bastantes jovens vindos da cidade mineira de Aiuruoca, arrancharam-se às margens do atual ribeirão do Rosário, afluente do Pardo, onde hoje se ergue a histórica sede da fazenda Invernada. Ocuparam terras do atual município de Orlândia e quase 50% do atual município de São Joaquim da Barra.

Na região, a área significa em torno de 60 mil alqueires de terras. Enquanto ao sul de nosso município os Junqueira ocupavam em torno de 8 mil alqueires, o restante das terras, às margens do rio Sapucaí e a partir de 1820, começou a ser ocupado pelos Baptista da Silveira; Gouveia de Lima; Garcia de Lima e Luís da Silva.

Esses últimos também mineiros, vindos da mesma região dos Junqueira, ocuparam aqui os 2.500 alqueires da famosa fazenda São Joaquim. Na época, três outras fazendas existiam completando as terras do atual município de São Joaquim da Barra: Santo Antônio; São Pedro e fazenda Cachoeira.

Do tenente Francisco Antônio nasceria o Francisco Marcolino Diniz Junqueira, o famoso capitão Chico.

O amor à essa gleba atravessou gerações; foi assim com os seus inúmeros descendentes do qual vamos destacar alguns nas linhas abaixo. Com a divisão dos bens do capitão Chico, foram formando inúmeras fazendas, que formaram a base latifundiária de nossa região.

Dona Adelina Clara, filha do capitão Chico, casou-se com seu primo Francisco Olyntho, e desse casal dentre os 7 filhos, destacamos a figura de José Olyntho Fortes Junqueira, proprietário da Fazenda Floresta. Foi ele que trabalhou incansavelmente para a instalação da comarca de São Joaquim, foi vereador, e foi

ele também que instalou a primeira Casa Bancária da cidade em 1919 que permaneceu ativa até 1931⁵¹

Dos descendentes de José Olyntho e dona Brasilina, destacamos a figura de seu neto, Luiz Octavio Junqueira Figueiredo, que, seguindo os passos de seus antepassados, sonhou, projetou e fez prosperar a Usina Alta Mogiana no ano de 1983. Luiz Octavio Junqueira Figueiredo, nasceu em 29 de março de 1943, em São Paulo/SP. Fez seus estudos primários no Colégio Santa Úrsula e Colégio Marista, em Ribeirão Preto- SP. O ensino médio foi no Instituto de Educação Otoniel Motta, também em Ribeirão Preto/SP. Formou-se como engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, (ESALQ), em Piracicaba/SP. Foi professor e fundador do Curso Luiz de Queiróz (Colégio CLQ), entre os anos de 1961 e 1967.

Em seguida, mudou-se para São Joaquim e iniciou suas atividades na Fazenda Floresta, auxiliando o seu avô Zezico durante os anos de 1964-1974. Foi nesse período que fundou a AGRON, que produzia café, carne, leite e sementes de milho híbrido. Casou-se em 3 de dezembro de 1966, em Piracicaba/SP, com Ana Maria Junqueira Figueiredo, filha do Dr. Irineu Bacchi e Lourdes Pacheco Bacchi.

Em 1973, o mundo passava pela primeira crise do petróleo, como resposta à essa crise, o governo brasileiro criou o Programa Proálcool para incentivar e incentivar e substituir carros movidos a petróleo por álcool.

Lançado em 1975, o programa nacional visava reduzir a dependência de combustíveis derivados de petróleo, impulsionando a produção e o uso de álcool como combustível. O programa foi concebido por Lamartine Navarro Júnior, Cícero Junqueira Franco e Maurílio Biagi, com contribuições de José Walter Bautista Vidal e Urbano Ernesto Stumpf para desenvolver motores movidos a álcool ⁵²O Brasil produziu mais de 15 bilhões de litros de álcool nos primeiros dez anos do programa, enfrentando a crise do petróleo de 1979 com relativo sucesso. No entanto, com a queda dos preços do petróleo e o aumento do preço do açúcar, o programa enfrentou dificuldades na década de 1980. O ressurgimento do álcool como combustível importante ocorreu com o desenvolvimento da tecnologia flex, permitindo que os carros funcionassem com gasolina ou álcool

Essa tecnologia marcou um retorno significativo do álcool como combustível e é amplamente utilizada no mercado atualmente. Foi neste cenário, há 40 anos, em 06 de outubro de 1983, foi constituída a Destilaria Alta Mogiana. Esta história nasceu do sonho de um empresário e engenheiro agrônomo de

⁵¹ Pela Janela do Tempo , Fernando Antônio Dias dos Reis Junior, 2023

⁵² Barbosa, Eduardo J.A. O Programa Nacional do Álcool - PROÁLCOOL: Avaliação de sua Implementação e dos Resultados Alcançados. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

prosperar nesta região, movimentando a economia e gerando postos de trabalho para São Joaquim da Barra e vizinhança.



Figura 109 – Ano 1983 – Fundações da moenda



Figura 110 – Ano 1984 – Escritórios em construção

"A energia que vem da terra" foi o primeiro slogan criado pelo fundador, Luiz Octavio Junqueira Figueiredo, para se referir à então Destilaria Alta Mogiana Ltda. A produção de combustível a partir da cana-de-açúcar era o desafio do momento e, para isso, a destilaria de etanol hidratado automotivo foi instalada na Fazenda Sant' Ana, área rural do município de São Joaquim da Barra.

"Em maio de 1982, os trabalhadores agrícolas enfrentavam uma triste realidade: o desemprego, após o término das colheitas de verão. Neste momento, esperançosos, iniciamos o projeto de fundação da Destilaria Alta Mogiana, idealizando a volta dos empregos. Em 1984, depois de enfrentar toda a burocracia que dificultava o empreendedorismo no país, iniciamos a construção de nossa planta industrial, o plantio e o cultivo da cana-de-açúcar. Quando o poder do capital encontra apoio na força do trabalho, todos os obstáculos são vencidos".

Dr. Luiz Octavio Junqueira Figueiredo

Sebastião Falcão, da área agrícola, conta que, passava nas rodas de homens buscando mão de obra para o início da safra. Em dezembro de 1983, a indústria começava a tomar forma, com a aquisição da primeira moenda da empresa.

Em 1984, a destilaria tinha um quadro de 800 colaboradores, sendo 200 no parque industrial e 800 no setor agrícola⁵³, e se prepara para a construção dos escritórios

Em 1985, sua primeira safra, já tinham sido contratadas 1311 pessoas, possuía capacidade de moagem de 228 mil toneladas de cana-de-açúcar e produção de 18 milhões de litros de etanol hidratado.

O nome da Alta Mogiana ficou marcado na história do agronegócio brasileiro desde a fundação, sendo a primeira destilaria de álcool do país a se erguer sem subsídio, sem os recursos do programa Proálcool. A preocupação e o cuidado com as pessoas brotaram juntamente com a primeira safra.

Desde o momento em que foi instalada, no dia 11 de fevereiro de 1984, a Usina Alta Mogiana se preocupou em colocar a cantina para que houvesse alimentação sadia para todos os funcionários. A Assistência Social praticamente iniciou-se com a construção da cantina; no início, em grande parte era coordenado pela dona Ana Maria, juntamente com suas funcionárias e

⁵³ Folha de São Joaquim, 2 de junho de 1984, pág. 5

cozinheiras. Com o início das atividades de moagem e com as verbas definidas, foram ampliando os recursos na área médica, odontológica, recreativa e educacional; nesse mesmo ano, foram distribuídos material escolar para 270 crianças, filhos de funcionários dos setores agrícola e industrial.



Figura 111 – Primeira Missa realizada na Usina Alta Mogiana em 1985. Atualmente é celebrada a cada início e término de safra, as demais denominações religiosas também realizam seus encontros para agradecer o bom êxito da safra e entressafra.



Figura 112 – Assistência Social, permaneceu no prédio da Rua Paraná de 1985 até 2015, quando foi reinaugurado o novo Departamento de Gestão e Benefícios, na rua Bahia.



Figura 113 – Foto de 1994 – Início da produção de açúcar

Em 1994, à produção de etanol somou-se o açúcar, graças ao pioneirismo na contestação do regime de cotas para produção desse alimento, até então rigidamente controlada pelo governo federal. Nesse ano, transformou-se em Usina Alta Mogiana S/A e, por intermédio de uma decisão judicial favorável, juntou-se ao seleto rol de produtores, fabricando 400.000 sacas de açúcar. Em 1995, implantou a colheita mecanizada; em 1996, primeiro carregamento de açúcar.



Figura 114 – 1995, implantação da colheita mecanizada



Figura 115 – 1996, primeira carregamento de açúcar



Figura 116 – Parque Industrial em 1999, na ocasião da certificação da ISO 9001

Durante a crise nacional de fornecimento de energia elétrica em 2001, surgiu uma oportunidade de crescimento. A Alta Mogiana, já consolidada no

mercado, decidiu inovar mais uma vez, investindo na produção de energia elétrica a partir do bagaço de cana-de-açúcar e estabelecendo a Unidade de Transmissão de Energia (UTE Alta Mogiana).

Ao longo desses 40 anos, a empresa expandiu seu parque industrial, fez investimentos significativos em sua equipe, apoiou diversos projetos sociais e conquistou recordes, prêmios e certificações de qualidade e em 1999, recebeu a certificação ISSO 9001.

Em 2000, inaugurou um novo prédio para sua sede administrativa e um restaurante, que é administrado internamente e serve aproximadamente mil refeições diárias. Em 2003, tornou-se a primeira usina do mundo a obter a certificação OHSAS 18001 - Sistema de Gestão de Segurança e Saúde Ocupacional (atualmente ISO 45.001).



Figura 117 – 2002 – Inauguração do novo escritório, da esquerda para a direita: Beatriz Figueiredo Gouvea, Luiz Eduardo Junqueira Figueiredo, cortando a fita: Maria Aparecida Junqueira Figueiredo (mãe do Dr. Luiz Octavio) e Luiz Octavio Junqueira Figueiredo.

Além de buscar destaque no setor sucroenergético, a Alta Mogiana sempre teve o objetivo de impactar positivamente a sociedade em que está inserida. Em 2001, lançou o projeto "Educando para o Futuro", que visava proporcionar inclusão digital para estudantes da rede pública. Na safra 2006, teve seu primeiro recorde de produção e açúcar, 6 milhões de sacas.



O estímulo à leitura tem sido uma parte importante da história da empresa desde sua fundação, e desde 2007, a empresa passou a patrocinar diversos projetos relacionados ao tema.

O contínuo desenvolvimento e investimento em tecnologia, em todas as áreas, levaram a números cada vez mais expressivos em termos de produtividade.

2010, recebeu a certificação ISSO 14.001;

2011, inaugurou a vicinal Ângelo Scarelli;

2015 Inauguração do Prédio de Gestão de Benefícios

Em 2020, a empresa processou 6.870.000 toneladas de cana-de-açúcar, tornando-se a segunda maior produtora do Brasil, e produziu 12.500.000 sacas de açúcar branco, alcançando a posição de maior produtora mundial. Ainda no mesmo ano, a Usina Alta Mogiana recebeu a certificação da GPTW, que reconhece as Melhores Empresas para Trabalhar.

Em 2022, a empresa foi novamente reconhecida como uma das "Melhores Empresas" e foi indicada a prêmios em segmentos específicos, como no agronegócio. Hoje, pode-se afirmar que a empresa produz muito mais do que cana-de-açúcar e seus derivados. Está presente, diariamente, na vida de cada colaborador que compartilha sua dedicação; de parceiros e fornecedores que honram com seus compromissos; e com toda sociedade, que recebeu a Alta Mogiana de braços abertos e que contribui para o seu desenvolvimento.

Em 2023, novo recorde processando mais de 7.590.000 toneladas de cana-de-açúcar, 144.204.633 de sacas de açúcar e 317.000,00 MW de energia exportada, a energia gerada diariamente na última safra daria para abastecer uma cidade do porte de Ribeirão Preto.

Comemorar quarenta anos de uma empresa é sempre uma vitória. Quando se trata de uma empresa brasileira, essa vitória é dupla, uma vez que as questões a enfrentar são variadas: política industrial hesitante, impostos e taxas em profusão, concorrência estrangeira permanente, enfim, regras mutantes ao sabor dos interesses momentâneo.

É tempo de celebrar, é tempo de voltar os nossos olhos para o passado e agradecer. Há 40 anos, a Usina Alta Mogiana, despontou no céu do Estado de São Paulo, ligando intimamente sua história com milhares de outras histórias.

Lúcio de Oliveira Falleiros, uma vida dedicada ao Saber e à Amizade

Em outubro 2024, celebramos o centenário do nascimento de Lúcio de Oliveira Falleiros, um homem cuja trajetória deixou marcas fortemente gravadas em nossas vidas.

Nascido em 5 de outubro de 1924, na então rua Acre, atual Voluntário Geraldo, Lúcio é filho de Jerônimo Garcia Falleiros, de Patrocínio Paulista/MG, (1892/1981), farmacêutico diplomado pela Escola de Farmácia em Ouro Preto/MG e dona Jupyra de Oliveira Falleiros, nascida em Nuporanga (1896/1974), filha de José Alves de Oliveira e Alice Alzira Cardoso (neta do major Cardoso). Casaram-se em São Joaquim da Barra em 20 de setembro de 1922. Sr. Jerônimo veio para São Joaquim em 1915, três anos após a sua formatura, adquirindo a Pharmácia Aparecida e com o tempo, Farmácia Falleiros.

No ano de 2000, nas celebrações municipais, foi escolhido como ilustre do século na área de farmácia. Jerônimo e Jupyra tiveram três filhos: Luzia de Oliveira Falleiros, nascida em 29 de outubro de 1923, Lúcio de Oliveira Falleiros, Agostinho de Oliveira Falleiros, nascido em 15 de abril de 1927 e Maria de Lourdes de Oliveira Falleiros, nascida em 5 de setembro de 1929.



Figura 119 – Ano 1929 - Lúcio com 5 anos, Luzia com 6, e Agostinho com 3 anos.

Em 1930, com seis anos, iniciou o curso primário na escola Rui Barbosa, que por coincidência, funciona a escola FEAM COC. Com muita facilidade fez o curso, contudo sua professora, dona Lalá, dizia se necessário algumas vezes amarrá-lo na carteira ou nomeá-lo como inspetor, pois sendo inquieto, ia de carteira em carteira papear com os colegas da sala, mas sem ser considerado indisciplinado.

Inteligente, absorveu com facilidade tudo que lhe foi ensinado, sedimentando seus conhecimentos nas primeiras letras, que mais tarde seria o sustentáculo de sua frondosa árvore a produzir frutos em abundância sem pôr um, pois tudo o que o lhe fora ensinado caiu em terra fértil.



Figura 130 – Ano 1931, fotografia registrada na porta lateral da Igreja Matriz de São Joaquim da Barra, Lúcio é o primeiro menino da esquerda para a direita, em primeiro plano na foto.

Em outubro de 1931, Lúcio recebeu sua primeira comunhão das mãos do Padre Eugênio Dias, na Igreja Matriz de São Joaquim. Sua catequista foi a querida "Dindinha", Maria Venância Falleiros, sua tia. Ela era incomparável em zelo e devoção, uma amiga dos pobres,

sempre presente onde houvesse sofrimento. Dindinha faleceu em São Joaquim da Barra, solteira, e foi sepultada em 12/07/1958, aos 83 anos de idade.

Após a conclusão do primário, em 1936, seus pais matricularam no Colégio Champagnat, em Franca/SP, a fim de cursar o ginásio. Lúcio relembra que para chegar em Franca, havia duas formas; ou se usava o "carro de praça", pois eram raras as pessoas que tinham carro para uso particular; ou então, indo de ônibus, naquele tempo chamado de jardineira. Fosse automóvel ou de jardineira, os dois grandes obstáculos a serem transpostos na viagem eram passar pela ponte da Usina Hidroelétrica sobre o rio Sapucaí e, principalmente, ultrapassar o Córrego do Salgado. Quando se chegava à ponte da Usina, a jardineira parava, as mulheres e crianças desciam e atravessavam-na a pé. Os homens permaneciam no ônibus, enfrentando, corajosamente, a travessia. E o menino Lúcio, morrendo de medo, lá dentro ficava. Nos períodos de chuva, atravessar a rústica ponte do Córrego Salgado era outra façanha. Ela ficava num vale com barro por todos os lados e, muitas vezes, nem colocando corrente nos pneus do veículo se conseguia vencer o lamaçal. No Champagnat, permaneceu por cinco anos, os alunos internos comiam, dormiam e estudavam no ginásio, só voltando para suas casas nas férias de dezembro, junho e no domingo por mês. Nessa folga, Lúcio tinha licença para ficar na casa de uma parenta de seu pai, a dona Teodorinha, depois passeava pela cidade, não deixando de ir à matinê, no Cine Santa Maria. Os outros domingos, passávamos no ginásio, praticando esportes e descansando dos estudos. As horas eram completadas com os alunos frequentando a sala de estudos.

"líamos romances escolhidos na grande biblioteca existente. Foi quando li inúmeros livros, a coleção completa de Madame Delly,

com suas histórias de amor; os romances policiais de Edgard Wallace; as aventuras de Tarzan; os mistérios de Fu Manchu; os romances de Alencar, e muitos outros. Para mim, essa leitura foi importante, pois, embora não tenha tido bons professores de português, ela permitiu que hoje eu consiga escrever com certa facilidade, com poucos erros”

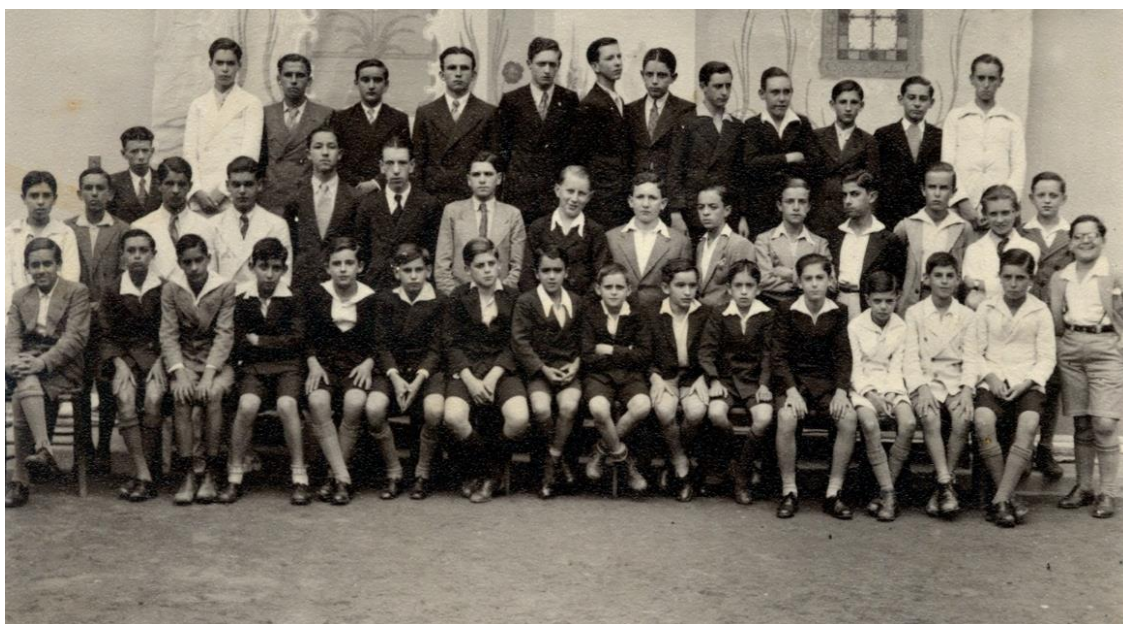


Figura 131 – Década de 1930, Lúcio entre os alunos do Colégio Champagnat. Na fileira das crianças sentadas, Lúcio é o sexto da esquerda para a direita.

Os alunos internos eram divididos em dois grupos, dos maiores e dos menores. A turma do Lúcio era dos menores, pois tinha apenas 11 anos. Nos dias de semana em que a folhinha marcava azul, a rotina era sempre: levantar-se às 6 da manhã, missa todos os dias, pois o ginásio pertencia à congregação dos Irmãos Maristas, padres cuja função principal era a de educar, não eram consagrados para serem confessores e celebrar missa. Logo a seguir íamos para o refeitório tomar o nosso leite com pão e manteiga. Durante a manhã, os internos frequentavam as salas de aula, aí entravam em contato com os alunos externos.

Após o almoço, ia-se para um longo recreio, para prática de esportes: futebol, basquete ou pingue-pongue. A tarde era nas salas de estudo, para colocar as tarefas e o estudo em dia. Seguindo, o jantar e, novamente, um longo recreio para a prática de esportes. À noite, salas de estudo, uma rápida passagem pela capela, refeitório para tomar um chá com pão e manteiga. Lá pelas 9 horas, todos já estavam dormindo.

Banho de corpo inteiro, somente nas manhãs de quarta-feira e aos sábados. Havia uns dez chuveiros e apenas um de água quente. Calcule o frio que sentíamos nesse banho, nas gélidas manhãs francanas. Era grande a disputa para conseguir enxaguar-se na tepidez daquele banheiro especial. Nos outros cinco dias da semana, nada de banho geral. À noite, antes de deitar-se, iam para um enorme lavatório, onde se lavavam os pés, passava-se uma toalha molhada pelo corpo, escovavam-se os dentes, e cama! Tudo no maior silêncio.

Lúcio recordava do primeiro dia no Ginásio Champagnat, quando seu pai pediu a dois joaquinenses, que ali já eram veteranos, o Urbano Junqueira e o Bié Junqueira, para cuidarem dele; o primeiro, foi prefeito em Guará e também secretário da agricultura do Estado de São Paulo; o segundo, destacou-se como um ótimo ponta-esquerda do time de futebol dos alunos maiores.

Dizia que sua primeira noite naquele local estranho, onde tudo era grande, o refeitório, o salão de estudos e o dormitório, foi especial. O irmão Jorge Noé, regente dos menores, e que tomava conta dessa turma, pediu para um aluno levá-lo ao dormitório. Entraram naquele imenso salão cheio de camas arrumadinhas, cada uma com sua mesa de cabeceira ao lado. Os castigos eram poucos. Quando alguma falta grave acontecia, a punição era decorar linhas. O aluno ficava afastado dos jogos, decorando algum trecho marcado pelo professor.

*O tempo passa e as coisas vão caindo no esquecimento.
Deveríamos ter o hábito de registrar em um diário esses
acontecimentos tão importantes de nossa formação escolar.
Nossos sonhos, nossos medos, nossos fracassos e vitórias.*

No Champagnat iniciou as suas atividades esportivas, revelando-se um verdadeiro craque, sem prejudicar seus estudos, levado sempre com muita seriedade e responsabilidade. Saiu da quinta série do Ginásio Champagnat e foi diretamente para São Paulo, estudar na USP, prestando vestibular para os dois anos de Pré para Farmácia, que eram cursados na própria faculdade. Não havia o curso colegial que existe hoje. Lúcio foi aprovado em quinto lugar.

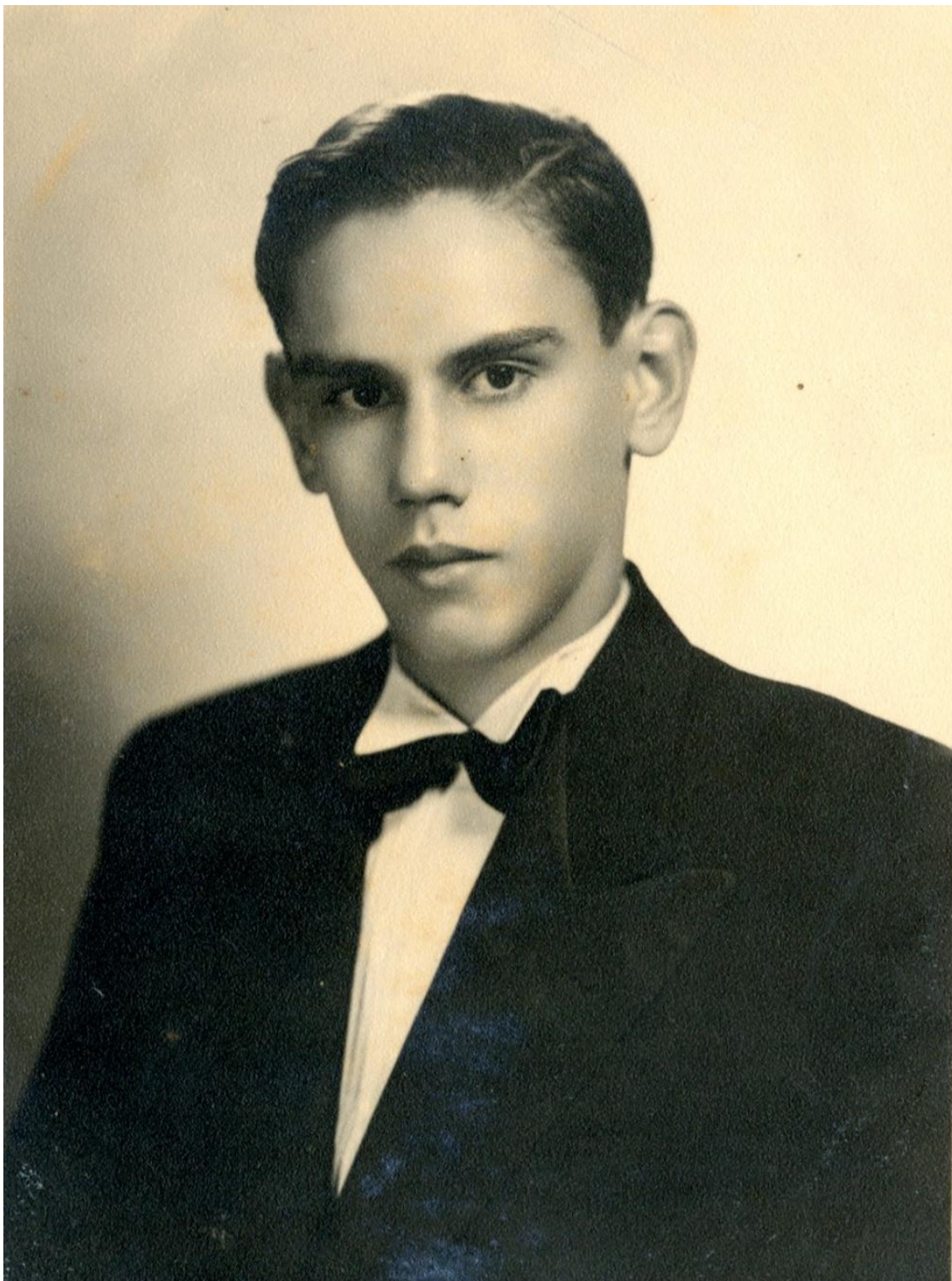


Figura 132 – Lúcio na sua formatura no Colégio Champagnat

Em 1941, o mundo vivia a segunda grande guerra (1939-1945), Lúcio com 17 anos, cheio de sonhos, partiu para São Paulo, com o propósito de, a exemplo do pai, tornar-se farmacêutico, ingressando na USP- Universidade de São Paulo.



Figura 133 – Lúcio aos 18 anos, no Serviço Militar, é o primeiro da esquerda para a direita (agachado com as mãos no queixo).

Em 1944, num mundo completamente novo, uma cidade grande, a Universidade, chegou no mesmo período de prestar o serviço militar; servir a pátria, e o fez conjuntamente com o curso universitário, demonstrando uma enorme força de vontade.

Em 8 de dezembro de 1945, o jovem acadêmico colava o grau em Farmácia, na faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, a USP. São Joaquim, com satisfação e orgulho, recebia então o seu querido filho, agora farmacêutico, iniciando em 1946, as atividades com o seu pai, na tradicional Farmácia Falleiros.

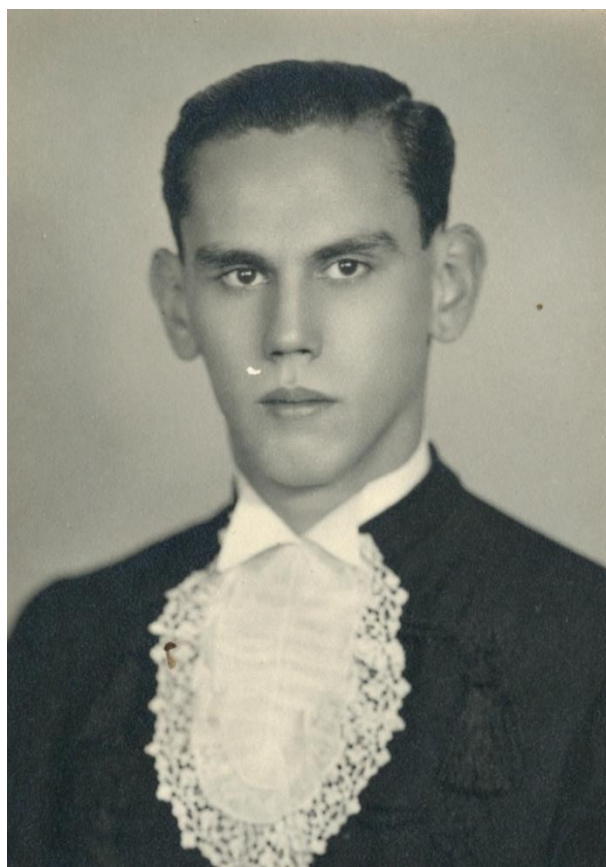


Figura 134 – Foto de 1945, colação de grau em Farmácia, na faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, a USP.

Em 1945, quando retorna para São Joaquim escreve o poema São Paulo da garoa.

São Paulo acorda envolto na garoa,
Espreguiçando livra-se do manto
gaseiforme que o regela tanto,
seu bocejar ruidoso no ar ressoa.

Surge do sol a fúlgida coroa.
É dia, meus ouvidos com espanto,
ouvem sirenes, Vozes, gritos, cantos..
Um febril ruído pelas ruas voa.

E na cidade, imensa massa humana,
caminha numa lufa-lufa insana,
para o trabalho, estúpida rotina...

E quase noite e eu vejo a mesma luta.
Mas pouco a pouco nada mais se escuta,
dorme São Paulo envolto na neblina.

Em 1948, escreve o soneto para São Joaquim

Ó São Joaquim da Barra, tu és bem filha
deste São Paulo, estado bandeirante!
Ergue, caminha, ativa e triunfante,
Segue de teu pai a gloriosa trilha.

Mostra às vizinhas urbes maltrapilhas,
pobres irmãs, tão frias irritantes,
este progresso louco deslumbrante.
esta viveza que em teus olhos brilha.

O teu progresso louco bem se espelha,
nesse diadema de vermelhas telhas,
que cobrem tua fronte varonil.

De longe, bem de longe, quando as vejo.
me lembram bocas rubras de desejo,
beijando o céu azul do meu Brasil



Figura 135 – Foto de 14 de julho de 1953, casamento de Lúcio e Izaura no Foto estúdio Deienno,

Quando jovem foi um namorador incorrigível, até encontrar o grande amor de sua vida, a profa. Izaura Chavalha. Em 1950, ela morava em Aramina e lecionava em São Joaquim, foi nessa oportunidade que a conheceu; foi amor à primeira vista. Casaram-se em 14 de julho de 1953, na antiga Igreja Matriz de São Joaquim da Barra. Da união nasceram três filhos: Décio de Oliveira Falleiros, Márcio de Oliveira Falleiros e Lúcia de Oliveira Falleiros Venturoso, casada com Rafael Venturoso. Sua união com Izaura perdurou por 62 anos, até o seu falecimento em 01 de abril de 2015. Em 1952, escreveu: "Versos para minha amada Izaura".

Este sorriso que em teus lábios mora.
faz-me lembrar as fadas que em criança,
vinham meu sonho povoar. Lembrança
meiga e singela que revivo agora

Neste sorriso que em teu lábio aflora.
E tua boca quieta, gentil descansa...
Mas pouco a pouco vejo que balança
De volta o riso que minha alma adora.

Ele é tão meigo, que me lembra fadas,
Que me deslumbra e te faz amada...
Por vezes some como por encanto.

E contemplando então a tua boca
Fico esperando numa ânsia louca
Pelo teu riso que adoro tanto

Não tardou muito, descobriram no jovem farmacêutico, uma nova faceta; a veia de professor; e o convidaram para lecionar química e em seguida matemática, no Colégio Estadual (atualmente Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta), permanecendo no cargo de 1951 a 1954.

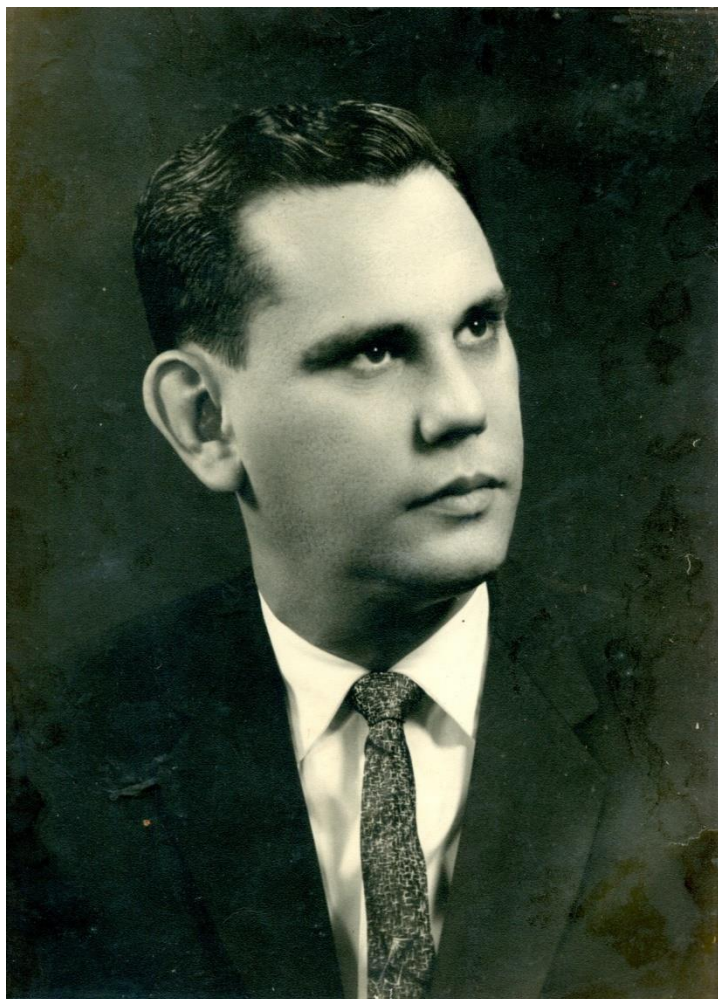


Figura 136 – Outro belo registro do querido mestre Lúcio

Sua fama de bom professor chega depressa em Orlândia/SP, de onde recebeu o convite para lecionar no Instituto de Educação, hoje Escola Estadual Oswaldo Ribeiro Junqueira.

Sem perceber, o farmacêutico cedia lugar ao professor em suas preocupações primeiras.

Apaixonado pelos números, iniciou então uma verdadeira maratona pelas faculdades da região, cursando-as em rara facilidade e sabedoria. Lúcio, trabalhava na farmácia durante o dia e lecionava no período da noite. Sua trajetória acadêmica e profissional é marcada por uma

dedicação incansável ao ensino e à educação.

Somente em 1968, dedicou-se integralmente ao magistério; foi nesse ano que se formou em Ciências Econômicas na Instituição Moura Lacerda; 1969 cursou programação e noção de sistemas para monitor em computador; 1970; formou-se em Matemática na Faculdade de Filosofia e Letras de Guaxupé/MG, 1978; concluiu o curso de Pedagogia na FFCL José Olympio, de Batatais.

Em 1980 foi aprovado em concurso público para lecionar Matemática, com especialização em geometria analítica; lecionou durante 27 anos como leigo, e 1982, aos 46 anos obteve o diploma para exercer a profissão de professor de Matemática, aos. De 1954 a 1973, lecionou Matemática e Estatística no curso técnico de Contabilidade (FEAM COC), assumindo posteriormente a função de diretor. Entre os 1972 a 1975, 1977 a 1978: Lecionou na Faculdade UNAERP e na

FFCL de Ituverava. Nesse mesmo período entre 1972 a 1978, chefiou o Departamento de Matemática da FFCL de Ituverava. Em 1972-1982 Lecionou na Escola Pedro Badran e na F.F.C.L de Ituverava.

Nas décadas de 1970 e 1980, organizou dezenas de cursos de treinamento de liderança Cristã, juntamente com o Movimento dos Cursinhos de Cristandade. Em 1975, recebeu o título de Professor do Ano conferido pela Câmara Municipal de Ituverava; em 1976 foi premiado como renomado historiador em um concurso de monografias promovido pelo Estado de São Paulo, ficando em 2º lugar, na categoria trabalhos científicos, com a monografia "Conte a história de sua cidade". Em 1977 recebeu o título de Professor Emérito da Escola Pedro Badran. 1982: Lançou "A Cidade de São Joaquim da Barra", editado em Ituverava. 1983: Publicou as crônicas "Histórias do Tio Assuero" nos jornais da cidade.



Figura 137 – Recorte de 21 de setembro de 1987, sobre o lançamento de seu primeiro livro, *Memórias de São Joaquim*.

Como ele relatava, seu tio Assuero Cardoso, com 93 anos de idade, debilitado, mal podia andar, passava a maior parte do tempo em uma cadeira de rodas que, engenhosamente, ia adaptando com diversos apetrechos, com a finalidade de ir substituindo seus movimentos cada vez mais limitados. Vendo- o locomover-se com tanta dificuldade, logo ele, que foi tão dinâmico e em tantas coisas pioneiro em São Joaquim, para animá-lo começou a escrever alguns

artigos nos jornais com o título "Estórias do tio Assuero", relatando os fatos que ia lhe contando, com isso, surgiu um vasto material para em 1987, lançar seu primeiro livro "Memórias de São Joaquim, Volume I".

Em 1995, lançou "Memórias de São Joaquim, Volume II", em 1996, numa noite memorável, tornou-se membro da Academia de Letras e Artes Joaquinense. Em 1998, durante o centenário da cidade, lançou "Memórias de São Joaquim, Volume III" e participou das comemorações do centenário da cidade. Em 2002:

Aposentou-se das salas de aula, com 79 anos. Se tornou rotariano, do Clube centenário e recebeu o Título Paul Harris.

Em 2007, lançou "Conto, Canto e Encanto com a Minha História... São Joaquim da Barra". Em 2013, fizemos juntos a exposição na semana cultural de São Joaquim da Barra. E em 2016 publicou seu último trabalho, "Coisas que Vivi, Coisas que Penso". Nele, reuniu alguns textos escritos ao longo dos seus 90 e tantos anos. *"Olho para ele e vejo minha própria fotografia, nele contém emoções e sentimentos; saudades de mim mesmo e das coisas boas que produzi e vivi"*

Lúcio destacou-se como historiador, escritor, poeta e palestrante. Publicou trabalhos sobre Álgebra Boole, ministrou palestras sobre diversos temas e contribuiu ativamente para a preservação da memória histórica de São Joaquim da Barra. Era sua grande paixão; rever fotos e histórias antigas, principalmente quando se tratava de nossa cidade. Talvez fosse essa a fórmula de reviver sua mocidade e não envelhecer. Dizia que foi por influência de seu tio Assuero Cardoso; iniciou as pesquisas e não parou mais.

Sempre muito querido, bem-humorado, era um tipo raro, pela forma com que se dirigia as pessoas: "como vai meu brilhante jovem", "fala poderoso", bela e elegante jovem, o que precisas". Lúcio de fato era o mentor intelectual de muitos que tiveram a oportunidade de serem seus alunos, fosse nas aulas de matemática, nas letras ou nos livros, alguns valores imprescindíveis na vida do ser humano. Ele é alguém que salvou a memória do povo joaquinense e a eternizou em suas obras.

Realizou-se na vida profissional e pessoal. Dizia que; mesmo que não se tivesse vocação definida, era importante abraçar uma profissão que o fizesse feliz e útil.

"Pensando no binômio inteligência e bondade, a maior parte das vezes nos realizamos como ser humano, principalmente pela bondade, ficando a inteligência em um segundo plano menos importante"

Seu compromisso com a nossa cidade e região, rendeu-lhe reconhecimentos e homenagens ao longo de sua vida. Lúcio, tornou-se uma figura cidadina, imortalizada na memória de nossa gente, deixou um legado de conhecimento e inspiração para gerações futuras.

Na minha adolescência, conhecia-o apenas por nome. Em 2010, quando eu dava os primeiros passos como escritor, tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente. Foi uma ligação emocional muito forte. Foi ele quem me guiou

pelos caminhos da escrita, apontando veredas e, como mestre das letras e dos números, moldou um jovem curioso para trilhar seus passos.

Ao longo de mais de uma década, fortalecemos nossos laços de amizade e cumplicidade, compartilhando lembranças e pesquisas de São Joaquim, era encontrar qualquer informação nova, que um ligava para o outro; das crônicas que narravam toda a história que se entrelaçava com a memória do nosso povo. Nos nossos diálogos, quantas vezes foram mencionadas a sua conversão religiosa, tão fervorosamente desejada por sua mãe, dona Jupyra.

Recordo-me de certa ocasião, quando Lúcio, com voz emocionada, mostrou-me uma fotografia caracterizado de São Pedro na novena de Nossa Senhora das Graças. Cutucando os ouvidos com a perna dos óculos, afirmou: "*Mamãe estaria orgulhosa*". Naquele momento, compreendemos o quanto sua mãe havia rezado por sua conversão, um acontecimento que se deu quando Lúcio tinha 45 anos.

Com seus grandes óculos, o bom velhinho tinha uma atividade rotineira; pesquisava genealogia da família Falleiros e Chavalha, uma paixão que ele nutria e atualizava diariamente no Facebook, conectando-se com milhares de descendentes, ou em anotações de inúmeros papéis que ficavam em sua escrivaninha, (que hoje guardo como uma grande relíquia). Ali havia outras anotações e fotografias de todas as épocas, memorabilia e até a ponte dentária do tio Assuero guardada numa caixinha de metal. Brincava com o peso da idade; considerava peça de museu.

"No Museu de Franca, há quadros de formatura, e na turma de 1940, lá estou eu, num canto, à espera de que um conhecido curioso, como o professor de português, Walter Frias Mariano, note a minha presença."

Lúcio era daquelas figuras que nos conduzia a uma imersão plena em sua história, contemplando-a com rigor, carinho e ternura.

No início de 2021, contraiu Covid, passou ileso o "velho e frondoso jequitibá".

17 de janeiro de 1921

Já que estamos de quarentena, vamos conversar. Escrevi sobre minha vida, falando dos degraus que galguei e penso que eles me levaram à conversão, à espiritualidade. Me converti aos 45 anos, tornei-me evangelizador. Vou colocar algumas reflexões que Gilberto Rocha e eu, nas nossas quintas-feiras, quando vinha me trazer a comunhão.

"Em uma das minhas confissões, o padre de minha paróquia, sabendo que eu cuidava de um velho um irmão, por saber da minha vida de católico praticante e evangelizador, me disse que eu estava dispensado, já que tinha 93 anos de idade, das missas de domingo. Disse-me, você

já veio muito à Igreja, agora a Igreja irá até você. Comecei a receber, em casa, comunhão pelas mãos da ministra de eucaristia Erci, que trabalhara comigo na escola Feam-Coc.

Foram momentos inesquecíveis. Minha filha Lúcia algumas vezes também, me trouxe comunhão. Ultimamente passei a receber a visita do dentista Gilberto, que a quinta-feira me trazia a comunhão. Sua presença foi outra benção de Deus, pois tivemos longas conversas antes e depois de eu ter comungado. Conversas espirituais que nos fizeram crescer. De repente chegou o coronavírus e tudo mudou. Justamente no momento que Gilberto se preparava para dirigir um Cursilho de Cristandade, da nossa paróquia de São Joaquim da Barra. Interrompemos nossos encontros. Atualmente tenho feito comunhões espirituais. Sinto uma falta enorme da Hóstia Consagrada e do Gilberto com suas mãos que substituíam as mãos do sacerdote. Mãos abençoadas." Todos os domingos irei colocar algumas dessas reflexões, para refletirmos juntos. Abraços.

Dizia que sua velhice aos 96 anos era um estado de vida meio inexplicável. Sentia a tranquilidade de ter vivido muitos momentos de encantamentos entremeados de algumas tristezas e que restava a alegria de os ter vivido, e começava a sentir o perfume de uma eternidade, a nossa espera.

Habitado a sempre encontrá-lo online, no dia 25 de junho de 2021, uma postagem em suas redes sociais, ecoava como despedida. Ele escreveu:

"Sentimos que esta é a última viagem. Estamos indo de Cafarnaum para Jerusalém, para a gloriosa entrada, entre ramos e hosanas, para a oração suprema de Getsêmani, para a morte sobre o Gólgota. Permite, Senhor, que te acompanhem até o fim, mesmo sem compreender o seu mistério, mesmo vendo-o despedido sobre a cruz. O SUPREMO MISTÉRIO É O MISTÉRIO DE UM DEUS CRUCIFICADO. O MAIOR MISTÉRIO É O MISTÉRIO DO AMOR. Ouviremos o teu brado, que repercutirá no universo, que fará rasgar as cortinas do templo, que fará reboar pelos séculos o teu e o nosso drama. PERDOAI-LHES, PAI, PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM."

E de fato, coincidência ou não, São Joaquim da Barra perdeu um de seus filhos mais ilustres. Faleceu, às vésperas na manhã de domingo, 27 de junho de 2021, às vésperas do meu aniversário. Sob aplausos, foi sepultado junto de sua amada Izaura, no cemitério de São Joaquim, cidade de ele abraçou e amou com ternura. Sua rede social, durante alguns dias, encheu-se de homenagens póstumas ao ilustre amigo

"ADEUS, ETERNO PROFESSOR"

(Para Lúcio de Oliveira Falleiros)

(In memoriam)

Querido e "ímpoluto" Professor Lúcio: enfim...o inevitável. Você - com os seus mais de 90 Janeiros, Fevereiro e Março, vividos "apaixonadamente" na nossa São Joaquim da Barra, parte agora, para a grande "viagem mais ou menos no combinado". Mas, (sempre haverá um, mas...) Ninguém poderá jamais esquecer, da sua literalmente "grande" figura humana e professoral, desde os tempos da poeira fina nas ruas da nossa cidade. Cidade, que você eternizaria através das bonitas histórias contadas biograficamente em vários livros. Saiba, querido Professor Lúcio, que: você será sempre lembrado, como um dos personagens "símbolos" das tradicionais famílias da nossa querida "Terrinha". Embora sem muito contato verbal entre nós (eu e você), hei de lembrar-me sempre também, da nossa ligação afetiva, profunda e histórica, pois minha querida mãe (Dona Alzira) sempre nos contava de forma saudosista, ter feito parte da sua numerosa família, (dos "Cardosos") deixando este convívio, somente para casar-se com o meu pai (São Amadeu). Sei que São Joaquim da Barra sempre ser-lhe-á grata, e que seu povo, num "Ato Litúrgico, perpetuará a sua memória entre nós, por conta da sua valiosa contribuição humana - como o nosso Eterno PROFESSOR LÚCIO FALLEIROS.

ROLANDO BOLDRIN (BOY)

Em suas próprias palavras, Lúcio de Oliveira Falleiros afirmou:

"O homem sabe que a caminhada será longa e cheia de crepúsculos, mas quem crê, ama e espera. E ele crê que no final da jornada acabará sentindo na face o beijo do infinito". Que sua memória seja eternamente celebrada e que seu exemplo continue a inspirar-nos a trilhar caminhos de sabedoria, amor e esperança.

Certa vez perguntado como desejaria ser lembrado disse:

Fiz minha parte de cidadão aqui nascido, onde finquei raízes, formei minha família, trabalhei o trabalho dos justos. Fui professor, com toda a honra que se pode ter com uma profissão. Dei o melhor de mim, contando com a fusão de dois grandes tesouros com que o homem pode ser brindado: a inteligência - doação de Deus, e a educação - doação de meus pais. Embora meus estudos tenham se voltado para a área de exatas, a palavra sempre me fascinou. E, assim que pude, cumprida minha

carreira profissional, deixei os números descansarem, e, com ela - a palavra - estabeleci um convívio diário nunca mais interrompido. Ela me favoreceu nas pesquisas da história de São Joaquim da Barra, sobre a qual fiz o mais apaixonado retrato - em quatro livros, contando com informações e imagens que ia colhendo aqui e acolá, mais ricas que acervos catalogados - estes bem acanhados. E, por mais que meu cérebro tenha sido o mais requisitado operário de meus labores e reflexões, hoje a imagem que ganha ênfase é a do coração. Porém, não somente o órgão físico; estão aqui muitas emoções e sentimentos; está aqui a saudade de mim mesmo e das coisas boas que produzi e vivi.

Descanse em paz, querido Lúcio, sua luz continuará a brilhar em nossos corações para sempre, Até um dia!



Figura 138 e 139 – Em momentos de descontração com toda família reunida. Ao lado entre os irmãos Agostinho, Luzia; sentados: Izaura, Maria de Lourdes e Lúcio



Figura 140 – Lúcio e os irmãos encontravam-se quase todos os dias, para tomar café e o famoso pão de queijo. Dizia que os encontros eram momentos de encantamento e saudades que se eternizavam. Primeiro faleceu Luzia, depois Lúcio, Agostinho e por último Maria de Lourdes.



Figura 141 – Lúcio e Izaura, durante a celebração “Ilustres do Século”, onde o mestre recebeu o título de professor ilustre do século

Lira União e Trabalho, 100 anos alegrando as noites joaquinense

A página da história musical de São Joaquim foi escrita há mais de cento e vinte anos, quando em 15 de novembro de 1903, a primeira banda local (que ainda não tinha nome), desfilou pelas ruas do povoado, sob a regência do maestro Salvatore Principale, cunhado de Felício d'Andrea, outro músico, que lecionava para uma turma de alunos de uma corporação musical.

O entusiasmo dessa apresentação foi tão contagiante da banda arrancou dos munícipes os vibrantes "vivas de estilo".⁵⁴

Sabido que antes disso, de fato, não havia nenhuma banda, pois para a na inauguração da estação da Mogiana, ocorrida em 20 de março de 1902, foi a corporação nuporanguense Coração de Jesus que alegrou o evento, executando entre outros números o hino nacional brasileiro.

Um ano depois, em 21 de março de 1903, quando aqui se realizou a primeira eleição, após conhecido o resultado, foi a banda "União" de Ituverava que, acompanhada do povo, foi à casa do dr. José Esmeraldo de Oliveira, cumprimentá-lo pela vitória.⁵⁵ Em 1905, o Jornal O Nuporanga já mencionava outro maestro na cidade; Dionísio Machado. No segundo semestre de 1905, já se organizava uma nova banda, que seria estreada no dia 13 de maio de 1906, sob a batuta do maestro Domingos Baldochi, a banda, composta por 18 músicos, participou de uma festa em Orlândia, onde se encontravam as prestigiadas bandas de Sales Oliveira e Batatais. O sucesso alcançado pela nossa banda, sob a presidência do farmacêutico Antônio Gramani foi tamanho, os músicos retornaram em um trem especial, ovacionados pelos moradores.

Em 1908, no mês de abril, o vice-cônsul italiano visitava São Joaquim e sua chegada era abrilhantada pela nossa banda musical, regida, agora, pelo maestro João Venuci.

A história da banda em São Joaquim, desde o começo apresentou este quadro de altos e baixos. Quanto aos maestros, suas permanências eram rápidas, pois o rendimento era pouco e incerto, todos davam aula particulares de música, e mesmo assim por não ganharem o suficiente, partiam. Outras vezes a família não se acostumava com o pó, com a falta de água ou falta de condições higiênicas básicas na cidade. Cada novo maestro, novas esperanças, tudo se reorganizava.

O cenário cultural de São Joaquim só começaria a mudar de fato com inauguração do Cinema Ideal em 1910, de Assuero Cardoso e do Teatro

⁵⁴ MSJII – pag 151

⁵⁵

Variedades em 1916, de Luiz Barbanti, somados à chegada dos circos à cidade, os músicos encontraram novas oportunidades para prosperar financeiramente.

O cinema mudo possuía um atrativo que entusiasmava o espectador, uma orquestra executava a música conforme a cena. Na passagem amorosa do filme, a gente escutava emocionada plangentes valsas de amor. Todavia, nas comédias a melodia preferida era a rancheria" ⁵⁶, assim, teriam mais lugares onde se exhibir.

Nesse período, no dia 28 de junho de 1914, foi inaugurada solenemente a banda musical Lyra Joaquinense, conforme relatado no Jornal A Tribuna de 5 de julho do mesmo ano. Nessa ocasião era regente da banda o maestro Luiz Pavesi, que mais tarde seria substituído por José Carlos.

Este iniciou com entusiasmo seu novo cargo, reuniu a Assembleia Geral da Sociedade "Lyra Joaquinense", em março de 1915. A diretoria eleita iria se empenhar na confecção da farda própria, para ser estreada no dia do aniversário.

Na época nem coreto havia na praça, as retretas aconteciam com os músicos em pé, com garotos e senhores barbados segurando as pautas musicais.

O povo interessou-se de fato pela banda e sob a liderança de Manuel Trindade construiu-se na praça o esperado coreto, bem em frente à igreja matriz, inaugurado em outubro de 1916. Nesse ano, o professor Ângelo Maris, músico de Palermo - Itália, veio residir em São Joaquim. Teve a incumbência de reorganizar a Banda Musical "Lyra Joaquinense". Ângelo Maris era professor de piano, violino e bandolim. Dava suas aulas na Rua da Estação nº 13. Para os jovens, para quem pouco divertimento havia, estudar música era uma forma agradável e inteligente de preencher o tempo. Os maestros da banda que aqui vinham lecionavam particularmente, e muitos de seus alunos iriam figurar na banda, como aprecia. Era ela uma peça indispensável nos dias festivos, nas datas cívicas, com suas alvoradas e retretas.

Nos dias de festa, a banda desfilava garbosamente pelas ruas da vila, e estas passeatas eram muito esperadas, pois inúmeros joaquinenses sentiam-se ofendidos se ela não passasse em frente de suas residências.

Ainda em 1916, chegou em nossa cidade o violinista Sr. Albano Ribeiro, que aqui inaugurou a sua escola musical. Albano foi um músico diferente dos demais que aqui chegaram, pois ele passou o resto de sua vida em São Joaquim.

No ano de 1921, a banda receberia novo alento, conforme relata o jornal "A Tribuna" de 6 de março de 1921.

"Com grande probabilidade parece que vamos ter o ressurgimento de nossa corporação musical. Para esse fim, diversos cavalheiros de nossa sociedade estão empregando todos os esforços para reunir os elementos dispersos que queiram concorrer para a reorganização de

⁵⁶ Ccronica O Cinema Mudo de Jamil Chediack

uma banda musical de há muito tempo estamos resistindo. Vindo de Uberaba acha-se entre nós o Sr. Domiciano Porphiro Alves que pretende aqui residir e já tomou a tarefa de ensaiar os músicos da extinta Lyra Joaquinense. Ele tem encontrado boa vontade não só por parte dos músicos como entre os particulares que ansiosos almejam tão útil quanto necessária corporação. O novo regente garante que dentro em breve fará no coreto do largo um concerto musical, obedecendo a um programa caprichosamente organizado".

As retretas voltaram a alegrar as noites domingueiras. Como acontecia anteriormente, das 6 horas da tarde às 8 horas da noite.

Tão logo coma chegada de Domiciano, foi fundada uma segunda banda em São Joaquim. No dia 13 de maio de 1921, foi realizada a primeira retreta na praça Sete de Setembro, da recém-formada "Banda Comercial", tendo como maestro Guilherme Barbieri, vindo de Cravinhos. Com a saída do maestro Guilherme Barbieri, veio para a Banda Comercial o Sr. João Sorian e depois o Sr. Norberto Barbieri.

Em dezembro de 1922, chegou em São Joaquim da Barra, vindo de Jardinópolis, o sapateiro Sr. Arthur Parada com sua numerosa família de músicos, juntamente com Norberto Barbieri e Felício Giffoni, formou o conselho fiscal da Banda Comercial. Com a sávida do maestro Norberto, foi substituído pelo sr Francisco Mazano e posteriormente Foca Consollo. Era a colônia italiana a grande entusiasta pela desenvoltura da banda.

Em 19 de junho de 1924, Arthur Parada e Brasilino Domingos, se reorganizaram e criou-se a "Lyra União e Trabalho", marcando oficialmente a sua fundação.

Aos dezenove dias do mês de junho de 1924, reuniram-se a pedido do Sr. Arthur Parada e Brasilino C. Domingos à rua Minas Gerais, onde se encontra o instrumental da Banda Comercial, diversas pessoas que tinham de pôr fim a reorganização de uma banda nesta cidade. Depois de diversas considerações entre as pessoas presentes e abaixo assinadas, resolveram que, sendo uma sociedade útil a todas as cidades civilizadas, fosse levada a efeito respectiva sociedade, a qual, por aclamação geral das pessoas presentes, recebeu o nome de "Lyra União e Trabalho São Joaquinense". Por proposta verbal do Sr. Arthur Parada, foi declarado que era do seu intento ser eleita uma diretoria composta de um presidente honorário e mais os membros precisos para esse fim, e que, por isso, tomava a liberdade de indicá-los; esta proposta foi unanimemente aceita, assim foram eleitos: para presidente honorário o Dr. Carlos de Rezende, e para presidente o Sr. Antônio Mendes, para Vice-Presidente o Sr. José Maria Basso, para 1º Tesoureiro Fidelis Rossini, 2º Tesoureiro Brasilino C. Domingos, 1º

secretário Albertino Soares Barbosa, 2º secretário José Leandro Tibúrcio e para procurador Sr. Arthur Parada.

A Lyra União e Trabalho com o maestro Urias passou a ter uma atuação elogiada por todos, diziam estar a banda firme e harmônica como nunca. Um ano depois, o próprio Artur Parada reorganizava a banda Comercial, festejaram o evento com passeata pelas ruas da cidade, terminando com uma linda retreta. São Joaquim passou a ter duas bandas novamente.

Seria fundada novamente em 12 de abril de 1926, com o nome de Banda Lyra Comercial. Só que duas bandas na mesma cidade foi briga na certa. E as disputadas tornaram-se cada vez mais acirradas. A Lyra Comercial alegrava aos fins de tarde às quintas-feiras e a Lyra União e Trabalho aos domingos, a rivalidade era tanta que as vaías e aplausos se confundiam entre a multidão.

O Jornal "A Tribuna" de 20 de junho de 1925, relata os fatos:

"(...) A Odiosidade entre as duas corporações musicais não tem noção do que seja progresso, e querem satisfazer os seus instintos intrigantes, procurando demolir o que se tem feito com grande sacrifício. Os integrantes esquecem que ambas as corporações musicais pertencem à população da cidade, pois elas são auxiliadas pelo comércio. Quais delas não é digna de nosso apoio? Os partidarismos estão extremados e sua consequência desagradável, ao contrário da discórdia, devemos apoiá-las"

A animosidade era tanta, que as duas bandas chegaram a tocar na mesma praça & uma em frente a outra, num tom de provocação e querendo uma ser melhor que a outra.

Naqueles primeiros anos do século XX, a presença de uma banda era essencial para a vida social da comunidade. As noites no interior não tinham os atrativos modernos como o cinema falado, rádio, ou mesmo televisão. Em vez disso, as pessoas se reuniam nas varandas das casas, nas calçadas ou nos bancos dos jardins para conversar.

Políticos e figuras importantes confabulavam nas farmácias, enquanto os jovens ocasionalmente desfrutavam de bailes improvisados ou na Sociedade Italiana. Mas nada se comparava à atmosfera romântica e inesquecível das serenatas.

Era também costume de as bandas participarem de forma festiva nas chegadas de autoridades que desciam na gare da Estação Mogiana, nas inaugurações ou outros eventos importantes da cidade; um fato peculiar os enterros, a banda acompanhava o falecido até seu último repouso na necrópole municipal.

Em 5 de dezembro de 1926, foi inaugurado o prédio da Lyra União e Trabalho, na rua Minas Gerais, nº 1625, graças aos esforços da sociedade Italiana, doado pelo sr. José Basso, pelo português Manoel Damásio Ribeiro, que doaria um novo coreto em 1935, e aos músicos, carpinteiros e pedreiros que ajudaram a concretizar esse sonho da população.

Arthur Parada faleceu em 1937, no seu sepultamento acompanhou as duas

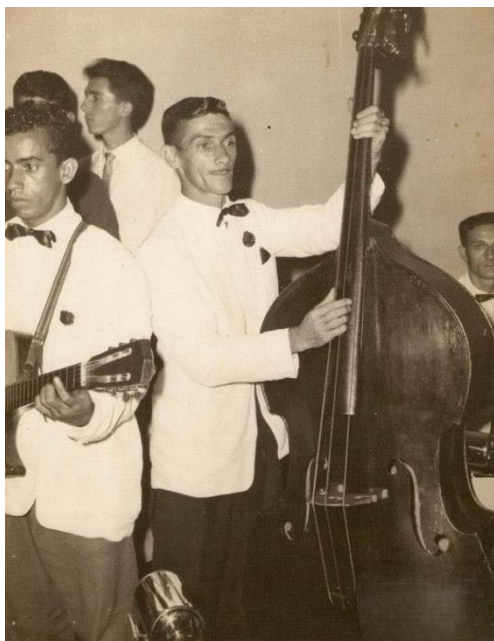


Figura 142 – Maestro Antônio Bonutti

bandas existentes na cidade. Arthur deixou uma geração de músicos, filhos e netos. Após a década de 1950, começaram a surgir as orquestras do Pinho, do Ilquias, do Natyrson Carrara e do Cleyton. Seu filho Ilquias Parada (falecido em 1º de setembro de 1992) regeu até a década de 1980 a banda acompanhada pelo maestro Antônio Bonutti, que chegou em 1979, ingressou na corporação e nela permaneceu por mais de 30 anos. Em 15 de julho de 2007, a administração municipal o homenageou dando o seu nome ao coreto da Praça 7 de Setembro. Na ocasião cercado dos filhos, esposa e amigos, Maestro Bonutti foi homenageado por seus músicos que executaram alguns de seus arranjos musicais emocionando a todos que presenciaram o momento. Hoje, mais de um século depois, a banda Lira União e Trabalho continua a encantar os moradores de São Joaquim da Barra, nas noites de domingo, mantendo viva a tradição musical da cidade. Do alto do coreto, erguido pelo Sr. Manoel Damásio Ribeiro em 1935, seus acordes alegrem jovens e adultos, evocando memórias de uma era passada.

Aos finais de semana praça principal é um verdadeiro retrato da vida comunitária, com crianças brincando alegremente e adultos compartilhando histórias triviais.

Em um século de história, raras foram as vezes que não sei viu a banda tocar; durante a pandemia e em 2022 quando ficou sete meses sem se apresentar, retornando em 9 outubro do mesmo ano. A apresentação, que dura 1h30, sempre começa após a bênção final da missa dominical.

Mesmo diante dos desafios e interrupções, a Banda Lira União e Trabalho permanece como guardião da tradição musical local há mais de cem anos, mantendo viva a história e o encanto de São Joaquim.⁵⁷

⁵⁷ Antônio Bonutti, faleceu dia 3 de abril de 2013 aos 83 anos de vida tendo deixado um enorme legado para seus familiares, amigos e sobretudo para seus alunos e músicos da Corporação Musical Lira União e



Figura 143 – Músicos da década de 1930



Figura 144 – Banda Lira União e Trabalho na década de 1950



Figura 145 – Na foto saudosos maestro Bonutti regendo a banda. Em primeiro plano aparece o Olímpio Guilherme dos Reis, lá no fundo o trombonista José Mário.



Figura 146 – A banda Lira União e Trabalho, em 21 de abril de 2024.

Trabalho. Era filho de Remígio Bonutti e Angelina Chiapini Bonutti, nascido na Fazenda Olarias, em Sales Oliveira, no dia 10 de maio de 1930. Iniciou no meio musical, tocando de ouvido, Sanfona e já com oito anos de idade animava bailes, shows e festas. Por orientação de um de seus irmãos, que recebia lições musicais com o senhor João Daniel, resolveu também aprender as escalas musicais inscritas nas partituras e procurando o senhor João Sircilli, violonista da cidade de Orlândia, que lhe transmitiu os primeiros ensinamentos da arte musical. Foi convidado a pertencer à famosa Orquestra Guarani de São Joaquim da Barra. Posteriormente, fundou a sua própria orquestra, chamada Cacique e, para que a orquestra estivesse sempre com repertório atualizado, iniciou a elaboração de seus próprios arranjos.

Casa Esperança, um século de história

Antes de 1918, pouquíssimos prédios de bom porte se espalhavam pelas poucas ruas de nossa cidade. A maioria das moradas eram verdadeiras taperas, erguidas sobre um lamaçal intransitável. A linha da Estrada de ferro e as propriedades da Companhia Mogiana ainda eram protegidas por cercas e arames, para evitar acidentes com animais. Existia até uma porteira, conhecida como “porteira preta”, que o passageiro de trem tinha que abrir, para embarcar e desembarcar na vila São Joaquim. Em 1922 as cercas e a porteira desapareceram. Foi nesse início da década de 1920 que foi preso numa fuga fantástica o bandido Ricardino, terminando com sua morte no cruzamento das ruas XV de novembro com Rio de Janeiro. A cidade de São Joaquim era bem desordeira, barulho de estampidos eram ouvidos frequentemente.

No início do século, a cidade recebeu muitos imigrantes, italianos, portugueses e espanhóis, que acompanharam o “rush” do café seguindo os trilhos da Mogiana, e muitos foram atraídos pelo presente progresso vertiginoso que caracterizou desde o início o nosso povoado.⁵⁸

Uma dessas famílias radicadas no Brasil foi a do Sr. Francisco Antônio Lopes e Maria de las Angustias Muñoz, casados em 15 de setembro de 1884, na aldeota Válor, Andaluzia, Espanha.⁵⁹ Vieram para o país no final do século XIX, com os filhos: Antônia, Eloisa e José Lopes Muñoz, ou José Lopes Puga, (1892-1973), como ficou conhecido o espanhol. José se casou com Cármen Matheus Muñoz, que também veio com os pais, André Matheus Guerreiro e Mathildes Lopes Gonçalves, do mesmo país. Ambos vieram ainda crianças, entre os 5 e 8 anos de idade. Viviam e trabalhavam em fazendas da região.

No início do século 20, em nossa cidade, foi fundada a Casa Esperança, que primeiramente funcionou na rua Sergipe, nº 642, e posteriormente alterado o número para 1.176, devido ao prolongamento da rua. Ali, em 1925, iniciaram um comércio de secos e molhados, em uma pequena venda, como eram conhecidas as casas de comércio na época.

Esse comércio era baseado principalmente no fornecimento de víveres para as colônias de fazendas da região.

José e Cármen tiveram nove filhos: quatro homens (Francisco (Nena), Henrique, Ramiro e Walter) e cinco mulheres (Augusta, Elvira, Emília, Terezinha e Dulcineia). Uma curiosidade da época fez com que os irmãos assinassem sobrenomes diferentes uns dos outros.

O pai, José Lopes Puga, não tinha registro formal no Brasil. Nem a mãe. Quando foi instado a fazer os registros formais, frente à possibilidade de perder propriedades que adquiriu e não registrou, e também em função de costumes da terra natal, onde a herança de sobrenome era diferente, acabou por ocasionar o fato. Os irmãos passaram a assinar sobrenomes que variavam entre os do pai e

⁵⁸ Italianos no Brasil, Franco Cenini, pag. 165, Ed. USP, ano 1975.

⁵⁹ Nechite (Válor, Granada, Andaluzia) é uma aldeota com pouco mais de 670 habitantes.

os da mãe enquanto solteiros, como Lopes, Lopes Puga, Lopes Munhoz, Mateus Lopes.

A Casa Esperança foi administrada pelo fundador, que fazia todos os serviços até que os filhos tiveram idade suficiente para ajudar na lida diária. Não eram raras as histórias contadas por eles, que encontravam o pai chegando de uma entrega que havia feito em fazendas vizinhas. Levantava-se às 3h da manhã e saía com o carrinho de burro para levar as mercadorias, e pela manhã estava de volta para abrir a venda.

Assim foi até o adoecimento e falecimento precoce de Henrique, na década de 60, com pouco mais de 40 anos. Outro irmão (Ramiro) foi trabalhar em um banco. Nena e Walter ficaram, mas a sociedade foi desfeita, com o caçula Walter adquirindo as partes dos outros. Em 1952, Walter casou-se com Maria Aparecida Deienno Lopes, filha de Francisco Deienno e Maria Fumagalli Deienno, e tiveram 3 filhos: Walter Luís, Maria Regina e Henrique Francisco. A empresa passou para a razão social Walter Lopes e Cia. Ltda. – sociedade entre Walter e sua esposa.

O negócio, de “venda”, passou a ser conhecido como “armazém” e comerciava desde materiais de construção, até alimentos, bebidas, ferramentas agrícolas etc. Com o passar do tempo, alguns desses setores passaram a ser especializados, e vendidos em supermercados, lojas de ferramentas, farmácias e lojas de materiais de construção.



Figura 147 – José Lopes Puga, quando recebeu o Título de cidadão Joiaquinense.

A Casa Esperança foi deixando alguns desses ramos para especializar-se no ramo de armarinhos e papelaria. Em meados 1978 a 1980, suas instalações passaram para a rua XV de novembro, (atualmente loja Sampar), ao lado do antigo Museu Barão de Pinto Lima. Depois, mudaram-se definitivamente para a rua São Paulo, nº 1.754, permanecendo até os dias atuais.

Com o falecimento de Walter, em 2017, e de Maria Aparecida, em 2018, a antiga razão social foi encerrada, e a atual está com a esposa do filho caçula – Débora G. Ferracioli Lopes.

Sr. José Lopes Puga faleceu em 14 de agosto de 1973, e dona Carmen em 17 de janeiro de 1977

O centenário da Casa Esperança não se resume apenas aos anos de um comércio que tem raízes até hoje. Ele se faz, também, da memória das pessoas que o compuseram, e preservaram tão rica história. As crianças da terceira geração viveram a infância naquele local, no quintal com mangueiras, ensaiando ali seus futuros. A molecada participava, com os avós e os pais, da embalagem de bebidas que vinham em

tonéis; colavam os selos com a goma que a matriarca fazia na cozinha. E depois se fartavam com as inesquecíveis sopas com aroma de uma Espanha que não conheciam. A família inteira se reunia para rezar nos terços anuais – dedicados a santa Luzia, promessa da avó.

A esperança, ao lado da fé e do amor, é uma das três virtudes teologais. Para a família Lopes Puga, a palavra se tornou sinal de perseverança, luta e trabalho. A esperança é a virtude do caminhante!



Viva a Esperança inaugurada há 100 anos pelos espanholitos José Lopes Puga e Cármen Matheus Munhoz. Gracias a la vida!, completa a maluquinha, minha querida Rita, neta desse ilustre casal.

Figura 148 – Propaganda de 1947, veiculada dos jornais de São Joaquim da Barra

José Bernardino		245		
19	20	DEBITO	CREDITO	
19	20	Transporte	443,00	
29	30	g. g. salmão	27,00	
31	31	g. g. salmão	12,00	
			482,00	482,00
1	2	Meatball (chilo) salmão	4,00	
		primento	8,00	
9	10	Doce de leite	321,00	
14	15	g. g. salmão	27,00	
20	21	Meatball (chilo) salmão	8,00	
		chilo salmão	2,00	
21	22	Meatball (chilo) salmão	15,00	
25	26	Meatball (chilo) salmão	84,00	
		3.000 Meats (macarrão)	87,00	
		1.000 Meats (macarrão)	18,00	
		1.000 Meats (macarrão)	55,00	55,00
Antônio Zulato		269		
19	20	DEBITO	CREDITO	
19	20	Doce de leite	432,00	
		Doce de leite	47,00	
		Doce de leite	40,00	
		Meatball (chilo) salmão	88,00	
		Meatball (chilo) salmão	84,00	
		Meatball (chilo) salmão	27,00	
20	21	Meatball (chilo) salmão	8,00	
		Meatball (chilo) salmão	4,00	
		Meatball (chilo) salmão	193,60	
21	22	Saldo	184,00	184,00
		Meatball (chilo) salmão	15,00	
		Meatball (chilo) salmão	8,00	
		Meatball (chilo) salmão	46,00	
		Meatball (chilo) salmão	18,00	
		Meatball (chilo) salmão	47,00	47,00

Figura 149 – Armazém Casa Esperança – Páginas do livro de conta corrente de 1927, com anotações dos clientes, dentre eles os bisavós do autor; José Bernardino e Antônio Zulato. Este livro é cuidadosamente preservado pela família, sendo considerado um tesouro inestimável

Efemérides joaquinhenses

No futebol, um nome de peso: Walter Diab Júnior



Figura 150 – Walter Diab, com o uniforme do Botafogo Futebol Clube, década de 1980

No dia 10 de junho de 1960, nasceu em nossa cidade aquele que, literalmente, tinha como meta o "Gol". Filho de Walter Diab e Rosina Trombini, trouxe na alma a paixão pelo futebol, herança de seu pai, o "velho goleiro Turcão". Iniciou no futebol como centroavante, mas o destino reservava-lhe outra posição.

Walter começou jogando pelo Barrense, na equipe de juniores dirigida pelo Sr. Haroldo Honório Magalhães. Jogou como amador pelo Santana F.C de Ipuã/SP e pelo E.C Mariano de São Joaquim da Barra.

Em agosto do ano de 1978, o então Presidente do Botafogo F.C, o Sr. Jorge Monsef, informado das qualidades de um artilheiro em destaque no campeonato amador, resolveu observar o jogador em uma partida do (São Joaquim Futebol Clube) S.J.F.C. X Usina Junqueira.

Nessa partida, Walter Diab precisou atuar no gol devido à ausência do titular, destacando-se com 1.94 m de altura, efetuando defesas mirabolantes. Era o início de uma carreira marcada por títulos e glórias.

Com 18 anos, foi contratado pelo Botafogo F.C. de Ribeirão Preto, estreando contra o XV de novembro de Jaú e tendo uma excelente atuação. A partir daí, esteve presente em todas as campanhas do clube, incluindo o Campeonato Paulista, o Brasileiro, Quadrangulares e Amistosos. Excursionou com o Botafogo F.C. para Montevidéu, Argentina, Equador, Peru e Panamá. Sua melhor

fase foi em 1981, sendo eleito o melhor goleiro do interior e agraciado com o troféu "Chuteira de Ouro".



Figura 151 – Em pé da esquerda para a direita: Wilson Campo, Walter Diab, Maxwell, Flamarion, Beto e De Rosís; agachados da esquerda para a direita: Osni, Osmarzinho, Didi, Marcio Fernandes e Tonhão

Transferido para o América do Rio de Janeiro em 1983, passou uma temporada na Ferroviária de Araraquara-SP. Com o América, excursionou para a Nigéria, Gabão e Angola, embora tenha ficado na reserva.

Desiludido, pensou em parar com o futebol até que o Joinville E.C. cruzou seu caminho e o contratou. Estreou pelo clube disputando a Copa Brasil de 1984 contra o Internacional de Porto Alegre, sendo eleito o melhor da partida e o goleiro do "Fantástico". Foi campeão em 1984 e 1985 e vice em 1986.

Em 29 de outubro de 1986, foi convocado para a Seleção Brasileira de Novos para disputar o Sul-Americano no Chile, sob comando do famoso técnico Jair Pereira.

Em 1987 Passou pelo Guarani de Campinas em 1988, indo depois para o Blumenau de Santa Catarina, onde ficou até 1990. Em 1991, retornou para nossa cidade, tendo passagens pelo Comercial F.C de Ribeirão Preto, (1992) Batatais F.C, Barretos E.C, entre outros, e encerrando sua carreira em nossa cidade, atuando pelo São Joaquim F.C e depois aposentando-se como professor de educação física na prefeitura municipal.

Walter Diab é formado em Educação Física pela Universidade Regional de Blumenau, SC. Como goleiro, era perfeito nas saídas de bola, tinha excelente elasticidade e reflexos apurados. Extrapolou fronteiras, conhecendo a fama e a glória dos campeões sem nunca perder a humildade, a alegria e o amor por sua família e sua terra natal. Um exemplo de esportista que permanece no coração de nossa comunidade.⁶⁰

Piu, Alison Santos

Alison Brendom Alves dos Santos, conhecido como Piu, nasceu em 3 de junho de 2000, em São Joaquim da Barra, São Paulo, Brasil, sendo filho de Gerson e Sueli, e o caçula de quatro filhos, tendo como irmãos mais velhas Drieli, Andrieli e Anieli. Sua infância foi marcada por um acontecimento trágico aos 10 meses de idade, quando um acidente doméstico resultou em queimaduras de terceiro grau em sua cabeça, deixando cicatrizes que se tornaram parte indelével de sua história.



Figura 152 – Alison dos Santos, em Tóquio, durante os jogos olímpicos de 2020, conquistando medalha de bronze nos 400 metros com barreira.

O incidente ocorreu enquanto estava na casa de sua avó, Geni. Uma panela de óleo quente foi acidentalmente derramada sobre ele, causando queimaduras

⁶⁰ Ilustres do Século, maio de 2000.

graves não apenas em Alison, mas também em sua avó, que tentou evitar o acidente. Após quatro meses de internação no Hospital de Câncer de Barretos, Alison carregou consigo as marcas visíveis do trauma, com cicatrizes na testa, couro cabeludo, rosto, tórax e braço esquerdo, levando-o a adotar o uso de bonés ou chapéus durante seus treinos para proteger as áreas afetadas do sol.

Apesar das adversidades, Alison enfrentou a timidez e encontrou refúgio no mundo do esporte, inicialmente experimentando o judô dos 6 aos 14 anos, ganhando inclusive o apelido de Piu durante esse período. Contudo, os custos elevados associados ao judô levaram-no a migrar para o atletismo, uma decisão que não apenas refletiu em uma paixão genuína pelo esporte, mas também abriu portas para oportunidades maiores e mais acessíveis para sua família.

Iniciando sua jornada no atletismo em 2013 na Escola Técnica Estadual Pedro Badran (ETEC), Alison foi treinado por Ana Fidélis, demonstrando não apenas talento, mas também uma determinação incomparável. Aos 16 anos, já competia em nível adulto, revelando uma evolução impressionante em sua carreira.

Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, que viram no atletismo uma possibilidade de realização e reconhecimento, Alison persistiu e se destacou. Sua trajetória é marcada por um espírito de superação e resiliência, culminando em conquistas notáveis no cenário esportivo internacional

Entre seus feitos mais memoráveis estão a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 na prova dos 400 metros com barreiras, o título de campeão mundial nos 400 metros com barreiras no Campeonato Mundial de Atletismo de Eugene 2022 e a medalha de prata no Campeonato Mundial de Revezamentos de Chorzów 2021 na prova de 4x400 metros mistos, além de diversas outras conquistas em competições de renome.

Alison dos Santos, ou simplesmente Piu, é um exemplo de determinação, talento e resiliência, inspirando muitos jovens atletas em todo o mundo. Sua trajetória é marcada por conquistas notáveis e uma incrível força de vontade. Sua história é um testemunho poderoso do poder da resiliência e do comprometimento com os sonhos. Superou a timidez e encontrou sua paixão pelo atletismo, tornando-se um dos melhores atletas do mundo na modalidade.

Ana Maria Braga

Uma ilustre joaquinhense nas manhãs da Rede Globo.



Figura 153 – Ana Maria Braga Maffei com sua mãe dona Lourdes Braga

Ana Maria Braga Maffei, nasceu no dia 1º de abril de 1949, em nossa cidade, filha única do italiano Natale Giuseppe Maffei Júnior e Lourdes Braga, são seus avós paternos: Henriquetta e Natale Giuseppe Maffei, e avós maternos: Ana e Arthur Braga.

Fez seus estudos primários nas escolas Sylvio Torquato Junqueira e no Colégio Estadual, o CENE (atual Genoveva Pinheiro Vieira de Viita), onde guarda lembranças célebres dos queridos e saudosos professor Ivo Vannuchi e Lúcio de Oliveira Falleiros.

No tempo em que a cidade de São Joaquim ostentava o título de “Joia da Alta Mogiana”, Ana chegou a ser candidata a rainha da tradicional festa da soja. Frequentava constantemente o Tênis Clube.

Ana Maria saiu de casa com 18 anos, foi em busca de seu sonho; formar-se em medicina. Mas para realizá-lo teve que enfrentar a oposição dos pais, que preferiam vê-la professora e casada em São Joaquim. Contrariando os



Figura 154 – Sua formatura, no Colégio Estadual Escola Normal – atual Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta, aconteceu na Igreja Matriz de São Joaquim da Barra.

progenitores, Ana embarcou para São José do Rio Preto, onde prestaria o vestibular. Sem dinheiro, pois o pai parou de auxiliá-la, Ana morou na casa de parentes, pensões e repúblicas.



Figura 155 – Arthur e Ana Braga, avós maternos de Ana Maria

Começou a trabalhar, fazendo “bicos”, como auxiliar e secretária. Teve que substituir a faculdade de medicina pelo curso de Ciências Físicas e Biológicas na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São José do Rio Preto, SP. Especializou-se em répteis e anfíbios, e sua intenção era criar rãs para vendê-las em restaurantes paulistanos.

Em janeiro 1971, casou-se em São Joaquim da Barra, com Antônio Dráuzio Badan.

Em 1973, teve a primeira oportunidade de trabalhar na TV, num programa de gincanas universitárias na TV Rio Preto, Canal 8, conduzido pelo apresentador Amaury Junior, participou da gincana vestida de Marilyn Monroe. Agradou tanto que foi convidada a trabalhar como assistente de palco. Dos bastidores passou à apresentadora do telejornal local.... E decolou.



Figura 156 – Ana Maria entrevistando Emerson Fitipaldi

Trabalhou na TV Bandeirantes e depois na extinta TV Tupi, apresentando um programa de variedades, com isso foi ganhando experiência e encarando as câmeras ao vivo. Também apresentou o telejornal Panorama e, uma vez por mês, comandava o musical Grande Parada, junto com o ator Tony Ramos. Foi assessora de Sylvia Maluf, quando em 1979, Paulo Maluf assumiu o governo do Estado. Foi nessa época que conheceu seu esposo o economista Eduardo de Carvalho, que era secretário do governo Maluf. Casaram-se em 1980 e tiveram dois filhos, Mariana e Pedro, Separou-se, em 1997 casou-se com Carlos Madrulha, seu segurança (um relacionamento parecido com filme o guarda-costas, de 1992, com Whitney Huston e Kevin Costner). Depois de Madrulha, Ana ainda teve outros relacionamentos.

Entusiasmada com sua trajetória na televisão, Ana Maria Braga graduou-se em jornalismo e assumiu a direção de publicidade das revistas femininas da editora Abril. Em sua gestão, a revista Elle foi implantada no Brasil. Após uma década afastada das telas, em 1993, recebeu o convite para apresentar um programa culinário na TV Record, o Note e Anote. Com um estilo marcante e inovador, Ana Maria Braga deixou sua marca ao utilizar luvas de diferentes modelos e cores, além de adotar uma peculiar prática de passar sob a mesa do

cenário da cozinha a cada vez que experimentava e aprovava uma das receitas do programa.

Sua personalidade extravagante também se refletia em seus gestos, como o hábito de "chamar os cachorros" e preencher a geladeira do cenário com diversos imãs que emitiam sons de animais. Esses imãs se tornaram icônicos na época, sendo replicados nas geladeiras das casas brasileiras como uma extensão do universo acolhedor das tardes de Ana Maria Braga. Foi nessa época que a apresentadora popularizou seu famoso bordão: "Acorda, menina".

O programa chegou a entrar na edição do Guinness Book de 1998 como o programa de maior permanência no ar.

O convite para trabalhar na Globo veio em meados de 1999 e, em 18 de outubro do mesmo ano, depois de meses de testes, o Mais Você entrou no ar. O programa tinha as participações do escritor Carlos Heitor Cony, da consultora de moda Gloria Khalil, do cabeleireiro Duda Molinos. Ana, já preparou milhares de receitas, participou de coberturas jornalísticas e entrevistou uma série de personalidades nacionais e internacionais.

Em 2001, como sempre o fez, Ana Maria mantém-se próxima e cúmplice de sua audiência e, durante seu programa, divide com o público um pouco de sua vida. Na manhã do dia 26 de agosto, anunciou que sofria de câncer no intestino. No mesmo dia, foi internada no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, e iniciou o tratamento de quimioterapia.

Ninguém espera que vá ter câncer, e aí, de repente, vem uma notícia dessa. Bom, eu trabalho num lugar em que eu falo com as pessoas. E uma das coisas que eu falo – e falo para os meus filhos, aprendi do meu pai, e acredito piamente – é que a verdade é o melhor caminho. Olhar no olho das pessoas e falar o que você pensa e sente, com respeito pelo outro, mas a verdade, não tem coisa melhor na vida. Não vi outro caminho senão dizer, porque se eu não disser, dirão.⁶¹

Quatro meses depois do anúncio do câncer, ela voltou a gravar o programa, já curada da doença e com os cabelos bem curtos, em consequência das sessões de quimioterapia. Muito religiosa, ela foi ao Santuário de Fátima, em Portugal, agradecer. Uma equipe do programa acompanhou a apresentadora em sua peregrinação e a matéria resultou em um dos momentos mais emocionantes da atração.

Em 1997, quando ainda apresentava o programa Note e Anote, na Record, criou um personagem que a acompanhou durante muitos anos. O papagaio

⁶¹ <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/ana-maria-braga/playlist/exclusivo-ana-maria-braga.ghtml>, acessado em 17 de maio de 2024.

Louro José era boneco de espuma, articulado que divertia o público infantil na abertura da atração. "Eu precisava de um bicho que falasse, que interagisse comigo, mas cachorro não fala. Passarinho, nem todos falam; gato não fala. E eu tenho um papagaio em casa, e ele se chama Louro José, por causa do meu pai, que era (Giuseppe), José Maffei", recorda.

Louro José era interpretado por Tom Veiga, que morreu em 1 de novembro de 2020. O programa do dia 4 de novembro homenageou tanto o personagem, quanto o profissional que lhe dava vida.

Além do Mais Você, a apresentadora tem diversos produtos que levam seu nome: uma linha de utensílios para cozinha, vários livros de receitas e autoajuda, um curso online de culinária, uma revista e uma marca de café. Empreendedora, criou o Projeto de Cozinha Popular Ana Maria Braga, um curso sobre reaproveitamento alimentar direcionado a comunidades carentes. Em 2003, lançou o CD Sou Eu.

De suas memórias, a mais marcante é a praça da Igreja Matriz, onde passeava com sua família e se encontrava com suas amigas. Ela mesmo diz que conhecia todos os bancos da praça; o coreto, lindo, e a banda tocando aos domingos... E claro, da sorveteria do Guinit. Seu sonho; ver seus netos brincando na mesma praça de sua infância. Em 2002, quando realizou algumas matérias sobre a cidade, foi homenageada com um jantar, reunindo primos e amigos de sua vida.⁶²

Vida longa à essa joaquinese querida!

⁶² Baseado na Revista Homenagem SJB – História de Progresso, de 2012.



Figura 157 – Ana Maria Braga, clicada em 2019 por Cícero Rodrigues, para o Memória Globo.

Aqui fala o seu repórter Esso, testemunha ocular da história



Figura 158 – Kalil Filho, foi o primeiro âncora do Repórter Esso, da televisão, com apresentação diária na TV Tupi às 19h45

Um outro joaquinense que se destacou na rádio e na televisão brasileira, foi Kalil Filho, nome artístico de Munyr Kalil. Nasceu em 2 de dezembro de 1930. Era filho do comerciante libanês José Jorge Kalil e de Itália Mielli Kalil. Tinha seus irmãos (todos homens, com exceção de Maria José). Era o mais velho e isso lhe dava muita responsabilidade, família de árabes que era, imigrantes unidos.

Toda sua vida Kalil Filho dedicou ao jornalismo. Fazia rádio e televisão. Começou em Campinas, sendo um dos fundadores da Rádio Brasil de Adamantina/SP. Veio depois para capital, ainda na década de 40. Em 1952 foi convocado para ser o “Repórter Esso”, de São Paulo, na TV Tupi, então Canal 3. Como representante do Repórter Esso, era “O Primeiro a dar as últimas” e a “Testemunha Ocular da História”.

Kalil Filho foi o primeiro repórter (âncora) da televisão brasileira. No Rio de Janeiro, era o repórter Gontijo Teodoro, quem apresentava o jornal.

Em 1961 recebeu o Troféu Imprensa de melhor apresentador de telejornal.⁶³ Foi diretor artístico da TV Excelsior, Jornal de Vanguarda (Canal 9, apresentado por Kalil Filho, 1964). Entrevistou a cantora Elis Regina (1965), quando a cantora foi premiada no I Festival de Música Popular Brasileira, com a canção Arrastão dos compositores Edu Lobo e Vinicius de Moraes (TV Excelsior, Canal 9 de São Paulo). Apresentou também o programa O Berro - reclamações do povo, na Rádio Excelsior, atual CBN - 1967.

No Rio de Janeiro o Repórter Esso era Gontijo Teodoro, e, em São Paulo, Kalil Filho. Na Rádio Tupi de São Paulo, o Repórter Esso era apresentado por Dalmácio Jordão, que substituíra Kalil Filho, quando eventualmente ele precisava faltar, assim como Kalil Filho o substituíra no rádio, em casos de força maior.

E por 17 anos isso aconteceu. Até que o patrocínio da Esso acabou e o programa foi tirado do ar. Em 1967 foi para a Rádio Bandeirantes e apresentava o programa Repórter Sucesso. O Edifício Radiantes, sede da Rádio e TV Bandeirantes, atual Band, no bairro do Morumbi, em São Paulo, sofre um grande incêndio em 1969, destruindo todas as suas instalações. Com câmeras e unidades de videotape emprestadas de outras emissoras, Kalil Filho transmitiu o incêndio da TV Bandeirantes, quando a emissora estava comemorando seus dois anos de transmissões.⁶⁴

Assumiu a apresentação do programa Show da Manhã da Rádio Panamericana (Jovem Pan). Fazendo o maior sucesso nas manhãs paulistanas. Foi depois para a televisão. Estava na inauguração da TV Bandeirantes, em 13 de novembro de 1967. Dois anos depois houve um grande incêndio no Edifício Radiantes, no bairro do Morumbi e Kalil Filho estava lá e foi ele que fez a reportagem do incêndio, ao mesmo tempo em que conseguia um novo local, onde retransmitir seu programa. Ele foi também apresentador do show inaugural do Teatro Bandeirantes, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, em São Paulo. Kalil era casado com dona Wilma Vasques Kalil, com quem teve três filhos: Vanessa, Jéssica e Jeferson.

Kalil Filho sofreu um acidente automobilístico fatal, na então recém-construída Marginal Pinheiros, na entrada da ponte Eusébio Matoso, onde foi atingido por um caminhão guincho que trafegava na contramão. Deixou três filhos, sendo que Vanessa, a primogênita, tinha apenas 13 anos na ocasião. E não foi apenas ela que chorou a morte de Kalil Filho, mas sim todos os que o ouviam e o amavam, pois além de bela figura e bela voz, era também uma grande criatura humana, seus bordões: *Alô, Alô, Repórter Esso, alô! O primeiro a dar as notícias e*

⁶³ Em 1960 foi lançado o TROFÉU IMPRENSA, por iniciativa da SÃO PAULO NA TV, uma das principais revistas especializadas em TV da capital paulista, lançada no ano anterior.

⁶⁴ Museu da TV, Fábio Rejali Siqueira, 25 de maio de 2007.

aqui fala o seu repórter Esso, testemunha ocular da história, permanecem para sempre na memória de uma geração.

Dr. Álvaro Avezum Junior

Álvaro Avezum Junior, nascido em 6 de agosto de 1962, filho do comerciante Álvaro Avezum e Nilza Figueira Avezum, cardiologista, professor Livre Docente e Doutor em Cardiologia pela Universidade de São Paulo, responsável pela Disciplina de Pesquisa e Medicina Cardiovascular: Planejamento, Execução e Avaliação do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Medicina/Tecnologia e Intervenção em Cardiologia (USP/IDPC). Além disso, atua como docente no Curso de Medicina e como Coordenador do Grupo de Pesquisa em Medicina Populacional da Universidade Santo Amaro (UNISA) desde fevereiro de 2015. Avezum também é avaliador da FAPESP e do CNPQ. Sua experiência na área de Medicina Cardiovascular, com ênfase em Emergências Cardiovasculares e Prevenção Cardiovascular, destaca-se em temas como: Cardiologia Baseada em Evidências, Epidemiologia Clínica, Fatores de Risco Cardiovascular e Pesquisa Cardiovascular.

Foi reconhecido pela consultoria Thomson Reuters como um dos quatro cientistas brasileiros com maior impacto mundial em sua produção acadêmica, em uma lista que inclui 3.215 pesquisadores.

Ah, o Hotel Machado

São Joaquim da Barra cresceu em torno de uma capela, assim como inúmeras cidades que conhecemos, e seu rápido desenvolvimento existiu por estar bem encostada aos trilhos da estrada de ferro da Mogiana. Com isso, as estalagens e pensões surgiram nas proximidades da estação. Assim, foram construídos os nossos dois famosos hotéis, o Machado do Sr. Sebastião Machado e o Raymundo, do Sr. Raymundo Bertazan, bem como a pensão da dona Maria Aranha Feia.

O Dr. Antônio de Almeida Prado, em seu livro *Crônicas de Outrora*, menciona o Hotel Machado:

“O hotel Machado, sua cuidadosa mesa e sobretudo pela delirante imaginação, do seu proprietário, mereceu até uma crônica de Cornélio Pires”.⁶⁵

A qualquer hora que fosse encontrado na estação, por ocasião das passagens de trem, ou à porta do seu hotel, ou às horas das refeições, o Sr. Machado centralizava sempre uma roda de ouvintes, atentos às suas prodigiosas narrativas.



Figura 159 – Registro de 1912, A mais antiga foto do Hotel Machado, (à direita) que ilustrou a capa do Volume 1, do Pela Janela do Tempo. Ao fundo, na esquina, à esquerda parece o Hotel Raymundo que foi demolido na década de 1950, para ser construído o Hotel Chaul, depois São Jorge

⁶⁵ *Crônicas de outrora* – Antônio de Almeida Prado, pag. 100.



Figura 160 – Ano 1988 - Mais de 60 anos separam as duas fotos registradas no mesmo ângulo, o Hotel Machado aos poucos sucumbiu com relógio veloz que marchava para o século XXI

Quando lancei em 2023 o livro "Pela Janela do Tempo, Volume I", prestei uma justa homenagem ao destacar na capa uma das construções mais icônicas da minha infância, situada nas ruas da Estação, hoje conhecida como Marechal Deodoro, onde os charmosos paralelepípedos ainda faziam parte da paisagem. Logo ali, no início da rua, próximo à pracinha, ficava o Hotel Machado.

Na década de 1990, o edifício já se encontrava abandonado, como tantos outros na cidade, do início de sua história. No entanto, isso não impediu que eu e meus amigos nos aventurássemos por suas dependências em busca de aventuras e, quem sabe, de algum fantasma que pudesse povoar nossa imaginação infantil.

Mas havia algo mais que me atraía no Hotel Machado. O professor Lúcio Falleiros costumava brincar ao dizer que nossos prédios históricos gostavam de contar suas próprias histórias. Bastava passar por perto para sentir a narrativa ecoar...

E ele tinha razão. É uma pena que, ao ouvir essas histórias, tenhamos guardado tão pouco do que foi dito. Talvez tenha ficado gravado em minha memória o fato de que ali meus avós maternos celebraram ao almoço de seu casamento em dezembro de 1951, no salão anexo ao hotel, com direito a uma moda de "Canário e Passarinho". Ou talvez seja a imagem vívida do estado de

abandono do prédio, com um poço ao lado do portão social, à sombra de um enorme abacateiro.

O Hotel Machado era uma construção simples, nada suntuosa, mas singular, com uma fachada hospitaleira que se destacava dos demais prédios da cidade.

Relendo alguns documentos antigos, o hotel já existia muito antes de 1915, quando o farmacêutico Jerônimo Garcia Falleiros junto com sua irmã Maria Venância Garcia Falleiros, a Dindinha (que menciono no livro do Primeiro Centenário da Paroquia São Joaquim, em 2011), vieram de Franca pela Estrada da Mogiana, via entroncamento e pararam aqui em São Joaquim, pois o trem aqui pousava, pretendiam ir até Ituverava, pois estava procurando uma farmácia para comprar. Hospedaram-se no hotel Machado, o Sr. Tomaz Montiani (genro do Sebastião Machado), lhes comunicou que o farmacêutico Raul Barbosa estava querendo vender a sua farmácia "Pharmácia Aparecida". O Sr. Jerônimo a adquiriu em agosto daquele mesmo ano. Depois, foi denominada Farmácia Falleiros, que ficou em atividade por mais de 100 anos em nossa cidade.

Na década de 1960, o Hotel Machado vivia seu auge, nessa década era sua proprietária dona Carmen Assagra, bem próximo, estava o Grande hotel São Jorge, de Aníbal Polo e dona Angélica.

Nessa época, as crianças brincavam na pracinha da estação, corriam pelas escadas, escorregavam entre os corrimões ou nas árvores que hoje não mais existem. Leo Leonetti, lembra com saudosismo essa época, em que seu pai, Luiz Leonetti, inventor, implantou o hábito da leitura em nossa cidade. Ele e os irmãos, juntamente com outros amigos, esperavam o trem, inesquecível, a Maria Fumaça (cantava em verso e prosa pelo Sr. Mambrin), e, obviamente, seus passageiros para carregar a mala até os hotéis próximos à estação.

Os jornais da época, chegavam, e então as famílias iam vender nos hotéis, quando depois do jantar, os viajantes se sentavam do lado de fora do prédio para contemplar aquela "Joia", que era São Joaquim, dando o tempo para depois repousarem. Ah, como era um tempo inesquecível! O povo vivia sem as neuroses do século XXI.

O Hotel Machado, foi testemunha desse tempo, de um tempo em que não mais podemos opinar, porque jaz ali na Marechal Deodoro, os seus destroços mortais que se transformaram em estacionamento. Fica mais uma memória apagada para sempre pelos sinais do tempo. Quantas histórias vivenciadas, silenciadas pela demolição, quantas fotografias será que ainda existem dele? Resta-nos por consolo, de saber, se alguém após ler esse compêndio histórico,

possa ter guardado em suas gavetas, pelo menos uma fotografia digna, para que as gerações futuras, se consolem com essa visão histórica.

Nesse hotel, de uma linda arquitetura, que hospedou celebridades políticas como Jânio Quadros, Orlando Silva, Mazzaropi e tantos outros.

Uma época de grandes hotéis que primavam mais pela afabilidade do que pelo luxo, das “estrelas” de hoje, que são puramente belos, mais exageradamente profissional. Na verdade, tanto o Grande hotel São Jorge (hoje restaurado e administrado pela família Faez Badran), com mais de 70 anos de história, como o Hotel Machado, eram aquele papo família, havia diálogo, com os viajantes da região e de todo o Brasil.

Passadas tantas décadas, ficou na memória, o apito da Maria fumaça, a campainha do freguês querendo pernoitar, os jornais amarelados que outrora foram trocados pela televisão.

São coisas passadas, que nos trazem inúmeras recordações. E de vez em quando, quando olhamos alguma matéria ou fotografia, o peito enche de saudade, já que, modernamente os mais idosos não tem tempo de se sentarem em suas varandas e transmitirem histórias das coisas que já ficaram para trás.

Fica o grito, de um tempo que se conversava e não se distanciava, de um tempo que era mais importante o historiador do que a própria história, para poder resguardar na escrita, tanta história.

Hoje São Joaquim possui outros hotéis: Mauad Plaza, na rua Voluntário Geraldo, inaugurado em 27 de dezembro de 1981, o Hotel da Barra, (que vi as primeiras paredes serem erguidas, bem ali na entrada da cidade, inaugurado em 6 de novembro de 1997, e o Hotel Martins, com suas histórias a completar essa que acabamos de narrar.



Figura 161 – Foto de década de 1990, pouco antes da demolição do histórico Hotel Machado



Figura 162 – Sua história apagada em meio aos escombros, dando espaço ao estacionamento do restaurante.

O primo lobisomem

Quem, algum dia foi seduzido pelas histórias, precisa se perguntar: por que quero contar histórias? Depois da compreensão, ao longo do tempo, percebemos que o dom não é dado ao contador, mas é ele, contador, que se entrega à história. Digo isso porque nas reminiscências da minha infância, as tardes semanais, os almoços de domingo, na casa da vó Bia, ainda me são tão vivos. Enquanto escrevo essas linhas, por uma fração de segundos, parece que o tempo que marcha velozmente faz uma pequena pausa, para eu buscar na superficial memória fragmentos para recontar essa história que percorre nas próximas linhas. É fechar os olhos, e imaginar, um tempo indeterminado, a casa de vó cheia de parentes, contando trivialidades de suas vidas simples.

Vejo tia “Cida e tia Têre”, sentadinhas todas sorridentes, com seus vestidos floridos afagando a todos os sobrinhos netos, ouço de longe o som voz da Inezita Barroso, vindo televisão da sala, e bem alto, para que atravessasse os cômodos e chegasse até a varanda. E num piscar de olhos, vem o cheiro do seu arroz temperado que sempre ajudava a preparar, ou pelo menos “a misturar” como ela dizia: “Tico, corre aqui”, porque era uma bacia enorme para alimentar o batalhão que esperava ansioso o almoço, e se tornava pesado para seus braços grossos, de pele fina, muitas vezes machucados e fragilizados pela idade.

Eu sabia a hora de ajudar; ela apontava num pequeno “vitral”, de vidros pontilhados, que mal dava para entrar iluminação em sua cozinha. Era uma janelinha tão rude, que metade era tapado com uma velha taboa completando onde faltava vidro. De lá, olhava para fora, me fitava, meneava a cabeça para adentrar. E ali, na cozinha pequena, ouvia suas histórias. Em sua casa, simples, aconchegante, com folhagens, roseiras espalhadas por todos os cantos, era as boas-vindas para qualquer visitante, em qualquer hora do dia, um prato feito, ou o bolinho crústule e o café varias vezes servidos durante o dia.

O jantar servido cedo, muitas vezes antes das 18h, fazia sobrar tempo para preencher o resto da noite, com suas histórias, muitas delas superstições que eram passadas nas tradições familiares. Numa época em que celulares não dominavam as mãos das crianças e a internet ainda era um luxo distante, ouvir as narrativas da vovó era como mergulhar em um mundo de crenças enraizadas.

Vó Bia, que na realidade se chamava Maria, nasceu em 1931, em Ipuã, era a filha mais velha de uma linhagem marcada por superstições e crenças antigas. Seu pai, frustrado por ter tido sete filhas mulheres e nenhum filho varão para dar continuidade ao sobrenome da família, carregava consigo um pesar silencioso. Foi por isso que minha avó precisou batizar a última irmã, numa tentativa de quebrar a suposta “maldição” que pairava sobre a linhagem.

Trazia consigo as tradições e crendices da sua família italiana, como a história sobre sua nona Philomena, que se recusava a tirar fotos por medo da alma ficasse presa no papel para sempre, e acreditem os céticos, a única foto registrada, se "apagou" misteriosamente após sua morte.

As luzes sobrenaturais que apareciam durante à noite nas colônias, barulho de correntes, panelas balançando sozinhas no giral da cozinha, ou a tigela de sopa do meu avô trepidando sobre a mesa, em dia de finados. Vô Lêla, era meio desbocado, e xingar nesse dia, não foi um bom negócio. Dizem que, enquanto não foi rezar e pedir perdão, o fenômeno sobrenatural não cessou. Imaginações férteis? Talvez...

Além disso, havia a crença de que durante a quaresma, era necessário colocar o machado na porta, como sinal de proteção. Diziam os mais velhos que essa prática afastava o lobisomem principalmente quando havia uma "criança pagã" no seio da família. Outro costume peculiar era o de cobrir os espelhos durante esse período sagrado do ano, quando a vaidade era posta de lado. Se eu pudesse voltar no tempo, teria registrado alguns outros detalhes de sua vida, que de tão simples, hoje para todos nós se tornou muito interessante.

Tinha história para tudo, contava em pormenores, e quando alguém contradizia algum fato, ela acrescentava nomes, locais, dando veracidade à sua narrativa. E o mais interessante, nunca entrou em contradição. Era sentar-se em sua cadeira de plástico, cruzar os braços que sempre vinha uma história, porém uma se destacava entre a molecada; o primo lobisomem.

Vó Bia, contava uma riqueza de detalhes impressionantes, que até mesmo os mais céticos eram envolvidos por um calafrio. Como toda história de terror que se preze, essa também começava em uma noite de lua cheia. Após um dia exaustivo de trabalho nas lavouras de café, um dos primos, cujo nome se esgueira da minha memória, decidiu visitar os pais, juntamente com sua esposa e seu filho recém-nascido, numa fazenda vizinha à que ele morava; o povo antigamente morava em colônias, muitas delas, afastadas uma das outras. A lua brilhava como uma candeia, alumando as estradas escuras.

Após o jantar, despediram-se e rumaram para a sua casa. No entanto, ao cruzarem a primeira porteira da fazenda, um mal indescritível pareceu afligir o marido. De repente, ele saiu disparado em direção a um canto isolado, como se impulsionado por uma força invisível. O bebê recém-nascido, ainda pagão, repousava nos braços da mãe, envolto em uma manta amarela, enquanto ela gritava em agonia. Repentinamente, das sombras, surgiu um animal imenso, semelhante a um lobo dos filmes de terror, seus olhos faiscavam com uma intensidade selvagem. Em uma investida desesperada, o suposto lobo mordeu a manta que envolvia o bebê, aumentando o pânico que dominava o ar enquanto a mãe lutava para proteger seu filho e gritava por socorro.



Figura 163 – Vó Bia, a grande contadora de histórias da família

Foi então que, ao longe, ecoaram disparos de uma espingarda, atingindo o animal. Era o sogro; ferido, o ser estranho se afastou em desespero para as sombras. Com a ajuda de alguns moradores da fazenda, iniciou-se uma busca pelo marido desaparecido. Na manhã seguinte, ele foi encontrado despojado de suas roupas, ferido por bala, e com fiapos da manta do filho entre os dentes. O desfecho, se tornou o enigma para toda a família, talvez por isso a crendice foi levada tão à sério durante tanto tempo. Acredita-se que ele ainda vaga por algum canto em forma de cachorro louco.

Os olhos que outrora brilhavam atentos às suas histórias, hoje brilham de saudades.

As memórias de vó Bia se tornaram-se um legado precioso dentro da nossa família

Contas histórias deixa sequelas, ninguém sai desta experiência como entrou. A jornada se cumpre, o herói se transforma e passa a carregar em seus ombros todos aqueles que o antecederam, tendo a certeza de que sobreviverá nas histórias que contou.

Agradecimentos

No ocaso da vida, contemplamos os rastros deixados ao longo da caminhada, marcados profundamente. Ao findar a jornada representada por "pela janela do tempo, volume II", que hoje adquire pleno significado, somos levados a reconhecer as nossas histórias entrelaçadas nesse pedaço de terra, com seus fugazes lampejos de sonhos e esperança.

Entre esses lampejos, talvez resida minha obstinação em recontar a saga de nossa gente, aspirando que ela possa servir de exemplo de perseverança e fé para outros. Dessa forma, se torna crucial que o próprio povo se envolva nesse sonho, que, para se tornar real precisa ser coletivo.

A humanidade precisa nutrir sua crença e confiança, para que os jardins das novas histórias floresçam e as luzes do porvir iluminem os passos que chegam com as próximas gerações...

É vital que o ser humano confie em seu semelhante, assim como o pássaro confia nos galhos da árvore, que por sua vez confia no vento, que deposita sua confiança no insondável mistério do firmamento.

Dessa forma, saímos da janela de tempo e estamos às portas do futuro. Cabe a nós, personagens principais desse legado fazer a sua projeção segura e imparcial, diante do horizonte se descortina na nossa vida.

Histórias, nossa gente tem de monte, daria para esboçar um terceiro volume.

Encerro este volume, com a sensação de dever realizado, feliz pelo resultado e pelo esforço e dedicação de todos que contribuíram para sua realização.

Aos amigos:

Cristiane Matheus Alves Vogt e toda a secretaria da Educação de São Joaquim da Barra;

Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, com patrocínio da Usina Alta Mogiana;

Equipe de Comunicação & Marketing – Usina Alta Mogiana;

José Abdalla Jabur Filho;

Eduardo Aparecido Ambrozetto

Nathan Nozela

Maria Helena Borges Vannuchi

Marcelo de Paula Mian
Wagner José Schmidt
José Ivo Vannuchi;

Referências Bibliográficas